

A black and white portrait of a woman with a serious expression, looking directly at the camera. She has dark hair and is wearing a large, ornate floral headpiece. The background is a light-colored, patterned fabric with a repeating floral and scrollwork design. The text is overlaid on the image.

NINA MÜLLER

O ENIGMA DA
BORBOLETA

Azul

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

O ENIGMA DA BORBOLETA AZUL

NINA MÜLLER

O Enigma da Borboleta Azul © Copyright 2015 — Nina Müller

REVISÃO

Soraya Meneses Friedrich

DIAGRAMAÇÃO DIGITAL

Soraya Meneses Friedrich

CAPA

Juliana Parrini

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de
10/02/1998.

É proibido o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte
dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível —
sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil.

Dedicatória

Dedico essa obra aos meus pais, Myrthes e Orvadir pelo apoio e amor incondicional e também, à minha amada madrinha Nina Rosa que está enfeitando o Jardim Celeste há oito anos. Com amor, Nina Müller.

Agradecimentos

Quero agradecer a todos pelo carinho e apoio recebidos, pois "O Enigma da Borboleta Azul" é meu primeiro *baby*, que está sendo relançado.

São tantas pessoas que tenho para citar, mas irei começar pelos meus queridos leitores, porque sem vocês essa obra não teria o brilho que teve. Não tenho palavras para expressar o enorme carinho que sinto por todos vocês, mas em especial citarei algumas pessoas que foram fundamentais para o desenvolvimento de Enigma.

Darei início citando a minha querida amiga Ligia de Carvalho, que foi quem me indicou o Wattpad e me incentivou a postar a história. Muito obrigada, querida amiga.

Outra leitora adorável, Rosiene Ferreira, que divulgou a obra ainda quando ela era um bebezinho. Rô, obrigada pelo apoio.

Talita Lima, que sempre esteve junto me ajudando a escolher a capa para o livro, lendo os trechinhos dos capítulos antes mesmo de estarem prontos. Obrigada de coração.

Quero agradecer também a querida amiga, a escritora Camila M. Oliveira, pelo carinho que demonstrou com Greg e Lorena. Camila, meus sinceros agradecimentos.

À Nanda Gomes, e Denise Azevedo, que acreditaram nesta obra. Meninas, meu muito, muito obrigada por tudo.

Quero agradecer a uma pessoa que não se faz mais presente em corpo, mas sim em espírito que é a minha amada madrinha Nina Rosa Biancon Fortes. Dinda, essa obra é em sua homenagem.

Pai e mãe, meu Rei e minha Rainha, nem um milhão de “muito obrigado” expressam o meu agradecimento por vocês, que com dificuldades me apoiaram nesta jornada. Agradeço pela compreensão que me deram ao tempo despendido que passei ao lado de Greg e Lorena, muitas vezes me privando de sentar ao seu lado para me dedicar a essa obra.

Enfim, obrigada a todos vocês e aqueles que ainda irão se apaixonar por essa linda e emocionante história de amor.

Prólogo

Uma noite pode significar tudo ou nada. — Lorena

Veneza, Itália. Quatro meses antes...

Quatro meses antes...

O som da música festiva do carnaval veneziano ecoa em minha mente adormecida. Lentamente eu abro os olhos e a luz que entra através da enorme janela de vidro invade a minha íris. Não sei o que mais dói, se é minha cabeça ou os meus pés. Certamente que eu exagerei na bebida ontem á noite e, por isso estou em sentindo um pouco zozna.

Pisco ligeiramente e olho ao redor, com as pálpebras ainda pesadas. O quarto que estou não é o meu. O ambiente é luxuoso e estou deitada em uma enorme cama *king*. Giro o rosto e estremeço o corpo inteiro. Ao meu lado está dormindo em um sono profundo um homem de cabelo castanho, pele ligeiramente bronzeada, corpo másculo, coberto da cintura para baixo por um lençol branco. Ele usa uma máscara do carnaval veneziano em tom de cinza escuro, o que dificulta a sua identificação.

Permaneço imóvel sobre os lençóis com receio de me mexer e despertar a atenção do desconhecido, que dorme tranquilamente ao meu lado. Prendo a respiração enquanto meu cérebro dá um nó em minha cabeça. O que estou fazendo na cama de um estranho? Como eu vim parar aqui? Essas e outras indagações surgem em minha mente momentaneamente anestesiada pela ressaca.

Apavorada, levo a mão ao rosto e só então percebo que também estou usando uma máscara. Fecho os olhos por um momento e a noite passada é reprisada em minha mente como um filme europeu. E os detalhes começam a surgir vívidos, intensos, marcantes. Lembro-me de ter bebido muito e me deixado levar pela sedução do mascarado de charme irresistível. A minha mente dá um grito dentro de meu crânio, quando lembranças da tórrida noite de sexo quente vêm à tona.

O homem charmoso que está ao meu lado é certamente francês, porque me recordo que ele falou este idioma para se comunicar comigo durante o carnaval veneziano. O misterioso deve ter me confundido com uma europeia devido ao tom muito branco de minha pele, que realça os meus olhos azuis.

Como pude dormir com um homem que eu mal conheço, se estou de casamento marcado com o Thales para daqui quinze dias? Como isso pôde acontecer? Nunca em toda minha vida eu agi por impulso, ou fiz algo de que pudesse me envergonhar ou me arrepender depois. E agora essa? Estou deitada ao lado de um belo e tentador homem que meu cérebro não reconhece de jeito algum. Pelo menos não vimos o rosto um do outro. Vimos? Acredito que não.

Escorrego lentamente e deixo a cama, procurando as minhas coisas. Não leva nem dois minutos para que eu esteja vestida com a roupa que usei na noite anterior: um vestido longo, azul turquesa, de época, típico das festividades de Veneza, e um sapato de salto alto. Preciso dar o fora daqui o mais rápido possível, antes que o estranho acorde e exija explicações.

Sorrateiramente, eu saio do quarto e atravesso o corredor as pressas. Tiro a máscara e coloco dentro da bolsa de mão. Neste instante o celular toca e, ao pegar o aparelho, eu constato que é Rosana, minha melhor amiga. Ela deve estar uma fera comigo, pois sequer dei satisfação a ela de onde estou.

— Oi, Rosana — digo ao atender a chamada, entrando no elevador.

— Lorena, onde você está?

— Eu te explico quando chegar — respondo apertando o botão referente ao térreo.

— Você quer me matar do coração, hein? Acha que Veneza é como a nossa cidade praiana, que você conhece como a palma da mão?

— Rosana, eu tenho que desligar porque estou dentro de um elevador. Em quinze minutos eu estou chegando — aviso, revirando os olhos, tentando escapar de seu interrogatório inquisitivo.

— Lorena Gouveia, você tem vinte e dois anos e não mais quinze para me enganar. Com quem você passou a noite? — exige em tom duro e eu respiro fundo.

— Eu te conto tudo quando chegar, Rosana Lombardo. Eu juro! — volto a bater na mesma tecla, chamando-a formalmente em tom divertido. Mas infelizmente ela não está de bom humor no momento.

— Acho bom você não demorar, porque em duas horas nós deixamos a Itália. Estou te esperando! — avisa desligando o telefone. Nós viemos a Itália para entregar o projeto de MBA de Rosana, na *Università Cattolica del Sacro Cuore* de Milão. E depois disso, resolvemos vir até Veneza para curtir o carnaval mais famoso do continente europeu.

Olho para o relógio de pulso e percebo que os minutos voam. E, ao colocar o celular na bolsa, eu sinto a falta do anel de noivado que Thales havia me dado uma semana antes de eu partir para essa

viagem. *Deus! Eu perdi o anel caro que meu noivo me deu!* E agora? O que direi a ele sobre isso? Reflito por um instante e decido que o melhor a fazer é omitir o carnaval, bem como a perda do anel. Thales nunca me perdoaria por isso, e eu nunca me perdoaria se ele descobrisse a verdade.

As portas do elevador se abrem e eu atravesso o *hall* de saída sob os olhares atentos de algumas pessoas que aqui estão. Estou despertando a atenção por estar vestida como uma donzela do século XVIII. E não é para menos. Não há ninguém presente no ambiente que esteja vestindo roupas de época. Ignoro os olhares curiosos e chego à calçada. Para a minha sorte, eu faço sinal e um táxi para.

Acomodada no banco traseiro do veículo que me leva ao hotel onde estou hospedada, eu aproveito para pensar sobre as últimas 24 horas, bem como em minha vida que mudará em breve. Tenho que esquecer esse carnaval e enterrá-lo junto com a mentira que terei que inventar sobre o meu anel. Afinal, em poucos dias eu estarei casada e não quero levar para meu casamento atos inconsequentes, como este que ocorreu hoje.

Sei que faz pouco tempo que conheço o Thales. Na verdade eu o conheci há quatro meses, na época em que a empresa de seu pai, Humberto Fisher, juntamente com uma multinacional, estava tentando comparar o terreno onde se localiza o sítio de minha família. O valor oferecido estava abaixo do mercado e o vovô não quis vender a propriedade, contudo estava sendo pressionado pela multinacional. Quando Thales interveio na negociação, livrando a minha família de ser esmagada pela empresa estrangeira. Desde então, ele ficou encantado por mim e eu por ele.

Respiro fundo e penso por um momento. Será que estou preparada para me casar? Será que amo de verdade o meu noivo? Bem, de nada adianta eu procurar uma resposta agora, pois a data já está marcada e todos os preparativos estão de vento em poupa.

O que me resta é encarar essa nova etapa de minha e rezar para que eu tenha tomado a decisão certa.

Capítulo 1

Diz Byron: "O casamento vem do amor, assim como o vinagre do vinho", porém o meu veio de uma profunda admiração. —

Lorena

Dias atuais...

A noite está muito quente em pleno mês de maio e, sem sono, eu me viro de um lado para o outro na cama de casal. Não estou mais acostumada a dormir sozinha e, com Thales viajando a negócios, eu me sinto ainda mais perdida nesse quarto, na casa dos Fisher. Nós estamos morando provisoriamente com a família de meu marido até que a nossa casa, projetada por mim e Rosana, esteja completamente pronta.

Greta, mãe de Thales, dorme em seus aposentos, quase sedada devido aos fortes medicamentos que toma para combater a depressão e a insônia, enquanto Humberto está jogando pôquer com os amigos no clube e Lavínia, a irmã caçula de meu marido, está viajando. Ela foi visitar uma amiga da faculdade e aproveitar as férias.

Embora Thales tenha vinte e seis anos, ele tem se esforçado para ganhar a confiança do pai à frente dos negócios. Ele é ambicioso e quer mostrar ao seu pai que pode ser melhor ou tão bom quanto é seu irmão mais velho, Greg, filho do primeiro casamento de Humberto com uma inglesa.

Gregory Henrique Fisher tem trinta e um anos e nunca se casou sequer tem uma namorada, não que eu saiba. Afinal, eu o conheci

no dia de meu casamento com Thales, há pouco mais de dois meses. Ele fez questão de aparecer somente na véspera, pegando todos de surpresa.

Faz três anos que mora em Londres e assim como o meu marido, ele também é formado em Administração, porém sua especialidade é em Comércio Exterior. Meu cunhado retornou ao Brasil para ajudar seu pai no ramo hoteleiro de negócios e também para ficar mais próximo de Greta, a mãe que o criou como filho desde que ele tinha três anos de idade, após a morte precoce de sua mãe biológica dois anos antes, num acidente de helicóptero.

Greg faz o tipo Dom Juan, conquistador por natureza e com certeza está neste momento em uma balada com algumas garotas pegajosas se debruçando sobre dele, mendigando um pouco de atenção do *lord* inglês estupidamente lindo e sedutor.

Balanço a cabeça para afastar esse tipo de pensamento e vou até a enorme janela de onde vem a brisa do oceano. Ouço o barulho das ondas quebrando na praia e decido tomar um banho de piscina para me refrescar, já que está tarde demais para um banho de mar. Visto um biquíni, coloco a saída de banho e desço a escada que dá acesso ao hall de entrada. Observo que no relógio *big ben* da minha sogra já passa da meia-noite.

A casa está muito silenciosa e a área da piscina está iluminada somente pelas luzes do jardim. É, pelo jeito, somente eu estou acordada nesta casa. Deixo cair a saída de banho e mergulho na água límpida e fresca. No início ela parece um pouco fria, mas depois eu me acostumo com a sua temperatura. Dou umas braçadas, ida e volta, ida e volta, contornando a piscina duas vezes, saboreando o momento. Apoio-me na borda, vindo à tona para tomar ar nos pulmões, quando uma voz familiar vinda de um canto do jardim me pega desprevenida.

— A água está boa?

Viro-me rapidamente e avisto Greg que está sentado próximo a uma das mesas do jardim. Ele tem um copo de bebida em uma das mãos e veste a mesma roupa que havia saído mais cedo: camisa polo branca, calça jeans e sapatos pretos. O cabelo castanho está revolto e os olhos inquietantes cor de mel brilham em minha direção. O rosto é viril e ostenta uma barba rasa que o deixa muito *sexy*. As sobrancelhas são espessas e tem o mesmo tom do cabelo castanho. Os cílios são longos e os olhos cor de mel escondem um brilho divertido esta noite Greg tem os ombros largos, quadril estreito e o corpo atlético, devido principalmente ao kickboxing que ele pratica como hobby. Tudo isso muito bem distribuído em seus 1,85m de altura.

— Sim, está ótima. — Remexo-me na água me sentindo vigiada.
— Há quanto tempo está sentado aí?

— Tempo suficiente. — Ele abre um sorriso, levanta-se e se move em direção à piscina.

Greg começa a se despir com uma agilidade impressionante, deixando somente a cueca *boxer* preta da Calvin Klein. *O que esse homem está fazendo?* No instante seguinte, mergulha na água sem dar tempo para eu sequer respirar. Ele dá rápidas braçadas ao redor da piscina e chega até onde estou.

Greg vem à tona e se move na água, se aproximando de mim. Ele apoia seu braço esquerdo na borda e exhibe a tatuagem de escrita oriental que traz na parte de dentro de seu bíceps bem feito.

— Onde foi mesmo que você fez essa tatuagem? — pergunto curiosa.

— Numa viagem à Tailândia pouco antes de voltar ao Brasil — responde de olhos acesos.

— E o que ela significa? — Continuo com a minha curiosidade aguçada.

— Uma oração para os selvagens de coração, presos em gaiolas — responde sorrindo.

— Então você tem o coração preso em uma gaiola? — sondo. Em resposta Greg ri, balança a cabeça e me fita com o olhar cintilante.

— A cor de seus olhos combina com o azul da piscina — diz mudando de assunto. Cada palavra, olhar, gesto que ele me lança, flertam comigo deliberadamente. Que diabos ele está fazendo? Greg nunca agiu assim comigo antes.

— O que houve? A noite está fraca que voltou cedo? — Ignoro a sua frase e devolvo uma resposta com uma pergunta.

— Não, pelo contrário. A noite está ótima. Dei umas voltas, passei em alguns lugares, parei em um somente, comprei uma garrafa de uísque, bebi um pouco e voltei para casa. — Ele se explica cronologicamente num tom de ironia.

— Deu sorte de não ser parado numa blitz com o seu carro esportivo nada chamativo e veloz — digo me referindo ao seu Audi C3 prata. — Ou seu anjo da guarda é forte.

— Se meu anjo da guarda tiver olhos azuis e cabelos loiros iguais aos seus, eu estou perdido — declara e solta outra risada gostosa.

Eu me remexo outra vez, sentindo-me um pouco incomodada com a conversa. Mas é compreensível porque ele não está em seu estado normal de lucidez. A bebida toma conta de parte de seu cérebro neste instante e isso é relevante.

— Tenho que admitir que meu irmão é um homem de sorte. — Ele me fita sem pestanejar. — Aliás, eu diria que o mais sortudo que eu conheci até hoje.

— Por que está dizendo isso? — indago tentando manter certa distância. Porém é inútil, pois ele se aproxima outra vez.

— Por encontrar você antes de mim — admite chegando um pouco mais perto — Você tem noção o quanto bonita e incrível é, Lorena?

Estou paralisada e não consigo me mover. Sinto minha boca seca e parece que a água de repente torna-se morna, ou talvez quente. Viro meu rosto para o lado tentando desviar de seu olhar perturbador e intenso. Que diabos está acontecendo com esse homem? Ele não costuma ser assim. Se bem que no último mês eu sinto que ele me olha de um modo diferente. *Estará me cobiçando?*

— Estava com sua namorada? — pergunto tentando deixá-lo desconfortável. Ele ri outra vez e não responde a minha pergunta. Ligeiramente incomodada eu arrisco por entre os dentes — Acredito que candidatas não lhe faltem.

— São muitas, na verdade — diz prepotente se movendo na água.

— Então, é difícil acreditar o porquê ainda você esteja sozinho — digo e ele abre um sorriso de canto.

— Quem disse que estou sozinho? — questiona ainda mantendo os sorriso nos lábios carnudos.

— Eu a conheço? — indago entredentes.

— Quem? — Ele se faz de desentendido.

— A sua namorada — cuspo as palavras da boca. Greg abre um sorriso e mergulha na água, voltando à tona logo em seguida.

— Eu me lembro de um beija-flor que pousou no meu colo há um tempo — fala pensativo, em códigos. — Mas que por alguma razão voou para longe, desaparecendo no infinito.

O olhar dele é tão penetrante e tão indecifrável que me deixa perdida. Ele fixa os olhos cor de mel em mim e parece ver algo dentro de minha íris. Por que diabos estou afetada pelo meu cunhado mundano? Certamente ele está pensando no tal beija-flor

que conheceu. Deve estar se referindo a algumas de suas inúmeras conquistas amorosas que coleciona pelo mundo afora. *Safado!*

— Eu acho que eu preciso de um café forte. — Greg respira fundo.

— Bem... eu vou indo. — Tento escapar, mas ele segura de leve meu braço. O contato inesperado de sua pele com a minha desperta algo estranho em mim.

— Eu não deveria estar aqui. — Sua voz soa baixa e tensa.

— Está tudo bem. A cafeteira da cozinha ainda tem um pouco do café que Eulália passou para o seu pai mais cedo — digo à medida que a tensão se torna crescente.

— Obrigado pela informação. — Ele solta meu braço cautelosamente e me olha confuso. — Preciso tomar o café e dormir.

— Sim.... Boa noite, Greg. — Saio rapidamente da água e visto a minha saída de banho.

— Boa noite, Lorena — ele se despede com olhar nebuloso, enquanto me observa se afastar.

Sou despertada na manhã seguinte por beijos carinhosos nos lábios. Quando abro os olhos, ainda meio sonolenta, a visão que eu tenho são dos lindos olhos verdes do meu marido sobre mim. Thales chegou de viagem enquanto eu estava dormindo e agora me faz carícias, distribuindo beijos pelo rosto e pescoço.

— Bom dia, meu amor. — Ele me beija a testa.

— Que recepção mais romântica! Bom dia para você também.
— Sorrio.

— Eu estava morrendo de saudades de você — diz beijando o meu braço.

— Eu também estava com saudades — respondo abraçando-o carinhosamente. — Como foi de viagem?

— Foi tranquila. Mas por hora, quero você — declara e eu entrelaço meus dedos em seu cabelo castanho claro e beijo seu pescoço. Em resposta, Thales ri e me pega no colo.

— Vamos ao banho. — Sorri maliciosamente. Thales não é tão alto quanto seu irmão mais velho e tem um físico menos malhado que o de Greg, sendo um pouco mais magro, porém elegante.

A banheira já está pronta com sais e um aroma agradável paira no ar. Mas antes de me unir ao meu marido dentro da água, eu opto por fazer a minha higiene matinal, enquanto ele me observa sorrindo. Após ter os dentes escovados, agora é hora do show. Começo a me despir lentamente, pois sei que ele fica doido quando eu faço isso. Seus olhos verdes brilham e faíscam de desejo, observando eu tirar a roupa lentamente.

— Ah meu amor, não faz isso comigo — implora me devorando com os olhos. — Quero ter você antes do café da manhã e antes de ir para o trabalho. — Ele me puxa com uma mão para perto da banheira e me despe por completo. — Você é perfeita. Linda! Eu sou mesmo um homem de sorte. O mais sortudo do mundo inteiro.

Ao ouvir essa frase, de imediato surge a minha mente Greg vestindo cueca *boxer* e mergulhando na piscina. Seu corpo malhado e ligeiramente bronzeado de sol aparece diante de meus olhos. Pisco ligeiramente para sair do transe em que me encontro e vejo Thales de cenho franzido.

— O que foi? — indaga meu marido sem entender a situação.

— Nada. — Sorrio disfarçando o desconforto, entrando na banheira.

Thales me puxa para si e me beija, enquanto desce suas mãos no meu corpo. Ele move as minhas coxas para frente, de modo que estou praticamente montada em cima dele. Sinto sua ereção pulsar em meu bumbum, fazendo o meu desejo aumentar consideravelmente.

— Eu te amo tanto — sussurra em meu ouvido, entrando em mim com urgência.

Lanço minha cabeça para trás sentindo aquela sensação gostosa, fazendo amor com meu marido que diz que me ama muito e isso me excita, faz-me sentir que realmente sou importante para ele.

Nossos movimentos dentro da banheira fazem molhar um pouco o piso de mármore. A cada estocada dele, mais água é jorrada para fora e os movimentos se intensificam, fazendo-nos chegar ao clímax juntos. Fizemos amor muito rápido, todavia muito intenso.

Instantes depois, estamos nos vestindo para descer para o café. Eu visto um vestido verde claro de seda até a altura dos joelhos e Thales vem me pedir auxílio com a gravata, pois ele nunca consegue dar o nó sozinho. Após ajudá-lo, eu calço um par de sandálias brancas de salto alto para disfarçar meus 1,63m de altura e faço minha maquiagem rapidamente. Para completar o visual, eu prendo meu cabelo num rabo de cavalo no alto da cabeça. E, dentre os vários tipos de perfumes importados em meu closet, eu escolho *Coco Mademoiselle da Chanel* para combinar com o meu dia.

Estou ansiosa para chegar ao trabalho. Eu e Rosana montamos um negócio juntas e é nossa primeira semana de escritório novo. A demanda está crescente e já temos alguns projetos para fazer, inclusive o da minha própria casa que está atrasado devido à demora da importação do mármore italiano. Nós somos sócias no setor da construção civil. Ela cuida da parte da engenharia e eu cuido do ramo da arquitetura, uma vez que somos formadas nas respectivas áreas.

— Você está linda. Aparecem muitos clientes homens no escritório? — Thales pergunta, pegando o paletó de cima da poltrona.

— Você está com ciúmes? — indago incrédula.

— Sim, eu sou ciumento e você sabe disso. Tenho ciúmes daquilo que é meu — declara num tom possessivo.

— Não gosto quando você se refere a mim desse jeito. Não somos propriedade um do outro — replico firmemente.

— Eu sei que não, mas você é tão linda que tenho receio que algum marmanjo dê em cima de você.

— Está vendo isso? — Ergo meu dedo anelar esquerdo e mostro a aliança grossa de ouro a ele.

— Eles adoram mulheres casadas. — *Ah, esse papo de novo não!* Reviro os olhos e ignoro sua cena boba de ciúmes.

— Estamos atrasados para o café — digo saindo do quarto. Ele me segue logo atrás.

Durante o café Humberto pergunta a Thales como está o trabalho na capital e exige relatórios da matriz ao meu marido. E para completar, anuncia que precisa que Thales vá com ele averiguar algumas obras em um hotel que está em construção. Isso significa que não terei a companhia de meu marido no horário de almoço e somente irei vê-lo à noite. Essa notícia me deixa desanimada. Ultimamente eu e meu marido nos vemos muito pouco devido aos seus compromissos de negócios, tornando a nossa convivência restrita.

Para tornar meu dia ainda mais tenso, Humberto pede a Greg que me leve para o trabalho. Uma vez que estou desprovida de

carro e meu escritório fica poucos quarteirões da empresa. Tanto eu quanto Greg e Thales somos pegos de surpresa. Meu marido se move na cadeira como estivesse sentindo espinhos em seu traseiro, mas não retruca seu pai, apenas assente com a cabeça, concordando.

Eu me despeço de Thales com um beijo que é assistido por Greg a uma distância razoável. Meu cunhado me espera de braços cruzados, apoiado no capô de seu carro. Ele parece um pouco impaciente, pois é a segunda vez que olha o horário em seu relógio de pulso.

Ao me aproximar, Greg abre a porta e eu me acomodo ao banco do carona, enquanto ele se senta no banco do motorista. Saímos e o silêncio paira entre nós, me deixando desconfortável. Greg liga o som e *N' Sync canta Bye, Bye, Bye*, enquanto ele mantém suas mãos firmes no volante e o olhar atento ao trânsito.

— Lorena, desculpe-me por ontem — diz, quebrando o mórbido silêncio. — Acho que foi efeito do uísque.

Ele está se desculpando pelo que afinal de contas? Por ter flertado comigo deliberadamente ou por ter pulado na piscina vestindo roupa íntima?

— Está tudo bem — respondo olhando-o de canto de olho. Greg me lança um olhar e analisa as minhas pernas, as quais ficam à mostra dos joelhos para baixo. O fino tecido de seda deixa as coxas em evidência e eu sinto meu rosto corar. Endireito meu corpo no banco e fixo os olhos no trânsito.

— Você deve estar ansiosa para começar a trabalhar — fala sorrindo enquanto os dedos tamborilam sobre o volante seguindo a batida do som.

— Sim, estou — confesso num meio sorriso.

— Sua amiga está lá? — indaga se referindo a minha sócia. Raios! Por que ele quer saber de Rosana? Lembro-me que a última

vez que Greg a viu foi em um evento no iate clube há umas duas semanas. *O meu cunhado conquistador e mundano está a fim de minha melhor amiga?* Subitamente o meu costumeiro bom humor se evapora como água em piso quente.

— Sim, somos sócias — rosno não contendo o desconforto.

— Ah sim, havia me esquecido desse detalhe. — Sorri zombeteiro.

Momentos depois, Greg estaciona o Audi em frente ao escritório e eu saio o mais depressa possível. Ajeito o vestido ao corpo e bato a porta ao sair. Ele me olha surpreso e desce dando a volta. Para em minha frente e fixa o olhar em mim. Por que ele age assim comigo?

— Você não vai me convidar para entrar? — pergunta de cenho franzido.

— Claro, por aqui — respondo em um tom azedo. Dou dois passos, mas sou interrompida por ele, que segura suavemente em meu braço, me detendo.

— O que há com você? Eu disse algo de errado que não gostou? — indaga enquanto mantém meu braço sob a posse de sua mão.

Engulo em seco enquanto Greg me fita profundamente, me deixando momentaneamente desconcentrada. Ele percebe meu desconforto e libera meu braço com cautela. O calor de sua pele está de novo a me deixar desnorteada e sem direção. *Senhor, o que está acontecendo comigo?*

— Não há nada de errado, só estou atrasada para o trabalho — resmungo sem disfarçar o sarcasmo na voz.

— Eu tenho uma reunião em menos de meia hora — resmunga lançando um olhar rápido para o relógio de pulso. — Acho que a visita fica para outro dia.

— Obrigada pela carona, Greg. Tenha um bom dia — eu me despeço irritada e giro no salto, saindo em direção à calçada.

O dia passa rápido e eu chego cansada em casa. Mas não me queixo do trabalho, nem posso, porque ele está indo de vento em poupa, pelo menos algo está dando certo. Meu mau humor desta manhã já se foi embora e estou mais leve.

Saio do banho vestindo o meu roupão enquanto espero por Thales que está no escritório discutindo negócios com o Humberto e o Greg. Aproximo-me da janela e o inspiro o cheiro inebriante do mar. A brisa gostosa me faz relaxar e eu me sinto mais viva, mais livre, mais sonhadora. Humberto fez bem quando se mudou para cá há dois anos, devido à doença de Greta. Ela gosta muito do mar e o médico disse que seria melhor para a recuperação dela se estivesse perto do que gosta e ao lado da família.

Ouço um barulho na porta e Thales entra, segurando o paletó e a gravata em uma das mãos. Sua expressão é cansada e ele me olha com desânimo. Sinto que algo aconteceu, pois ele passa a mão pelo cabelo, nervoso.

— O que houve Thales? — Eu me aproximo com o olhar atento.

— Tio Túlio fraturou a perna enquanto cavalgava agora à tarde e eu precisarei substituí-lo. Eu terei que cuidar da filial da empresa na capital, Lorena. Por dois meses ou mais — suspira desgostoso.

— O quê!? — Abro a boca incrédula. Thales percebe meu desapontamento, caminha até onde estou e segura meu rosto em suas mãos.

— É somente por um tempo e eu estarei aqui todos os finais de semana. Eu saio amanhã e volto no sábado. No final de semana estarei aqui — ele tenta me tranquilizar.

— Mas durante a semana não estará — choramingo aflita. — Você vai me deixar aqui sozinha? Mais sozinha do que eu já estou?

— Ei, calma. Você não está sozinha aqui. Tem a minha família, lembra? — diz me fitando.

— Por que você precisa ir? Justamente você? — pergunto chateada.

— Porque meu pai não pode deixar a minha mãe agora, você sabe como ela está frágil devido à depressão. Ela está se recuperando aos poucos — responde tentando explicar a situação.

— Mas e por que tem que ser você e não o Greg? — Continuo as minhas indagações.

— Porque foi justamente ele que me incentivou a ocupar provisoriamente o lugar de tio Túlio na matriz por uns tempos e eu aceitei — admite.

— Ah, entendi. Você quer mostrar para seu pai que é melhor que o seu irmão? — rebato furiosa.

— Claro que não! — Ele solta meu rosto e corre as mãos pelo cabelo outra vez, enquanto os pensamentos de solidão povoam a minha mente. — Eu só quero que o papai veja que eu posso comandar a empresa se um dia ele faltar. Lorena, você sabe o quanto eu quero isso. Antes mesmo de se casar comigo você já sabia que eu faria de tudo para conquistar a confiança do meu pai frente aos negócios. Que não é só o Greg que é bom naquilo que faz, eu também sou e quero provar isso ao papai. — fala em tom firme. — Greg vai ficar comandando a filial daqui e papai de vez em quando irá supervisionar as outras empresas que temos. Por favor, entenda. Faça isso por nós dois.

As suas palavras entram em minha cabeça e martelam o meu subconsciente impiedosamente. Eu não pensei que fosse ser assim: casar e ter meu marido pela metade, tendo que dividi-lo com os negócios da família. E logo me vem à mente as palavras de minha

mãe me dizendo que era muito cedo para eu me casar, que eu tinha uma vida inteira pela frente ainda e que o nosso relacionamento era precoce. Talvez minha mãe estivesse certa, mas, infelizmente, agora é um pouco tarde para rever isso. E eu fico em segundo plano mais uma vez.

Capítulo 2

*A fascinação pelo outro começa no momento em que você se esquece de quem você costumava ser. – **Greg***

Começo o dia com o pé esquerdo. Estaciono o meu carro na garagem da empresa e observo no relógio de pulso que são oito e trinta da manhã. Tenho mil e uma coisas para fazer além de duas reuniões durante o dia. Se ao menos papai estivesse na empresa hoje, mas teve que viajar com a Greta para buscar Lavínia. Minha irmã caçula tem dezenove anos e é muito determinada para a sua idade. Eu e ela temos muitas afinidades, mais do que tenho com Thales, que ultimamente parece querer foder com a minha vida, querendo mostrar ao nosso pai que é capaz de comandar os negócios, sozinho.

Percebi que desde que cheguei de Londres que o que meu irmão quer é competir comigo no mundo dos negócios. Ele tem vinte e seis anos e age com um carinha de dezoito. Ainda bem que papai confia em mim, afinal ele não entregaria assim a filial de nossa empresa sem o meu aval. Vamos ver como Thales se sai. Ou ele arrasa ou fode com tudo de uma vez.

Na sala de reuniões está um pessoal de Minas que quer investir no ramo hoteleiro. Judith a minha secretária é muito eficiente e anota tudo, enquanto minha cabeça voa para o rosto de minha linda, doce e atraente cunhada. Tenho sonhado com aquele anjo loiro de olhos azuis quase todas as noites. Sonhos muito devassos, sensuais e pecaminosos que me fazem acordar com o pau duro todos os malditos dias. Se não bastasse isso, ela ainda vem me distrair no meio do trabalho, ocupando meus pensamentos.

Reclino-me um pouco na cadeira e seguro uma caneta na mão, que fica girando por entre meus dedos. Judith argumenta algo com os empresários e eu aceno com a cabeça afirmativamente, enquanto minha mente se volta para as lindas e torneadas pernas de Lorena saindo do meu carro no dia anterior. Ela é perfeita por inteira. Seus olhos azuis da cor do mar parecem querer me sequestrar para um mundo surreal, a boca é carnuda e bem desenhada. O cabelo é sedoso e exala um aroma de chocolate meio amargo. Os seios, volumosos, são proporcionais ao corpo de pele levemente bronzeada. Nem tão grandes, nem tão pequenos, no tamanho exato que cabem na palma da minha mão. E o traseiro... É em forma de coração.

A visão de Lorena deixando a piscina de biquíni na noite anterior me vem à mente com um lampejo e eu endureço no meio da reunião. *Maldita ereção do caralho!* E pensar que Thales tem isso tudo só para ele me deixa completamente frustrado. Respiro fundo e tento não pensar mais no assunto, por hora.

O restante do dia está sendo desgastante e eu estou visivelmente irritado. E não é porque as coisas não estão saindo do modo como planejo, pelo contrário, os empresários mineiros fecharam o negócio conosco e as outras transações que eu tinha para fazer foram um sucesso. Sou ótimo no que faço. Admito. Mas mesmo assim eu me sinto incomodado, cansado e preciso descarregar a inquietação no kickboxing.

Chego em casa, livro-me do terno e visto minha calça de treino. Pego uma toalha, uma regata e desço para a academia. Não há ninguém em casa, suponho pelo silêncio que paira no ar. Coloco as bandagens que envolvem minhas mãos, ligo meu *iPod* e a melodia *Love the way you lie*, de *Eminem* e *Rihanna*, ecoa em meus ouvidos. Começo a esmurrar o saco de pancadas que se move a cada golpe que desfiro com vontade. Descarrego toda minha frustração de dias em um golpe seguido de outro, repetidamente, mãos e pés.

O corpo transpira muito e eu interrompo o exercício para beber um pouco de água e secar o meu tórax. Ao me virar para golpear mais uma vez, eu me deparo com o anjo de olhos azuis que me observa atentamente. É Lorena que chega de mansinho. Ela tem os cabelos presos num rabo de cavalo e veste uma malha verde escura colada ao corpo, o que faz aguçar a minha imaginação pecaminosa. A roupa desenha o contorno de suas curvas de sereia e meu pau entra em estado de endurecimento imediato. *Cristo! Por que ela tem que ser tão quente e linda?*

— Você está aí! — sorrio ofegante, tirando os fones de ouvido.

— Oi, Greg. Eu não quero te atrapalhar — diz sem jeito, me olhando de cima a baixo. Primeiro ela me fita nos olhos, depois desce com o olhar em meu tórax exposto e, por último, ela demora um pouco analisando a minha calça de moletom. Uma fogueira se acende em meu interior e eu tento disfarçar a maldita excitação que toma conta de mim.

— Oh, você não atrapalha. Aliás, você nunca atrapalha Lorena — respondo suspirando fundo, tentando manter a razão presente.

— Está treinando para algum campeonato? — pergunta em tom de brincadeira, se movendo para perto.

— Estou descarregando o meu estresse diário — confesso encarando seus olhos.

— Ioga é uma ótima opção para isso — sugere parando diante de mim, me deixando fodicamente excitado.

— Mas eu prefiro o kickboxing. Você já praticou alguma vez? — indago curioso bebendo um pouco de água.

— Não, nunca — responde me lançando um olhar surpreso.

— Quer tentar? — convido desejoso.

— Eu? — Admira-se piscando os olhos com rapidez.

— E por que não? Isso é um excelente esporte para quem quer aliviar o estresse, ou alguma frustração — explico e no meu caso, a minha frustração está bem à minha frente.

— Não entendi. — Ela franze o cenho, confusa. Dou uma risada e deixo-a ligeiramente envergonhada, porque ela pisca os olhos rapidamente e depois cruza os braços em frente ao corpo.

— Bem, na minha adolescência eu costumava extravasar a minha raiva ou frustração em cima de uma prancha de surf. Foi assim por vários anos, até que um pouco antes de ir para a Inglaterra eu descobri as lutas e o kickboxing, em particular. —Tento deixá-la interessada no assunto. — Eu me lembro de que eu pegava a prancha e entrava no mar à noite para surfar.

— Por que fazia isso à noite? É perigoso, não? — observa preocupada.

— Adrenalina. Gosto de adrenalina, Lorena — admito. — Já fiz de tudo que se possa imaginar: automobilismo, paraquedismo, montanhismo, entre outros. A última coisa que fiz foi mergulhar em companhia de alguns pequenos tubarões na Tailândia, alguns meses atrás. — Sorrio ao ver a expressão assustada estampada no rosto dela.

— Você e o Thales não parecem irmãos — diz e meu sangue ferve. Por que Lorena tem que falar no nome do meu irmão? Só para me fazer lembrar mais uma vez que ela é a mulher dele e não minha? Meu subconsciente tem que admitir de vez que ela pertence ao Thales e não a mim.

— Meu irmão e eu somos diferentes em quase tudo — afirmo. — Venha. Você precisará de luvas. — Seguro suavemente pelo braço e a conduzo até o armário de mantimentos.

— Mas eu não disse que sim — resmunga.

— Mas também não disse que não — constato, franzindo o cenho. — Você quer? — pergunto esperançoso que ela queira.

— Humm, acho que sim — responde duvidosa. — Por que eu terei que usar essas luvas em vez dessas que você está usando?

— A bandagem? — Sorrio. — Isso é para veteranos.

— E as luvas são para iniciantes, como eu. — ela torce os lábios, desgostosa.

— Lorena, essas luvas são para que não se machuque — digo em tom firme.

— Mas e você pode se machucar então? — Há aflição em seus olhos azuis.

Ah Lorena, se você soubesse que a sensação de você pertencer ao meu irmão e não a mim me ferem mais do que uma faca sendo cravada no meu peito, você não faria essa pergunta agora.

— Existem mil maneiras de se machucar bem piores do que essa. Acredite. — falo desgostoso. — Posso? — Mostro as luvas e ela assenta com a cabeça, estendendo as mãos. Lorena tem as mãos geladas e suadas. *Ela está nervosa!*

— Uau! Elas são pesadas! — exclama ao sentir as luvas.

— Sim, são! — Eu a conduzo até o saco de pancadas. — Bem vamos à aula.

— Serei sua aluna? — pergunta num meio sorriso.

— Digamos que sim e espero que uma aluna comportada e dedicada. — Brinco ainda sorrindo. Nossos olhos ficam presos por um momento e, sem jeito, ela desvia o olhar, fixando-os no saco à sua frente. — Vamos começar as aulas de prática com as mãos hoje, deixando os golpes com os pés para outro dia.

— E tem golpes com os pés? — Volta a admirar-se de olhos arregalados.

Dou outro sorriso diante do seu espanto e balanço a cabeça, divertido. Lorena realmente não sabe muita coisa sobre esse

esporte, mas eu adorarei ensiná-la cada passo. E como!

— Sim, mas antes disso você deve aprender a usar as mãos.

— Sem demagogias, Greg. O que devo fazer? — indaga ansiosa.

— Assim que eu gosto: destemida e curiosa. — Desfaço o sorriso e começo as primeiras aulas. — Bem, primeiramente você deve ter um foco. Algo em que se concentre e canalize todas as suas energias para depois você extravasá-las.

— Ok. — Ela faz uma pausa e respira fundo. — E o próximo passo?

— Já canalizou suas energias? — questiono de cenho franzido.

— Eu acredito que sim. — *Em que Lorena estará pensando? O que ou quem será o seu alvo?*

— Muito bem. Agora você deve fazer esse movimento. — Demonstro, fechando meu punho e desferindo um soco no saco de pancadas pendurado no teto, fazendo-o balançar consideravelmente. O barulho causado pela minha ação repentina faz com que ela pisque, sobressaltada. — Está tudo bem?

— Sim, está. — Sorri animada.

— Ok, então vamos lá. — Seguro delicadamente seu braço e sinto que a temperatura de meu corpo está mais alta que o normal. Respiro com certa dificuldade devido à nossa proximidade e percebo que ela também está afetada por mim.

Volto a concentração e, com um movimento simples eu levo o braço dela com a mão em punho e desfiro um soco suave. Seguro a outra mão e repito esses passos algumas vezes. Estou eufórico por ensinar-lhe esse tipo de esporte e mais eufórico ainda por ela demonstrar interesse sobre o mesmo.

— Vê? É assim que se faz. Mas você deve manter o braço na altura de seu queixo quando for desferir o golpe, isso é tática

infalível para qualquer luta. — Ela presta muita atenção nas minhas instruções e eu continuo. — Claro que você não golpeará o saco dessa forma suave como eu fiz. Isso foi só uma demonstração. Terá que fazer com força, canalizando as energias no punho.

Lorena se concentra e olha fixo para o saco de pancadas, enquanto eu me coloco atrás dele, para segurá-lo, caso ocorra um movimento inverso. Giro meu corpo um pouco de lado para olhá-la e ela se desconcentra por completo, desviando o olhar do alvo e olhando para mim.

— Concentração! — advirto em tom firme. Ela volta à atenção ao alvo e se posiciona do modo como eu a ensinei e desfere o primeiro golpe. O saco nem sequer se move do lugar.

— Onde está a canalização da energia? — indago contendo um riso divertido.

— Eu canalizei — protesta frustrada.

— Faça de novo. Solte para fora toda a sua energia acumulada — aconselho. Lorena me olha um pouco frustrada, mas logo se põe em posição novamente e desfere outro soco. Dessa vez o saco se mexe um pouco.

— Boa menina. — elogio — De novo. — Ela respira fundo e segue um outro golpe, dessa vez forte, que é seguido de um sonoro “ai”. Deus! Ela acaba de se machucar!

Cerca de uma hora mais tarde deixamos o pronto socorro e voltamos para casa. Lorena deslocou o tendão e não há fratura alguma, para o meu alívio. O seu pulso esquerdo está enfaixado e, durante o trajeto do hospital até em casa, ela não disse uma palavra. Não sei o que se passa na cabeça dela e confesso, estou ficando tenso.

— Está tudo bem com você? Não sente dor? — indago chegando ao *hall* de entrada. Ela se vira para me fitar e seus lindos olhos azuis estão impassíveis.

— Eu ficarei bem, obrigada! — Sua voz é morna.

Ignoro a sua carranca e vou direto ao ponto. Afinal, eu preciso saber o que ela dirá ao Thales sobre o incidente de hoje à tarde. Não quero que ela conte uma história sem fundamento a ele.

— Lorena, o que você contará ao meu irmão? — pergunto interessado.

— Eu me viro com meu marido. Não se preocupe, Greg — rosna visivelmente incomodada.

— Quero saber o que dirá ao Thales quando ele perceber que se machucou — exijo, pois sei que meu irmão a protege demais. Mas não o culpo por isso, pois eu mesmo me sinto assim quando estou com ela. Quero protegê-la de tudo e de todos.

— Isso não importa. — responde laconicamente.

Estreito meus olhos exasperados em sua direção, mas Lorena continua em posição de sentido: firme e forte. Por que ela está me torturando assim? Lorena se vira em direção as escadas, mas eu a detenho.

— Espere! — brado em tom firme.

— O que foi, Greg? — indaga virando-se para mim novamente. Eu vou até ela e fico frente a frente, olhando-a direto nos olhos. Lorena não pode estar fazendo birra comigo, pode?

— Por que está fazendo isso comigo? — A pergunta sai complexa, até mesmo para mim.

— Estou fazendo o que com você? — ela me responde com outra pergunta, tornando as coisas mais difíceis.

Oh, o que ela está fazendo comigo? Lorena está tirando meu ar, meu controle, minha sanidade, minha vida. Eu não penso mais direito, eu não durmo mais direito, nem trabalho mais direito e acordo com o pau duro quase todo dia. É isso que quero falar a ela. Mas com muito esforço, eu engulo todas essas palavras, e as tranco somente para mim.

— Realmente você precisa descansar e de um banho morno. Isso lhe fará bem — desconverso escondendo a frustração.

— Você também precisa de um banho. — Ela me olha de cima a baixo. E, virando-se, desaparece escada acima, em direção ao quarto.

A noite chega e eu decido sair para aliviar a tensão que ainda me envolve. Preciso fazer aquilo que eu sou mestre em fazer, tão bem ou até melhor do que os negócios, que é sexo. Um boa noite de foda e tudo se resolve. Irei à festa que está ocorrendo no nosso hotel e vou pegar uma garota bonita, ou até duas. Decidido. Hoje à noite eu treparei muito com uma linda mulher e de preferência que seja uma morena de olhos castanhos. Nada de loiras de olhos claros.

Termino de me secar rapidamente e visto uma camisa polo, calça jeans e sapatos. Passo um pouco de Dior, um dos meus perfumes favoritos, pego as chaves do carro e saio. Cruzo diante da porta do quarto de Lorena e de Thales e nada ouço, somente há o barulho do mar lá fora. O resto é silêncio na enorme casa. Com certeza ela tomou um remédio para dor, o qual foi indicado pelo médico, e está dormindo.

Minutos depois chego à festa do hotel que está animadíssima. E entre muitos dos frequentadores, há jogadores de futebol e pessoas do meio artístico, além de garotas de diferentes nacionalidades. Francesas, argentinas, americanas, entre outras, se fazem presentes. *É hoje que eu extravaso a minha frustração.*

Aproximo-me do bar e peço ao barman uma *Bud* bem gelada. Ao olhar em direção à pista de dança, vejo três jovens garotas que me olham interessadíssimas. Duas de cabelo castanho e uma ruiva. Todas estão usando microvestidos. E pelo modo como me olham, as mocinhas não são nem um pouco tímidas. É somente partir para o ataque e ganhar a noite. *Excelente!*

O barman traz a cerveja e eu bebo um gole que desce deliciosamente na minha garganta seca. Ao me virar outra vez em direção às belas garotas, uma silhueta conhecida desperta a minha atenção. Parada de costas, a uma distância razoável, está uma loira usando um vestido solto de seda rosa com detalhes em renda preta e decotado nas costas. Ela tem o cabelo preso em um coque o que a deixa ainda mais desejável.

Lorena?! Aqui? Pisco rapidamente sem acreditar no que estou vendo. Afinal, eu tomei apenas um gole de minha cerveja para estar vendo miragens. Mas é ela sim e está super *sexy*. Eu a reconheceria quilômetros de distância.

Certamente ela deve estar com Rosana, sua melhor amiga. E, na esperança de encontrar alguém conhecido dela, eu olho entre a multidão. Mas, infelizmente, não vejo nenhum de seus amigos presentes, o que me deixa apreensivo. Pelo jeito a minha intuição está certa, Lorena está sozinha.

Saio em sua direção esbarrando-me no meio da multidão que dança freneticamente ao som da música eletrônica. Ao me aproximar, eu constato que ela tem um copo de bebida na mão direita, enquanto a esquerda ainda está com a faixa que o médico pôs à tarde.

— Lorena! — Minha voz sai todos os timbres sonoros possíveis e imagináveis.

Ela gira o corpo, sobressaltada, para encontrar meu olhar estreito. Estou zangado por vários motivos: por ela estar aqui sozinha, por ter homens olhando-a como se quisessem devorá-la,

por ela ter uma maldita bebida nas mãos e principalmente, por ela não ter avisado que sairia de casa sem a companhia de seus amigos.

— Você está sozinha aqui? — rosno puto da vida.

— Sim, Greg. Por quê? — Ela empina o queixo, me desafiando.

— O que você está fazendo aqui, sozinha? — Meu tom de voz sai duro e rascante.

— Estou me divertindo um pouco como os demais. Vê? — responde apontando ao redor.

É evidente que Lorena não parece estar em seu estado normal de lucidez. Sem dúvidas, esse não é o seu primeiro copo de bebida. Sua voz está diferente e ela abre e fecha os olhos tentando me ver por entre as luzes que piscam no ritmo da música dance.

— Quantos copos você já bebeu? — pergunto atônito.

— Hum... Três ou quatro... Perdi a conta — diz jogando a cabeça de lado e dando um gole em seu gin. Tiro o copo de suas mãos e ela me olha, incrédula.

— Greg, o que está fazendo? — questiona furiosa.

— O que eu estou fazendo? — refaço a pergunta, deixando os dois copos, o meu e o dela sobre a mesa do bar. — Estou tentando te salvar de si mesma, eu acho.

— Você não é meu marido para exigir que eu faça ou... d-deixe de fazer algo. Thales n-nunca fez isso comigo... antes — gagueja e a bebida toma conta de seu cérebro. Engulo em seco e procuro uma solução rápida para esse problema, enquanto seus lindos olhos azuis me fitam com diversão.

— Como você veio parar aqui? — pergunto interessado.

— De táxi. Alguma objeção? — Ela me lança um olhar estreito. Lorena não está bem e eu preciso tirá-la daqui o mais depressa possível, antes que algo aconteça.

— Lorena, acho melhor nós irmos para casa — aconselho enfurecido, controlando os músculos que trepidam em mim.

— Greg, eu já disse que não vou para casa — declara determinada e parece que há cola abaixo de seus pés porque ela não se move do lugar.

— O que você quer fazer então? — Libero o seu braço com cautela.

— Dançar, extravasar. — Sorri animada.

— Aqui? — Franzo o cenho, perplexo.

— Acredito que estamos num lugar apropriado para danças, não? — ela ironiza.

— Você está bem para dançar? — pergunto e ela dá uma risada divertida. Seus olhos brilham com as luzes do ambiente e me deixam levemente hipnotizado. Estou sendo abduzido outra vez pela sua beleza angelical, bem como pelo seu olhar penetrante.

— Estou ótima, Greg. Você vai me convidar para dançar, ou eu terei que dançar com o loiro que está atrás de você? — Ela me desafia.

Lanço um rápido olhar sobre o ombro e percebo um homem claro, alto que está próximo de nós e com os olhos voltados para a minha bela e impetuosa cunhada. Meu sangue ferve e eu o fulmino com o olhar. Ele percebe meu ar nada amigável e desaparece no meio da multidão. *Maldito abutre filho da puta!* Volto o olhar para frente e a encontro impassível sorrindo para mim.

— Ok! Uma dança somente e depois vamos embora. — Seguro em sua mão e a conduzo até a pista lotada. O espaço é apertado fazendo com que nos aproximemos um pouco um do outro.

Lorena começa a dançar, sacudindo seu corpo esbelto, jogando a cabeça de um lado para o outro e elevando os braços para no ritmo do som eletrizante, enquanto eu mal posso me mexer do lugar.

Meu mau humor de antes se evapora por completo e dá espaço à fascinação. Nunca a vi dançar assim, nem no dia da festa de seu casamento com meu irmão. Essa lembrança vem desgostosa em meu pensamento e eu a afasto para longe. Não quero estragar a minha noite. Meu subconsciente se nega a aceitar que Lorena pertence a outro homem e eu também.

Eu começo a me mover no embalo pela música eletrônica, curtindo a noite ao lado dela. Estou me sentindo leve e Lorena também. Meus instintos me dizem que ela não é acostumada a fazer isso, porque parece que é a primeira vez que se entrega a uma balada. Ela não tem a malícia das demais garotas que conheço na minha vida e eu conheço muitas. Lorena é diferente. Tem um olhar e um jeito diferente, inocente e doce.

O ritmo da música muda para uma menos agitada e toca *Intro* do *The XX*. Para a minha surpresa, ela coloca seus braços em meus ombros, enquanto olha para mim alegremente sorrindo e dançando. Meu instinto fala mais alto e eu seguro em sua cintura, deslizando as mãos sobre suas costas nuas. O calor de sua pele macia faz com que eu a puxe para mais perto, colando meu peito em seus seios.

Lorena ergue um pouco a cabeça e encontra meu olhar repleto de tesão. Seus olhos azuis estão me enfeitiçando com a finalidade de me levar além do infinito. Não consigo pensar em mais nada a não ser em seu corpo que está colado ao meu. Sinto seus seios sobre a malha da camisa polo e um desejo ardente e traidor nascem dentro de mim.

Fecho os olhos por um instante e inspiro o cheiro de seu cabelo misturado ao perfume delicioso que ela usa. Prontamente, eu me remeto ao paraíso, com um anjo em meus braços. Ao abrir os olhos, encontro Lorena de olhos fechados e a cabeça levemente inclinada para trás. Sua boca está entreaberta e meu olhar se fixa agora em seus lábios carnudos e tentadores.

Meu corpo entra em chamas e eu não consigo mais evitar a proximidade física entre nós. Inconscientemente, a minha mão

direita sobe até seu rosto e eu acaricio a sua pele de seda. Ela entreabre a boca e sinto seu hálito fresco e inebriante incendiar o meu rosto. A minha mão parece ter vida própria, pois se posiciona atrás de sua nuca, segurando-a firme, enquanto a outra desce até a sua cintura. E, sem poder mais controlar o desejo feroz que pulsa forte em minhas veias, eu me esqueço de quem somos e de onde estamos, e a puxo para um beijo ardente ao som da música eletrônica.

Para minha completa sentença de morte, Lorena não reage, pelo contrário, ela corresponde ao beijo, entrelaçando seus dedos em meu cabelo e me beijando com fervor. O beijo é exigente, intenso e inebriante. Eu tomo toda a sua boca com a minha, percorrendo cada centímetro com a língua. Sinto um gemido brotar de sua garganta e a sua língua começa a acariciar timidamente a minha, deixando-me ainda mais fora de órbita.

Nossas bocas estão se explorando mutuamente em um beijo ávido e possessivo. Lorena me puxa mais para perto e cola todo o seu corpo ao meu, deixando-me louco de tesão. Subitamente, uma luz vermelha pisca em sinal de alerta em meu cérebro em transe. E, lutando contra minhas próprias forças internas, eu a afasto com dificuldade.

— Porra! Isso... Isso não podia ter acontecido — declaro horrorizado, sentindo-me um aproveitador imundo.

Lorena abre os olhos e há neles uma mistura de desolação e assombro. Eu mal posso olhar para ela, pois todo meu ser está tremendo numa compulsão inacreditável. Que merda que eu fiz? Com tantas garotas na festa para beijar na boca e eu fui beijar logo a minha cunhada? Devo estar bêbado com apenas uma *Bud* ou completamente louco.

— Vamos embora. Agora! — São as únicas palavras que eu consigo dizer.

Instantes depois, eu estaciono o carro em frente de casa e Lorena desce apressadamente. E, sem olhar para trás, ela desaparece escada acima. Sinto-me um crápula por ter beijado a mulher de meu irmão, por desejá-la do modo como a desejo, por ter me aproveitado da situação de pouca lucidez em que ela se encontrava, por não poder ter me controlado e sucumbido a esse desejo que me corrói dia a dia, hora a hora, minuto a minuto.

Que dia infernal! O pecado bateu à porta da academia e depois foi me procurar na festa do hotel, testar meu controle que eu não tenho mais. Minhas emoções estão à flor da pele e eu não consigo mais controlá-las quando estou perto de Lorena. Tudo me puxa para ela.

O pior de tudo é que ela deixou que eu a beijasse e desejou que acontecesse. Lorena também me quer como eu a quero. Mas isso é completamente errado. Ela é casada com Thales. Lorena pertence a ele e não a mim! E esse pensamento fere o meu peito e frita o meu cérebro.

Infelizmente eu não posso mais negar. Estou enfeitiçado pela mulher de meu irmão. *Lorena é um anjo ou é um demônio?*

Capítulo 3

Aos poucos eu estou descobrindo a arte de mentir e isso me desagrada muito. – Lorena

Acordo pela manhã com minha cabeça zunindo e um gosto terrível de ressaca na boca. Abro os olhos lentamente e vejo a luz do sol que entra através das cortinas da janela de vidro invadir minha íris. Sento-me na cama e a primeira coisa que lembro é do beijo de Greg no meio da pista de dança. Que merda eu fiz ontem? Eu beijei o meu cunhado no meio de uma festa como se fosse uma... Oh, não! Eu não quero nem pensar o que ele esteja imaginado a meu respeito. Uma vagabunda que se deixa beijar pelo seu cunhado. Eu nunca tinha agido assim, impulsivamente, em toda minha vida. Por que é que eu fui até aquela festa ontem?

Fecho os olhos por um segundo e Greg surge em minha mente, esmurrando o saco de pancadas. Cada músculo de seu corpo bem trabalhado, bem definido, em movimento, me faz sentir calafrios pelo corpo. Raios! Ele não devia de ser assim tão hipocritamente másculo e viril. E o jeito como ele me olha, parece que ele vê algo dentro de mim que nem eu mesma vejo que é a minha alma.

Levo uma das mãos à boca e fecho os olhos, como se sentisse seus lábios me devorando, me engolindo, numa necessidade urgente e possessiva. A sua língua quente invadindo a minha boca, explorando todos os cantos e dançando um tango com a minha. E o tesão brota em meu ventre novamente, me traindo. Meu corpo me trai mais uma vez e agora em pensamento. Estou apavorada comigo mesma. Eu não posso desejar o Greg. Isso é loucura. É uma arma engatilhada. *Ele é meu cunhado!*

O que está acontecendo comigo? Eu tenho um marido que é louco por mim. Que é bonito, jovem, que me ama e que me enche de presentes. Eu não posso querer mais do que isso, posso? E pensando em Thales eu olho rapidamente para o relógio de cabeceira e constato que são quase nove horas. Ele teria me ligado? Ansiosa, procuro meu celular e o encontro em cima da cômoda. Há três chamadas não atendidas e uma mensagem de *WhatsApp*. Todas são de Thales, inclusive a mensagem que diz:

"Amor, eu tentei te ligar, mas você não atende. Estou preocupado com você. Está tudo bem? Estou chegando amanhã, às dez horas. Beijos. Te amo".

Socorro! Em uma hora Thales estará em casa. Como eu irei encará-lo? Como eu encararei Greg depois do que aconteceu? Merda! Eu preciso manter o controle. Preciso esquecer o incidente que aconteceu à noite passada. Afinal, aquilo só pode ser culpa da bebida, do ar praiano que me deixa leve feito uma pena.

Visto minha saída de banho e desço até a cozinha. Eu preciso de um café, urgente. Chegando à copa, encontro Eulália preparando o almoço, porém a mesa do café ainda está posta. Ela vê meu pulso enfaixado e questiona o que houve. Eu explico que sofri uma lesão praticando exercícios e ela recomenda para tomar cuidado. Sim, devo tomar cuidado mesmo, mas não com a atividade física e sim com os meus anseios a respeito de meu cunhado.

Eulália me informa que Greg está com as malas prontas para viagem. Parece que ele viajará ainda hoje. Ela comenta que ele não disse o destino de sua viagem, mas que as suas bagagens estão no escritório de seu pai. Greg está fugindo de mim? Ou fugindo de um possível confronto com o Thales?

Decido não pensar sobre isso e aproveito para curtir o dia lindo de sol à beira da piscina. Enquanto Thales não chega, eu tento

espairecer um pouco. Após vestir um biquíni e pegar o chapéu de praia, eu desço em direção à piscina. Acomodo-me a cadeira de sol e coloco meus óculos escuros.

Com a finalidade de não pegar uma insolação, eu passo protetor solar e deito-me na espreguiçadeira. Fecho meus olhos e sinto o sol na minha pele e a brisa que sopra do mar. Respiro fundo e tento esquecer por um momento todos os acontecimentos do dia anterior. Quero esquecer que me sinto perdida e confusa. Quero esquecer o turbilhão de sentimentos que estão me invadindo.

Estou imersa em meus pensamentos por longos minutos, quando uma voz conhecida me desperta.

— Bom dia, meu amor. — É Thales que chega.

— Thales! — exclamo, aliviada e feliz ao vê-lo. Ele me dá um beijo apaixonado de quem está com muitas saudades e sua expressão se torna preocupada ao ver meu pulso enfaixado.

— Lorena, o que aconteceu enquanto eu estive fora? — indaga sério, de cenho franzido.

— Não se preocupe. Isso não foi nada. — Tento tranquilizá-lo.

Ele se senta em uma espreguiçadeira próxima e me fita com olhar especulativo.

— Como não quer que eu me preocupe? Saio de casa e quando volto encontro você machucada. O que houve Lorena?

— Eu exagerei na academia, com os pesos e desloquei um tendão. Mas logo estarei cem por cento de novo — explico contando a mesma história que relatei a Eulália mais cedo.

— Você foi a um especialista? — pergunta preocupado.

— Não. Foi um médico do pronto socorro que me atendeu.

— Meu amor, temos que ir a um especialista para ter certeza de que não há fratura, ou fissura no osso — recomenda apreensivo.

— Não precisa Thales. O médico constatou no exame de ressonância que eu desloquei o tendão nada mais. Fique tranquilo, ok?

— Alguém foi com você ao hospital? — Oh, essa pergunta agora me pega de surpresa.

— Sim, Greg foi comigo — respondo remexendo-me desconfortável na espreguiçadeira.

— Bem, pelo menos tinha alguém da família junto com você — fala e tira uma pequena caixa de dentro de sua maleta. — Eu lhe trouxe isso. — Abro a pequena caixa e me deparo com um par de brincos de ouro com pequenos brilhantes cravejados nele. Thales me observa ansioso e sorri ao ver minha reação.

— Obrigada, Thales. Não esperava por isso — agradeço sorrindo, porém um pouco desconfortável por ele sempre me encher de presentes. Não preciso de luxo para viver!

— Eu gosto de fazer surpresas a você. — Ele se aproxima de mim, beijando-me nos lábios novamente. Nosso beijo é interrompido por uma voz sonora e conhecida.

— Thales, não sabia que tinha chegado.

Giro o rosto rapidamente e vejo Greg parado próximo de nós. Ele tem uma expressão dura e seus olhos cor mel estão nebulosos. Seu tórax está desnudo e suado e ele usa apenas uma bermuda que pende em seus quadris, denotando o V *sexy* que some dentro da roupa. Meu corpo entra em chamas e, não é devido à exposição solar, e sim devido ao olhar abrasador de meu cunhado.

— Olá, Greg — cumprimenta Thales.

— Como foi na matriz? — pergunta Greg em tom casual.

— Foi tudo tranquilo. Depois preciso passar o relatório dos negócios para você e o papai — responde o meu marido, acariciando o meu braço.

— Acho que essa tarefa você fará sozinho com o papai, porque eu estou indo passar o final de semana na capital — Greg fala em tom seco, com o olhar faiscando fúria em nossa direção.

— O que você vai fazer lá? — indaga Thales.

— Bem, vou ver como o tio Túlio está e também aproveitar para me divertir um pouco na noite carioca — Greg responde de propósito, enquanto eu me contorço na cadeira. *Cretino!*

— Ah, entendi. — Thales dá uma risada — As garotas agradecerão, meu irmão.

Sem poder me controlar mais com o teor da conversa eu pego o protetor solar e atraio a atenção de meu marido para mim.

— Thales, você pode passar protetor nas minhas costas? — Ignoro totalmente a presença de Greg, deixando-o ainda mais furioso. Ele comprime seus lábios numa linha fina e dura e me lança um olhar fulminante. *Ah, dane-se!*

— Oh, claro meu amor. — Meu marido sorri para mim e volta-se para o irmão — Greg, obrigado por ter levado a minha esposa para o hospital depois do incidente com os pesos de musculação.

A minha boca forma um O e sinto minha carne tremer. Meu Deus! Eu esqueci totalmente o episódio com o Kickboxing. *E agora? Como me saio dessa enrascada?*

— Oh, sim... os pesos — Greg repete ironicamente. — De nada, Thales. Eu preciso de um banho e logo pego a estrada. Tenham um bom final de semana. Ah, diga ao papai que eu ligo assim que chegar.

Neste instante, Eulália chega à varanda e anuncia um telefonema para Thales. Ele dá um beijo rápido em minha boca e sai para atender a ligação.

Visto minha saída de banho e me levanto para encarar Greg. Ele me olha astutamente e seus olhos em chamas analisam cada curva

do meu corpo seminu. Um arrepio instantâneo percorre a minha espinha e eu tento controlar a excitação traidora que nasce em meu ventre.

— Incidente com pesos? — ele rosna de olhar estreito.

— Sim, foi o que aconteceu ontem. — Meu tom de voz sai mais baixo que o normal — O que esperava que eu dissesse?

Greg passa as mãos pelo cabelo desalinhado num gesto apreensivo e quando ele fala, a sua voz sai cortante e amargurada.

— Lorena, espero que tenha um ótimo final de semana e se divirta com o seu marido. Só não exagere na dose. — Ele gira o corpo para sair e eu o detenho.

— Greg, quando você volta? — A pergunta sai da minha boca sem pensar e eu me amaldiçoo por isso. Ele volta o rosto em minha direção e me olha por um momento.

— Segunda ou terça. Não sei. Até mais, Lorena — se despede e deixa a piscina.

Humberto, Greta e Lavínia chegam e o silêncio que antes tomava conta da casa, agora se transforma em agitação com a presença de minha cunhada caçula.

Lavínia é muito bonita e têm o cabelo comprido castanho claro, olhos castanhos esverdeados curiosos, sempre atentos em tudo. Ela é magrinha e pequena, parece como uma boneca de pano. Linda Lavínia. Quando ela está presente a apatia dá espaço à vivacidade. Eu gosto muito dela.

É horário de almoço e estamos acomodados ao redor da mesa saboreando o delicioso salmão ao molho madeira com palmito e para beber temos vinho tinto para todos, com exceção de Lavínia

que agora bebe um suco de açaí. O clima está alegre e eu aproveito para relaxar e deixar a mente desprovida de qualquer tipo de atribulação.

— Papai vai me dar uma festa de aniversário no próximo final de semana — declara Lavínia entusiasmada.

— Oh, que maravilha! Com certeza será a festa mais animada de todos os tempos — sorrio.

— Só espero que Greg não traga a peguete da Louise com ele — ela fala fazendo uma careta.

Greg tem uma... peguete?! Prendo a respiração e meus olhos se arregalam com a novidade. Não sei o porquê, mas meu estômago se embrulha prontamente e a comida parece querer voltar em minha garganta. Sem deixar transparecer o desconforto momentâneo que sinto, eu me abstenho em fazer perguntas sobre a tal moça e bebo um gole de vinho para oxigenar o meu cérebro.

— Espero que não seja uma dessas muitas festas regadas a bebidas e gente fazendo escândalos — diz Thales a irmã caçula.

— Thales, como você é chato! — Ela revira os olhos.

— Minha filha, você está terrível hoje. Comporte-se — adverte a mãe com os olhos verdes voltados para a filha.

— Mamãe, não se preocupe. Sei que o irmão queridinho da Lavínia é o Greg. — Thales sorri, mas sinto um desapontamento em sua voz.

— Parem com isso vocês dois. — Humberto intervém firmemente. — Não existe isso de quem é preferido de quem aqui em casa. — Ele toma um gole de seu vinho e lança um olhar inquisitivo para a filha que se encolhe um pouco na cadeira. — E você, minha filha, ouça os conselhos de sua mãe ou ficará sem a sua festa e sem o seu presente também.

Humberto é um homem sério e todos o respeitam. Ele consegue impor a sua palavra sempre com autoridade e firmeza. É um homem alto, elegante, olhos cor de mel e cabelos grisalhos. E, por mais que tenha 60 anos, ele se cuida na alimentação e pratica algumas atividades físicas como corrida na esteira. Já Greta possui uma saúde mais frágil e é dependente de remédios controlados para combater a depressão que a assola por cinco anos. Tem 54 anos e é uma mulher muito bonita. O tom claro de sua pele contrasta com o cabelo castanho *chanel* e com seus olhos verde-esmeralda. Greg herdou a cor dos olhos e a elegância do pai. Já Thales possui os traços da mãe em todos os sentidos. Até sua personalidade é parecida com a de Greta.

— Ok, papai — resmunga Lavínia torcendo os lábios.

— Thales, quando você comparará um carro para a Lorena? — indaga Humberto voltando a atenção para o seu filho do meio.

— Logo, papai — responde meu marido dando uma garfada em seu filé.

— Logo quando? Lorena não pode ficar sem um veículo, Thales!
— Humberto fala em tom rígido.

Um silêncio desagradável paira no ar e eu me sinto desconfortável por ser o alvo, mesmo que indiretamente disso. Thales respira fundo e olha mais uma vez para mim, como se me devesse uma explicação.

— Era para ser uma surpresa — desabafa, desapontado. — O carro já está encomendado e chega numa agência na capital, na segunda. — Ele bebe um gole de seu vinho e encara Humberto. — Papai, você acabou de estragar uma surpresa que eu faria a minha esposa.

— Bem, meu filho, você podia ter comentando com o seu velho pai sobre isso. Afinal, aqui ninguém é vidente para prever os fatos da vida. Eu sinto muito estragar a surpresa que você faria à Lorena
— Humberto se desculpa.

— Está tudo bem, Humberto. — Sorrio sem jeito. — Estou feliz por saber que o Thales queria me fazer algo assim. — Viro-me para meu marido, que está ao meu lado e acaricio seu rosto. — Obrigada, querido.

— De nada, meu amor — diz ele beijando minha mão.

Então meu carro já está comparado e pelo jeito é um carro caro. Merda! Não sei se estou preparada para um presente assim. O que desejo é poder comprar o meu próprio veículo, com meu próprio dinheiro. Mas recém-abrimos o escritório e sei que com as minhas economias dos projetos de arquitetura isso demorará um pouco a acontecer, infelizmente.

Capítulo 4

Estar com ela é estar cercado de vida por todos os lados. –

Greg

— *Match point*, Celso. — Arremesso a bola, avisando meu parceiro e primo para ficar atento, enquanto a dupla de conhecidos da partida de jogo de vôlei se prepara para recebê-la do outro lado da rede.

Com um passo rápido e preciso de Celso, a bola é arremessada para eu fazer o ponto que falta para terminar a partida, que acaba em três a um para nós. Dou uma risada com gosto de vitória, cumprimento meu primo e também os nossos parceiros de jogada. Visto minha camiseta e calço meus chinelos olhando através dos óculos Ray Ban o mar que banha a praia.

— Vamos tomar um chope para comemorar? — Celso convida animado.

— Com certeza! — Concordo abrindo um sorriso.

Atravessamos a praia e nos sentamos à mesa de um quiosque no calçadão. Olho para meu relógio de pulso e constato que são duas e meia da tarde. Nada mal para quem amanheceu de festa. Pedimos a bebida para o garçom que prontamente nos serve dois copos bem gelados.

— Quem diria em plena segunda-feira você jogando vôlei na praia como nos velhos tempos, hein Greg — fala Celso num tom divertido.

Celso é o único filho de tio Túlio, irmão de meu pai e gerente da nossa filial, e também meu primo e melhor amigo. Temos a mesma idade, porém ele é o oposto de mim fisicamente. Celso é loiro de olhos verdes e se parece com a descendência germânica de sua mãe, Clarice.

— E então, como foi o resto de sua noite ontem? Trepou com Louise? — indaga abrindo um sorrisinho malicioso.

— Bem, tive uma noite atípica. Estive com Louise, mas enquanto estava com ela, eu pensava em outra garota — confesso desapontado.

— Você queria estar com outra garota, é isso? — diz confuso. — E por que não pegou essa garota, cara?

— Pelo simples fato de que não posso tê-la — respondo e bebo um gole de chope.

— O que? Você, Gregory Henrique Fisher, o Dom Juan mais famoso que conheço não pode ter uma mulher? — Admira-se e dá uma gargalhada. — Greg, é só você estalar os dedos que elas vêm correndo.

— Mas essa é diferente. Ela não é o tipo de garota que um homem possa ter — respondo sem saber como explicar.

— Essa mulher é alguma religiosa? — Ele contém uma nova risada.

— Não que eu saiba. — A pergunta de Celso me faz rir.

— Então eu não estou entendendo nada — fala e dá um gole na bebida.

Inclino o tronco para frente e tento explicar a situação sem citar nomes.

— Você já conheceu alguém que de uma hora para outra bagunçasse toda a sua vida? Invasse seus pensamentos? Seus

sonhos? — pergunto em tom baixo.

— Isso está acontecendo com você? — Ele arregala os olhos verdes.

— Não consigo pensar em outra coisa a não ser nela — afirmo e Lorena me vem à mente de imediato. — Já acordou pela manhã com o pau duro?

— Já. Acho que isso é uma coisa normal. — Celso ri pegando o copo de chope de cima da mesa.

— Quase todos os dias? — digo horrorizado. Meu primo para com o copo no ar e me olha especulativamente.

— Cara, você está assim, é? — Ele arqueia uma sobrancelha.

— Pior que isso. Eu fico excitado só de pensar nela, nos olhos, no corpo, na boca. — Respiro fundo. — O beijo dela é algo... viciante — Termino de beber minha bebida e faço sinal para o garçom pedindo mais um copo.

— Greg, você está apaixonado? — Celso tem os olhos arregalados de espanto.

O quê?! O meu primo está bebendo chope ou tequila? Celso só pode estar louco. Não tem outra explicação. Claro que eu não estou apaixonado por Lorena. Eu não estou apaixonado pela mulher de meu irmão. Isso é um completo absurdo! Eu tenho casos, romances. Mas amores? Isso não é para mim. Gregory Henrique Fisher não é homem que se deixa apaixonar.

— Que pergunta ridícula é essa, Celso? De onde você tirou essa ideia absurda de que eu estou apaixonado por essa garota? Porra! Você está maluco? — rosno remexendo-me na cadeira.

— Não precisa ficar nervoso, Greg. Eu só perguntei porque nunca vi você falar assim de nenhuma mulher antes. Essa garota deve ter mexido com você para valer — ele se desculpa e faz a sua análise.

Neste instante o bip de meu celular toca. Pego o aparelho e constato uma mensagem de *WhatsApp* do Thales. Ótimo! Agora o meu dia está um completo horror. O que será que ele quer a essa hora da manhã? Decido ler a mensagem que diz o seguinte:

"Greg, a Lorena está aí, numa agência de carros. Peço a você que a leve para casa, pois o carro veio com defeito de fábrica e terá que ser trocado por outro".

A mensagem termina com Thales citando o endereço em que ela está. Arregalo os olhos e não acredito que Lorena esteja aqui! O pecado veio atrás de mim outra vez? Eu não estou acreditando nisso! Eu fujo de casa para não cair em tentação e ela vem até aqui? Assim fica difícil conter os impulsos. Afinal, eu sou um homem e não um saco de batatas.

— Problemas? — pergunta Celso.

— Não. Eu preciso pegar minha cunhada agora numa agência aqui no Rio — respondo me levantando abruptamente.

— Ah sim, a prima loira de olhos azuis. Thales é um homem de sorte. Linda a garota. Parece um anjo. — Sorri.

O inocente comentário feito por ele faz o meu sangue ferver. Já não basta eu ter que tolerar o meu irmão elogiando Lorena a todo instante na minha frente, agora o meu primo a fazer o mesmo? Chamando-a de anjo. Isso é demais para mim.

— Respeite a Lorena, Celso — brado puto de raiva, com os nervos a flor da pele.

— O que é isso Greg? É claro que eu respeito a esposa do Thales. — explica-se sem jeito. *Esposa do Thales...* Essa frase soa como o inferno aos meus ouvidos.

— Eu preciso ir. — Eu pego a carteira do bolso e tiro algumas notas de dinheiro.

— Você não tem um salto de paraquedas agora à tarde? —
relembra-me ele.

Merda! Eu me esqueci do salto de paraquedas que está marcado para as três horas e eu odiarei perdê-lo. Terei que resolver isso e do meu jeito. Se bem que algumas ideias interessantes me passam na cabeça neste exato momento. Eu posso levar Lorena até o aeródromo e convidá-la para saltar comigo. Será que a ela aceitará?

— Eu dou um jeito nisso. Ah Celso, papai vai dar uma festa de aniversário no sábado lá em casa para a Lavínia e você já está convidado. — Intimo meu primo a comparecer no evento.

— Com certeza. Eu já estarei lá na sexta. Tio Humberto quer que eu reveja as cláusulas de uns contratos — diz sorrindo. Celso é um dos advogados que representa a nossa empresa.

— Ok, então até o final de semana. Primo, valeu pela partida de vôlei. — Deixo o dinheiro do chope com a gorjeta sobre a mesa. saio em direção ao carro.

Estou ansioso para ver Lorena. Faz três dias que não a vejo. Três malditos dias que pareceram três meses para mim. Será que ela sentiu minha falta tanto quanto eu senti a dela? Balanço a cabeça, frustrado, porque ela é minha cunhada e não minha mulher.

Duas horas mais tarde, eu chego ao local onde Lorena está me esperando. Ela está linda como sempre. Ficar sem vê-la por três dias foi torturante para mim. A sensação é como se eu tivesse ido ao inferno e agora voltado ao céu. Ela veste uma saia-lápis cor grafite até a altura dos joelhos e uma blusa branca sem mangas, com babados ao redor do decote. *E que decote! Santo Deus!* Para acompanhar o visual, um par de *peep toe* preto de salto alto enfeita seus lindos pés.

Ao se acomodar no banco do carona, a sua saia sobe um pouco, deixando parte de suas coxas à mostra. Eu assisto fascinado à cena e me remeto ao paraíso novamente. Contorno o carro e me acomodo no banco do motorista.

— Acho bom colocar o cinto — recomendo, colocando o meu também.

— Como está Túlio? — indaga fazendo o mesmo.

— Está se recuperando, mas a queda foi feia e ele terá alguns meses pela frente para ficar novo em folha. — explico enquanto manobro o carro em direção à avenida movimentada. O som liga automaticamente e começa a tocar *Angel*, de *Aerosmith*.

— Humm... Aerosmith. — Sorri entusiasmada.

— Gosta? — Lanço um olhar rápido em sua direção.

— Sim. Gosto de vários estilos musicais. E você? — indaga curiosa.

— Eu também sou eclético, mas não tenho banda ou cantor preferido. Eu ouço e vou gostando. E você tem alguma preferência? — Devolvo a pergunta.

— Bem, gosto de MPB e de alguns cantores internacionais como Rihanna e Elvis — responde citando seus cantores preferidos.

— Elvis? — indago surpreso, contendo um sorriso.

— Sim, por quê? — Admira-se me fitando por um momento.

— Elvis é um de meus cantores preferidos. — Admito. — Qual é a música dele que você mais gosta?

— *Always on my mind*. — Ela volta a sorrir para a minha alegria.

— Essa música é muito intensa. — declaro fazendo uma pausa. — Recentemente uma cantora vem me chamando muita à atenção. Já ouviu falar em Alex Hepburn?

— Não, ela é boa? — questiona interessada.

— Excelente. Tenho várias músicas dela aqui. — Rapidamente eu seleciono no pen drive uma que eu gosto muito. — Essa é sensacional, *Under*. — O som começa a tocar e Alex e sua voz rouca invadem o carro com a melodia chorosa e envolvente.

Lorena ouve a música atentamente e eu observo sua reação com o canto dos olhos. Ela sorri animada enquanto a brisa suave que vem de fora teima em colocar seu lindo cabelo loiro em desordem.

— Gostei dela! — Admite com o olhar cintilante.

— A primeira vez que ouvi Alex foi durante um voo de Londres a Paris. De imediato gostei dela. — Sorrio e mudo de assunto. — Você almoçou?

— Sim. Eu comi um lanche bem gostoso oferecido pela própria agência. Eu tomei um café com croissant de chocolate um pouco antes de você chegar. — Ela abre um novo sorriso e eu fico extasiado.

— Humm... Você adora croissant de chocolate! — Constato sorrindo.

— E o seu preferido é de goiabada — responde acertando em cheio.

Ah, essa boca... Eu desejo tanto poder beijá-la outra vez, morder, passear minha língua por todos os cantos e saborear o divino gosto de sua saliva quente. Desço meu olhar para as suas pernas e contemplo a sua pele ligeiramente bronzeada do sol. Minha imaginação voa pensando no que eu desejo fazer com cada centímetro de seu corpo de sereia. Uma brisa sopra de fora e me traz o seu cheiro alucinógeno, deixando-me perdido por um momento.

— Você é boa observadora — falo e volto a me concentrar na estrada.

Por entre o canto dos olhos percebo que Lorena também me olha atentamente. Primeiro ela analisa os meus braços se concentrando em meus bíceps, depois desvia o olhar para minhas mãos. Ela deseja que eu a toque. Sinto isso. Lorena quer sentir minhas mãos sobre sua pele. Em seguida seus olhos percorrem as minhas coxas, onde se detém por um breve instante. Mas, por alguma razão inexplicável, ela se vira rapidamente para frente e se contorce no banco do carona. *Lorena está excitada?!* Esse pensamento desencadeia ondas elétricas pelo meu corpo e meu pau grita dentro da calça jeans. Porra! Estou duro no meio desse trânsito infernal!

— Onde estamos indo? — indaga, notando que tomei o rumo para o aeródromo.

— Eu tenho um salto de paraquedas para fazer — respondo animado.

— Ah Greg, eu não sabia que você tinha um compromisso. Eu falei para o Thales que era melhor pedir ao Jaime que viesse me buscar. Mas ele não aceitou. — Ela me olha de cenho franzido.

— Lorena, não se preocupe com isso. Não vai demorar mais que uma hora. — Tranquilizo-a. — O tempo seria o mesmo ou até mais prolongado se você pedisse ao Jaime para vir buscá-la. O jeito como ele dirige, ele levaria o dobro do tempo para chegar até aqui.

— Jaime dirige e você voa. — Compara revirando os olhos.

— Eu sei quando posso e quando não posso abusar um pouco mais da velocidade, Lorena — afirmo achando graça na comparação feita por ela.

— Eu não quero atrapalhar você — fala sem jeito.

Oh, então é isso? Lorena acha que está sendo um fardo eu ter que levá-la de volta para casa. Por isso ela está tão tensa e inibida. Tenho que tentar consertar esse equívoco de uma vez por todas. Tiro meus óculos de sol assim que nos aproximemos do aeródromo,

pois quero olhar nos olhos dela quando estiver falando para desfazer com esse mal-entendido. Enquanto eu estaciono o carro, Lorena também tira os óculos que bloqueiam seus lindos olhos azuis.

— Lorena, quando você vai entender que você nunca será um incômodo para mim? — digo com sinceridade.

— Eu não quero atrapalhar os seus compromissos, o seu divertimento. — responde com os olhos fixos nos meus.

— Você não está fazendo isso. — afirmo e uma tensão sexual se forma dentro do carro. E, com o peito repleto de emoções, eu admito. — Estar ao seu lado é melhor do que estar com qualquer outra pessoa.

Nossos olhos estão presos um no outro e milhares de sensações desconhecidas e fortes me invadem. Há tanta coisa que quero lhe dizer, tanto sentimento emaranhado que transborda pelos meus poros, traspassa as minhas veias e se aloja no fundo de meu ser. Contudo, eu me detenho e os guardo mais uma vez, só para mim.

— Você vai demorar muito? — indaga quebrando o silêncio.

— Não muito. — Saio do carro, dou a volta e abro a porta para ela.

— Você gosta mesmo de adrenalina. — Ela sai e para em minha frente.

— Sim, muito — admito — Já saltou alguma vez?

— Não. Somente de asa delta — responde sorrindo.

— É mais ou menos a mesma coisa. Gostaria de experimentar? — proponho, cheio de excitação.

— Greg, eu sempre corro perigo estando ao seu lado — diz em tom de brincadeira, fitando-me intensamente.

Seus olhos azuis iluminam meu rosto e minha respiração falha. Meus batimentos cardíacos começam a aumentar e

inconscientemente eu levo a minha mão direita em sua mandíbula. Afasto uma mecha de seu cabelo rebelde ao vento e roço o polegar a pele sedosa de seu rosto angelical.

— Você nunca estará em perigo enquanto estiver comigo, Lorena — asseguro com carinho. — Porque eu tenho um instinto incontrolável de protegê-la sempre! — Minhas palavras a afetam visivelmente, pois a vejo corar. Ela engole em seco e desvia o olhar do meu.

— Eu acho melhor esperar por você. — fala pegando a bolsa sobre o banco.

— Você tem razão, é melhor você esperar por mim — digo lançando um breve olhar para o seu pulso que agora está curado do incidente com o Kickboxing.

Deixo Lorena acomodada na antessala do aeródromo e vou conversar com Dimas, o meu instrutor e colega de paraquedismo. Ele me avisa que o avião está pronto e a nossa espera. Assinto com a cabeça para ele e saio em direção ao corredor que leva ao vestiário.

Cerca de quinze minutos depois, eu já estou vestido com macacão e sentado a um banco, onde termino de calçar meus tênis. Ouço passos e ergo os olhos para ver quem se aproxima. Lorena chega e se apoia ao batente da porta.

— Vou saltar com você! — declara animada.

O que a fez mudar de ideia tão rápido assim? Sinto que não deveria ter feito essa proposta maluca para ela saltar comigo. Pois me lembro de que da última que a incentivei a fazer algo totalmente novo, ela acabou com o tendão do pulso machucado. E não quero que ela corra o risco de se machucar outra vez.

— Você tem certeza? — Paro de amarrar os laços dos tênis para fitá-la receoso.

— Sim, tenho — responde determinada.

Será que isso é uma boa ideia? Penso por um instante e o que eu mais desejo é tê-la junto ao meu corpo, todavia não quero colocá-la em perigo. Afinal, o viciado em adrenalina aqui sou eu! Levanto-me e me aproximo dela que sorri para mim.

— Ok, pedirei ao Dimas que lhe arrume um macacão e lhe dê algumas informações básicas de paraquedismo, já que você saltou de asa delta, não terá grandes surpresas. Ah, você saltará junto comigo — aviso, a excitação cresce em mim.

— Sim, com você — repete e percebo que ela não entendeu o significado da palavra “junto”.

— Junto comigo significa presa a mim, Lorena — explico sorrindo.

— Como assim? — pergunta piscando os olhos rapidamente.

— Os iniciantes sempre saltam presos ao corpo de seus instrutores, nunca saltam sozinhos. Pois lá em cima requer certa prática, entende?

— Ah, e como será isso? — Abre um sorriso.

— Você terá seu corpo totalmente preso ao meu por um cinto especial.

— Eu não terei um paraquedas então? — pergunta desapontada e o sorriso desaparece de seu rosto.

— Dessa vez não — respondo. — Quando você se decidiu por saltar? — indago curioso.

— Há uns cinco minutos atrás. — diz sorrindo.

— Lorena, tem certeza que quer fazer isso? Eu não quero que se machuque como no outro dia com o kickboxing. — Eu a relembro e ela faz uma careta.

— Greg, vou saltar presa a você e você disse que quando estou contigo eu estou segura. Então por que devo temer algo? Vai me

levar saltar de paraquedas ou vai ficar ai perdendo tempo me questionando? — Ela me desarma completamente e sorri. — Quero sentir a tal de adrenalina.

— Cuidado para não se viciar nisso, hein! — Alerto enquanto nos fitamos por um momento. Por um instante meu subconsciente pergunta para mim se eu a estou alertando-a para não se viciar na adrenalina ou para ela não se viciar em mim. Porque eu já sinto que estou viciado em ambas e isso me assusta.

Seguro em sua mão e a conduzo até onde Dimas está. Falo para ele que Lorena saltará comigo e peço que ele lhe dê algumas dicas básicas de salto. Enquanto Dimas a instrui, eu observo o modo como ela escuta tudo atentamente e o questiona quando não entende muito bem uma instrução dada. Estou mais que ansioso para tê-la junto ao meu corpo. Eu preso a um anjo no céu azul.

O monomotor que nos leva é de propriedade de papai, mas eu não comento nada com ela para não causar questionamentos desnecessários. Hoje o dia está sendo perfeito e eu quero curtir cada segundo ao seu lado.

Lorena está muito bonita com o macacão e os óculos de proteção. Seus olhos estão inquietos e eu percebo que ela está tensa, porém excitada. Eu estou me sentindo literalmente nas nuvens. Afinal, além de estar ao seu lado desfrutando de sua companhia, eu lhe apresentarei algo que ela ainda não conhece que é a adrenalina.

— Como está se sentindo? — pergunto num tom mais alto devido ao barulho do monomotor que dificulta um pouco a comunicação.

— Tensa — responde ofegante — Sinto um frio no estômago. Mas a sensação é boa.

— Isso já é a adrenalina dando sinal em seu corpo — aviso ajeitando o paraquedas às costas. — Lorena, será quarenta e cinco segundos em queda livre e depois disso, terei que abrir o paraquedas. Então ficaremos no ar por mais ou menos uns quatro ou cinco minutos.

— Só isso? É pouco tempo — lamenta-se.

— Dizem que tudo que é bom, dura pouco. — Filosofo sorrindo.
— Venha, Dimas vai nos prender ao cinto de proteção.

Lorena fica de costas para mim enquanto meu instrutor envolve o cinto ao redor de nossos corpos. Estamos colados um ao outro e meu coração começa a bater mais forte. Tanto a proximidade dela como o cheiro de sua pele suave e inebriante me deixa fora de controle. Ela respira profundamente e me olha de canto, tentando ver meu rosto. Neste momento Dimas me faz sinal e avisa podemos saltar

— Estamos a três mil metros. Está pronta? — indago ao seu ouvido.

— Não sei — responde e a dúvida surge em seu subconsciente.

— Se você não se acha preparada é só me dizer que você fica e eu salto sozinho — aconselho receoso.

— Você não me fez vir até aqui em cima para desistir, não é? — diz em tom zombeteiro.

— Claro que não. Mas se não tem certeza é melhor não saltar — aconselho pela segunda vez consecutiva.

— Eu já disse que você fala demais? — zomba reprimindo um sorriso.

— E eu já te disse que você muitas vezes não sabe o que quer? — falo no mesmo tom.

— Eu sei muito bem o que eu quero para mim. — Ela demonstra convicção.

— E o que você quer Lorena? — sussurro interessado.

— Sentir a adrenalina nas minhas veias. — Sorri e seus olhos cintilam como duas safiras.

Abro um sorriso diante de sua afirmação e me vejo completamente fascinado por ela e pela sua coragem e determinação. Nunca me senti tão cheio de vida com ninguém antes dela. O nome do meio de Lorena é VIDA. Tiro o *iPod* da mochila e dou um fone a ela.

— Eu costumo saltar ouvindo música. É sensacional. Quer tentar? — sugiro enquanto ela olha desconfiada para os fones em minha mão.

— Mas e se eu não ouvir você? — questiona receosa, me olhando de canto de olho.

— Um fone estará em seu ouvido enquanto o outro fica livre, assim também será para mim. Podemos nos comunicar sem problema algum. Já que estaremos colados durante a queda. E eu pauso o som e você fala. O que acha?

— Você controla o aparelho? — pergunta preocupada.

— Sim, não se preocupe. Você vai sentir como é eletrizante a combinação de ar mais música. — Sorrio.

— Ok, podemos tentar. — Lorena concorda.

Coloco o *iPod* dentro do bolso do macacão e fecho o zíper. Depois coloco um fone em seu ouvido direito e outro no meu também, assim fica fácil para ela se comunicar comigo no ar.

— Muito bem, quando estiver no ar, já sabe: abra os braços em forma de asas, igual a um pássaro, ok? — Ela assente com a cabeça. — Não se preocupe. Você está comigo e eu vou te proteger. — Sinto

que Lorena está tensa assim como eu. Mas eu não estou nervoso devido ao salto, e sim devido à proximidade dos nossos corpos.

Faço um sinal positivo para Dimas, avisando-o que estamos prontos, e olho para Lorena que suspira ansiosa. Neste instante eu ligo o *iPod* e começa a tocar *Diamonds*, de Rihanna. Ela sorri de canto para mim aprovando a minha escolha musical. Aproximamos-nos da porta de saída, apoiamos os pés na borda da porta e... saltamos no ar. Os nossos corpos caem leve, porém rápido no céu azul, chegando próximo a duzentos quilômetros por hora, rumo à adrenalina que começa a correr em minhas veias.

— O que está sentindo? — indago ao seu ouvido esquerdo, enquanto nossos corpos rasgam o espaço, numa descida alucinante ao som da melodia.

— Uma sensação... ex-extraordinária — gagueja tomada pela emoção, mas posso perceber que ela está em completo estado de êxtase. Abrimos os braços e ela observa maravilhada. — Estou vendo toda a cidade daqui e é... magnífica! Rihanna está certa, tudo se ilumina como diamantes no céu. — Ela faz referência ao som que estamos ouvindo juntos e eu sorrio satisfeito.

Nossos corpos estão ganhando velocidade e o altímetro avisa que está na hora de abrir o paraquedas. Logo tocaremos no solo e ela não estará mais presa a mim. Isso me causa uma frustração, pois não terei mais o anjo azul em meus braços.

— Vou puxar a corda do paraquedas, ok? — Aviso.

— Já? — pergunta surpresa.

— Aqui em cima é tudo muito rápido — respondo com dificuldade por causa da pressão do vento. — Num instante se está caindo e... no outro já se está de paraquedas — Faço uma pausa.— Vamos lá. Prepare-se para ser puxada para cima. Faça o que o Dimas lhe instruiu a partir de agora, está bem?

— Sim!

Levo a mão direita na corda do paraquedas, puxando-o para fora. Neste instante a força do vento nos joga para cima e depois nos equilibra, fazendo-nos pairar no espaço por um momento. Estamos como dois pássaros planando no céu azul. Livres, felizes, plenos. Apenas apreciando a perfeição divina em todas as suas formas.

Estou controlando as cordas, enquanto curtimos a linda paisagem que o voo nos proporciona. A visão é magnífica e Lorena está calada, extasiada com o que vê e com o que está sentindo no alto, assim como eu.

O voo dura aproximadamente cinco minutos. Eu aumento e diminuo a velocidade e a direção dele vai aonde eu quero. Não demora muito para que toquemos o solo, no campo do aeródromo, numa decida tranquila e emocionante. A adrenalina ainda está a mil nas minhas veias e percebo que Lorena está sentindo o mesmo, pois seu corpo inteiro treme em resposta à emoção. Eu libero o paraquedas que está preso às minhas costas e tiro meus óculos de proteção, deixando-os cair ao chão.

— Já estamos em terra firme — digo depois de retirar o fone de nossos ouvidos e soltar o cinto que nos une. Ela se vira para me fitar ansiosa e seus olhos azuis cintilam extasiados. Seguro o seu rosto em minhas mãos e tiro os óculos de seu rosto.

Agora livre do cinto, Lorena dá um passo atrás e um sorriso descontraído paira em seus lábios, iluminando meu dia.

— Isso foi... fantástico! Agora eu sei o porquê você faz essas coisas doidas — declara se referindo aos esportes que pratico.

— Ah é? E por que eu faço essas coisas doidas? — pergunto hipnotizado por sua beleza e espontaneidade.

— Porque isso é a melhor sensação que existe no mundo. E isso tem nome.

— E qual é? — Sorrio.

— Liberdade — responde, e seus olhos brilham mais do que dois diamantes.

Capítulo 5

Ele faz com que eu me sinta viva e destemida. Ao lado dele, eu não tenho medo algum. – Lorena

Já é noite quando chegamos em nossa cidade praiana. E, embora tenha se passado algumas horas que saltei de paraquedas, eu ainda sinto os resquícios da adrenalina em minhas veias. É uma sensação única que eu nunca havia experimentado em toda minha vida. Estou me sentindo livre e leve de todo o estresse que tem me consumido nos últimos dias. Livre de qualquer pressão que tenha sentido. E essa sensação é inexplicável.

Após o banho relaxante eu me deito na cama imersa em pensamentos, reprisando o dia de hoje. Saltei de paraquedas! Ainda não acredito que fiz algo assim, porque eu não costumo ser impulsiva. Mas quando estou ao lado do Greg eu me sinto outra pessoa. Ele faz com que eu me sinta determinada, livre, viva. Greg é pura adrenalina por natureza e eu pude constatar isso essa tarde. Ele gosta disso e eu também gostei de sentir essa nova sensação.

Fecho meus olhos por um momento e minha mente se volta para ele. Greg estava terrivelmente sexy hoje. Eu senti falta dele durante esses três dias. Confesso! Mas hoje fui recompensada. Observei-o atentamente pouco antes do salto, a caminho do aeródromo. Ele tem as mãos grandes e macias, os braços são fortes e musculosos. Seu peito é viril e atlético e, a camisa polo que ele vestia deixava parte de seu peitoral à mostra. Juro que tive algumas fantasias como passear as mãos em seu peito másculo e inalar o perfume delicioso de sua pele.

As pernas são musculosas e bem torneadas. Seus olhos cor de mel são hipnotizantes e enigmáticos, o sorriso é sensual e o beijo... O beijo é inexplicável! Beijar Greg é como estar no sétimo céu. Lembro-me mais uma vez do beijo que trocamos na pista de dança e levo as mãos à boca, horrorizada. Abro os olhos e me sento na cama, balançando a cabeça de um lado para o outro. Tenho que admitir que Greg mexe muito comigo, mais do que eu posso sequer cogitar. Mas ele é meu cunhado e isso tem que ficar gravado de vez em meu subconsciente teimoso.

Sou surpreendida pelo som do celular que toca em cima da mesa de cabeceira. Pego o aparelho e observo que é Thales que está me ligando.

— Oi, meu amor! Está tudo bem? — indaga do outro lado.

— Oi... Ahn... Sim, está tudo bem — respondo sem jeito. Não sei por que, mas eu não consigo chamá-lo de meu amor.

— Gostou do carro? — Seu tom de voz é animado.

— Sim, muito. Obrigada! — Agradeço por receber mais um presente caro dele.

— E como foi o restante do seu dia? — pergunta e eu engulo em seco. E agora? O que eu vou dizer? Que saltei de paraquedas presa ao irmão dele? Que eu mesma pedi para saltar, mesmo depois de dizer que não queria? E o pior de tudo: irei dizer-lhe que eu gostei? *Merda! Preciso manter a calma.*

— Meu dia foi de altos e baixos. — Suspiro revirando os olhos.

— Por que você e Greg chegaram tarde? — Ele é direto.

— Greg tinha umas coisas ainda por fazer na capital — respondo e mudo de assunto, afinal eu preciso desviar seu foco de atenção. — E como estão as coisas na filial? — Thales solta um ar pesado e eu sinto que algo não está indo bem.

— As coisas aqui estão um pouco complicadas. O pessoal que eu estou negociando quer negociar ou com papai ou com Greg — declara visivelmente incomodado.

— Não estou entendendo. Por que eles não negociam com você, Thales? Você está representando seu pai nessa transação? — pergunto, pois sei que Humberto pediu ao meu marido que o representasse nesse negócio.

— Sim, estou. Mas eles exigem a presença do papai ou do Greg. Eu liguei para papai hoje à tarde e ele não pode vir. Então eu liguei para o Greg e ele está virá amanhã. Ele vai resolver isso. Como sempre, Greg resolve tudo, não é? — Ele explica a situação.

— Sinto muito — digo, tentando consolá-lo.

— Está tudo bem. Eu vou viajar ao nordeste e o Greg tem que estar ai na quarta de manhã. Ele tem uma reunião com o pessoal responsável pelo financeiro da empresa — diz e eu respiro fundo.

A informação cai como um balde de água fria em cima de mim, deixando-me angustiada e profundamente desapontada. Não terei o meu marido presente na festa de sua irmã caçula? Não acredito nisso!

— Thales, você não estará aqui para a festa da Lavínia? — pergunto com os nervos á flor da pele.

— Eu tenho planos de voltar de viagem na sexta, mas acho que só conseguirei vir no sábado à noite — responde e eu respiro fundo.

— Eu não acredito que você chegará em cima da hora para a festa de sua irmã! — exclamo sentindo-me ficar em segundo plano outra vez.

— Lorena, eu... — ele tenta se explicar e eu o interrompo.

— Você está abandonando a mim e sua família por causa dos negócios! — brado furiosa.

— Amor, eu já conversei com você sobre isso. — Ele tenta remediar a situação, mas é em vão.

— Thales, você está colocando os negócios em primeiro lugar, e o nosso casamento, não é mais prioridade para você? — digo sentindo o coração se comprimir dentro do peito.

— Lorena, eu estou fazendo isso tudo pela gente. Eu já lhe disse isso e achei que você tinha entendido. — ele fala nervoso.

— Entender é bem diferente do que se sacrificar. Você está sacrificando a nossa relação por causa de sua obstinação em provar a seu pai que é melhor que o seu irmão para administrar a empresa — afirmo, cuspiendo as palavras da boca, enquanto uma fúria toma conta de mim.

— Lorena, eu estou tentan... — Ele tenta explicar.

— Sem mais, Thales! — Eu o interrompo pela segunda vez. — Suas atitudes estão nos afetando muito. Só quero que saiba disso — sussurro, não conseguindo mais controlar as lágrimas que descem silenciosamente. — Preciso desligar e descansar um pouco.

— Lorena, não desligue. Lorena! — Implora aflito.

— Boa noite, Thales. A gente se fala amanhã. — Desligo o celular e me afundo em meu travesseiro, deixando o pranto descer em forma de dor e frustração.

É noite de sábado e a festa de Lavínia já acontece ao redor da piscina. Um aglomerado de carros está estacionado em frente à casa dos Fisher. Rosas brancas dão um ar de jovialidade sobre as mesas, enquanto as luzes neon iluminam o ambiente, deixando a decoração ainda mais bonita. Uma banda anima a festa de aniversário e os convidados, na sua maioria jovem, dançam e se divertem ao som da música agitada.

Eu olho mais uma vez para a mensagem deixada por Thales em meu celular e o desapontamento vem com fúria. Ele avisa que chegará de viagem aproximadamente às vinte e duas horas, ou seja, no meio da festa de sua irmã.

Ultimamente eu tenho refletido muito sobre qual é o tipo de sentimento que eu tenho pelo meu marido. Eu o amo de verdade ou o que eu sinto por ele é apenas carinho? Afinal, eu não sei o que é o amor, sei? Essas perguntas embaralham o meu cérebro e dão um nó no meu coração.

Fixo o olhar em minha aliança de casamento e um frio atravessa a minha coluna. Esse é o casamento que sonhei em ter um dia? Tenho um marido mais ausente que presente em minha vida. Só espero não ter tomado a decisão errada quando eu me casei com Thales sem saber ao certo o que eu sinto.

Respiro profundamente e afasto esse desapontamento para longe, afinal hoje é uma noite de alegria. Visto meu vestido justo, curto com detalhes em pedras que comprei especialmente para a ocasião e prendo meu cabelo em um coque no alto da cabeça. Faço minha maquiagem, passando uma sombra escura que realça a cor dos meus olhos e na boca eu uso um *gloss* labial rosa. Passo um pouco da fragrância de meu perfume favorito e, para completar o visual, eu calço uma sandália de salto alto. Aproveito também para usar os brincos de brilhantes, meu último presente que ganhei de Thales, bem como bracelete de ouro que adquiri em nossa viagem a Buenos Aires há uns dois meses.

Deixo o quarto e me aproximo da beira da piscina onde a maioria das pessoas está aproveitando a festa e saboreando o delicioso *buffet* de salgados e doces feitos pelo melhor *chef* de cozinha da cidade. Tem desde especiarias do mar até petiscos da cozinha francesa e doces do melhor chocolate suíço.

Um garçom passa por mim e eu pego uma taça de champanhe, pois preciso beber algo enquanto espero por Thales. Olho ao redor e vejo Greta acomodada a uma mesa com suas amigas. Ela está

conversando animadamente com as outras mulheres e eu fico em vê-la assim. Afinal, faz muito tempo que não a vejo alegre e descontraída como hoje.

— Sua sogra está alegre hoje — diz Rosana, surpreendendo-me com a sua chegada. — E Thales, onde está?

— Ainda não chegou — respondo e a alegria dá espaço a preocupação.

— Isso está te incomodando, não? — indaga contendo a saia de seu vestido de seda que a brisa põe em desordem.

— Estou tentando me manter calma e compreensiva, mas está difícil — confesso dando um gole em meu champanhe.

— Acredito que não seja nada fácil, ainda mais com o seu cunhado deus grego por perto. — Ela pisca seus olhos castanhos e abre um sorriso sugestivo. — Pelo jeito ele é muito prestativo, não?

Céus! Onde Rosana está querendo chegar com essa inquisição toda? Estou ficando tensa e desconfortável diante dela.

— Rosana, diga logo o que você está pensando. Afinal somos quase como irmãs — digo séria enquanto ela ajeita a franja de seu cabelo castanho chanel e abre um sorrisinho malicioso. Eu congelo instantaneamente, mas tento não demonstrar abalo.

— Greg te leva para o trabalho quando Thales está ausente, traz você do Rio a pedido do seu marido ausente, de novo... — Faz sua análise sugestiva. — Lorena, Greg está dando em cima de você? — pergunta sendo muito direta.

Estremeço. Rosana está desconfiada de mim e de Greg? Logo ela que me conhece desde sempre. Se ela está realmente suspeitando de algo que não existe, eu tenho que consertar isso o mais depressa possível.

— Claro que não, Rosana. Que ideia absurda! — exclamo indignada e ligeiramente incomodada com o comentário descabido.

Ela me fita por um momento e eu tento manter a minha postura, bem como minha razão presente. Minha amiga sempre tem esse dom de deixar todos intimidados. *Rosana e seu gênio forte, uma combinação terrível!*

— Humm... Ok! Acreditarei em você — responde em tom ainda duvidoso.

Respiro profundamente e dou graças a Deus por ver Celso se aproximar. Ele está muito elegante em um terno azul-marinho e camisa branca sem gravata. Ele sorri para nós e percebo que Rosana o analisa de cima a baixo, com o olhar cintilante.

— Uau! Lorena, como você está linda! — fala ele me cumprimentando com um abraço.

— Celso, que bom revê-lo. — digo recuperando o bom humor.

— Também é bom revê-la. — Sorri para mim e olha para Rosana, curioso.

— Ah Celso, acho que você não conhece a minha amiga e sócia, Rosana Lombardo? — indago, fazendo as apresentações.

— Oh não. Se eu a conhecesse nunca esqueceria esse sorriso encantador. — Sorri interessado. — Muito prazer, Rosana. Sou Celso Bayer Fisher, sobrinho de Humberto e também trabalho para a empresa de meu tio como advogado. — Ele segura a mão dela e lhe dá um beijo caloroso.

— O prazer é todo meu, Celso. Eu não sabia que você trabalhava para os Fisher também. — fala Rosana abrindo o maior sorriso para ele. Rosana e Celso encantados um pelo outro? Estou mais que surpresa. — E Greg veio com você? — pergunta interessada.

— Não, eu vim sozinho. Mas ele acabou de chegar. — Sorri Celso voltando seu olhar para frente, fazendo sinal com a cabeça em direção ao primo que surge no meio dos jovens que dançam na pista.

Meu coração dispara ao vê-lo se movimentando elegantemente até nós. Greg está estupidamente *sexy* em um terno cinza escuro e camisa branca. Assim como Celso, o meu cunhado também optou por não usar gravata. A camisa que ele veste tem os primeiros dois botões abertos o que deixa parte de seu peitoral a mostra. Eu engulo em seco e dou outro gole de champanhe ao ver o deus grego se materializar em minha frente. Preciso oxigenar meu cérebro urgentemente!

— Boa noite, pessoal. — fala Greg me lançando um olhar ardente, medindo meu corpo sob o vestido curto. Viro o rosto de lado e disfarço a tensão que sinto. Qual é a intenção dele, afinal? Greg quer dar margem a fofocas é isso?

Sinto que preciso comer algo, pois estou sendo afetada pelo champanhe. Aliás, as bebidas de álcool em geral me afetam em suas pequenas doses. O álcool realmente não é meu aliado.

— Lorena, onde está Thales? — indaga Greg em tom casual.

— Ele deve estar chegando a qualquer momento — respondo tentando manter a calma.

Uma garota alta, morena de olhos verdes, usando um belo vestido de brocado curto vermelho se aproxima trazendo duas taças de champanhe. Não demoro nem um segundo para constatar de que se trata de Louise, a tal modelo peguete que Lavínia havia falado poucos dias atrás. Meu corpo enrijece instantaneamente ao vê-la e o champanhe dá um nó em meu estômago vazio. *O que essa cumprida está fazendo aqui?*

— Querido, aqui está o seu champanhe — sorri ela, mostrando seus dentes perfeitos, enquanto entrega uma das taças para Greg.

— Obrigado — ele agradece em voz baixa e em seguida a apresenta para Rosana, que a cumprimenta educadamente. E, sem jeito, ele se volta para mim. — Louise, essa é a minha cunhada, Lorena Gouveia Fisher.

— Lorena, eu já ouvi falar muito sobre você. — A morena sorri piscando seus longos cílios cheios de rímel. — Muito prazer em conhecê-la. — Ela estende a mão em minha direção e eu lhe lanço um olhar neutro.

Estou perplexa com a presença de Louise na festa de aniversário de Lavínia e ainda mais perplexa porque pelo que tudo indica, ela e Greg chegaram juntos ao local. Como ele teve a audácia de trazê-la à festa de sua irmã sabendo que Lavínia não gosta de Louise? Isso é um sinal? Eles estão juntos de verdade? Não consigo raciocinar direito e minha boca está seca, à medida que o chão some novamente abaixo de meus pés.

Dou o último gole no champanhe para tomar coragem de cumprimentá-la friamente.

— Oi, Louise. — São as únicas palavras que consigo pronunciar.

— Eu soube que você é arquiteta — ela diz sorridente, enquanto eu mantenho meu semblante sério.

Greg volta seus olhos enigmáticos para mim e eu percebo que está visivelmente incomodado. Enquanto toma um gole de seu champanhe, Louise segura seu braço com intimidade, fazendo meu estômago voltar a embrulhar.

— Sim, eu e Rosana somos sócias — rosno em tom baixo.

— Que ótimo! Estou precisando fazer alguns reparos em nossa casa aqui. Onde fica o escritório de vocês? — Louise pergunta entusiasmada.

— Desculpe, mas não trabalhamos com reformas — adianto-me secamente. — Estamos praticamente sem tempo com projetos desse tipo, pois a demanda está razoavelmente grande. — Meu tom de voz sai frio e cortante como uma navalha. Não consigo ser simpática com ela.

— Oh, que pena! — lamenta-se a morena.

Rosana me lança um olhar incrédulo e está boquiaberta diante da minha de minha atitude, assim como Greg que estreita os olhos em minha direção e seus lábios se comprimem em uma linha fina e dura. *Ah, foda-se!* A vontade que tenho é de mandá-lo para o inferno junto com a cumprida magrela.

— Vocês me dão licença, mas eu vou ver se meu marido já chegou. — Deixo a área da piscina e saio até em direção ao interior da casa.

Sinceramente, eu não posso olhar nem mais um segundo para o rosto de Louise, ou para o modo como ela fala, ronronando para Greg e tocando nele com tanta intimidade. Não sei o porquê, mas eu sinto um desconforto tão grande que parece que vou vomitar a qualquer momento.

Mais que depressa eu entro no primeiro banheiro que há no andar de baixo e tranco a porta. Mal dá tempo de erguer a tampa da privada e o vômito vem descomedido em forma de desalento e dor.

Capítulo 6

Trair com o coração é mil vezes pior do que trair com o corpo. –

Lorena

Dou a descarga do vaso sanitário e me olho no espelho. A minha pele está ligeiramente pálida e minha expressão é de completo desolamento. O que está acontecendo comigo? Não me reconheço mais. Estou tendo ciúmes do meu próprio cunhado. Devo estar ficando louca! Essa noite ficou evidente o quanto mundano e conquistador ele é. Está seduzindo a mim, mulher de seu irmão do meio. E qual será o propósito de tudo isso? Satisfazer seus caprichos do ego? Atingir ao Thales para se divertir às suas custas?

De imediato as lembranças me vêm à mente: o kickboxing, o beijo na boate, o salto de paraquedas... Seu cheiro, seu gosto. Horrorizada, levo a mão à boca e não posso conter as lágrimas que molham o meu rosto. Foi tudo planejado e estudado meticulosamente por Greg para me seduzir, para provar que até mesmo a sua própria cunhada não resiste aos seus encantos. A fúria que sinto é imensurável e vem recheada de frustração. Sinto-me usada por ele como objeto de divertimento para provocar desentendimento entre mim e meu marido. Por que Greg voltou ao Brasil? Por que ele não ficou em Londres? Maldito seja esse homem. *Maldita seja eu, por desejá-lo como desejo.*

Preciso do Thales ao meu lado mais que tudo esta noite. Preciso de meu marido que tem estado mais ausente que presente em minha vida. Terá ele chegado? Essa pergunta faz com que eu limpe meu rosto com o papel toalha e recupere a lucidez perdida há pouco. Estou trêmula e ainda um pouco zozna devido ao champanhe. Dou

mais uma última olhada na minha imagem refletida no espelho e ajeito o coque na cabeça. Respiro fundo e saio do banheiro. Dou alguns passos e ouço uma voz ecoar atrás de mim.

— Lorena, meu amor! Você está bem? — pergunta Thales, descendo a escada e vindo a passos largos ao meu encontro.

— Thales! — Eu me atiro aos seus braços, agarrando-me ao seu pescoço como quem se agarra a uma ponte de salvação.

— Lorena, você está tremendo. O que houve? — Ele me abraça preocupado.

— Nada. Eu só senti muito a sua falta — respondo fechando os olhos por um momento.

— Meu amor eu também senti sua falta. Desculpe-me por não poder vir antes. — Ele me beija os lábios.

— Esqueça isso. Eu só preciso que você me abrace. — Apoio minha cabeça em seu peito como se ele fosse o meu refúgio.

— Você comeu alguma coisa? — indaga e eu balanço a cabeça negativamente. — Venha comigo, vamos comer algo. Ainda não vi ninguém. Cheguei não faz muito, tomei um banho rápido e vesti essa roupa quente. — Thales estava muito bonito em um terno grafite. — Eu preciso ver a Lavínia. Ela deve estar zangada comigo.

— Estão todos ao redor da piscina — digo abrindo um meio sorriso.

— Bem, então vamos lá. — Ele segura em minha cintura e elogia. — A propósito, você está linda! — Dou um sorriso em resposta e saímos em direção a festa.

Chegamos à área da piscina e logo eu vejo Rosana e Celso sentados a uma mesa e entretidos um com o outro. Eles estão flertando? Se estiverem, eu aprovo esse namoro, afinal eu os adoro. Rosana é o oposto de Celso. Ela tem uma personalidade muito forte,

enquanto ele é mais descontraído. Neste caso o velho ditado que diz que os opostos se atraem, cai de luva para eles.

De frente para o palco, avisto a mesa onde está Greta, Humberto e também Greg com Louise. Meu cunhado gira o rosto e seus olhos cor de mel se tornam nebulosos. Greg estreita o olhar e comprime os lábios ao constatar a presença de meu marido ao meu lado. Ignoro totalmente a sua reação e sorrio para Thales que acaricia meu rosto.

Aproximamo-nos da mesa e nos acomodamos. Eu me sento ao lado de meu marido que se senta ao lado de Humberto e de Greta. Lanço um olhar rápido em direção a Greg e Louise que estão sentados a nossa frente, e vejo que a expressão de meu cunhado não é nada amigável. *Foda-se Greg e a modelo cumprida insossa!* Ele precisa saber de uma vez por todas que sou a esposa de seu irmão e ele me deve respeito. Greg que se entenda com Louise, que não deixa de ser mais uma para sua coleção de mulheres fúteis.

A festa transcorre em um clima tenso para mim e divertido para os demais. De vê em quando, eu sinto os olhos abrasadores de meu cunhado fitando-me tão intensamente que meu corpo se acende como uma tocha. *Cretino!* Se ele pensa que eu cairei em sua lábia de Dom Juan novamente, está muito enganado. Não deixarei que Greg estrague minha noite, tampouco que me tire o bom humor.

Com a finalidade de buscar um pouco de tranquilidade e respirar ar puro, eu dou uma desculpa e saio apressadamente em direção à varanda da frente. A festa está sendo crucial para mim e eu preciso ficar sozinha por um momento para refletir sobre os últimos acontecimentos.

Chego a área da frente e fixo os olhos na escuridão da noite. Respiro fundo e deixo a brisa tocar suave em meu rosto. Enquanto fecho os olhos, eu ouço ao longe a música que toca animando a festa de Lavínia. Todos parecem estar animados, menos eu. Tudo que mais quero é que essa noite acabe logo, pois não estou

suportando mais a presença de Louise na casa. Nunca pensei que o simples fato de conhecê-la fosse me deixar tão incomodada.

Estou imersa em pensamentos, quando uma voz viril ecoa atrás de mim.

— Lorena? — Giro o corpo, sobressaltada, e me deparo com os olhos de Greg sobre mim. O que ele veio fazer aqui? — Eu tenho que me desculpar com você. — Ele se move na minha direção e eu congelo.

— Pedir desculpas pelo que, Greg? — pergunto com o corpo ligeiramente trêmulo.

— Eu queria me desculpar pelo que aconteceu na festa do hotel — diz parando diante de mim. — Queria me desculpar por ter te beijado.

Céus! Greg quer se desculpar pelo beijo que trocamos na noite em que eu saí sozinha de casa? Nós nunca havíamos tocado nesse assunto e eu pensei que ele tivesse esquecido essa cena delicada e constrangedora. Tenho tentado esquecer aquela noite, mas parece que as memórias me perseguem. Sempre muito vívidas e tentadoras em minha mente.

— O beijo... — sussurro atônita levando a mão aos lábios.

— Sim, eu queria pedir desculpas para você, porém eu não posso — confessa e dá um passo à frente, ficando muito próximo. — Eu não posso pedir desculpas por algo que eu desejei.

Greg fixa os olhos cor de mel em minha boca e meu coração dispara dentro do peito. E, subitamente nasce em mim um desejo de ser beijada outra vez por ele. De sentir a sua boca me devorando, me engolindo com urgência como fez na pista de dança. Pisco ligeiramente e constato que isso é uma loucura. Não posso desejá-lo!

— Greg, vamos esquecer o que houve — sugiro, mas meu coração e minha mente querem o contrário.

— Não posso esquecer aquele beijo, Lorena — desabafa me encurralando contra a parede de concreto.

Estou imóvel e presa por ele, que me detém com o peso de seu corpo. Greg leva uma das mãos ao meu rosto e roça seus dedos em minha pele, que imediatamente entra em chamas ao senti-lo. Fecho os olhos para saborear este momento mágico, de sentir suas mãos passeando em minha pele.

— Quero sentir seu gosto doce novamente, lindo anjo. — E, segurando firme em minha nuca, ele me puxa para junto de si e une seus lábios aos meus.

Deixo-me levar pelo tesão que me consome e enrosco meus dedos em seu cabelo, enquanto as nossas línguas acariciam-se mutuamente. Em resposta, ele geme em minha boca e morde suavemente meu lábio inferior. Sou vencida mais uma vez pela ânsia de sentir o gosto embriagador de sua boca que explora a minha com destreza e voracidade.

Greg desce distribuindo beijos e lambidas em meu pescoço, contornando o decote de meu vestido com a língua. As suas mãos suaves passeiam livres sobre as minhas costas nuas, despertando uma corrente elétrica em minha coluna. E, mais uma vez o meu corpo me trai, a minha mente me trai e eu não consigo resistir a ele.

Confesso que desejei esse beijo desde a segunda-feira, quando o vi no saguão da agência de carros, e desejei ainda mais depois do salto de paraquedas. Não posso negar isso. Não posso ir contra a essa sensação mágica que sinto cada vez que ele me olha, que me toca ou que me beija como agora.

Estou embriagada e envolvida pelo beijo ardente, quando subitamente retomo a consciência de quem sou e o que estou fazendo. Meu subconsciente me avisa que Greg está me seduzindo novamente, com o objetivo de acabar com meu casamento. E, tomada pelo horror, eu o empurro abruptamente para longe e lhe dou um tapa inesperado no rosto. Ele fecha e abre os olhos

rapidamente tentando processar o que acaba de acontecer, enquanto meu corpo inteiro treme como vara verde.

— Fique longe de mim! — brado, saindo em disparada para dentro da casa, imersa e emoções confusas.

Já passa de uma da manhã quando os últimos convidados de Lavínia deixam a festa. Thales dorme num sono profundo deitado de bruços na cama, fatigado devido às últimas viagens de negócios. Ultimamente ele tem chegado exausto e tem pegado no sono muito rápido. Estou estranhando esse seu comportamento repentino. Afinal, ele sempre pegava no sono depois de mim.

Saio até o closet e me dispo de meu vestido. Visto um roupão e desfaço meu penteado, deixando o cabelo ondulado se espalhar como uma cascata cobrindo meu busto. Olho para meu reflexo diante do espelho e me lembro do beijo roubado por Greg em frente a casa. *Filho da mãe!* Instantes depois eu o vi saindo da festa na companhia de Louise, que com certeza está nos braços dele neste momento.

Como ele teve a audácia de me beijar na varanda um pouco antes de sair com ela? Um pouco antes de pretender fazer sexo com a cumprida seca? Por que sem dúvida é isso que estão fazendo: sexo depravado.

Levo a mão a boca e praguejo meu subconsciente. Como pude ser tão permissiva com ele e deixar que me beijasse outra vez? Conquistador safado! Sempre foi e sempre será um maldito Dom Juan, colecionador de mulheres. Uma fúria misturada com sentimentos desordenados invade o meu peito e se espalha pelo meu corpo. Preciso de ar puro e de um copo de água gelada, bem como esquecer de vez essa noite frustrante.

Desço a escada e constato que a casa que antes era barulhenta e agitada, agora está silenciosa e calma. As luzes de fora iluminam o ambiente, bem como os raios que anunciam a chegada de uma chuva de Verão.

Vou a copa e me sirvo de um copo de água fria. Quando levo minha mão ao pulso, eu me recordo de que eu havia deixado o bracelete de ouro sobre a mesa do escritório, enquanto ajudava Greta com os presentes de Lavínia pouco antes. Deixo o copo em cima da bancada de mármore e saio em direção à sala que está iluminada apenas pelas luzes de um abajur de canto.

Como o ambiente está na penumbra, eu ligo a lâmpada de leitura sobre a escrivaninha e avisto meu bracelete em meio a alguns papéis de negócios de Humberto. Viro o rosto para frente e dou um sobressalto, que faz meu coração quase sair pela minha boca. Diante de mim está Greg acomodado a uma poltrona. Seus olhos estão fixos em mim e eu estremeço prontamente.

Ele está vestindo a calça de terno, porém sem o casaco. A camisa branca tem as mangas puxadas até a altura do cotovelo e os dois primeiros botões apertados, deixando parte de seu peitoral definido à mostra. Engulo em seco e só então percebo que estou excitada. *Merda! Que diabos está acontecendo comigo?*

— O que você está fazendo aqui? — indago tentando controlar a tensão.

— Acho que o mesmo que você — responde me fitando sem reservas.

Pego o bracelete e desligo a lâmpada rapidamente, enquanto raios e trovões anunciam a chegada da chuva. Endireito o tronco e volto a olhar em sua direção.

— Bem, eu já tenho aquilo que eu quero — digo decidida a dar o fora do escritório o mais depressa possível.

— Não é o que parece — Ele se levanta e se aproxima. Estamos separados apenas pela escrivaninha e meu corpo entra em estado de alerta máximo. Qual é a intenção dele? Coagir-me perante seu porte atlético e seu olhar felino? Miserável!

— Eu achei que estivesse com sua namorada curtindo a noite — rosno, saindo detrás da mesa que nos bloqueia.

— E eu achei que você estivesse com seu marido — dispara no mesmo tom.

— O que quer insinuar, Greg? Já não chega a exposição que você fez com a modelo? — digo tomada pelo ciúme. *Não! Isso não pode ser ciúmes!*

Greg dá mais dois passos e encurta a distância entre nós. Seus olhos abrasador me incendeia de imediato. Vejo nascer em seus olhos fúria e desejo que se expandem e me atingem em cheio.

— Lorena, não é o que você está pensando. Eu não passei a noite com a Louise — explica-se com voz baixa.

— Não preciso imaginar nada. Os indícios apontam para o fato — esbravejo tomada por uma ira repentina.

— Você está com ciúmes? É isso? — indaga em um tom zombeteiro.

— Não tenho o porquê sentir ciúmes de algo que não me pertence. Deixe-me em paz, Greg! — declaro dando um passo em direção à porta entreaberta. Nesse instante, ele me surpreende e segura firme em meu braço. Gira meu corpo com agilidade e me coloca contra a parede de concreto. Tudo é muito rápido. Em um momento estou saindo e em outro estou presa em seus braços fortes.

A sua ação me deixa sem respiração e sem ação. Greg cola seu corpo ao meu, pressionando sua ereção contra minha pélvis. *Senhor! Ele me quer!* Uma corrente elétrica me puxa novamente para ele, me traindo outra vez. Eu fico molhada e sinto raiva de mim

por me sentir assim. O que mais desejo é estapeá-lo e correr daqui, mas não consigo me mover. Estou paralisada. Greg mantém meus pulsos presos em ambos os lados de meu corpo, impedindo-me de me mexer.

Como o meu cunhado se atreve a fazer isso comigo novamente? Por que eu não consigo reagir contra ele? Ao contrário, parece que meu corpo o deseja e não é só ele, mas a minha mente anestesiada também.

Ergo os olhos e encontro os dele, brilhantes e ardentes. Greg inclina a cabeça para baixo e sua boca se aproxima da minha. Seu cheiro viril entra em minhas narinas com a maldita finalidade de colocar o meu cérebro em desordem e meu ventre em ebulição.

— Chega de joguinhos, Lorena! Eu quero você e quero agora! — exclama liberando meus pulsos e segurando firme a minha cabeça. E, com extrema urgência, ele me beija. *Oh, Deus!* O beijo é tão intenso que beira a pornografia. Sua língua praticamente faz sexo com a minha, se enroscando e me deixando louca de tesão.

Greg puxa a minha coxa para cima enquanto se esfrega em mim sem piedade. Ele move os quadris freneticamente, atijando a sua ereção em meu ventre. Eu me derreto em seus braços e me entrego ao beijo arrebatador. Entrelaço meus dedos em seu cabelo e, em resposta, ele geme em minha boca.

— Você tem ideia do quanto eu a quero? — sussurra por entre meus lábios, descendo os lábios em meu pescoço onde distribui beijos e lambidas.

Greg me pega no colo e me coloca sobre a mesa de vidro, fazendo com que alguns papéis de Humberto caiam ao chão. Neste instante, a chuva começa lá fora. Raios, trovões e luxúria se misturam na atmosfera da madrugada.

Ele abre minhas pernas, puxa gentilmente meus quadris e se encaixa no meio de meu ventre. Eu me apoio nos cotovelos, enquanto ele beija minha boca vorazmente. Somos agora línguas e

bocas, suor e desejo, fogo e paixão que se consomem sofregamente. E, sem desgrudar os seus lábios dos meus, Greg solta o laço que prende minha saída de banho.

— Você é um anjo, Lorena. Estou embriagado por você — declara me fitando com ardor.

Eu o puxo pela gola da roupa e sua boca encontra a minha mais uma vez. Desfaço desajeitadamente e o mais rápido que posso os botões que ainda restam de sua camisa, desabotoando-a por inteira. A roupa escorrega ao chão, deixando-o nu da cintura para cima. Eu seguro a sua nuca e beijo seus lábios, descendo pelo pescoço até encontrar o seu tórax delicioso. O cheiro de virilidade que exala de sua pele é algo que me deixa completamente alucinada. Deslizo a língua em seu peito, distribuindo beijos, mordidinhas e lambidas e ele geme de prazer.

Greg escorrega suas mãos para dentro do meu sutiã e estimula um de meus mamilos, fazendo círculos com os dedos. Arqueio a cabeça para trás e rapidamente ele desfaz as presilhas que prendem o meu sutiã, deixando-o cair sobre a mesa.

— Seus seios são divinos e são do tamanho exato para seu corpo — fala baixinho, levando um deles a boca, sugando forte, enquanto acaricia o outro com a palma de sua mão, subindo e descendo meu mamilo enrijecido.

— Ohhhh, Greg! — choramingo com os dedos enterrados em seu cabelo.

— Segure-se firme na mesa e erga seus quadris. Eu vou tirar a sua calcinha. — Faço o que ele me pede e suas mãos deslizam no tecido fino de renda. Ele pega a minha lingerie nas mãos, cheira a roupa íntima e a deixa ao chão. — Seu cheiro é incrível e seu gosto é melhor ainda. — E, dizendo isso, ele volta a me beija com volúpia.

Não consigo mais raciocinar nem respirar direito. Estou perdida e imersa em sentimentos confusos, reprimidos e desconhecidos. Eu não domino mais a minha mente, tampouco meu corpo. Sou uma

mistura de sensações desconexas que emergem descontroladas e trasbordam de dentro para fora.

Greg desce o zíper de sua calça e ela desliza ao chão com cueca e tudo. Ouço som do preservativo sendo rasgado e, em seguida, ele entra em mim. *Oh! Isso é o paraíso!* Com os dedos cravados em meus quadris, ele se enterra em mim. Fundo. Forte. Intenso.

A chuva cai forte lá fora e os raios iluminam a sala, assim com os nossos corpos suados. Estou imersa numa atmosfera surreal, me deixando conduzir apenas pelos meus instintos e um desejo carnal sem medidas. Uma parte de mim diz que isso é errado, porém outra quer de maneira imensurável esse momento. O tesão que sinto por ele eu nunca senti por outro homem antes em toda minha vida. Embora pareça familiar, é totalmente novo.

— Que bocetinha mais apertada que você tem, Lorena — sussurra enquanto empurra seu membro para dentro que implora por mais espaço. E eu dou o que ele me pede. Abro mais as pernas e as entrelaço ao redor de sua cintura.

Greg bate e volta, mexe com o quadril e eu vou à loucura. Suas estocadas aumentam consideravelmente e eu sinto que não aguentarei por muito tempo.

— Você não tem ideia o quanto eu sonhei em te foder assim — declara, saqueando a minha boca, enquanto entra e sai de mim.

Suas mãos deslizam em minha cintura e me seguram mais forte, movendo meus quadris para frente e para trás. Não consigo mais conter o orgasmo que aos poucos vem dando sinal em meu corpo. Greg presente que estou prestes a gozar e aumenta o ritmo de suas investidas.

— Goze para mim, Lorena! — rosna por entre meus lábios, sem separar as nossas bocas um segundo sequer. O gozo se apodera de mim, fazendo-me perder os sentidos e me contorcer violentamente sobre a mesa de vidro.

— Ahhhhh, Greg! — gemo abafado, puxando-o contra o meu peito, debatendo-me de prazer. Ele bate e volta mais três vezes e atinge o clímax, afundando a sua cabeça em meu pescoço.

— Ohhh... Lorena! — sussurra me apertando junto de si, com o corpo suado e trêmulo.

Aos poucos vou retomando a consciência e meu subconsciente vem como um balde de água fria e joga em cima de mim a culpa por ter me entregado a ele. Como pude sucumbir ao seu charme avassalador dessa maneira? *Como pude trair meu marido com meu cunhado?*

Eu me afasto dele e me coloco em pé o mais rápido possível. E, sem coragem para encará-lo, eu visto com as mãos trêmulas. Estou me sentindo imunda e indigna. Uma traidora miserável que não merece clemência de ninguém. Meu coração e minhas entranhas se contraem violentamente devido a culpa que me atinge, deixando-me desolada.

Engulo em seco e só então, ergo meus olhos para encontrar os dele atormentados e confusos. Seus olhos estão inertes e fixos nos meus. Percebo que ele já vestiu a calça, mas o resto de suas roupas está espalhado no chão. *Que merda eu fiz?*

— Isso... Foi loucura! — declaro horrorizada, pego o bracelete e deixo o escritório às pressas. Enquanto subo para o quarto, as lágrimas banham meu rosto e ferem minha alma. Estou me sentindo a pior de todas as mulheres que existem no mundo.

Capítulo 7

*Anjo ou demônio, eu ainda não sei o que ela é. A única certeza que tenho é que não posso mais me afastar dela. — **Greg***

A água do chuveiro cai sobre meu corpo miserável com a missão impossível de purificar os meus pecados. Ainda não acredito no que aconteceu entre mim e Lorena. Maldito seja! Sou um desprezível traidor. Um canalha que seduz a mulher do próprio irmão. Estou sem freio, sem controle, sem sanidade. Lorena está desmoronando minhas barreiras, se é que eu ainda tenho alguma de pé. Ela está me consumindo, acabando com minha vida. Eu mal me reconheço. Não sou mais o homem que costumava ser. Quando estou ao seu lado eu me sinto vivo em sua totalidade. Ela exala vida e é tão intensa em tudo que faz. É uma mistura de menina-mulher que está me levando ao abismo da loucura.

Já tive várias garotas, mas Lorena é diferente de tudo que experimentei. É tão doce, tão incrível, tão sensual. Sinto que ela também sente o mesmo quando nos olhamos, nos tocamos, nos beijamos. Lorena sente o mesmo desejo febril que eu sinto. Devo estar doente. *E, pior de tudo, doente pela minha cunhada.*

Com a finalidade de descarregar por um momento o emaranhado de emoções que me invade, eu decido correr na praia. Visto minha roupa de treino, pego meu iPod e saio.

Permaneço com o corpo em movimento por quase uma hora e depois retorno para casa. Contudo, ainda estou tenso e a adrenalina gasta com o exercício não foi o suficiente para me trazer um pouco de tranquilidade.

Ao chegar, papai me encontra no *hall* e me dá a notícia infernal do dia. Lorena e Thales saíram para um passeio de barco e somente retornam à tardinha. Existe coisa mais romântica que um passeio de barco? Não! Não existe!

Isso soa como o fim dos tempos para mim. Não quero acreditar que eles estejam... Não dá! Os dois juntinhos, namorando no mar é algo que me deixa puto da vida. Não posso cogitar a ideia de meu irmão, que é o marido dela, estar tocando-a de forma íntima. Acho que estou enlouquecendo de vez!

Visivelmente abalado com a notícia, eu tento escapar das garras de meu pai, mas é inútil. Ele me traz para dentro do escritório para relatar as merdas que Thales anda fazendo na filial da nossa empresa. É uma cagada atrás da outra. Meu irmão está praticamente fodendo com os negócios da família e eu sou intimado pelo velho Humberto a consertar esse caos feito pelo meu irmão.

Juro que a vontade que tenho é de deixar Thales se foder mesmo com os negócios. Mas outra vez a culpa bate em minha porta e me deixa arrasado. Eu fui o responsável por ele estar assumindo a empresa temporariamente no lugar de tio Túlio. Eu o incentivei a assumir a gerência. Portanto, a culpa é inteiramente minha.

E, com grande pesar, eu tranquilizo meu pai e arregaço as mangas para salvar os negócios mal feitos pelo meu irmão.

Passo o dia na companhia de Celso e do saco de pancadas. Extravaso tanto no kickboxing, que acabo com um maldito corte na mão esquerda. Ótimo! Isso já é uma excelente punição pelo ato que cometi. Porém, eu mereço muito mais que isso. Talvez a condenação perfeita para um homem sem escrúpulos como eu, seja uma chibata em praça pública, como nos tempos do Império.

Deixo o pronto socorro com a mão enfaixada e junto comigo está Celso tagarelando conselhos aos meus ouvidos. Se ele soubesse o que eu fiz, com certeza estaria me esmurrando como fez com o saco de pancadas.

Deixo meu primo no hotel e vou para casa. Já sei o que me espera: uma enxurrada de perguntas. E elas vêm, uma atrás da outra.

Assim que chego, Greta e Humberto se assustam quando eu apareço com a mão enfaixada e acham que fui assaltado. Eu lhes conto que exagerei demais no Kickboxing e acabei com a mão ferida. Ganho um sermão de Humberto e de Greta, que me repreendem como se eu fosse um moleque. Porém, em compensação um carinho de Lavínia, que é mais preocupada de todos os presentes.

Subo para o quarto e tomo uma ducha para relaxar. Durante o banho eu aproveito para refletir como encararei meu irmão e minha cunhada. Conseguirei olhar nos olhos de Thales sem me sentir um filho da puta? O que Lorena pensará a meu respeito? Com certeza está me odiando profundamente e não me surpreenderei se ela não me dirigir à palavra por um bom tempo.

Esse pensamento miserável me causa uma enorme aflição no peito. Eu poderei suportar a ira de meu irmão, mas nunca a rejeição de Lorena. Contudo, sei que isso é bem provável de acontecer.

Visto a minha máscara de bom filho e desço para o jantar, mas não tenho fome. Estão sentados à mesa apenas Humberto e Thales, nem Greta nem Lorena se fazem presentes.

— Achei que fosse um jantar em família, papai — digo me acomodando à mesa.

— Era para ser... Mas a sua irmã saiu com amigos como você mesmo viu há pouco, e sua mãe preferiu um lanche mais cedo e já está repousando em nosso quarto — explica Humberto, dando uma garfada em seu filé.

— E Lorena também está indisposta — adianta-se Thales. — Queixou-se de enxaqueca hoje quase o dia todo, mesmo sendo mimada por mim. — Sorri satisfeito enquanto eu me sirvo de filé. — Papai me contou sobre o incidente com o seu esporte predileto.

— Pois é, Thales, isso acontece com quem corre riscos — constato tristemente. *Isso não é nada comparado ao ferimento em meu coração.*

— Tome mais cuidado com seus esportes, Greg, ou algo pior pode lhe acontecer. — Aconselha meu pai, lançando-me um olhar firme. — Amanhã eu levarei a Greta para uma nova consulta com seu psiquiatra — diz mudando de assunto. — Ela anda se queixando que os remédios não estão mais fazendo o mesmo efeito e comentou que pedirá para o médico que troque a sua medicação.

— Estou achando a mamãe muito abatida mesmo — digo preocupado.

Eu volto os olhos para a refeição a minha frente e me pergunto o porquê eu me servi de comida se não tenho fome?

— Thales — Papai olha para meu irmão. —, espero que não aconteça nenhum imprevisto na matriz durante essa semana. Não quero ter que enviar o Greg de novo para consertar os seus erros. — Thales me lança um olhar estreito e empina o queixo.

— O senhor acha que eu não sou tão bom assim como Greg, não é? — Ele cospe as palavras deixando o garfo e a faca sobre a mesa, mudando repentinamente de humor.

— Thales, papai não disse isso. — Intervenho prevendo uma discussão.

— Claro irmãozinho, você é perfeito em tudo que faz. É o homem de negócios dos Fisher, aquele que conserta as merdas do irmão inexperiente — rosna em tom irônico.

— Thales, o que é isso? — indaga Humberto sério.

— Está tudo bem pai, deixe-o falar — digo deixando os talheres em cima da mesa.

— Greg, seu irmão está indo longe demais — fala Humberto, interrompendo o seu jantar, enquanto eu nem toquei no meu.

— O senhor nunca confiou em mim para assumir a empresa. — Continua meu irmão fazendo a sua crítica autodestrutiva. — Desde o início era para o Greg ir para assumir os negócios da filial e eu ficar aqui, na matriz. Mas daí o meu querido irmão foi generoso comigo e me sugeriu para o cargo. Como se estivesse dando um prato de comida a um cão faminto. — Compara com repulsa.

— Thales, não foi isso que aconteceu. Eu sugeri sim dar a você esta chance de assumir os negócios na nossa filial, mas não foi por pena. — Minha voz sai mortalmente calma, porém o sangue ferve em minhas veias. — Se você não quer mais ficar lá, eu posso assumir o seu posto e você fica mais perto de sua esposa. — Só Deus sabe o quanto me dói dizer isso.

— Agora você quer tirar de mim o que eu estou conquistando? Já não basta ser o preferido do papai, de Lavínia e de minha própria mãe e agora você quer isso também? O que mais quer roubar de mim, hein Greg? — ele esbraveja e seus olhos verdes em fúria perfuram os meus.

Cerro os punhos sobre minhas coxas e me controlo ao máximo para não socá-lo na cadeira. Afinal o que há com meu irmão? Quer tirar o último fio de controle que tenho reservado no decorrer desse dia infernal? Thales bufa e inclina o tronco para frente com a nítida intenção de continuar o barraco, mas é interrompido por nosso pai.

— Basta! O jantar acabou! Subam os dois para seus quartos — ordena Humberto nos tratando como se tivéssemos dez anos de idade. — Não quero ouvir mais nenhuma palavra sobre isso.

Thales é o primeiro a deixar a mesa e sai apressadamente em direção à escada, desaparecendo no andar de cima. Respiro fundo, tentando controlar a forte tensão em que me encontro, mas é

humanamente impossível, pois meus músculos trepidam em meu corpo violentamente. Meu irmão está começando a ficar fora de controle como anos atrás, o que só faz piorar ainda mais a situação.

— Greg, deixe-me sozinho. Eu preciso refletir — diz papai agora em tom mais calmo.

Eu me levanto e, sem contrariá-lo, deixo o ambiente. Contudo, não vou para o quarto e sim para a piscina refrescar a cabeça. Necessito de brisa fresca para colocar os pensamentos em ordem. O dia de hoje está realmente desgastante e eu não sei até onde posso suportar essa forte tensão que me cerca.

Ainda é muito cedo quando eu retorno da corrida matinal. O tempo está com cara de que vai chover novamente e nuvens escuras pairam no céu. Estamos em um período chuvoso, fora do comum para a época do ano. E dia sim dia não, elas vêm interromper a festa dos veranistas que estão na cidade.

Ao chegar à copa eu me deparo com uma cena que me deixa completamente imóvel, tenso e excitado. Lorena está de costas, vestindo um roupão de seda e procurando algo na geladeira. Seu traseiro em forma de coração está voltado para os meus olhos com a maldita finalidade de deixar o meu pau duro dentro da calça de moletom. Respiro fundo e seguro firme ambos os extremos da toalha que trago ao redor do pescoço. Caso contrário, eu explodirei de tanto tesão.

Ela retesa o corpo, fecha a porta do refrigerador e, quando se vira, tem um morango à boca e uma jarra de água em uma das mãos. Nossos olhos se encontram e ficam presos um no outro por um breve momento, enquanto eu tento disfarçar a excitação.

— Bom dia. — digo em um tom baixo de voz.

— Bom dia. — Ela desvia o olhar e deixa a jarra de água sobre a bancada da cozinha.

— Achei que fosse o único que acordasse cedo nesta casa — falo, mas na verdade eu nem havia dormido direito outra vez.

— Thales foi viajar e eu o ajudei com a mala. — Ela me olha com o canto dos olhos enquanto se serve de um copo de água. — Você se machucou? — indaga girando o corpo e ficando de frente para mim.

— Incidente com o Kickboxing — respondo sem desviar os olhos dela.

— Esporte perigoso — sussurra me encarando.

E, para me deixar ainda mais excitado, ela analisa o meu corpo de cima abaixo. Primeiro ela olha para minha boca, em seguida desce o olhar em meu tórax coberto pela regata e, por fim, se detém analisando a minha calça. Sinto um vulcão emergir dentro de mim e o desejo de tê-la outra vez se manifesta de forma latente.

— Bem, acredito que os demais logo estejam acordados também — digo tentando manter o controle de minhas emoções, bem como do tesão que está em nível altíssimo.

— Seus pais acabaram de sair, pois sua mãe tem consulta com o psiquiatra. Jaime os levou. — Lorena pega o copo sobre a bancada e dá um passo à frente.

— Então você precisa de uma carona para o trabalho — digo à medida que a tensão sexual se forma entre nós.

— Eu já chamei um táxi que estará aqui em uma hora. — Ela caminha em minha direção e, ao cruzar por mim, eu seguro levemente seu braço.

— Nós precisamos conversar — sussurro encarando-a, me perdendo no azul infinito que são os seus olhos.

— Nós não temos nada para conversar, Greg — rebate em tom baixo.

— Lorena, você irá ignorar o que aconteceu entre nós? — A vontade que tenho é de encurralá-la na parede da cozinha e beijá-la vorazmente. O contato de sua pele com a minha está me deixando ardente e louco por ela.

— Gregory, solte meu braço. — exige me chamando pelo meu prenome. Ela nunca fez isso antes!

— Lorena, eu preciso de você! — A frase sai de minha boca sem que eu perceba e eu me amaldiçoo por isso. Estou quase suplicando e ela se mantém impassível!

— Por favor, não dificulte ainda mais as coisas. Deixe-me ir. — Ela engole em seco, visivelmente perturbada.

Neste momento ouço passos que vem do corredor e libero seu braço rapidamente. Lorena me lança um último olhar angustiado e sai a passos apressados em direção ao *hall*.

O dia na empresa está um completo desastre. Embora eu tente, eu não me concentro em nada que faço. Tentei ligar por duas vezes para falar com Lorena sobre o maldito Nissan Z que chegará da concessionária esta semana e não obtive respostas. Ela não atendeu a nenhuma de minhas ligações. É evidente que ela não quer falar comigo e isso está me matando por dentro.

Deixo os documentos mais urgentes sobre a mesa de Judith e decido ir para casa mais cedo que de costume. Não adianta mesmo eu continuar na empresa se a concentração me falta e a paciência também.

Chego a casa e, após trocar a roupa social por minha roupa de treino, eu vou direto para a academia. Estou me preparando para ir

à esteira, quando lanço um olhar para fora e percebo algumas nuvens escuras que pairam no céu. Logo começará a chover e pelo jeito a chuva vem forte.

Enrijeço o corpo ao ver através da janela que Lorena sai de bicicleta em direção à praia. Não acredito que ela vai sair de casa com o tempo feio se armando lá fora! Meu instinto protetor me põe em alerta e eu saio correndo atrás dela.

Lorena percorre toda a praia e entra em uma trilha no meio da mata. O que ela pensa que está fazendo agindo inconsequentemente? Lorena está ficando louca? Olho ao redor e me sinto como um adolescente que espreita a namoradina de escola às escondidas. Isso é o fim! Mas esse é o único meio que eu disponho no momento para mantê-la em segurança.

A chuva começa a cair fraca, porém as trovoadas avisam que logo ficará mais intensa. Perco Lorena de vista por alguns instantes e me apresso, cruzando a trilha. Adentrando na mata eu a avisto novamente. Ela está parada ao lado de sua bicicleta que tem o pneu murcho.

— Lorena, que porra você está fazendo sozinha aqui? — rosno me aproximando.

Ela ergue os olhos para me fixar e sua expressão se torna nebulosa. E, com receio de algo, ela cruza os braços em frente ao corpo e sem querer meus olhos percorrem sua silhueta sob a malha colada que ela veste.

— Você está me seguindo, Gregory? Não vê que estou curtindo a tarde? — ironiza me tratado pelo meu prenome mais uma vez.

— Curtindo a tarde no meio do nada? — enfureço parando diante dela que, temerosa, dá um passo para trás.

— Não exagere. É uma trilha para ciclistas, vê? — fala apontando ao redor.

— Estamos no meio do nada e ficando molhados pela chuva. Deixe-me ajudá-la — digo respirando fundo, controlando as emoções que transbordam em mim.

— Não preciso de sua ajuda — ela me desafia, empinando o queixo.

Estreito meus olhos em sua direção, enquanto ela se mantém impassível, fria e cortante. Por que ela está agindo assim comigo? Será que Lorena não percebe que estou preocupado com ela? Ignoro totalmente a sua cianose e me aproximo.

— Eu levo sua bicicleta — digo decidido.

— Já disse que eu não preciso de sua ajuda, Gregory! — brada com as mãos trêmulas. A chuva se intensifica e minha preocupação aumenta.

— Lorena, estamos quase dois quilômetros de casa. Vamos nos abrigar dessa chuva no velho hotel desativado que fica a poucos metros daqui — proponho impaciente.

— Eu não vou a lugar algum com você! Eu quero ir para casa — rosna nervosa, enquanto a chuva nos molha.

— Não podemos ir para casa agora. Por favor, deixe-me ajudá-la — reitero o apelo e um breve silêncio paira no ar.

Lorena olha para os lados e pensa por um momento. Torce os dedos em frente ao corpo e volta os olhos azuis angustiados para mim. E, como não vê saída, se dá por vencida e assente com a cabeça. Eu coloco sua bicicleta em meu ombro e saímos em direção ao velho hotel.

Minutos depois estamos no *hall* da construção onde nos abrigamos da tempestade. Duas poltronas velhas e uma mesa de centro empoeirada preenchem o ambiente que é composto por quatro janelas grandes de vidro. O edifício é de propriedade de nossa família e em breve será demolido para ser construído outro hotel mais amplo e mais sofisticado.

Lorena entra no saguão e caminha para longe, se distanciando de mim. Deixo a sua bicicleta a um canto, bem como o meu casaco de moletom encharcado de água sobre uma poltrona. Eu me aproximo devagar, enquanto ela observa ao redor com olhar inquietante.

— Você precisa tirar seu casaco, Lorena, ele está molhado demais — aconselho quebrando o silêncio.

Ela gira o rosto para me olhar e nossos olhos se encontram. Permanecemos nos fitando imersos em emoções confusas por alguns segundos e o que mais desejo é tomá-la em meus braços, beijar sua boca, me embriagar com seu gosto, sentir o calor de sua pele e me perder nas curvas de seu corpo. Lorena engole em seco e volta a cruzar os braços em frente do corpo em forma de proteção. O comportamento dela não está ajudando em nada a minha libido que cresce e se espalha em minhas veias, se alojando em minha virilha.

— Não, obrigada. Estou bem assim — replica, desviando os olhos para um ponto qualquer do ambiente.

— Lorena, não seja teimosa. Você pode pegar um resfriado — digo preocupado, enquanto ela retesa o corpo e me lança um olhar frio e cortante.

— Sei qual é o seu propósito, Gregory. Desde que você chegou de Londres que você não faz outra coisa a não ser atrapalhar Thales nos negócios. — Dispara com os lábios trêmulos. — E se não bastasse isso, você também quer por fim no meu casamento.

— Lorena, deixe-me explicar... — Tento falar, mas ela me interrompe.

— Explicar o que não tem explicação? — indaga com os olhos marejados, fazendo meu coração se comprimir dentro do peito. — Você tinha tudo planejado desde o início. Os elogios, o kickboxing, o beijo na festa do hotel, o salto de paraquedas. Você planejou tudo! E na festa de Lavínia, você executou seu plano. — Ela me acusa,

visivelmente atordoada. Estou perplexo diante de suas acusações. Lorena acha que eu sou um canalha? Um monstro? É isso?

— Como pode pensar isso a meu respeito? — pergunto me sentindo ferido.

Lorena pisca os olhos e as lágrimas descem molhando seu rosto angelical. Cega diante da situação que estamos vivenciando, ela se joga em mim, desferindo socos em meu peito. A dor e a fúria que ela sente são tão intensas, que me deixa ainda mais desolado e completamente culpado.

— Eu odeio você! Odeio você! — grita soluçando em pranto. — Odeio! Odeio! Odeio! — repete fora de si, debatendo-se contra mim. Com a finalidade de acalmá-la, eu a envolvo em meus braços, apertando-a junto ao meu corpo. Contudo, ela continua se contorcendo, lutando para se libertar.

Depois de alguns instantes, e vencida pela desolação, Lorena enterra a cabeça em meu peito e chora descontroladamente. Eu tremo em uma compulsão absurda e a dor emerge dentro de mim. Com o coração estilhaçado pela angústia e pela culpa, eu afago seu cabelo úmido, enquanto tento controlar as minhas próprias emoções.

Afago o seu cabelo úmido e ela geme entre um soluço e outro. Estou me sentindo um crápula por ser o responsável pela sua angústia. E isso estilhaça o meu coração, pois sei que ela está se sentindo tão culpada quanto eu. Ambos somos traidores e nada mudará isso. Infelizmente nada!

Ergo seu queixo e busco seus olhos. Lorena estremece quando sente o contato de meus dedos em seu rosto.

— Lorena, me escute. Por favor, me escute! — Mantenho seu rosto preso em minhas mãos enquanto ela me fita em lágrimas. — Eu não planejei nada. Nunca faria algo que a machucasse ou a fizesse sofrer. Desde que cheguei ao Brasil eu tenho travado uma luta interna comigo mesmo. Tenho me sentido um filho da mãe por

desejar a mulher de meu irmão. Só Deus sabe o quanto eu tentei me afastar de você todos esses meses. Tentei manter o máximo de distância possível, mas algo é mais forte do que eu e me puxa para você — Pisco ligeiramente confuso, enquanto um emaranhado de emoções se forma dentro de mim. — Mas estar ao seu lado é a melhor coisa que aconteceu até hoje em minha vida. Você me faz sentir coisas que eu nunca senti antes. Você exala vida pelos poros, Lorena. Vida que eu antes não tinha — afirmo com voz carregada de emoção, limpando as lágrimas que escorrem pelo seu rosto.

Minhas palavras a afetam muito. Lorena para de chorar e apenas me fita em busca de respostas. Não sei o que ela está pensando. Ela não fala nada, o que me deixa ainda mais apreensivo. Eu estou ardendo por ela, que não me dá sinal algum. Ao contrário, permanece inerte, apenas me encarando.

Lorena leva suas mãos em meu rosto e começa a acariciar a minha pele que queima de desejo. Embriagado, eu fecho os olhos para sentir o toque que eu tanto anseio. É tão terno, tão delicado, tão quente. Ela passeia suas mãos em minha face sentindo cada centímetro de minha pele, de minha barba por fazer. Seu hálito delicioso entra em minhas narinas, deixando-me extremamente excitado. E, ficando na ponta dos pés, seus lábios se unem aos meus.

É um beijo suave, doce, porém ávido. Lorena entrelaça seus dedos em meu cabelo e eu a puxo de encontro a mim. O beijo se prolonga e ela geme, mordendo de leve meu lábio inferior. O tesão emerge com fúria e eu perco a razão de tudo. Insiro minha língua em sua boca, que se enrosca a dela, me embriagando em seu gosto.

Eu a coloco contra a parede de concreto e, com agilidade, tiro as suas roupas, deixando-a somente de calcinha e sutiã. A sua pele branca e macia resplandece diante de meus olhos fazendo de mim o homem mais feliz do mundo. Lorena é tudo que eu quero e tudo que eu desejo neste momento. *Nada mais importa a não ser ela.*

— Sua pele é linda e sedosa como a pétala de uma flor — afirmo ofegante e deslumbrado, enquanto abro a presilha que prende o sutiã, deixando-o cair ao chão.

Levo um seio à boca e sugo com urgência seu mamilo rosado e enrijecido. Alterno as carícias entre um e outro e ela arfa inclinando a cabeça para trás. Depois de dar o devido carinho aos seus seios, eu escorrego a calcinha por entre suas pernas, deixando-a nua por completo.

— Estou louco para te foder, Lorena! — E, dizendo isso, eu volto a me unir ela, saqueando a sua boca vorazmente. Não vejo a hora de estar dentro de sua bocetinha quente outra vez, de fazê-la tremer em minhas mãos, enquanto a vejo gozar para mim.

Com mãos trêmulas e ansiosas, Lorena tira a minha regata por cima de minha cabeça. Ela desliza seus dedos em meu abdômen e encontra o meu pau dentro da cueca *boxer*. Abrindo um sorriso sacana, ela começa a fazer movimentos rápidos, pressionando-o contra a palma de sua mão.

— Quero senti-lo dentro de mim, Greg — diz ao meu ouvido e isso soa como um jato de adrenalina que se espalha em minhas veias de imediato.

— Seu desejo é uma ordem, meu anjo. — Desço minha calça e cueca que vem junto e chuto minhas roupas molhadas para um canto. Suspendo Lorena em meus braços com facilidade, uma vez que ela é pequena e magrinha. Ela entrelaça suas pernas ao redor da minha cintura e apoio seu corpo contra a parede. Sem esperar nem mais um segundo, eu a entro nela com urgência. Pele com pele.

Estamos conectados um ao outro e nossos movimentos se tornam um só em busca do prazer supremo da carne. Empurro meu pau com sagacidade enquanto Lorena solta gemidos constantes em meu ouvido. Sua bocetinha apertada e quente é a minha perdição.

Cego de tesão, eu passo a estocá-la fundo e forte, indo e vindo, sentindo todas as suas deliciosas extremidades.

Sei que sou um louco por trepar com ela sem o uso de preservativo. E, devido a isso eu não poderei gozar em seu interior. Não sei se ela usa anticoncepcional e não quero correr o risco de engravidá-la. Isso seria a nossa sentença de morte.

— Oh, Lorena! O que você está fazendo comigo? — sussurro por entre seus lábios, inebriado pelo seu gosto e embriagado pelo seu cheiro.

Sinto sua respiração ofegante e seu corpo se tornar trêmulo, enquanto eu meto meu pau dentro e fora, fundo e forte, repetidas vezes. Ela morde, beija e lambe meu pescoço e suas unhas cravam em minha nuca, deixando-me ainda mais sedento por ela. Sua boceta aos poucos começa a se comprimir e eu pressinto seu gozo emergir.

— Libere seu orgasmo, lindo anjo! — rosno por entredentes.

Ao comando de minha voz, Lorena explode divinamente, trepidando em minhas mãos, gemendo e arranhando levemente os meus ombros. Invisto mais três vezes e, pressentindo que irei gozar, eu saio dela, liberando meu êxtase fora de seu corpo.

— Greg! — sussurra confusa com o meu gesto, fixando os olhos nos meus.

— Não podemos arriscar sem o uso de preservativo — afirmo frustrado, pois sei que ela queria que eu gozasse dentro dela. — Venha cá! — Escorregamos nus ao chão e eu a puxo para os meus braços. O único barulho que ouço é o da chuva forte que cai lá fora, enquanto dentro de mim sentimentos desconexos inundam o meu peito.

Capítulo 8

Algo muito profundo está mudando dentro de mim. Eu não sou mais a mesma pessoa. — Lorena

Não sei o que está havendo comigo, mas eu não posso mais ficar longe do Greg. Sinto que ele também está tão envolvido por mim quanto eu estou por ele. O que será de nós dois? O que será de meu casamento? O que será do Thales? Estou tão confusa. Um turbilhão de sentimentos estranhos me invade: paixão, angústia, êxtase, tormento. Tudo isso se faz presente em mim.

Lágrimas angustiantes banham o meu rosto enquanto no peito, o coração se aperta violentamente. Preciso tanto de minha mãe, de seu colo, de seus conselhos. Seco o rosto com as costas das mãos, pego o celular e digito seu número. Já que ela não está presente, ao menos eu posso ouvir a sua voz, o que para mim já é reconfortante.

Com voz amável, dona Isis atende no segundo toque.

— Oi meu amor, como você está? — indaga do outro lado da linha.

— Oi, mamãe! Estou com muitas saudades de você e do vovô. Como vocês estão? — questiono emocionada.

— Nós estamos bem, querida. E Thales como está? Viajando muito ainda? — As perguntas inocentes de mim mãe fazem meu coração se apertar ainda mais.

— Sim, está sim. Mas ele está... feliz. — Remexo-me desconfortável sobre a cama, pois sei que o meu casamento não é mais o mesmo.

— Filha, você está bem mesmo? — Minha mãe e seu sexto sentido. Respiro fundo e me amaldiçoo por ter que mentir para minha própria mãe.

— Estou — Deixo a cama e saio até a janela para buscar ar nos pulmões. — Eu só preciso de um colo, mãe.

— Oh, querida! Sua madrinha, Ester, está chegando do Canadá — ela fala fazendo referência a sua irmã mais nova que mora no exterior.

— A tia Ester estará aqui? — indago surpresa ao receber a notícia.

— Sim, ela chega amanhã e está com muitas saudades suas. Venha para cá neste final de semana e traga Thales com você. — Convida e eu estremeço. Eu preciso ficar sozinha para refletir sobre minha vida, sobre o que ela se transformou no último mês. E tudo que eu não quero é ter que levar alguém junto comigo. Ainda mais meu marido, que praticamente não gosta muito da vida no campo e de conversas triviais de família.

— Eu irei sim, mas sozinha — declaro por fim e ela suspira.

— Por que você virá sozinha? — pergunta desconfiada.

— Thales nem sempre está em casa, mamãe, por isso que quando for para Itatiaia eu irei sozinha. — Dou uma desculpa.

— Ah, entendi. Você tem estado muito só, não é minha filha? — Fecho os olhos por um breve momento refletindo sobre meu casamento e o que ele se tornou para mim.

— Não tenho meu marido presente na maior parte do tempo. Ele parece estar mais voltado para os negócios do que para mim — queixo-me, escondendo a veracidade dos fatos não somente para minha mãe, mas para mim também.

— Filha, eu temia tanto que isso fosse acontecer. Você se precipitou ao se casar tão rápido com o Thales. — mamãe diz

preocupada. *É, mamãe, você tem razão!* Como direi isso a ela? Respiro fundo e fixo o olhar perdido no mar à minha frente. Se eu pudesse fazer algo para voltar atrás, mas infelizmente não posso.

— Eu tenho tentado me ocupar com outras coisas — desconverso. — Eu saltei de paraquedas! — declaro e me arrependendo de imediato, pois sei que ela fará indagações. E elas vêm!

— Você fez isso? — Minha mãe espanta-se do outro lado.

— Sim e é muito bom. Na verdade, é incrível! — respondo recordando-me do salto, bem como do Greg. Sensações estranhas emergem em meu peito e meu coração dispara prontamente.

— Que bom, minha filha, que você gostou — diz ela contente.

— Mãe — eu começo mudando radicalmente de assunto —, você amou meu pai? — Dona Isis fica em silêncio por um momento e eu me arrependo pela segunda vez consecutiva. Não devia ter feito essa pergunta a ela. Não devia!

— Sim! Muito! — afirma em voz baixa.

— E qual é a sensação? — Talvez eu queira saber qual é o significado do amor e nada melhor do que perguntar isso para a minha mãe.

— É algo tão complexo. Você sente seu coração e corpo pulsarem juntos, descompassados. Quando conheci seu pai, eu sabia que iria me apaixonar por ele de imediato, como aconteceu de fato. Ele era o homem que fazia eu me sentir viva, alegre, cheia de esperanças. Era bonito e inteligente — diz emocionada. — mas infelizmente a vida nos prega peças, minha filha, e temos que estar preparadas para isso.

— Então isso é o amor? — indago com o coração acelerado.

— Sim, é! Por que está me perguntando isso agora? — indaga interessada.

— Curiosidade — respondo em um sussurro, enquanto as emoções voltam a tomar conta de mim.

— Acho estranho você me perguntar sobre seu pai. Você nunca quis saber nada sobre ele — diz sabendo o que eu penso a respeito de meu pai desconhecido.

— E continuo não querendo saber, mamãe. Não quero saber quem foi o homem que a deixou comigo em seu ventre e sumiu no mundo. Para mim você e Heitor são minha família — afirmo com emoção. — Desculpe-me, mãe. Não quero lhe trazer más lembranças.

— Oh, filha! Não se desculpe. Isso já tem tanto tempo. — Sua voz soa baixa e desolada.

Observo no relógio de cabeceira e percebo que estou atrasada para o trabalho. E, com dor no coração eu me despeço de minha mãe.

— Mamãe, eu preciso ir para o escritório — digo caminhando em direção ao *closet* para mudar de roupa.

— Venha para cá um final de semana, ok? — Reitera o convite.

— Sim, eu irei. Dá um beijo em Heitor e diga-lhe que eu o amo. — sorrio ao telefone, enquanto abro uma gaveta para procurar uma lingerie.

— Sim, filha, eu direi — ela responde.

— Tchau, mamãe. Eu amo você — declaro com carinho.

— Também te amo, filha. Se cuide — minha mãe se despede afetuosamente e desliga o telefone.

Enquanto estou no escritório trabalhando em um projeto, recebo uma ligação do chefe de obras que é responsável pela minha casa em construção. Seu Amarante me informa que devido às fortes chuvas que têm ocorrido, uma parede inteira de minha casa veio abaixo. Segundo ele, eu preciso ir até a construção para constatar os estragos.

Desligo o aparelho completamente frustrada. Parece que tudo me puxa para viver por mais tempo sob o mesmo teto com Greg. Não faltava mais nada para estragar de vez com meus planos de me mudar o mais rápido possível e tentar fugir da tentação o meu cunhado se tornou. Tem sido tão difícil conviver juntos e fingir que nada aconteceu entre nós.

Aviso a Rosana sobre o acontecido e ela me oferece uma carona, uma vez que meu carro ainda não chegou da concessionária.

Assim que chego a casa, encontro o senhor Amarante que me espera com uma expressão nada contente no rosto.

— Boa tarde, dona Lorena — diz me cumprimentando rapidamente com um aperto de mãos.

— Boa tarde. O que aconteceu dessa vez, seu Amarante? — indago preocupada.

— Eu acho melhor a senhora ver com seus próprios olhos. É por aqui. — Ele me conduz para o lado de trás da casa onde eu constato, para minha tristeza que a parede inteira de meu escritório veio ao chão. — Eu lamento senhora, mas a parede se foi.

— E agora? Já não basta a demora com o maldito mármore italiano. — digo decepcionada — Seu Amarante, quanto tempo para refazê-la de volta?

— Dona Lorena, além dessa parede que desmoronou, a estrutura da outra parede ficou comprometida. Como a senhora pode ver, há rachaduras profundas nela e o piso de mármore ficou

prejudicado também pelo forte impacto causado pelos tijolos que caíram. — Ele me dá o relatório e eu percebo que não é nenhum pouco animador. — Eu acredito que demore por volta de três meses.

— O quê?! O senhor havia me dito que seriam quarenta e cinco dias e agora serão três meses? — digo atônita, enquanto ele coça o queixo, pensativo.

— Senhora, serão quarenta e cinco dias para colocar o piso e mais uns dois meses para refazer as paredes. Teremos que demolir a outra que está com rachaduras e recolocar o piso que foi destruído. — Explica a situação caótica que está a minha casa. Respiro profundamente e não há o que eu possa fazer a respeito, a não ser concordar e esperar por mais três malditos meses.

— Tudo bem, seu Amarante — digo por fim.

— Desculpe por eu não poder avisar o seu marido — diz sem jeito.

— Não tem problema. Eu aviso ele assim que puder. Obrigada por ter me esperado. — Sorrio tentando não deixá-lo ainda mais constrangido.

— De nada, dina Lorena. Tenha um bom dia. — Ele sai e me deixa sozinha a contemplar o horror que virou a minha casa nova. Não acredito que terei que esperar por mais três meses para me mudar. Céus! Até isso conspira contra o meu frágil casamento!

Completamente frustrada, eu observo ao redor e vejo que a casa está um bagunça. Materiais de construção em um canto e lama em outro. A sensação que tenho é que nunca viverei nesta casa e isso me deixa nervosa.

Esses últimos meses eu tenho estado em provação constante comigo mesma. Algo totalmente novo está emergindo dentro de mim e estou com medo. Medo de não saber o que fazer ou de não saber que rumo tomar. A minha vida está mudando e o que antes era prioridade, hoje não é mais.

Decido ir embora e, quando me viro em direção à porta, eu me deparo com Greg parado ao batente, sorrindo para mim. Ele está tão *sexy* vestindo jeans e camisa polo preta, que meu coração dispara ao vê-lo. Disfarço a excitação que toma conta de mim e abro um sorriso.

— Sempre me surpreendendo — digo e ele se move para perto.

— Eu soube o que houve. — Ele se aproxima com os olhos fixos nos meus.

— Soube como? — pergunto confusa.

— O seu chefe de obras ligou para empresa e me confundiu com o Thales. — Ele faz uma careta.

— Humm... Que chato isso — declaro afetada por ele.

Greg para em minha frente e ergue meu queixo, buscando os meus olhos. Estremeço ao seu toque e uma corrente elétrica desencadeia meu corpo. Enquanto seus olhos cor de mel me fitam com ardor, seus dedos acariciam a minha face ternamente.

— Isso a deixa desconfortável? Eu ser confundido com o seu marido? — indaga roçando os lábios em minha orelha.

— Não! — sussurro sentindo o sangue ferver de desejo. Sinto seu hálito quente em meu ouvido e meu corpo responde querendo o dele, ansiando por ele.

— Senti muito a sua falta — declara baixinho, me puxando de encontro a si. — Preciso tanto de você, Lorena, tanto — e, dizendo isso, sua língua invade a minha boca, deixando-me fora de órbita.

Embriago-me em seu beijo e derreto-me em seus braços novamente. Ele geme em minha boca, abraça-me e aproxima ainda mais os nossos corpos, unindo-os um ao outro. Uma de suas mãos se entrelaça em meu cabelo e a outra percorre a minha espinha, em direção ao meu quadril. Greg me aperta contra sua pélvis e sinto sua ereção sob o jeans, empurrando contra o meu ventre.

Ele deixa minha boca e desce distribuindo beijos em meu pescoço, em meu colo. Greg abre os dois primeiros botões da minha blusa de seda e afasta o sutiã para o lado. Ele desliza sua língua em minha pele e sua boca quente encontra o meu seio. Sou chupada, mordiscada e lambida com volúpia. Suas investidas urgentes me deixam fora de mim. Eu solto um gemido e enterro os meus dedos em seu cabelo, puxando-o para baixo.

— Lorena, você está me deixando louco! — sussurra, enquanto a palma de sua mão pressiona o meu mamilo enrijecido.

Greg volta a beijar meus lábios e eu viajo em uma dimensão mágica em seus braços. Sem separar a sua boca da minha, ele começa a desabotoar a minha blusa de seda, deixando-me quase nua da cintura para cima. Estou enlouquecida de tesão e o que mais quero neste momento é que ele me tenha aqui mesmo, sobre o piso de mármore.

Uma voz feminina e conhecida me chama do lado de fora e, eu não levo nem meio segundo, para constatar decepcionada, de que se trata de Rosana que veio me buscar.

— Greg, é a Rosana! — exclamo apavorada, separando-me dele e ajeitando a blusa com as mãos trêmulas.

— O que ela veio fazer aqui? — Indaga surpreso e frustrado.

— Ela veio me buscar para me levar para casa — respondo terminando de abotoar os botões. — Você deixou seu carro onde? — pergunto e ele arregala os olhos.

— Merda! Ele está em frente á casa — rosna baixinho, passando a mão pelo cabelo.

— Oh, não! Ela sabe que você está aqui. O que vou dizer a Rosana? — digo estremecendo o corpo.

— Fique calma. Eu me viro com Rosana. Venha, você precisa atendê-la. — Ele segura em minha mão e me conduz até a porta de entrada. Giro a maçaneta e encontro Rosana parada, com o

semblante especulativo. Com certeza ela viu o esportivo do lado de fora e já sabe que eu não estou sozinha. *Senhor! Preciso de ajuda!*

— Rosana! — Exclamo tentando parecer calma, enquanto minha carne treme.

— Lorena, tem mais alguém ai com você? — ela pergunta, inclinando a cabeça para o lado e encontrando com Greg que se desloca logo atrás de mim.

— Oi Rosana, tudo bem? — ele cumprimenta abrindo um sorriso cordial.

— Oi Greg, tudo bem — Ela estuda a situação, medindo nós dois e analisando a nossa reação. — Eu não sabia que você estava aqui.

— Eu vim dar uma olhada na casa e o estrago foi feio — ele responde em tom de voz tão casual que me deixa perplexa. *Como Greg consegue disfarçar tão bem?*

Rosana permanece em silêncio por um breve momento, tentando encontrar resquícios de algo comprometedor entre mim e Greg. Se a minha melhor amiga suspeitar de nós, estarei perdida. Sei como é o gênio dela e Rosana não ficará calada. Estou até prevendo um tsunami começar a se formar no Oceano Pacífico e vir varrendo com tudo.

Prendo a respiração enquanto ela continua nos fitando com um ponto de interrogação na testa. E, quando penso que Rosana partirá para o interrogatório inquisitivo, ela suaviza a expressão e abre um sorriso.

— Você é sempre muito prestativo, Greg — ela diz e eu engulo em seco. *Oh, esse comentário outra vez!*

— Eu apenas tento ser gentil, Rosana — ele responde sem jeito. — Bem eu já estava de saída — fala cruzando por nós. — Até mais Rosana.

— Até mais, Greg — diz ela com semblante desconfiado.

— Até a noite, Lorena — ele diz saindo em direção ao esportivo.

Depois da partida de Greg, eu formulo as respostas para cada uma das perguntas que Rosana fará, pois sei que serão muitas.

Chego em casa e vou direto para o quarto. O que mais preciso neste momento é de um banho para relaxar. A tensão que passei na minha casa em construção ainda se faz presente em mim, deixando-me angustiada.

Ao entrar, constato a presença de Thales que sai do banho com uma toalha ao redor da cintura. Ele abre um sorriso e eu pisco surpresa, afinal ele não avisou que voltaria para casa no meio da semana.

— Oi, amor! — Ele se aproxima e beija minha boca.

— Oi Thales. O que você está fazendo aqui? — Seu toque íntimo me desperta um desconforto momentâneo e eu me esquivo cautelosa.

— Você não está feliz em me ver? — queixa-se desapontando.

— Claro que estou. Só estou surpresa com a sua chegada inesperada — respondo sentindo a culpa me invadir por inteira.

— Meu amor, não foi você mesma que disse que queria que seu marido estivesse mais presente em sua vida? — aproxima-se novamente e afaga o meu rosto. — Então, eu quis lhe fazer uma surpresa.

Eu sorrio nervosa e saio em direção ao closet para trocar o jeans por uma saia lápis. Não sei por que, mas não consigo disfarçar o desconforto de sua presença.

— Está tudo bem com você? Você parece um pouco nervosa — diz logo atrás de mim.

— Thales, temos que conversar sobre a nossa casa. — Adianto-me indo direto ao ponto.

— O que houve com a nossa casa? — Ele franze o cenho.

Desisto de trocar a roupa e retorno ao quarto. Sento-me a beirada da cama e, enquanto relato detalhe do ocorrido, Thales veste suas roupas. A visão de seu corpo nu me deixa estranha e desconfortável. O que está havendo comigo? Eu não estou me reconhecendo. Thales é meu marido e não tem o porquê eu ficar envergonhada em vê-lo sem roupa. Mas a cena me incomoda e muito.

Giro o rosto e observo que há sobre o criado-mudo um frasco de um medicamento. Aproximo-me e constato que o mesmo é de uso controlado. *Meu Deus! Thales está fazendo uso de remédio?*

— Thales, isso aqui é seu? — pergunto segurando o frasco em minha mão. Ele me olha surpreso e seus olhos verdes se tornam opacos. Apreensivo, ele desvia o olhar e se concentra em abotoar a sua camisa.

— Eu fui a um médico dias atrás — diz ainda sem me fitar.

— Você está com algum problema de saúde? — indago ligeiramente preocupada.

— Eu tenho andado muito ansioso e tenso devido aos negócios, e também não tenho conseguido dormir direito. Então eu procurei um especialista que me receitou esse medicamento. — Thales caminha até mim e pega o medicamento de minhas mãos, guardando-o na gaveta de seu criado-mudo.

— Por que você não me contou nada? — digo indignada.

— Lorena, eu não queria lhe preocupar. Não é nada demais — fala tentando me tranquilizar.

— Você já estava tomando este remédio na noite da festa de Lavínia? — pergunto me recordando de que quando cheguei ao quarto naquela noite, ele dormia um sono profundo.

— Sim, eu já estava — admite impaciente, ajeitando a camisa dentro da calça.

Agora está explicada a sua mudança repentina em relação ao sono. Thales tem dormido muito e isso se dá ao uso dos fármacos controlados. Mas por que ele não falou sobre isso comigo? Meu coração se aperta dolorosamente em meu peito enquanto mil e um pensamentos povoam a minha mente. Será que meu marido está doente?

— Há quanto tempo você vem tomando esse remédio, Thales?
— Volto a questioná-lo com a intenção de que ele fale a verdade para mim.

— Lorena, eu disse que não precisa se preocupar, ok? — responde rispidamente, soltando um ar pesado. — Vamos almoçar que a nossa família nos espera. — Sorri e encerra o assunto, mudando de humor assim como um beija-flor bate suas asas.

Descemos e eu me deparo com quase toda a família na hora do almoço, com exceção de Lavínia que havia voltado para a faculdade na capital. Sento-me e sinto o olhar quente de Greg sobre mim. Temos lugares marcados à mesa e, na maioria das vezes, o meu fica de frente para ele.

É impossível controlar a excitação que me invade quando seus olhos cor de mel encontram os meus. Percebo que Greg também está afetado com a minha presença, pois mal consegue disfarçar a inquietação que toma conta de si. Quando nos fitamos por um breve momento, eu vejo o fogo do desejo resplandecer e se expandir através de mim. E, com a finalidade de não dar margem a suspeitas entre nós, eu abaixo o olhar e me concentro em comer a lagosta à minha frente.

— Que bom que você está em casa, meu filho — fala Greta sorrindo para Thales.

— Eu fiz uma surpresa a minha amada esposa. — Ele segura minha mão sobre a toalha da mesa e eu estremeço diante do olhar fulminante de Greg.

— Greg, Eulália fez um de seus pratos prediletos de frutos do mar: lagosta — diz Greta ao observar que o filho mais velho mal tocou em sua comida.

— Sim, eu percebi mamãe — ele responde lacônico olhando-me de canto.

— Meu amor, hoje a tarde chega o seu carro — fala meu marido para mim.

— Oh, que bom! — Sorrio sem jeito. Estou me sentindo em espinhos e mal consigo engolir a comida, que desce rasgando a minha garganta.

— Até que enfim! Agora Lorena estará mais confortável tendo seu próprio veículo — diz Humberto abrindo um sorriso, satisfeito.

— Como estão as coisas por aqui, Greg? — pergunta Thales mudando de assunto e se esforçando em ser gentil com o irmão mais velho.

— Estão sob controle. Como sempre. — Greg não consegue disfarçar o mau humor que toma conta de si e deixa o garfo e a faca sobre a mesa.

— Lorena, você vai trabalhar agora à tarde? — pergunta Greta.

— Não, mamãe — Thales responde por mim, deixando-me estupefata diante de seu gesto abrupto. — Lorena e eu passaremos a tarde juntos. — Sorri me beijando no rosto.

Engulo em seco e o pedaço de lagosta dá um nó minha garganta. Percebo que Greg respira fundo e comprime os lábios em

uma linha fina e dura, enquanto sua expressão se torna nebulosa. A atmosfera se torna densa e insuportável durante o almoço. E, embora ninguém saiba sobre mim e Greg, eu sinto um imenso desconforto perante todos.

— Eu preciso ir — diz Greg deixando o guardanapo de boca sobre a mesa e se levantando exasperado.

— Ir aonde, Greg? É hora do almoço! — Espanta-se Humberto de cenho franzido.

— Eu tenho que preparar uma reunião logo na primeira hora. Desculpem-me — ele dá uma desculpa e vira-se para sua mãe. — Estou um pouco indisposto hoje, mamãe. Diga a Eulália que me perdoe.

— Tudo bem, querido — sorri Greta afagando a mãe do filho mais velho.

— Até à noite — Greg lança um último olhar em minha direção e sai apressadamente. Ouço o cantar de pneus do carro do lado de fora, quando ele parte em disparada para a empresa. E, completamente sem fome, eu invento uma dor de estômago passageira e subo para o quarto.

Estou deitada na enorme cama e tentando relaxar depois do inusitado almoço que tivemos. O episódio vivenciado hoje à mesa comprova que algo forte está nascendo entre mim e Greg e, que ambos não estamos mais podendo controlar essa nova sensação. Não posso culpá-lo por se sentir desconfortável diante dos carinhos feitos pelo meu marido, pois eu mesma estava me sentindo horrível e impura.

Nunca imaginei passar por uma situação como essa. A minha vida tem sido recheada de mentiras e de emoções desconhecidas

desde que cedi ao desejo de beijá-lo na festa do hotel. Greg não consegue mais disfarçar seu ciúme e eu não consigo mais fingir que não há nada de emocional nos ligando, nos envolvendo e nos aproximando cada vez mais.

Em meu peito cresce a cada dia um amontoado de sentimentos que outrora eu não conhecia. Eles emergem com a fúria de um maremoto e me inundam por inteira, deixando-me perdida e sem direção. Que sentimento intenso é esse que está surgindo dentro de mim?

Ouçõ um barulho na porta e Thales entra no quarto, deitando-se ao meu lado. Ele me abraça e distribui beijos em meu pescoço, em meus braços. Estremeço ao sentir sua mão deslizar em direção à barra da minha saia. Ele a puxa um pouco para cima enquanto continua a me beijar no pescoço. Tento contê-lo, mas é em vão. Além de suas mãos estarem em minhas coxas, os seus lábios procuram ávidos pelos meus.

— Thales, eu estou um pouco cansada — digo rejeitando meu próprio marido.

— Ah Lorena, eu estou com tanta saudade de você. — Ele ignora o meu apelo e continua a me beijar, descendo com o zíper da saia. — A tua pele é tão suave — sussurra escorregando a roupa pelas minhas pernas e desabotoando os botões da blusa de seda.

Um incômodo repentino me invade, me deixando paralisada. Não estou me sentindo relaxada, tampouco confortável ao seu toque. Pelo contrário, estou inquieta e temerosa, pois sei o que está por vir.

— Thales, eu... — Ele me interrompe com um beijo na boca me pegando de surpresa. Mas eu não consigo retribuir o carinho com a mesma intensidade, porém eu não posso negar o meu corpo ao meu marido, posso? Ele é meu marido! Por que raios eu não me sinto excitada como outrora?

Thales empurra sua ereção em minhas coxas e me abraça forte, enquanto eu o toco de leve sem saber direito como reagir.

— Preciso fazer amor com você urgente — dizendo isso ele se livra rapidamente de suas roupas e do restante das minhas, me deixando nua.

E a tarde transcorre angustiante para mim, que faço amor com meu marido pensando em meu cunhado.

Capítulo 9

*O ciúme traduz o sentimento de propriedade e eu me sinto mal tendo ciúmes de algo que não me pertence. – **Greg***

Não sei o que seria capaz de fazer se ficasse mais um segundo sentado à mesa assistindo o meu irmão tocar em Lorena, chamá-la de “meu amor”, “minha esposa”, todo orgulhoso, como se ela fosse um troféu para si. A vontade que eu tinha era me rolar com ele sobre o tapete persa da sala de jantar, transformando-a num ringue de luta livre.

Só em pensar que talvez depois do almoço eles... Não! Não quero pensar que eles possam ter... Maldito seja! Esmurro com vontade a mesa de vidro de meu escritório que treme e parece querer se partir em duas, enquanto o sangue brota sobre minha mão machucada. Ótimo! Acabo de arrebentar com um ponto desse ferimento dos infernos.

Desesperado, eu afundo minha cabeça nas mãos e meu estômago embrulha só em pensar que Thales tocou intimamente em Lorena, que fez amor com ela. Eu não vou aguentar isso. Não posso cogitar essa ideia abominável. Ele é o marido dela e meu cérebro se recusa a aceitar o óbvio.

Que diabos o Thales veio fazer em casa no meio da semana? Tirar a minha tranquilidade que eu não tenho mais? Vive tão obstinado pelos negócios e aparece assim, de surpresa, sem avisar ninguém. É só o que falta ele ficar até segunda-feira, para cima e para baixo, colado em Lorena. Se isso acontecer eu não respondo pelos meus atos.

O telefone da recepção toca e Judith me avisa que Celso está aqui para me ver. Sinceramente, eu não tenho saco para ouvir meu melhor amigo hoje, todavia o dever me chama. E, contrariado, eu digo a ela que o deixe entrar. Instantes depois, Celso surge em minha sala, portando uma pasta repleta de papéis.

— Olá primo, eu vim aqui discutir alguns contratos com você. — Ele se senta e franze o cenho ao ver sangue sobre a faixa que cobre a minha mão. — O que há com o seu ferimento?

— Devo ter batido e nem percebi — rosno puto da vida.

— Você deve voltar ao hospital — aconselha temeroso, deixando a pasta sobre a mesa.

— Celso, a sua chantagem emocional não vai colar dessa vez! — Chio por entredentes.

— Greg, que bicho te mordeu? Isso só pode ser falta de uma boa foda. — Brinca sem maldade.

— Realmente hoje não é um bom dia para suas piadas, primo. Já chega eu ter que aguentar a presença do Thales em casa. — Advirto sem paciência alguma.

— Você e ele andam se desentendendo, não é? — indaga interessado e eu respiro fundo.

— Ultimamente sim. Ele está lá, fodendo a minha vida, me provocando de propósito, seja com o papai, seja com a mamãe e... — Interrompo a frase pelo meio, frustrado, porque sequer posso falar o nome dela.

— Poxa! Eu sempre o achei mais fechado que você. Bem, não é à toa que eu tenho pouca intimidade com o Thales. Ele sempre foi de pouca conversa — diz cruzando as pernas.

— É? — pergunto atônito. Como eu nunca percebi isso? Será que é porque eu morei fora durante boa parte de minha vida? — Como você constatou isso?

— Desde criança Thales é quieto, na dele, muito introvertido. Você se lembra de quando a gente pegava onda juntos? — Celso me relembra a época de adolescência.

— Sim, eu me lembro — respondo sem entender aonde ele quer chegar com a sua indagação.

— Você o ensinou a surfar e depois que ele levou o primeiro caldo e se machucou nos corais, ele te culpou pelo acontecido — diz e a cena do surf renasce em minha mente depois de tantos anos. — Bem, e quando você arrumava as suas namoradinhas, Thales morria de ciúmes porque não conseguia pegar quase nada devido ao seu jeito estranho. O que mais me deixou perplexo foi ele ter conseguido se casar com a Lorena. — Celso fala o nome dela e eu prendo a respiração.

— Por que você se admira tanto? — pergunto enquanto os músculos trepidam em mim.

— Greg, pelo amor de Deus! Lorena é muito bonita, inteligente, meiga e se casou com o Thales que é o oposto dela. Sinceramente, eu acho que eles não combinam em nada. Posso até estar errado, mas... — Ele interrompe a frase balançando a cabeça de um lado para o outro.

Estremeço e arregalo os olhos diante da análise inesperada feita por Celso. Deus! Até o meu primo vê isso e Lorena não? Como ela pode estar tão cega? Como *eu* posso estar tão cego?

— Talvez você esteja certo. Talvez eles não combinem mesmo — declaro e todas as cenas que passamos junto me vêm à mente com um lampejo. *Quem combina com ela sou eu!* E essa constatação me devasta por dentro.

— Eu e Rosana estamos namorando. — Sorri mudando de assunto.

— Já? — Arqueio uma sobrancelha, admirado.

— Sim... Acho que estou apaixonado. — Abre um sorriso de orelha a orelha e meu queixo cai. Celso apaixonado por Rosana? O que mais falta acontecer neste dia inusitado?

— Celso, me diz uma coisa. — Agora sou eu que me inclino para frente. — Como você sabe que está apaixonado por Rosana? — pergunto interessado.

— Ah Greg, você só pode estar brincando ao me perguntar sobre isso. — Solta uma risada. — Você deve saber quando está apaixonado por alguém, não? — diz contendo o riso.

— Não, eu não sei — confesso sem jeito.

— Você nunca se apaixonou em sua vida? — Ele está pasmo.

— Não que eu saiba. Por isso perguntei a você quais são os Sinai— respondo me remexendo desconfortável na cadeira.

— Bem... Os sinais... — Ele reflete por um instante. — Lembre-se da última vez que jogamos vôlei em Ipanema?

— Sim, por quê? — indago impaciente sem saber o que tem a ver uma partida de vôlei com esse assunto.

— Você havia falado de uma mulher misteriosa que estava despertando certas coisas em você, tais como: pensar somente nela dia e noite, acordar duro porque sonhou com ela, etc, etc... — Relembra sacudindo as mãos para cima. — Pois bem, eu estou assim e assim é a paixão, o amor, o sentimento. — Inesperadamente eu me engasgo com o ar e uma tosse seca se inicia. Controlando a maldita reação, eu busco ar nos pulmões enquanto o chão some abaixo dos meus pés. — Greg, você está bem? — questiona preocupado.

— Acho que não —respondo e meus batimentos cardíacos se aumentam consideravelmente.

Eu me levanto abruptamente e saio em direção ao frigobar para me servir de um copo de água. Celso gira na cadeira e me lança um

olhar especulativo, o que me deixa momentaneamente preocupado comigo mesmo. Minhas mãos tremem e um desconforto paira em meu estômago. Será que eu estou doente? Bebo o líquido e, para o meu alívio, a reação inusitada desaparece.

— Celso, podemos deixar esses papéis para amanhã de manhã?
— Sugiro esperançoso.

— Claro, podemos sim. — Ele se levanta e sorri. — Estarei aqui na primeira hora.

— Ótimo. Eu só vou terminar algumas coisas urgentes e vou para casa. Preciso descansar um pouco — declaro, voltando a ocupar a cadeira atrás da mesa.

— Você está precisando mesmo. Parece que foi atropelado por um trem. — Ele solta uma nova risada.

— Estou tão mal assim, é? — Franzo o cenho, preocupado.

— Isso foi uma piada, primo. Mas você anda com uma expressão cansada ultimamente. — Ele gira o corpo e caminha até a porta de saída. E, se despedindo, ele deixa a sala. — Até à noite.

— Até mais, Celso — respondo reflexivo sobre a conversa que acabo de ter com ele.

Então as palavras ditas por Celso, que inclusive são de minha própria autoria, significam paixão? Amor? Sentimento? Eu não posso estar apaixonado por Lorena. Não por ela! *Será que estou?*

Depois do expediente de trabalho, eu vou até o hospital, porque o maldito ferimento está com dois pontos abertos. O médico plantonista me atende e, enquanto refaz novamente o curativo, dá-me um sermão como se eu tivesse sete anos de idade.

Chego a casa, tomo uma ducha e ligo o som do meu *iPod*. Eu preciso muito relaxar, pois a tensão que me rodeia é latente é só se expande ao invés de diminuir. Depois do banho, deito-me na cama e o som que ecoa em meus ouvidos baixinho é Sozinho, de Caetano Veloso.

Com os olhos fixos no teto, eu deixo minha mente livre e desconectada de meu corpo viajar além do infinito. Desconheço essas sensações novas que tomam conta de mim. Afinal, eu não estou familiarizado a esse tipo de sentimento. Creio que nunca senti algo forte assim antes. E por que tenho que sentir isso justamente por Lorena? Ela que tem feito os meus dias uma mistura torturante de prazer e martírio, céu e inferno, paraíso e purgatório.

Fecho meus olhos e exausto, eu adormeço em meio aos pensamentos angustiantes. Cerca de duas horas depois, eu acordo sobressaltado, com o coração batendo praticamente em minha boca. Tive um pesadelo e eu e Lorena estávamos nele. Raramente tenho pesadelos e esse de hoje foi angustiante. Sonhei que Lorena escorregava para dentro de um buraco negro e eu lutava para segurá-la, mas era em vão. Ela escapava de minhas mãos e chamava pelo meu nome desesperadamente, enquanto era tragada pelo enorme e assombroso vácuo na escuridão.

Sento-me a cama atordoado e observo no relógio que são quase sete nove horas da noite. E, com a finalidade de refletir sobre e minha vida e no que ela está se transformando, eu deixo a casa e saio em direção a praia.

Eu reflito sobre os últimos acontecimentos e me amaldiçoo mil vezes por ter retornado ao Brasil, pois eu nunca deveria ter deixado a Inglaterra. Foi o maior erro que eu cometi em toda a minha vida. Afinal, se eu tivesse ficado quieto no meu canto, administrando os negócios em Londres, nada disso teria acontecido. Eu não estaria nesse mar de emoções desconexas que invadem o meu peito e torturam a minha alma.

Depois de ter ficado cerca de quase duas horas à beira do mar, eu chego a casa, exausto tanto físico como emocionalmente. O ambiente está calmo e silencioso e com certeza todos já estão dormindo. Eu aproveito para ir ao escritório pegar alguns papéis para o dia de amanhã, que será cheio, quando passos vindos da escada despertam minha atenção. Giro o corpo e me deparo com Lorena parada no penúltimo degrau vestindo um roupão de seda.

— Você ainda está acordada? — pergunto, lançando-lhe um olhar quente.

Ela desce e se aproxima com os olhos fixos em mim. Seu cabelo loiro lhe cai sobre o fino tecido e eu sinto o seu cheiro invadir as minhas narinas. Cristo! A tentação bate a minha porta de novo! Respiro fundo e tento não sucumbir outra vez diante do pecado a minha frente, contudo é inútil, pois a tensão sexual se torna palpável.

— Você saiu e não voltou para o jantar — ela sussurra.

— Sim, eu estava na praia — respondo devorando-a com os olhos.

— Com certeza você estava com alguém. — Ela cruza os braços e eu sei o que ela está pensando: Lorena acha que eu estava com Louise.

— Lorena, se você acha que eu estava com Louise até agora, você está enganada. Ao contrário do que Thales disse, eu não tenho nada com ela faz muito tempo — explico e me aproximo.

— bem eu achei mesmo que vocês estivessem juntos — ela confessa.

— Juro a você que eu e Louise não temos mais nada um com o outro — reitero em tom firme.

— E como eu acreditarei em você?

— Quer ligar para o Celso? Ele sabe de tudo. Sabe que eu e Louise não temos mais nada e que ultimamente eu tenho pensado somente em uma mulher, ou seja, você — afirmo com o olhar ardido, o membro pulsando forte dentro da calça jeans.

— Você contou a Celso sobre nós? — ela empalidece.

— Claro que não — asseguro. — Eu falei que tenho pensado muito em uma garota, mas não citei nome.

— E por que você sumiu até agora então? — Ela continua as suas indagações.

— Pelo simples motivo que eu não suporto mais ver o Thales fazer carinho em você e te chamando de... "meu amor". Ou você acha que eu também deixei o almoço devido a uma reunião de negócios? — indago baixinho, roçando meus dedos em seu rosto delicado. — O fato é que eu não posso mais ver o Thales te tocar — confesso sem razão, tomado somente pela paixão que devasta o meu ser.

— Para mim também é difícil, Greg. acredite! — Seus olhos me fitam intensamente e meu cérebro me avisa para manter distância.

Deus do céu! Isso é loucura! Eu não posso me deixar levar pelos meus instintos incontroláveis de macho. De uma vez por todas, eu preciso que o meu subconsciente entenda que Lorena é a esposa de Thales e não minha. E, com extrema dificuldade, eu dou um passo para trás.

— Lorena, eu acho melhor você voltar para o quarto. O Thales pode sentir a sua falta e eu não quero correr riscos de ele nos pegar juntos — aconselho temeroso.

A tensão sexual se expande e ela se aproxima mais. Os olhos ardidos, o desejo a consumindo por inteiro, o calor se propagando em sua pele. Lorena me quer tanto quanto eu a quero, todavia a relação que estamos sustentando é totalmente errada e se continuarmos, as consequências poderão ser desastrosas. E, mais

uma vez eu travo uma luta interna comigo mesmo, com meus sentimentos, com o meu coração.

— Greg... Eu... Eu sinto a sua falta — sussurra com ardor.

Esses lindos olhos azuis me convidam mais uma vez para ir além do infinito. O que sinto por ela é muito maior do que eu mesmo e não consigo lutar contra isso. Eu não tenho mais forças para me manter longe dela. E atordoado de desejo, eu me aproximo novamente. Seguro-a pela cintura e dou-lhe um beijo áspero e carregado de saudade e dor.

— Eu preciso tanto de você! — digo por entre seus doces lábios, esfregando-me nela com urgência.

— Eu também! — sussurra inclinando a pélvis para frente, me atijando sem piedade.

— Venha comigo! — convido segurando firme em sua mão.

— E para onde vamos? — pergunta preocupada.

— Para o meu quarto — respondo enquanto subimos a escada. Instantes depois, paramos em frente à porta de entrada e Lorena me olha confusa.

— Greg... Isso não é certo — declara nervosa e eu sei que isso é uma loucura! Mas o que sinto por ela é mais forte que minha razão, mais forte do que eu mesmo.

— Sei que não é. Mas eu não posso ficar mais nenhum segundo sem tocar em você. Sem beijá-la. — O corredor está silencioso. Só há nós dois acordados na imensa casa. Eu abro a porta do quarto e estendo minha mão para ela. — Lorena, eu quero ter você em minha cama.

Receosa, ela olha para minha mão e depois volta a me fitar. Percebo que Lorena está travando a mesma luta interna que eu. Ela também se sente culpada por sentir o mesmo desejo louco que eu sinto. Contudo, quando eu penso que ela irá desistir, Lorena une a

sua mão a minha e entra no quarto. Eu fecho a porta e passo a chave como medida de precaução. Ela olha atentamente para o ambiente e se detém a observar a cama *king size*.

— Eu sei que o que estamos fazendo é errado. Mas eu não posso ficar longe de você! — declaro carinhosamente, segurando seu rosto em minhas mãos. — Ficar sem te tocar, sem te ver, é como um purgatório para mim, Lorena.

— Eu não sei o que está acontecendo comigo, Greg. Estou com medo porque também não posso mais ficar sem você — afirma com paixão.

— Ah, meu anjo! — Ela fecha os olhos inclinando a cabeça um pouco para trás, ansiando para que eu a beije. Roço meu dedo polegar em seu lábio inferior sentindo o hálito fresco e embriagador que exala de sua boca. E, segurando-a firme pela nuca, eu saqueio a sua boca em um beijo arrebatador.

Com cuidado eu a pego no colo e a levo até a cama. Deito-a sobre os lençóis e me debruço sobre ela. Deixo sua boca e desço beijando e mordiscando seu pescoço. A sua pele é como uma droga para mim, deixando-me alucinado de tanto tesão. Lorena geme em resposta, entrelaçando seus dedos em meu cabelo. Minhas mãos deslizam o fino tecido de seda e encontram seus seios fartos e delicados.

Rapidamente, eu a dispo, deixando-a deliciosamente nua.airo o corpo sobre o dela e minhas mãos encontram os seus lindos seios. Enquanto eu levo um à boca, sugando forte, acaricio o outro mamilo com a palma de minha mão. Enlouquecida, Lorena se contorce sobre a cama, com os dedos enroscados em meu cabelo e solta constantes gemidos.

Eu me livro de minha camisa e Lorena lambe os lábios ao ver meu peito desnudo. Ela me olha com paixão e se inclina para frente, distribuindo beijos e lambidas em minha pele. É uma delícia sentir

sua língua quente passeando em minha pele. Estou tão excitado que parece que meu pau vai explodir a qualquer momento.

Lorena arranha de leve nas minhas costas e um arrepio percorre minha coluna, despertando ainda mais o apetite que tenho por ela. Eu me livro do restante de minhas roupas, sapatos e meias com extrema urgência, deixando apenas a cueca, e volto a me unir a ela na cama.

Deslizo a boca e a língua por todo seu corpo, mordendo, lambendo, beijando. Desço pela sua barriga e encontro seu ventre que ligeiramente se inclina para cima querendo mais, ansiando por mais. Contorno com a língua a borda de sua calcinha de renda e avanço para as suas lindas coxas, roçando os lábios em suas pernas sensuais.

— Suas pernas são tão perfeitas! — sussurro beijando suas coxas.

— Greg, eu quero você! — choraminga ansiosa me fitando com ardor.

— Humm... Essa bocetinha está pronta para mim?— indago, acariciando a parte interna de suas coxas. Interrompo os carinhos para fitá-la febrilmente e Lorena se contorce, excitada. Ela sabe o que irei fazer e sua respiração se torna ainda mais irregular. E, com os olhos fixos aos seus, eu beijo e sugo com vontade o sua boceta rosada, enquanto ela delira e serpenteia ao sentir a minha língua pressionar seu clitóris duramente.

— Ahhh... Greg! Mais rápido! — geme, mexendo levemente com os quadris, seguindo os meus movimentos.

Faço círculos em sua pele úmida, sustentando suas coxas com as mãos, enquanto ela arfa pesado, inebriada de prazer. Ao sentir a minha língua dentro de sua boceta, Lorena perde a razão. Serpenteia, geme alto e inclina sua pélvis para cima, pressionando ainda mais a minha boca contra seu clitóris. Meus movimentos se intensificam cada vez mais fortes e exigentes e ela não controla mais

o seu corpo, que convulsiona em um orgasmo intenso que a faz tremer inteira.

— Ohhh... Greg! — geme abafado, enterrando os dedos em meu cabelo. Deixo sua boceta e subo beijando seu corpo mais uma vez.

— Está cansada, anjo? — pergunto fitando-a ardentemente.

— Não. Quero você... dentro de mim! — exige ofegante. Sorrio repleto de excitação e retiro um pacote de camisinhas do criado-mudo.

— Lorena, você não faz uso de anticoncepcional, não é? — indago temeroso enquanto rasgo o pacote do preservativo.

— Sim, eu faço injetável. Por quê? — Pisca surpresa.

Sento-me à cama desnortado por um momento e balanço a cabeça de um lado para o outro. Thales não lhe contou nada de sua vida antes de se casarem? Que tipo de homem é o meu irmão? Eu não acredito que ele mantém segredos com a sua esposa! Ondas de frustração desencadeiam em mim enquanto eu tento colocar a mente em ordem.

— Lorena, quando foi sua última menstruação? — indago e ela se senta à cama, puxando o lençol e se cobrindo dos seios para baixo.

— Greg, eu não estou grávida, se é isso que quer saber. — Ela suspira e diz baixando os olhos. — Thales e eu não queremos um filho agora.

— Desculpe-me — murmuro com o olhar perdido, me sentindo um idiota por ter feito a indagação.

— Não se desculpe e também não se preocupe quanto a isso. — Seus olhos azuis me fitam profundamente e há aflição e desejo neles.

Volto a olhar para ela que me observa com candura angelical, me puxando mais uma vez para seus braços. E, tomado pelo sentimento que me preenche, eu sou vencido outra vez e me movo em sua direção.

— Lorena, eu sou uma nova pessoa quando estou com você — afirmo distribuindo beijos agora em seu pescoço.

— Eu sinto o mesmo, Greg. — Ela me abraça com amor, beijando o meu braço. Afasto o lençol que cobre seu corpo e a beijo por inteira outra vez. Ela ofega pesado e me aperta contra si.

— Vire-se, meu anjo, fique de joelhos e se apoie com as mãos na cabeceira da cama — digo e ela faz o que lhe é recomendado. Afasto as suas pernas e acaricio sua bunda. — Vou fodê-la por trás. Quero que você goze mais uma vez para mim. Quero que você seja só minha, Lorena! Só minha! — Deslizo o preservativo pelo meu pau e entro nela lentamente.

— Ohhh, céus! — geme enquanto eu desfiro estocadas ferozes em seu interior.

Seguro firme seus quadris, movimentando-os em um ritmo compassado, mas que pouco a pouco se torna mais rápido. Meto fundo e ela rebola junto comigo, mostrando o que realmente quer.

Aumento as estocadas que ficam cada vez mais profundas e exigentes. A excitação cresce profundamente dentro de mim e sinto que ela também logo gozará, pois sua boceta começa a se comprimir apertando meu pau fortemente.

— Meu anjo, goze para mim! — exijo em seu ouvido e ela explode de prazer, convulsionando, estremecendo o corpo e estrangulando o meu pau.

Empurro forte mais duas vezes e libero meu clímax gemendo alto, apertando-a contra mim. O corpo dela amolece e Lorena cai ofegante sobre a cama. Eu me deito ao seu lado, livro-me do preservativo e a puxo para perto. Mantenho-a em meus braços e aos

poucos nós vamos recuperando os batimentos de nossos corações, que batem numa melodia só dentro do peito.

— Quero que passe a noite comigo — falo cheio de esperanças.

— Eu não posso ficar. Você sabe — diz, acariciando meu tórax.

— Fique um pouco mais. Não se vá agora — sugiro esperançoso enquanto afago o seu cabelo.

— Ok, um pouco mais. — Sorri me beijando suavemente e em seguida volta a se aconchegar junto a mim. Ela fica em silêncio por um breve momento e quando fala, sua voz sai preocupada. — Greg, Thales não está bem. Ele está tomando remédio controlado.

— O quê?! Eu não sabia nada sobre isso. Desde quando ele vem tomando esse medicamento? — indago apreensivo.

— Desde a festa de Lavínia e eu só descobri hoje — responde e eu respiro fundo. O meu maior receio está por se concretizar. A bipolaridade de Thales está dando sinal de vida outra vez.

— Já não é a primeira vez que ele recorre aos controlados, Lorena — declaro reflexivo, sabendo que as crises de meu irmão não tem cura. Elas só podem ser amenizadas com o uso de remédios.

— Não? Você sabe alguma coisa sobre isso? — Ela endireita o corpo e deita-se de lado para me olhar nos olhos, apoiando-se em um dos cotovelos.

— Thales teve algumas crises anos atrás. Duas: uma na adolescência e outra há pouco mais de dois anos. — Omito parte de toda a história, pois não tenho coragem de lhe contar toda a verdade. Não agora.

— Que crises? — pergunta preocupada.

Pelo jeito o meu irmão não contou nada de sua vida a própria esposa. Típico da parte dele esconder essas coisas. Será que é só

isso que Thales lhe esconde ou ainda tem mais? Eu ajeito um travesseiro sobre as costas e me apoio ao encosto da cama.

— Os médicos disseram que ele tem predisposição para depressão leve. Naquela época as crises foram amenizadas com a ajuda de remédios. — Explico e ela arregala os olhos.

— Alguém mais da família sabe? — questiona mordendo o lábio, nervosa.

— Somente eu e papai. — Asseguro enquanto a culpa por estar com ela volta a se fazer presente.

— Eu não sabia de nada. — Constata aborrecida.

Eu me aproximo dela e acaricio seu rosto. Sinto-me mal por não poder lhe contar a veracidade dos fatos. Mas o assunto é algo tão delicado e tão complexo, que eu temo quando ela souber a verdade sobre o Thales. Embora sabendo que ele nunca falará nada a ela, eu me calo, pois não quero preocupá-la ainda mais.

— Não fique preocupada, meu anjo. Talvez seja a pressão por causa dos negócios que esteja fazendo com que ele recorra mais uma vez aos medicamentos. Thales ficará bem. — Ela volta a se aconchegar ao meu peito, enquanto eu afago seu cabelo. E, subitamente, uma dor repentina invade minha alma. A dor da perda se apodera de mim e me deixa apreensivo. — Eu não quero perdê-la, Lorena. Sei que isso pode soar ridículo, porque somente perdemos aquilo que temos.

— Também não quero perdê-lo. E isso não é ridículo, é assustador. — Ela estremece. — Eu estou com medo — declara abraçando-me apertado.

— Eu também — afirmo e meu coração se parte ao meio. A única coisa que sei é que eu tenho sentimentos por ela que nunca senti por nenhuma outra pessoa, e isso me amedronta.

Estou no escritório de casa terminando de assinar alguns contratos que trouxe da empresa, quando abro o cofre para guardá-los e me deparo com o revólver calibre trinta e oito que papai tem há anos. Eu pensei que ele tivesse guardado essa arma na empresa. Eu sou a favor do desarmamento e armas sempre me deixam nervoso. Por que Humberto ainda mantém essa merda aqui em casa?

Tranco o cofre e volto para a escrivaninha para terminar de arrumar o restante dos papéis que estão espalhados sobre a mesa. Tenho uma reunião logo na primeira hora da manhã e acho que vou chegar atrasado para presidi-la. Ouço passos vindos do corredor e meu velho pai entra na sala.

— Bom dia, filho. Você não tem uma reunião agora pela manhã?
— questiona ao se deparar comigo ainda em casa.

— Bom dia, pai. Sim, eu tenho. Mas antes eu gostaria de conversar um minuto com você. — Fecho a valise e volto meu olhar para ele.

— Sim, filho, se não for demorar muito, pois tenho que sair para resolver algumas coisas — responde observando o horário no relógio de pulso.

— Não, é coisa rápida. — Anuncio. — Pai, quem tem a senha do cofre além de nós dois?

— Thales, por quê? — responde pegando a sua valise se cima da mesa.

— Para saber — respondo enquanto a tensão me invade. — Eu não sabia que o senhor guardava o revólver ainda aqui em casa. Eu acho melhor o senhor tirar essa arma daqui ou então trocar a senha e mantê-la somente com o senhor. — Sugiro angustiado.

— Deixe de besteira, Greg. Era isso que você tinha para falar comigo? — questiona impaciente, olhando no relógio outra vez.

— Não, não era só isso. — Faço uma pausa e vou direto ao ponto. — O senhor tem falado com Thales?

— Muito pouco, seu irmão anda bastante ocupado em se empenhar nos negócios. Mas por que a pergunta? — indaga interessado.

— Pai, eu estou preocupado com ele — Respiro fundo e prossigo. — Thales está fazendo uso de remédio controlado novamente.

— Ele te contou isso quando? — Humberto arregala os olhos, atônito.

— Ele não me disse. Quem me contou foi a Lorena, que descobriu por acaso um frasco de um medicamento que ele está tomando. Ele não contou nada a ela, pai. A Lorena não sabe nada sobre as suas crises bipolares — declaro a verdade e meu pai balança a cabeça de um lado para o outro.

— Não acredito que Thales fez isso. E por que ele está tomando esses remédios de novo? — pergunta em tom sério e visivelmente preocupado com o filho mais novo.

— Realmente não sei. Devido à pressão dos negócios talvez — respondo pensativo.

— Ah, meu filho, já não basta o que passamos com sua mãe que está tentando se recuperar aos poucos, agora o seu irmão também resolveu ter novas crises. — Humberto está triste. — Eu pensei que ele tinha superado tudo isso. Afinal, faz dois anos que ele está bem. Inclusive se interessou pelos negócios e até se casou — fala admirado.

— Papai, você falará com ele, não é? — indago interessado, pegando a valise e saindo de trás da mesa.

— Sim, irei sim. — Assegura em tom firme. — Eu só espero não passar por isso outra vez. Sua mãe doente e Thales também. Eu não sei se aguentarei tudo de novo, Greg.

— É, eu sei. — Dou-lhe um tapinha afetuoso em suas costas e me despeço, deixando o escritório. — Eu preciso ir. Até a noite, pai.

A preocupação tira de vez a minha tranquilidade. Essa foi a gota de água para me deixar ainda mais culpado do que já estou em relação a mim e a Lorena. Isso só pode ser um sinal para eu tomar uma atitude quanto a nós dois. Eu preciso muito refletir sobre o que está acontecendo, pois não posso sacrificar a família inteira por causa de meus sentimentos. Se alguém merece ser sacrificado, esse alguém sou eu.

Capítulo 10

Se a mentira é considerada um pecado, então eu estou caminhando em direção ao inferno. — Lorena

— Filha, que saudades de você! — Diz mamãe me abraçando com amor.

— Oh mamãe, eu também estava com muitas saudades suas. — Emocionada, eu controlo as lágrimas para não sair.

— Que carro lindo, minha querida. — Elogia observando o esportivo estacionado em frente á casa, enquanto o vento desalinha seu cabelo loiro até os ombros.

— Foi um presente de Thales. — Respondo num meio sorriso.

— Venha, seu avô e sua madrinha estão a sua espera. — Sorri me conduzindo até a sala.

Assim que chego ao ambiente eu avisto a madrinha e o vovô que me esperam sorrindo. A alegria é tanta que os sentimentos afloram outra vez, me deixando emocionada.

— Oh, meu Deus! Como você está linda, meu anjo! — Tia Ester me abraça com saudade. — Lorena, você está mais bonita a cada dia que passa, minha menina.

— Oi, madrinha. — Sorrio com alegria.

— Essa é a minha pequenina. — Anuncia Heitor vindo me envolver em um abraço caloroso.

— Oi, vovô. — E mais uma vez eu controlo as lágrimas para não cair.

— Como foi de viagem? — ele pergunta enquanto se acomoda em sua poltrona.

— Foi tranquila — respondo sentando-se no sofá, ao seu lado.

— Eu vi o carro. É bonito — diz tia Ester se sentando a nossa frente. — Como está a vida de casada? Quero saber cada detalhe. — Sorri. — Onde passaram a lua de mel?

Um frio percorre a minha espinha e eu tento me controlar para parecer tranquila diante das indagações inocentes de minha amada madrinha. Porém, a minha carne treme em uma angústia silenciosa e mordaz. Eles não devem nem cogitar a ideia de que a garota que eles tanto têm orgulho se transformou em uma traidora, que mal pode olhar nos olhos de sua família.

— Ester, calma. Uma pergunta por vez. — Replica minha mãe piscando seus olhos azuis para minha madrinha que lhe faz uma careta.

— Ouvi dizer que seu marido é bonito. — Ester me lança um olhar sugestivo e seus olhos verdes estão repletos de curiosidade. — E rico também. Você é uma menina de sorte.

Sim, madrinha eu sou uma garota de sorte. Tenho dois irmãos aos meus pés e uma muralha de problemas para enfrentar. Sentimentos emaranhados que invade meu ser, mentiras que me rodeiam dia e noite, a culpa que não me deixa em paz e desejo que me consome vorazmente.

— Obrigada, madrinha — digo abrindo um sorriso.

— E o Thales por que não veio com você? — questiona vovô interessado.

— Ele está no Rio a trabalho, vovô. — Explico e ele assente com a cabeça.

— Mas ele se juntará a nós para o final de semana, não é? — Ester indaga ajeitando alguns fios do cabelo curto castanho que lhe

caem à testa. — Ah, quero muito conhecer seu marido, Lorena. Afinal, não pude me fazer presente em seu casamento.

Desvio o olhar para baixo, me sentindo completamente perdida. O que digo a eles? Não posso sequer desabafar com minha mãe e muito menos contar algo a Heitor. Tampouco conversar com a tia Ester, pois com certeza ela irá me encher de conselhos modernos e me dizer que isso hoje em dia é normal. E, sem ter saída, eu tranco todas as emoções confusas em meu peito e esboço um sorriso.

— Ele ficou de me ligar para avisar se vinha — respondo e volto para Heitor, mudando radicalmente de assunto. — Vovô conte-me de suas pescarias. Tem pescado muito?

— Um pouco, querida. As chuvas têm ajudado. — Sorri e seu sorriso chega até seus profundos olhos azuis. — Depois quero que você vá comigo até o lago para observar os peixes, como fazia quando você era criança.

— Sim, eu irei com certeza. — Digo beijando a sua mão.

— Fiz aquele bolo de laranja que você adora, minha filha — fala minha mãe se levantando.

— Mamãe, não precisava se incomodar — declaro sem jeito.

— Isso não é incômodo, minha filha. Eu só quero agradá-la. E você parece mais magra que da última vez que te vi. Você precisa se alimentar mais, Lorena. — Recomenda me beijando o rosto e sai em direção à cozinha.

Passamos o resto da tarde comendo bolo, bebendo suco de morango e falando sobre muitas coisas. Eu me limito ao máximo a tocar no assunto casamento e mantenho a madrinha ocupada com perguntas sobre Montreal. Porém, vez ou outra o tema surge em meio às conversas e eu contorno com dificuldade sem, todavia, deixar transparecer algo que denote algum problema entre mim e Thales.

— Você iria adorar o país — diz Ester animada — Lá é tudo bonito, organizado. As pessoas são educadas. A única coisa que eu não gosto muito é o frio intenso, mas já me acostumei. Tirando isso o resto é maravilhoso. Canadá é um excelente país eu adoro Montreal. O hospital onde trabalho é coisa de primeiro mundo. Você deveria convidar o Thales e me fazer uma visita. — Convida ela levando o copo de suco á boca. Minha madrinha é enfermeira e depois que colou grau na universidade mudou-se para Montreal devido a uma bolsa de pós-graduação e nunca mais voltou ao Brasil.

— Canadá é mesmo lindo, tia Ester. Quem sabe um dia a gente não apareça por lá. — Sorrio de canto.

— Queria tanto que você fosse para lá ampliar seus estudos e morar comigo. Mas você se casou. — Protesta ela, torcendo os lábios.

Quem sabe eu não fuja para o Canadá. Talvez uma fuga para longe do Brasil seja uma saída. Meu cérebro desconexo avisa em vão como se isso seja possível.

— Mamãe, como vão as crianças? — pergunto, pois ela é pedagoga em uma escola.

— Dando trabalho. — Sorri. — Mas eu adoro minha profissão, então, não me queixo.

— O único que não dá trabalho a sua mãe sou eu. — Ri vovô num tom de brincadeira.

— Seu avô dá mais trabalho que uma dúzia de crianças juntas — diz mamãe balançando a cabeça. — Ele anda rabugento de uns tempos para cá. Você não faz ideia!

— Ah, Isis, eu não estou ficando rabugento. Eu estou ficando velho, só isso. — Ele contesta contrariado. O comentário feito por ele faz todos nós soltar uma risada descontraída.

— Quem me ajuda a preparar o jantar? Hoje teremos purê de batatas ao manjericão, arroz e peito de peru grelhado. — Tia Ester

se levanta pronta para colocar a mão na massa.

— Eu a ajudo, tia Ester. — Eu me prontifico.

— Nada disso, mocinha. — Ralha vovô. — Você é visita aqui e visitas estão proibidas de ajudar na cozinha. Você vai ficar ao lado de seu velho avô e me contar as novidades de sua casa. Afinal, você quase nem comentou nada sobre a sua nova vida.

E essa agora? Estou sendo intimada a responder todas as perguntas de Heitor. Fico imaginando as respostas que terei que inventar para ele quando surgir alguma coisa inusitada. E, mais uma vez meu coração se aperta e eu me sinto indigna, pois não quero mentir para ninguém de minha família.

O jantar preparado por mamãe e pela madrinha está delicioso o que me fez lembrar os bons tempos de infância. Eu me sinto tão feliz em estar aqui novamente, na casa onde nasci, onde passei a minha infância e juventude. Onde eu vivi bons e maus momentos ao redor de minha família que me ama e que eu amo. Aqui sempre será o meu lar.

Após o jantar, a nostalgia se faz presente e eu me sento no sofá de vime, junto de mamãe. A tia Ester estava sentindo um pouco de dor de cabeça e foi se deitar mais cedo, assim como vovô que é sempre o primeiro a ir para a cama. Estamos somente eu e ela observando a noite de lua cheia e aspirando o ar puro que vem do campo. Deixo minha cabeça repousar em seu ombro, enquanto ela afaga carinhosamente o meu cabelo.

— Você parece muito calada, minha filha. Está tudo bem com você? — indaga preocupada. Ergo os olhos e lhe lanço um olhar perdido, porém sem demonstrar o que sinto.

— Está tudo bem, mamãe — respondo tentando tranquilizá-la.

— Eu fiquei preocupada com você quando falamos por telefone. Você nunca havia falado em seu pai antes e eu me surpreendi quando você me perguntou se eu o amava — ela diz e eu fecho os olhos por um breve momento.

— Ah mamãe, eu não devia ter tocado nesse assunto, ainda mais por telefone. Desculpe-me — digo constrangida.

— Não se desculpe, minha filha. Se você quiser saber alguma coisa, é só me perguntar. — Sorri com candura.

— Eu só precisava de um colo de mãe. — Queixo-me fazendo beicinho e ela ri baixinho.

— Oh, minha querida! — Ela me abraça carinhosamente. — Estarei sempre aqui quando precisar. Eu te amo muito! Você é a pessoa mais importante que tenho no mundo. Apesar de já estar casada, será sempre minha menininha loira de lindos olhos azuis. Meu anjo que Deus me deu de presente — diz beijando meu cabelo.

— Também te amo, mãe — declaro emocionada contendo o pranto para não cair.

— Filha, como está seu casamento? — questiona e eu estremeço.

Temia tanto que ela fizesse essa pergunta. Aliás, eu vim o trajeto inteiro pensando em uma resposta para essa possível indagação de minha amada mãe. Como eu queria poder contar-lhe que minha vida não tem sido o sonho que ela planejou. Muito pelo contrário, agora a minha vida está tão confusa e sendo consumida pelo pecado. Estou perdida e repleta de novas emoções que nem eu mesma sei o que elas significam para mim.

— Thales tem viajado muito a negócios e eu tenho estado ocupada com outras coisas — respondo ajeitando-me ao sofá para fitar-lhe. — A família dele gosta muito de mim. — *Oh, Cristo! O que eu estou falando?* Ela me olha atentamente, esperando que eu continue o meu relato. Eu respiro fundo, tentando oxigenar o meu

cérebro e coloco freios em minha língua. — Humberto, Greta, Lavínia e Greg são muito legais comigo.

— Minha filha é tão bom quando sentimos o afeto das pessoas que estão próximas a nós. — Sorri. — Além do seu casamento e de seu trabalho, o que mais tem te mantido ocupada, filha? — pergunta interessada e eu engulo em seco.

Ah mamãe, se você soubesse o que tem me mantido tão ocupada. Sinto vergonha de ser sua filha. Você não me criou para ser uma traidora, uma miserável. Não sou digna de ser sua filha, mãe. Como eu queria dizer isso a ela, mas eu tranco todas essas palavras em meu peito e desvio de seu olhar especulativo.

— O escritório tem ocupado bastante parte de meu tempo. Eu e a Rosana estamos trabalhando muito. Ah, ela mandou um abraço a todos e disse que está com saudades. — Sorrio tentando disfarçar a tensão.

— Eu gosto muito dela. Diga a Rosana que a gente manda outro abraço forte — diz ela sorridente.

Ficamos em silêncio por alguns instantes e a minha curiosidade em saber o que ela sentia exatamente pelo pai aumenta. Eu quero entender se o sentimento que minha mãe tinha por ele é o mesmo que está nascendo em meu coração.

— Mãe, você disse ao telefone outro dia que amou muito o meu pai e que o amor é algo que não se explica — digo cautelosa.

— Sim, nós não podemos explicar, apenas sentimos. Mas acredito que você saiba o que é o amor, não é minha filha? — Ela me lança um olhar desconfiado e eu fico petrificada.

— Sim, eu sei o que é o amor — declaro por fim.

— E o que é o amor para você então? — pergunta enquanto eu penso por um momento procurando a resposta certa para lhe dar.

— Você disse que meu pai fazia você se sentir viva e que ao lado dele você se sentia feliz e esperançosa. — repito as palavras proferidas por ela ao telefone.

— Sim, querida era isso que eu sentia quando estava com seu pai. — Admite abrindo um sorriso.

— Bem, então eu acho que estou amando. — Afirmo isso para mim mesma com profunda angústia no peito. Afinal, o amor que eu sinto não é pelo meu marido e sim pelo meu cunhado.

Deito na cama e logo adormeço. De tanto pensar em Greg, eu sonho com ele. O sonho é um verdadeiro conto de fadas. Nós cavalgamos na praia, lado a lado, ambos montados em cavalos brancos de pelo muito brilhante e vistoso. A felicidade se faz presente e eu posso ouvir sua risada gostosa ecoar em meus ouvidos. Seus olhos cor de mel cintilavam extasiados e apaixonados a minha frente e me trazem para junto de si. O sonho termina com ele sorrindo e me enlaçando pela cintura, rodopiando comigo enquanto o mar toca seus pés. É tudo tão lindo e perfeito que eu desejo que seja real. Mas, infelizmente não é.

Acordo no sábado ao som estridente do meu celular. Ainda meio zozona de sono, eu pego o aparelho e atendo sem ver quem me chama do outro lado da linha.

— Alô — digo sonolenta, esfregando os olhos com a palma da mão.

— Lorena, como você foi viajar sem me avisar? — A voz estridente e grave de Thales põe meu cérebro para acordar instantaneamente.

— Bom dia para você também — falo em um tom seco.

— Responda, Lorena! — Grunhe enfurecido. Sento-me na cama e reviso os olhos, incomodada. Mas para não dar margens a discussões, eu tento explicar a situação.

— Thales, eu estou visitando a minha família. E eu tentei ligar para você, mas as ligações caíam sempre na caixa postal — digo com sinceridade.

— Sua família?! Lorena, *eu* sou sua família desde que nos casamos. Você se lembra dos nossos votos de casamento? — rosna e eu fecho os olhos para conter a fúria que emerge dentro de mim. O que é que há com ele para me tratar assim ao telefone? Thales está louco ou que?

— Eu me lembro de nossos votos sim. Porém, não me lembro de dizer que iria abandonar minha família ao se casar com você — respondo no mesmo tom. — Estou na casa da minha mãe! Eu estava com muitas saudades dela e de vovô. A tia Ester est...

— Não quero saber, Lorena! — Ele me interrompe bruscamente. — A única coisa que sei é que você saiu de casa sem me avisar. Soube isso somente agora pela manhã através de minha mãe, que inclusive, está preocupada com você porque saiu viajar sozinha. — Faz uma pausa e ouço-o soltar um ar pesado. — Quero que você volte para casa hoje mesmo!

— O quê?! — exclamo boquiaberta. Não acredito que no que acabo de ouvir.

— Você ouviu: quero que volte para casa ainda hoje. — Repete em tom autoritário. Meus nervos ficam à flor da pele e eu respiro fundo para oxigenar meu cérebro.

— Thales, não vou voltar para casa porque eu estou na casa de *minha mãe*. — Deixo claro a minha posição.

— Você não vai voltar hoje? — indaga incrédulo.

— Não. Eu não irei! — Reitero decidida. Ele fica em silêncio por alguns segundos e quando fala, sua voz sai mortalmente calma.

— Ótimo. Estou indo ao seu encontro. — Avisa e desliga o aparelho.

Olho para a tela do celular sem acreditar no que está acontecendo. Eu só quero ficar um pouco sozinha e Thales não me dá espaço nem para isso? Que diabos está acontecendo com esse homem? Ele não era assim quando nos casamos. Ou será que meu marido sempre foi assim e somente agora eu fui perceber? Solto um ar pesado e me afundo no colchão novamente. *Quem é esse Thales que eu estou convivendo ultimamente?*

Thales chega pouco depois do meio-dia e surge exibindo um sorriso tranquilo no rosto. Nem parece o mesmo que havia falado exasperado comigo poucas horas antes ao telefone. Jaime o traz e volta com o carro, o que constata que meu marido voltará comigo para casa.

O dia está sendo desgastante. Eu passo calada a maior parte do tempo, enquanto Thales parece muito à vontade junto de minha família. Ele sorri e conversa animadamente com todos. Vovô relata suas pescarias e ele demonstra muito interesse. Mas eu sei que o meu marido odeia esse tipo de assunto, e só está tentando parecer gentil diante dos demais. Como ele pode ser tão amável agora se poucas horas antes só faltou apertar o meu pescoço se eu estivesse presente ao seu lado?

Sem poder suportar mais a atmosfera carregada de hipocrisia que provém de Thales, eu dou uma desculpa e saio em direção ao banheiro. Entro e tranco a porta, pois preciso de um pouco de privacidade comigo mesma e com meus pensamentos. Sento-me na tampa da privada e afundo minha cabeça nas mãos. O pranto que tanto segurei ontem na varanda na presença de minha mãe emerge com fúria. O que está acontecendo com o meu marido? O que está

acontecendo comigo? Thales não é mais o mesmo ou sou eu que mudei?

Minha cabeça dói assim como meu peito. Respiro fundo, buscando ar em meus pulmões e tento me acalmar. O celular vibra no bolso de meu casaco de moletom e rapidamente eu pego o aparelho. Observo que quem me chama do outro lado é Greg e uma mistura de alívio e alegria me invade. Limpo minhas lágrimas e atendo a chamada.

— Greg! — exclamo com paixão, cessando o pranto.

— Oi meu anjo! Você está bem? — pergunta preocupado.

— Sim, agora estou! — respondo com sinceridade.

— Eu soube que você está em Itatiaia com sua família. Por que não me ligou? Você não disse que iria viajar e eu fiquei surpreso ao saber. — Queixa-se.

— Eu resolvi de última hora, por isso não avisei — sussurro e fixo o olhar na porta com receio de que alguém me escute do outro lado.

— Eu estou com saudades de você, Lorena — declara com emoção. — Sinto sua falta. Você volta quando?

— Oh, Greg! — exclamo e um nó se forma em minha garganta. — Eu também sinto sua falta. Eu volto amanhã de tarde.

— Posso ir até ai encontrar com você? — Sugere e eu fecho os olhos dolorosamente por alguns segundos.

— Greg, Thales veio atrás de mim. Ele está aqui comigo — respondo sentindo um enorme desconforto pela nossa situação.

— Eu não acredito! — Indigna-se.

— Sim. Ele me ligou hoje cedo e chegou ao meio-dia — falo desapontada.

— Ele é seu marido e tem todo o direito de estar com você. De querer você ao lado dele. — Ele solta um ar pesado.

— Greg — Engulo em seco. —, não vamos falar sobre esse assunto ao telefone. Ok?

— Sim. — Concorda monossilábico.

— Eu preciso ir. Eles me aguardam na sala para o café da tarde — digo observando o horário no relógio de pulso.

— Tudo bem. Não quero colocar você em apuros. Sua família e seu... e Thales lhe esperam. — Ele se limita a falar a palavra “marido” e meu peito se aperta.

— Queria que as coisas fossem diferentes. — digo com voz quase inaudível.

— Isso é o que eu mais desejo, meu anjo! — declara com voz suave. — Aproveita para curtir o dia com sua família. A gente se vê quando você voltar, ok? Eu estarei te esperando.

— Sim, eu sei! Beijos, Greg — eu me despeço com amor.

— Beijos, meu anjo. — fala carinhosamente e desliga o telefone.

Meu coração parece querer explodir em meu peito de tanto sentimento. Afinal, ouvi-lo falar ao telefone e não poder vê-lo ou tocá-lo foi algo que mexeu comigo. Estou apreensiva e, por um momento, tenho receio de sair e denotar aos demais o que estou sentindo. Preciso manter o controle, pois eu sei o que me espera do lado de fora: os olhos inquisitivos de meu marido.

Respiro fundo e tomo coragem para deixar o banheiro. Quando chego à sala todos estão muito entretidos sobre um assunto que tia Ester conta e que eu não faço ideia sobre o que seja. Thales me lança um olhar repleto de desconfiança e eu ignoro sorrindo. Tento disfarçar ao máximo a situação e me acomodo ao seu lado.

— Está tudo bem, filha? — Indaga mamãe.

— Sim, está. — Respondo ofegante, enquanto Thales gira a cabeça de lado para me fitar de olhos estreitos.

— Quando eu era jovem eu fiz algumas coisas loucas. — Continua a madrinha. — A gente deve aproveitar a fazer isso quando se tem disposição e energia.

— Ah, isso é verdade. — Concorda Thales sucinto.

— E você Thales, nunca fez nada de louco em sua vida? — pergunta vovô.

— Oh, não! Eu não sou adepto a essas coisas. A minha vida é muito tranquila — meu marido responde.

— Mas não é você que gosta de surfar e de fazer manobras radicais? — indaga Heitor, confundindo os irmãos Fisher.

— Não, o senhor deve estar se referindo ao meu irmão mais velho, Greg. Ele sim é viciado nesses esportes radicais e violentos. — Ele diz com certo sarcasmo na voz.

— Ah, desculpe esse velho que anda meio esquecido. — Vovô se lamenta sorrindo.

— Está tudo bem. — Acrescenta ele, disfarçando o incômodo repentino.

— Lorena também nunca foi de fazer essas coisas — fala minha mãe. — Ainda não sei como ela teve coragem de saltar de paraquedas recentemente.

Estremeço e meu cérebro para. O ar me falta assim como o chão abaixo de meus pés. Thales olha para mim e uma mistura de ira e ciúmes encobre seu rosto. *Meu Deus! Como sairei dessa agora?* Se minha mãe soubesse a enrascada que me meteu, ela não teria mencionado esse assunto.

— Meu amor, você não comentou nada comigo sobre esse salto de paraquedas — ele diz com voz gélida, enquanto segura forte a minha mão sobre minha coxa. Pisco rapidamente e invoco por ajuda divina. — Com quem você saltou de paraquedas, Lorena? — indaga em tom inquisitivo.

Petrificada pelo medo, eu olho para ele e depois para a minha família que espera por uma resposta. Cristo! Terei que mentir mais uma vez? Não quero fazer isso novamente, porém eu não vejo alternativa que não seja essa: a mentira.

— Eu saltei com a Rosana e não foi recentemente — respondo dolorosamente e olho para minha mãe. — Mamãe, eu acho que você se enganou quando eu lhe falei ao telefone dias atrás. O salto não é recente. Eu estava comentando um fato que já ocorreu há alguns meses. — Dona Isis franze o cenho, confusa. — Esse salto foi antes de nosso casamento. — Minto e me sinto um lixo diante de todos.

— Ah, sim. Eu devo ter confundido mesmo — minha mãe diz me lançando um olhar especulativo.

— Você nunca me contou sobre isso — fala Thales, liberando com cautela minha mão de sua posse.

— Achei que não fosse algo importante. — rosno e minhas entranhas se contraem de repugnância.

— Saltar de paraquedas! Ah, isso deve ser maravilhoso! — tia Ester diz eufórica. — Qual a sensação que você sentiu, Lorena?

— Liberdade, madrinha. Liberdade — respondo com sinceridade.

Depois do jantar fomos para a varanda onde conversamos mais um pouco. A atmosfera, assim como o humor de meu marido, está mais amena e ele até ri de algumas piadas que vovô conta. Todos

parecem muito à vontade com exceção de mim, que além de empurrar a comida garganta abaixo durante o jantar, tenho que me esforçar novamente para demonstrar que está tudo bem.

Não demora muito para que todos se retirem para seus quartos. Eu aproveito que Thales está no banho para trocar de roupa. Ultimamente eu tenho me sentido muito incomodada em me despir quando ele está presente. Visto rapidamente a minha camisola e ouço um barulho na porta. Ele entra no ambiente e para próximo à cama, me fitando com seus olhos verdes subversivos.

— Lorena, eu quero me desculpar por hoje de manhã — diz arrependido.

— Está tudo bem. — Eu me deito de lado na cama e me cubro com o edredom. Thales se aconchega ao meu lado e coloca o braço ao redor do meu corpo. Um desconforto momentâneo toma conta de mim e eu estremeço.

— Não quero brigar com você, Lorena. Eu te amo! — declara beijando o meu braço, despertando a repulsa em mim. Ele está mais afetuoso e não parece a mesma pessoa que passou o dia comigo.

— Thales, vamos dormir. Você está cansado e eu também. — Remexo-me e tento escapar do contato pele com pele.

— Estava com saudades de você. — Ele beija o meu ombro e eu viro o rosto para o travesseiro. — Você saiu sem me avisar e eu achei...

— Thales, eu vim ver a minha mãe, meu avô e minha madrinha. — Eu o interrompo abruptamente e saio da cama. — Eles ainda são *minha* família e sempre serão!

— Eu sei... Eu estou realmente me sentindo mal por isso. — Confessa sentando-se na cama.

— Você anda muito estranho. Parece que não é mais a mesma pessoa. Não é a pessoa que eu conheci. Você mudou! — Afirmo e ele arregala os olhos.

— Lorena, eu não mudei... Eu só tenho medo de perdê-la — declara angustiado.

Balanço a cabeça de um lado para o outro sem entender esse sentimento de posse que Thales sente em relação a mim. Sinto-me sufocada e presa quando ele insiste em remexer nesse assunto desgastante. Afinal, não somos propriedades um do outro. Somos marido e mulher. Se bem que nem sei mais qual relação há entre nós.

— Thales, você passou o dia se esforçando para ser legal com todos. Você ouviu as histórias de pescaria de vovô e eu sei que você detesta pescar. A madrinha falou o tempo todo do Canadá e eu também sei que você não gosta dela porque você a acha extrovertida demais. — Faço uma pausa e, com um nó na garganta eu constato o óbvio. — Você não gosta da minha família. Talvez a única pessoa que você goste é de minha mãe.

— Lorena, como você pode dizer isso? — Ele se levanta da cama e me fita perplexo.

— Se você gostasse deles de verdade, ou até mesmo de mim como você tanto fala, você não teria agido com tanta infantilidade gritando comigo ao telefone hoje de manhã. E também teria sido menos falso com todos. Você percebeu o quanto você fingiu gostar de tudo e de todos? — Despejo toda a merda em cima dele com as mãos trêmulas e geladas de raiva. — E tem mais, você quase quebrou a minha mão hoje à tarde. Não sou sua propriedade. Você sabe disso!

As minhas palavras o afetam intensamente, porque seus olhos tornam-se sombrios e ameaçadores. Visivelmente transtornado, ele vem em minha direção e me segura pelos ombros.

— Você é minha mulher! Entendeu? — rosna mudando radicalmente de humor.

— Thales, você está me machucando. — Protesto, comprimindo os lábios pela dor, mas ele ignora o meu apelo.

— Lorena, você é minha esposa e me deve satisfações de sua vida. — Ele continua a cuspir sua verdade dos fatos, apertando ainda mais a minha carne dolorida.

— Thales, me solte que você está me machucando, por favor. — Eu imploro amedrontada.

Ele pisca os olhos ligeiramente e me libera os braços. Uma mistura de confusão e medo encobre seu rosto, enquanto eu estou petrificada diante dele. Thales se senta à cama e afunda a cabeça nas mãos.

— Lorena, me perdoe. Por favor, me perdoe — implora visivelmente transtornado.

E, sem dizer mais nada, ele se levanta e tira algo de sua mochila. Eu constato de que se trata de um frasco de remédio, porém é outro medicamento e não o mesmo que ele estava tomando. Thales se levanta e sai em direção ao banheiro para não ingerir a pílula em minha presença. Instantes depois, ele retorna ao quarto e esconde o fármaco dentro da mochila.

— Preciso de ar puro — diz e deixa o ambiente, fechando a porta atrás de si.

Sem entender o que acaba de acontecer, eu caio sentada a uma poltrona de canto, enquanto um pânico repentino toma conta de mim. O humor dele está oscilando demais e eu suspeito que os remédios não estejam ajudando na sua recuperação. Thales nunca agiu assim comigo antes. Ele mudou muito e o seu descontrole me desperta medo. A única coisa que sei é que eu não o reconheço mais. *Eu não reconheço meu próprio marido!*

Capítulo 11

*Quando fizemos escolhas, geralmente deixamos algo no caminho, para trás, no esquecimento. — **Greg***

Já faz quase dois meses que eu e a Lorena estamos nos relacionando escondido de todos. A situação está ficando mais arriscada a cada dia e eu estou me esforçando ao máximo para disfarçar o que sinto por ela diante dos demais. Não posso sequer olhar nos olhos do Thales, que ultimamente, anda agressivo e inquieto. Os remédios que ele está tomando pouco estão adiantando para a sua recaída, que pelo jeito, dessa vez veio forte.

Tenho pensado muito de uma semana para cá. Não posso deixar que esse sentimento proibido que eu sinto por Lorena arruíne o seu casamento e a nossa família. Contudo, me faltam forças para me afastar dela e isso tem me consumido dia após dia.

Sou um traidor miserável e sujo. Não mereço piedade de ninguém. Com tantas mulheres no mundo e eu fui logo desejar a do meu irmão frágil e irresponsável. Thales sempre foi assim. Nunca soube lidar com os problemas que surgem em sua vida. Agora eu entendo o porquê Lorena se casou tão rápido com ele. Meu irmão não lhe contou nada sobre sua vida, assim fica muito fácil de enganar uma garota inexperiente como ela.

Faz uma semana que mal a vejo devido aos meus compromissos de trabalho e, também, parece que ultimamente ou minha mãe fica acordada até tarde, prendendo a atenção dela, ou ela se recolhe cedo ao seu quarto, quando Thales está presente. Quero passar um dia inteiro só com ela. Será que isso é pedir muito?

Sei que amanhã Lorena irá com a nossa lancha para o outro lado da ilha ver um projeto não muito longe daqui e, movido pelo impulso do desejo, eu lhe farei uma surpresa. Ela comentou que volta pouco depois do meio-dia e essa ideia me traz loucas esperanças de passar a tarde em sua companhia. Amanhã ela será só minha!

O dia amanhece lindo e parece colaborar comigo que estou muito alegre e ansioso para estar ao seu lado. Saio de casa logo depois do almoço e dou uma desculpa que tenho que ver algumas coisas fora do escritório. Quero passar a tarde somente eu e meu lindo anjo azul.

Estaciono o carro no cais e observo o horário no relógio de pulso. É pouco mais de meio-dia e nada de Lorena chegar. Estou inquieto demais e pareço como um adolescente à espera da namorada. Que diabos há comigo que não sei mais me controlar?

Respiro fundo e pela segunda vez consecutiva, eu verifico outra vez os ponteiros no relógio. Viro o rosto para frente e meu coração bate mais forte ao avistar a nossa lancha Ventura Premium que se aproxima do cais. *Lorena chegou!*

Luiz, o motorista, estaciona o veículo e Lorena desce deslumbrante. Ela usa um vestido floral solto até os joelhos e sandálias brancas, fazendo o estilo menina mulher que me deixa louco. Eu caminho até e ela, que surpresa, arregala os olhos.

— Oi! Você está linda! — declaro baixinho em seu ouvido.

— Greg, o que você faz aqui? — pergunta atônita.

— Surpresa! — sussurro para ela e em seguida cumprimento o nosso piloto em tom formal. — Olá, Luiz.

— Olá, senhor Greg — ele responde formalmente.

— Luiz, você está dispensado por hoje. Não irei precisar dos seus serviços, porém as chaves da lancha ficam comigo — digo e Lorena franze o cenho sem entender nada.

— Tudo bem, senhor. — Ele me entrega as chaves e se despede, nos deixando a sós — Tenham um bom dia.

Volto a minha atenção para Lorena que me estuda desconfiada, piscando seus longos cílios. Repleto de saudade, eu me aproximo e dou-lhe um beijo casto em seus lábios. Surpresa diante de meu carinho repentino, ela olha apreensiva ao redor.

— Greg, você está louco? — indaga temerosa enquanto eu abro um sorriso.

— Sim! Por você! Sempre! — afirmo enfatizando cada palavra e ela sorri. — Essa tarde você é minha Lorena e eu não aceito nenhuma forma de objeção.

— Mas eu preciso voltar ao escritório — ela argumenta.

— Você pode ligar para Rosana e dizer a ela que você estará ocupada durante a tarde com algumas coisas, por exemplo, com a sua casa em construção — sugiro sorrindo.

— Isso é arriscado. — Pisca confusa.

— Você não quer passar a tarde comigo? — Eu apelo para a chantagem.

— Não é isso... É que... — Ela para de falar quando sente que eu me aproximo mais, ficando há poucos centímetros de distância. — Ah, Greg!

— O que foi que eu fiz? — pergunto divertido, roçando meus dedos em seu braço.

— Você sempre consegue de mim o que quer — resmunga desarmada diante de meu toque.

— Eu acho que é o contrário — falo passeando levemente meus lábios em sua orelha.

— Ok, eu vou ligar para Rosana. — Ela se dá por vencida. — Ah, isso é golpe baixo — diz apontando o indicador para mim.

— O que eu posso fazer para remediar essa situação? — Sorrio, acariciando suavemente seu rosto. Inclino a cabeça para baixo e me aproximo um pouco mais. — O que eu não faço por esses lindos olhos azuis?

— Greg, aqui não! — Ela se detém. Eu me afasto contrariado e balanço as mãos para o alto.

— Ok! Ligue logo para Rosana — declaro por fim, louco para tomá-la em meus braços em pleno cais. Mas como não podemos nos arriscar mais do que já estamos nos arriscando, então eu me controlo.

Lorena pega o celular da bolsa e liga para a amiga, enquanto eu deixo a mochila com roupas e a caixa térmica box com mantimentos dentro da lancha.

— Pronto? — pergunto interessado, após alguns minutos.

— Sim. Rosana ficou um pouco intrigada, mas não fez contestação alguma — responde entrando na embarcação.

— Ótimo! Hoje eu serei o capitão! — Sorrio.

— Hum... E eu estou segura na companhia desse capitão? — Ri em tom divertido. Eu me aproximo e, fitando-a profundamente, erguendo-o para encontrar os seus olhos.

— Comigo você sempre estará segura. Eu nunca deixarei que nada nem ninguém a machuque. — Beijo-a com tanta intensidade que, quando a solto ela busca ar nos pulmões. Dou uma risada gostosa e ela dá um tapinha carinhoso em meu bíceps.

— Bobo! — Lorena mostra a língua me insultando.

— Sim, sou o *seu* bobo! — declaro feliz. — Coloque esse boné e fique na cabine, pois eu não quero que pegue uma insolação. — Aviso lhe entregando o acessório, enquanto coloco meus óculos de sol.

— Greg, eu não sou um bibelô! — Ela revira os olhos.

— Isso eu sei — digo e faço sinal para ela se sentar ao meu lado no estofado de couro.

— Ok, Capitão! — Sorri fazendo sinal de continência colocando seu Ray Ban e o boné. Ela se acomoda ao banco e eu dou a partida no motor. — Onde estamos indo?

— Ter o nosso dia de namorados! — respondo empolgado pensando no dia que passaremos juntos.

— E onde iremos passar o nosso dia de namorados? — pergunta curiosa.

— Em uma ilha particular de um amigo meu — digo com os olhos no mar a minha frente.

— Ah, eu não trouxe roupas de banho — constata desapontada.

— Não se preocupe. Eu trouxe algumas de suas coisas na mochila. — Asseguro e ela me lança um olhar especulativo.

— Você entrou em meu quarto? Eu não acredito que você fez isso, Greg! — Admira-se.

— Fiz sim. A não ser que você queira banhar-se nua ao mar. Eu não me importaria. Aliás, é uma ideia muito interessante. — Abro um novo sorriso cheio de intenções perversas. Lorena me insulta mostrando a língua outra vez e eu solto uma risada divertida.

— Concentre-se no mar à sua frente, Capitão! — fala em um tom autoritário e brincalhão.

— Sim, senhora! — Bato continência para ela, que me sorri feliz.

Deixo a lancha no pequeno cais da ilha onde há uma bela casa de frente para o mar, em cima do rochedo. A casa tem um estilo

rústico, mas ao mesmo tempo muito sofisticada. É uma construção recente e meu amigo pouco vem ao lugar, pois passa a maior parte do tempo viajando para o exterior a negócios.

Adentramos e enquanto eu deixo os mantimentos a um canto, Lorena olha ao redor, curiosa. O dia de hoje será novidade para ambos, pois nunca passamos um dia a sós. O receio que o nosso romance seja descoberto é algo mexe comigo e me deixa muito culpado.

— Greg, de quem é essa ilha? — indaga em tirando de meus pensamentos.

— De um velho amigo indistriário — respondo me aproximando.
— Gostou?

— É linda! Aliás, a ilha é fantástica! — exclama com olhos brilhantes.

— Eu trouxe comida e bebida para a gente — digo envolvendo-a em meus braços.

— Mas não tem algodão doce — diz em tom divertido.

— Hoje o seu algodão doce sou eu! — Brinco e ela sorri.

A Paixão e o romantismo me invadem e, segurando seu rosto em minhas mãos, eu a beijo com carinho. Ela geme em minha boca e enrosca seus dedos em meu cabelo me puxando para perto. O beijo dura alguns segundos e eu me afasto contendo o impulso de tomá-la no chão da sala.

— Ei, hoje somos namorados e eu quero curtir o dia com você na praia — afirmo cheio de excitação.

— Você trouxe um biquíni para mim? — Eu assinto com a cabeça e ela sorri eufórica. — E onde você o colocou?

— Ele está dentro da mochila — falo com o olhar ardente.

— Ok, eu vou me trocar. — Lorena me dá um beijo rápido nos lábios e sai saltitante em direção ao quarto, mas antes de entrar ela se detém junto ao batente da porta. — Não vale me espiar!

Levanto as mãos em um gesto de rendição e Lorena desaparece no interior do ambiente, me deixando ansioso. Confesso que estou radiante como um garoto que tem o primeiro dia a sós com a namorada. Bem, eu nunca namorei em toda minha vida, então eu acho posso ser comparado a um adolescente.

Pouco depois chegamos à praia deserta. O dia está lindo e o mar azul a nossa frente é tudo que vemos. Lorena está usando um biquíni azul marinho que combina com seus olhos e um chapéu, enquanto eu troquei a calça jeans por uma sunga.

Ela caminha sorridente ao meu lado, fazendo eu me sentir no paraíso. Ela olha para mim e vejo em seus olhos um brilho divertido e eu desconfio de que ela esteja aprontando alguma coisa. A minha intuição não falha, pois se aproveitando de minha distração, Lorena pega os meus óculos de sol e sai correndo na areia.

— Você quer brincar de pega-pega? — sugiro sorrindo.

— Você quer me pegar, Greg? — pergunta, parando a uma distância razoável.

— Você tem algo que é meu — afirmo com o tesão me consumindo por inteiro.

— Então venha buscar. — Ela incentiva mordendo o lábio. *Ah, meu anjo não mexa assim comigo!*

A adrenalina desperta em meu corpo e eu saio correndo em sua direção. Surpresa, ela solta um gritinho e foge de mim, contornando a beira do mar. A sua reação me deixa ainda mais excitado, mas eu me detenho a não correr muito. Afinal, se eu acelerar um pouco mais, logo a terei em meus braços e eu estou gostando da brincadeira.

Lorena alcança um pequeno barco de madeira que há ancorado na praia e se coloca atrás dele, bloqueando a minha passagem. Estamos frente a frente, apenas separados pela rústica embarcação. Eu me movo lentamente para a direita e ela também se move para a sua direita.

— Lorena, eu irei pegar o que é meu! — declaro louco por ela.

— Isso? — Ergue os óculos e sorri divertida.

— Não! Não é isso que eu quero. — Eu me desloco desta vez para a minha esquerda e ela também se move para o mesmo lado.

— E o que você quer então, Greg? — questiona me atijando.

— Você já vai saber quando eu pegá-la. — Dou outro passo agora para a esquerda e ela faz o mesmo, tentando escapar.

— Se você me pegar. — Ela me desafia.

— Sim, Lorena, eu irei te pegar. — Com um lance rápido e preciso, eu dou um bote nela e a seguro pela cintura. Surpresa com ação ela solta um grito que logo se mistura a uma risada, enquanto eu giro seu corpo e a prendo em meus braços.

— Eu disse que eu iria te pegar — anuncio triunfante.

— Agora você já tem o que você queria. — Lorena me mostra os óculos.

— E quem disse que eu os quero? — digo arqueando uma sobrancelha.

— Você correu atrás de mim tão avidamente para me dizer que você não quer o seu Ray Ban? — Sorri, enlaçando os braços ao redor de meu pescoço.

— Eu não os quero — respondo, beijando sua clavícula.

— E o que você quer então, Greg? — indaga, inclinando a cabeça para trás enquanto eu distribuo beijos em sua pele sedosa.

Sorrio e coloco-a em posição vertical, deslizando suavemente as mãos sobre suas costas nuas. O desejo e a excitação afloram de dentro para fora e eu não consigo mais esperar para tê-la junto ao meu corpo.

— Eu quero te foder aqui e agora — sussurro deitando-a sobre a areia.

— Aqui? Mas estamos em uma praia. — Temerosa e excitada, ela olha ao redor.

— Em uma ilha particular, meu anjo — sorrio enquanto uma de minhas mãos contorna seu biquíni. — Passou protetor solar?

— Sim — responde passando o polegar em meus lábios.

Ergo seu queixo carinhosamente para unir a minha boca a sua. Lorena envolve suas mãos ao redor de meu pescoço e me puxa para mais perto. O beijo se prolonga e eu colo o meu corpo ao dela. Sua pele assim como a minha queima de paixão e chama os nossos corpos para o prazer da carne.

Deslizo a parte de cima do seu biquíni deixando seus lindos seios à mostra. Levo um á boca sugando e mordicando enquanto acaricio o outro com a palma de minha mão. Lorena serpenteia e geme excitada ao meu toque. Porém, algo me impede de continuar e, receoso, eu busco seus olhos.

— Lorena, eu não tenho preservativos aqui comigo, eles estão na mochila, e eu não quero correr o risco de engravidá-la — afirmo temeroso.

— Tudo bem, Greg. Eu estou me cuidando. — Ela me tranquiliza ofegante.

Abro um sorriso e volto a beijar-lhe os lábios com urgência. Nossas línguas se enroscam sôfregas, dançando um tango quase dramático. Beijo, mordo e lambo seus lábios. Ela geme em minha boca e minha excitação aumenta. Tudo nela representa o que é proibido, sexy e quente. E isso me deixa completamente perdido.

Lorena se esfrega inclina seu ventre para cima e encontra meu pau duro dentro da sunga. Sem piedade, ela se esfrega em mim, me atijando, me enlouquecendo. Escorrego a sua calcinha para baixo e encontro sua boceta que pulsa com intensidade. Massageio seu clitóris e ela volta a gemer endoidecido, contorcendo o corpo. Sem esperar mais para estar dentro dela, eu me livro da sunga e abro suas pernas, aconchegando-me no meio delas.

Seguro seus quadris e a penetro. Senti-la sem o uso de preservativo é algo viciante. Sei que não poderei gozar dentro dela e isso me frustra. Afasto esse pensamento incômodo para longe e começo a me movimentar devagar, pois quero extrair o máximo dela e dar o máximo de mim. Contudo, aos poucos Lorena começa a mover os quadris lentamente junto comigo, erguendo ainda mais sua pélvis, tirando o meu controle.

— Meu anjo, é uma delícia sentir a sua bocetinha sem o uso de preservativo — rosno em seu ouvido, mordendo o lóbulo de sua orelha. — Estou me viciando em você Lorena! — confesso bobeando agora com mais rapidez, sentido todas as extremidades de sua abertura quente e molhada.

— Ahhh, Greg! — choraminga com a cabeça enterrada em meu peito.

— Lorena... você é tão... linda — sussurro com dificuldade, penetrando-a mais fundo e mais forte. As ondas do mar vêm e vão e parecem acompanhar nossos movimentos que crescem alucinados na areia.

A areia gruda em nossos corpos parcialmente molhados e nossos movimentos agora são um só. Depois de várias estocadas ininterruptas, sua boceta começa a se comprimir e ela cai em queda livre, liberando seu gozo como se estivesse saltando de paraquedas. Lorena geme, choraminga e enterra os dedos em meu cabelo. Dou mais duas investidas e, sem medir as consequências, eu me derramo inteiro dentro dela.

— Está com fome? — Eu a surpreendo com uma bandeja de frutas.

— Muita! — Sorri sentada embaixo de uma árvore.

— O que você gostaria de comer? Temos uvas, morangos, pêssegos, cerejas, maçãs e peras — digo acomodando-me ao seu lado e deixando a bandeja à sua frente. Lorena observa atentamente a variedade do prato colorido e fica em dúvida em qual fruta escolher.

— Humm... Eu vou querer uvas — responde animada.

— Ótimo! Venha aqui e deite sua cabeça em meu colo que eu irei alimentá-la. — Lorena se aconchega junto a mim, apoiando sua cabeça em minha coxa. Eu pego um generoso cacho de uvas e levo um grão à sua boca. Ela saboreia a fruta e eu sorrio. — Quer mais?

— Sim! — responde lambendo os lábios, me provocando.

Pego um morango e ela morde a fruta. O suco escorre no canto de fora de seus lábios, descendo pelo seu queixo. Eu a puxo para meu colo e a beijo com urgência, sugando com a língua o pouco do caldo que desce pela sua pele. Lorena envolve os braços ao redor de meu pescoço, enquanto eu a abraço forte contra meu peito.

Passamos a tarde ora no mar, ora brincando na areia, ora trocando carícias embaixo das árvores silvestres. O dia está sendo mágico em nosso paraíso particular. Como eu desejo que tudo isso seja um sonho lindo e que nunca mais eu acorde dele. Quero tanto tornar esse sonho real e ter o meu anjo de lindos olhos azuis somente para mim. Esse pensamento faz doer o meu peito, pois sei que ela já tem dono. Até quando eu suportarei dividi-la com meu irmão?

Estamos deitados a sombra de uma palmeira. Lorena descansa sua cabeça em meu peito, enquanto eu beijo seu cabelo sedoso e acaricio as suas costas. A tarde está se despedindo e o crepúsculo se aproxima. Para a minha desolação, eu sei que logo teremos que deixar o paraíso e retornar para a dura e fria realidade.

— Greg, eu sei que não é o momento de falar nisso, mas o Thales está muito estranho — diz quebrando o silêncio.

— Estranho como? — indago temeroso.

— Thales está agindo de maneira diferente no último mês. O humor dele está alterado — responde e eu respiro fundo. — Ele está alegre e de repente seu humor muda e ele se torna descontrolado — declara e sinto que meu medo está se tornando real. A bipolaridade de meu irmão está se aliando ferozmente às suas crises depressivas e, isso me assusta.

— Thales só precisa de tempo para se recuperar. Ele logo voltará a ser a pessoa que todos conhecemos — minto e a dor se faz presente, pois sei que o seu distúrbio não tem cura.

— Será? Ele anda agressivo — ela sussurra e eu fico preocupado. E, só de cogitar a ideia dele tocando-a com hostilidade, eu enrijeço os músculos. Ergo seu queixo e busco seus olhos.

— Lorena, Thales foi agressivo com você? — pergunto em tom sério.

— Não exatamente — responde desviando o olhar.

— Lorena, me diga a verdade. — Ela volta a me fitar e comprime os lábios, nervosa.

— Greg, o Thales não é mais a mesma pessoa — afirma tristemente e volta a se aconchegar junto a mim, apertando-me forte. — Eu não consigo mais me ver ao lado dele.

Fecho os olhos dolorosamente e constato que eu tenho que fazer algo para trazer paz novamente para ela, para meu frágil e

descontrolado irmão, bem como para minha família. Preciso tomar uma atitude, nem que isso custe sacrificar o que eu sinto por ela. E só de pensar em perdê-la, o meu coração para de bater. Lorena é o ar que eu respiro. *Como viverei sem ela?*

Faz três dias que eu tenho estado muito pensativo. Minha vida não é mais a mesma, eu não sou mais o mesmo. Muita coisa mudou. O que eu sinto por Lorena é muito forte, porém eu não posso deixar que esse sentimento desencadeie um caos em nossa família. Ainda mais agora que Thales visivelmente não está bem. Meu irmão não suportaria perdê-la, nem agora, nem mais tarde. A ideia me traz uma enorme dor no peito, mas eu preciso tomar uma atitude, nem que para isso eu sacrifique minha própria existência como homem.

Combinei de me encontrar com ela na casa em construção para conversar, contudo ela não sabe nada sobre minha dolorosa decisão. Lorena terá que entender que estou fazendo o melhor para todos, afinal nós fomos longe demais mantendo esse caso às escondidas. Não posso deixar que um simples capricho meu, destrua a minha família. Eu tenho que fazer isso. Eu preciso ter coragem para não voltar atrás. Não há outra saída para nós. Infelizmente não há!

Estaciono o carro e desço me arrastando em direção a porta de entrada. Permaneço alguns segundos apenas olhando para o mogno sem coragem para seguir adiante. Um sentimento maior bloqueia a minha passagem. Não posso fraquejar diante do que sinto. Tenho que ter forças para ir em frente com o que planejei com tanta dor. E, tomado por uma determinação repentina, eu giro a maçaneta.

Assim que entro no ambiente eu encontro Lorena levando algumas coisas para o lixo. Ela larga o que está fazendo e alegre, corre até mim. Meu coração se contrai fortemente dentro do peito e,

por um momento eu penso em fraquejar. Sem saber o que fazer, eu a seguro pelos ombros e me afasto com dificuldade.

— Lorena, nós precisamos conversar. A gente tem que tomar uma atitude. Não dá mais para continuar do jeito que estamos — digo decidido, fitando-a seriamente.

— Sim, eu pensei muito nesses últimos dias. Eu vou pedir o divórcio ao Thales — declara e eu arregalo os olhos, perplexo.

— O quê?! — indago incrédulo, enquanto mil pensamentos povoam a minha mente.

— Greg, eu só tenho você em meu coração. Não há espaço para mais ninguém além de você — afirma me fitando com o olhar carregado de sentimento. — Você é a única pessoa que eu quero. Eu te amo, Greg.

Eu queria tanto ouvir essas palavras que sinto o coração dar um salto indo literalmente ao céu e depois voltando ao inferno. Com profunda dor, eu tento trazer a razão de volta. Preciso terminar logo o nosso romance, caso contrário, será o nosso fim.

— Lorena, não diga isso... — Atordoado, eu caminho para longe dela e passo as duas mãos pelo cabelo. Não sinto o chão abaixo de meus pés e a respiração me falta. — Você... Você está confusa com seus sentimentos. É o Thales que você ama. — Minha voz sai arrastada e um pavor me invade.

— Não! — ela nega e vem em minha direção, me abraça forte e minhas forças querem me abandonar. Nunca cogitei a ideia de ser algo tão difícil de fazer. Isso é pior que se despedir de uma pessoa que morre. — Eu me apaixonei por você! — Suas palavras explodem como uma bomba atômica dentro do meu peito.

— Lorena, você não pode sentir isso por mim. Você não deve sentir isso por mim — declaro apavorado, segurando-a pelos ombros. A expressão dela muda e ela fica inerte.

— Por que não? — indaga com voz embargada.

— Você está casada com o meu irmão. — *Jesus, eu não sei se aguentarei isso.*

— Eu não amo o Thales. Eu amo você! Você é meu único amor, Greg. — Ela volta a me torturar com suas palavras apaixonadas.

Fecho os olhos e balanço a cabeça negativamente várias vezes. Lorena não pode sentir amor por mim. Isso é completamente errado. Não posso ter despertado esse sentimento nela. *Amor? Não! Isso não!*

— Escute-me — digo procurando forçar do fundo de mim —, Thales precisa de você neste momento. Ele não está bem. Ele é louco por você. Ele te ama muito.

— E você? O que você sente por mim? — Lorena ignora o que eu falo, dificultando ainda mais as coisas para mim.

Neste instante eu coloco uma máscara em meu rosto e encubro meus sentimentos. Sei que se eu não fizer isso agora, eu nunca mais farei. Infelizmente eu preciso ser duro com ela e fazê-la acreditar que eu não sou o homem certo para estar ao seu lado.

— Lorena, temos que esquecer o que houve entre nós. Não devia ter acontecido. Não sou o tipo de homem que se fixa em uma mulher somente. Você deve me esquecer de vez e dedicar esse amor ao seu marido. — Sinto como se uma espada atravessasse o meu peito neste instante, me partindo ao meio.

— Você... Não é assim... — sussurra enquanto o sangue some de sua face, deixando-a pálida.

— Sim, eu sou! Eu sou um crápula que comeu a mulher do próprio irmão! — falo em tom gélido, pois tenho que fazer com que ela acredite nas minhas palavras. — O homem certo para você é o Thales. — Eu a solto e ela fica imóvel. Seu olhar está perdido e seus lábios tremem diante de minha declaração. Lorena está ferida e eu sinto como se tivessem arrancado meu coração impuro de dentro do peito e o jogado a um lixo.

— Não! — diz num fio de voz, controlando o pranto para não cair.

— Nós não nos veremos de novo como antes. Nada mais será como antes — declaro com o peito amargurado e o coração dilacerado.

— Não, Greg... — balbucia abalada enquanto eu me aproximo dela pela última vez. Fecho os olhos e beijo o topo de sua cabeça. A dor que sinto é imensurável. Não sei explicar o que estou sentindo. A única coisa que sei é que eu a estou perdendo, para sempre. E essa sensação é macabra, fria e cortante.

— Eu preciso ir. Tome conta de si e cuide do Thales. Ele não suportaria perdê-la. — *E será que eu aguento?*

Eu me afasto rapidamente e saio em direção à porta sem olhar para trás. Eu não sou mais um homem. Eu acabei de deixar a única mulher que amei em toda minha vida e não terá mais ninguém depois dela. Ninguém ocupará o espaço vazio que Lorena deixou em meu coração. Ninguém!

Capítulo 12

*E quem disse que histórias de amor necessariamente têm um final feliz? – **Lorena***

O peso do meu corpo não aguenta mais e eu caio de joelhos no chão. Meus olhos estão paralisados, minha mente gira e meu coração não bombeia mais sangue para minhas veias. Ouço o cantar de pneus do carro do lado de fora, que se distancia para longe, e constato que realmente Greg foi embora. Ele me deixou. Sem piedade ele entrou em meu coração, fez morada e partiu para não mais voltar.

— Greg... Não vá... Eu te amo! — Minha voz sai num murmúrio, enquanto desesperadamente eu tento assimilar a fria realidade que me cerca.

Sem ter para onde ir, eu me deito no chão frio de mármore e a escuridão chega de mansinho. O frio do piso é única coisa que eu sinto além da dor. Puxo os joelhos abraçando-os junto ao meu peito, enquanto as lágrimas banham meu rosto. A dor me invade por completo, devastando minhas veias, queimando minha carne e consumindo os meus ossos. Ela absorve cada centímetro de mim e se espalha entorpecendo até chegar ao meu coração, dilacerando com ele em um milhão de pedaços.

Perco a noção do tempo que estive em meio ao desolamento e abro os olhos, sobressaltada. Tudo está escuro e silencioso. Já é noite e eu ainda estou na casa em construção. Por um momento, eu penso que estou imersa em um pesadelo ou algo parecido. Por um instante imagino que Greg não me abandonou, mas eu estou enganada.

Sento-me no chão e meu cérebro anestesiado pela dor me avisa que eu tenho que ir para casa. Preciso encontrar o Greg e dizer-lhe que ele está enganado, e que ele não é esse homem sem escrúpulos pelo qual eu me apaixonei perdidamente. E, com a esperança de vê-lo novamente, eu saio me arrastando com dificuldade em direção ao carro. Ligo a ignição e a escuridão da noite é tudo que eu vejo.

O caminho de volta é feito com muita dificuldade. Meus olhos estão embaçados e eu não passo dos quarenta quilômetros por hora. Olho rapidamente para o espelho retrovisor e me deparo com uma garota horrível, pálida e com olheiras. Esta é a minha nova eu. Sem vida, sem amor, sem direção.

Estaciono o Nissan em frente à casa que está iluminada e saio correndo em direção a porta de entrada. Ao entrar, eu observo que as luzes do escritório estão acesas e vou até lá. Greg deve estar aqui, bebendo um uísque ou uma cerveja. *Com certeza ele está!* Meu coração dá um salto na expectativa de encontrá-lo. Mas quando eu adentro o ambiente, eu encontro Humberto sentado atrás da escrivaninha, com um copo de bebida na mão.

— Humberto... — sussurro completamente frustrada e perdida. Ele levanta o rosto para me olhar e parece prostrado.

— Lorena, querida! Onde você estava até essa hora? Você está bem? — indaga me olhando com cautela.

— Eu estava... trabalhando até mais tarde — invento. — Eu preciso... falar com Greg. Ele está em casa? — pergunto sendo muito direta.

— Greg saiu de casa, Lorena — declara se levantando e vindo ao meu encontro.

As palavras dele soam como o fim dos tempos para mim. Não consigo assimilá-las direito. Minhas pernas que antes correram com a finalidade de achá-lo, agora estremecem e bambeiam golpeada pela novidade. Não! Não pode ser... É mentira!

— Como? — pergunto, controlando-me para não cair outra vez.

— Ele está morando no Princesa Isabel — responde com o semblante triste.

— Por que ele fez isso? — pergunto perplexa sentindo o coração se comprimir em meu peito.

— Eu acredito que você não saiba. Greg e Thales tiveram uma discussão feia semana passada, durante o jantar. E já não é a primeira, nem a segunda vez que eles se desentendem devido aos negócios. — Ele bebe um gole da bebida e prossegue. — Então, Greg achou melhor sair de casa para evitar maiores aborrecimentos.

Greg saiu de casa por causa do Thales? Não! Não foi só por isso. *Greg saiu de casa para ficar longe de mim.* Ele não quer me ver mais! Esse pensamento arrasa a última esperança que eu tinha de falar com ele e resolver de vez com essa situação.

— Querida, você está bem mesmo? Você parece abatida — diz ao analisar a minha aparência assustadora.

A voz de Humberto me traz de volta a dura e gélida realidade. Respiro fundo e tento buscar a razão, bem como não sucumbir diante do pai de meu marido. Humberto não pode suspeitar de nada entre mim e Greg. Se isso acontecer, será o fim do fim.

— Eu só preciso de um banho. Boa noite, Humberto. — digo e ele sorri afetuosamente. Giro o corpo e deixo o escritório, desaparecendo escada acima.

No corredor, eu paro em frente à porta de quarto do Greg. A vontade de vê-lo é maior que minha sanidade e eu entro, girando a chave na fechadura. Um fio de uma louca esperança nasce em mim. Ele talvez ainda esteja aqui. E, tomada pelo sentimento, eu saio em direção ao banheiro.

— Greg? Greg? Você está aí? — pergunto e, como não há sinal dele, eu retorno ao quarto. Sento-me a beira da cama e pego o seu travesseiro. A única coisa que denota que ele esteve presente é seu

cheiro impregnado no tecido. Eu me agarro a ele e inalo profundamente. Parece que o sinto ao meu lado. E se Humberto estiver enganado? E se Greg foi apenas passar a noite no barco? Talvez, seu pai esteja confundindo as coisas.

Instintivamente eu caminho até ao closet na expectativa de ver algum indício da presença dele. Abro as portas do armário e ele está vazio, assim como minha vida. Meus olhos não acreditam no que veem. Não quero acreditar que o Greg realmente se foi. E a dor volta a se fazer presente, me atormentado, me aniquilando. Ela é a única coisa que eu tenho que ainda me faz sentir que estou viva e respirando.

Lentamente eu me afundo no chão colocando a cabeça em minhas mãos. Tanto a dor como o pânico me oprime e são negros, impiedosos e estão por todos os lados. As lágrimas voltam a descer descontroladamente, rasgando-me por inteira. A angústia é tão profunda que é como se alguém enfiasse um punhal direto no meu coração ferido e o arrancasse aos poucos de dentro de mim.

Está tudo acabado! O sentido da palavra vida e amor não existem mais. Sem ter Greg ao meu lado eu não tenho mais o porquê continuar. Então eu mergulho em uma agonia lenta e deixo-a tomar conta de meu corpo e de minha alma.

Os dias estão passando morosamente e eu não sei mais o que é viver. Durante o dia eu me arrasto no trabalho, esforçando-me ao máximo para não deixar transparecer a desolação que sinto. À noite, quando chego a casa, eu raramente desço para jantar, e quando o faço, mal toco na comida. A insônia virou minha companheira, assim como o desalento durante as madrugadas que passo ou chorando, ou lendo algum livro com a mente totalmente desfocada na leitura. Quando durmo, tenho pesadelos e acordo sempre banhada em suor e lágrimas.

Greta e Humberto estão um pouco preocupados comigo, mas eu digo a eles que é acumulo de trabalho. Sempre invento uma desculpa ou outra para camuflar o meu sofrimento. Afinal, eu me tornei mestre em forjar o que sinto diante dos outros. Isso agora é muito fácil para mim.

Nos finais de semana, quando Thales volta do Rio, eu uso a minha "máscara" de esposa para tentar agradá-lo. Mas nem sempre eu obtenho sucesso. E como ele está ainda tomando os medicamentos controlados, parece não perceber que estou diferente. Sexo? Bem, isso é algo que eu desvio o quanto posso para não ter com ele. Invento um dia uma dor de cabeça, outro um desconforto estomacal, ou então eu o espero dormir para somente depois, me deitar à cama. E, quando eu não consigo evitar, eu faço sexo com ele e não sinto prazer algum, somente um enorme buraco em meu peito dilacerado.

A ausência de Greg é algo que está realmente me matando aos poucos. Quase não tenho notícias dele. Às vezes ouço Humberto falar com ele ao telefone, ou Rosana mencionar que Celso o viu. Não posso sequer perguntar como ele está, porque não quero que os outros denotem o que sinto por ele.

Tenho escondido esse amor de tudo e de todos. Esse amor que veio como um furacão e invadiu cada milímetro de meu corpo e que agora se foi, deixando somente rastro de aflição e dor. Perdi peso, talvez três ou quatro quilos, não sei ao certo. Olheiras pairam abaixo de meus olhos azuis e a pele que antes era viva e rosada, hoje é pálida e sem cor.

Lavínia veio passar o final de semana e finalmente, depois de dias, ela conseguiu me tirar de dentro de casa e me trazer junto consigo para a praia. A temperatura do mês de agosto está um acima do normal e o dia à beira mar está pouco movimentado. O tempo parece não colaborar, pois algumas nuvens pairam no céu e indicam sinal de chuva a caminho.

Ao contrário dela, que veste um biquíni, eu estou de short jeans e regata. Não consigo me animar com nada e nem mesmo em pegar um sol. Hoje isso não me interessa mais.

Lavínia está cheia de novidades sobre a faculdade, as festas com seus amigos e alguns garotos que lhe despertam à atenção. Contudo, eu tenho a mente completamente desfocada de seus assuntos triviais. Meus olhos somente veem o azul do mar a minha frente e nada mais.

— Lorena, eu estou fazendo aulas de paraquedismo! — ela diz eufórica.

— Ah, que maravilha! — exclamo me esforçando ao máximo para demonstrar entusiasmo.

— Sim, eu estou adorando. Só podia ser o meu amado irmão para me dar o melhor presente do mundo. Eu amo o Greg! — Eu ouço o nome dele ecoar em meus ouvidos e o vazio me preenche ainda mais.

Tenho passado os dias como um zumbi. Tudo que me lembra ele se faz presente na minha eterna solidão: seu cheiro, sua voz, seus olhos, seu sorriso. Estou enfrentando esse túnel escuro e silencioso sozinha. Tem sido tão difícil. Tão insuportavelmente difícil, que eu nem sei se desejo mais continuar a enfrentar essa situação desoladora.

— Você devia tentar, Lorena. — Lavínia incentiva entusiasmada. — É eletrizante!

— Deve ser muito bom mesmo. — sussurro enquanto a lembrança do salto me vem à mente para me deixar ainda mais perdida.

— Quando a gente salta, o coração parece que quer sair pela boca. — Ela continua sem saber que está me atormentando inconscientemente.

— Isso se chama adrenalina — declaro e ela franze o cenho, confusa.

— Como você sabe? — pergunta curiosa.

— Eu ouvi relatos sobre isso uma vez — respondo tentando consertar a situação.

— Eu também ouvi alguns relatos, mas estar lá em cima é outra sensação. Eu estou adorando conhecer a tal da “tia” adrenalina. — Sorri animada.

Vejo uma silhueta conhecida se aproximar e Rosana chega se juntando a nós. Ela também está vestindo sua roupa de praia e traz consigo uma bolsa. A minha amiga estende uma toalha ao nosso lado e se acomoda na areia.

— Olá, meninas! — diz Rosana sorrindo.

— Oi Rosana. Eu e a Lorena estamos comentando sobre adrenalina que invade nosso corpo quando saltamos de paraquedas — fala Lavínia animada com o seu curso.

— Hum, você está aproveitando seu presente de aniversário. Que ótimo! — diz a minha amiga sorridente.

— Você já saltou, Rosana? — indaga a minha cunhada.

— Não, mas eu tenho interesse em fazer isso um dia. Quem sabe. — Sorri e seus olhos brilham entusiasmados com a ideia.

— Você não vai se arrepender. — Assegura Lavínia. — Bem, eu tenho que ir. Alguns amigos ficaram de me pegar lá em casa para um luau. — Ela se levanta, coloca sua saída de banho e se despede. — Tchau, gente.

— Tchau, Lavínia — respondo, ao vê-la se distanciar.

— Que milagre encontrar você nesta tarde de sábado na praia, Lorena. — fala Rosana passando protetor solar. — Foi Lavínia que te tirou de dentro de casa?

— Sim, foi — respondo monossilábica.

— Hum... E Thales está aqui também? — pergunta interessada.

— Não, ele chega mais tarde. E Celso? — Eu tento distraí-la falando sobre o seu namorado.

— Ele está viajando e chega mais tarde. — Ela abre um enorme sorriso nos lábios, demonstrando a sua felicidade, enquanto eu estou concentrada no oceano a minha frente. — Eu não podia ter escolhido melhor. Celso é perfeito em tudo. Ele me manda flores, como você mesma viu outro dia, sabe cozinhar alguns pratos, é muito carinhoso e atencioso, além de ser ótimo de cama. — Ri divertida. — Sempre nos divertimos muito juntos. Estou aprendendo tantas coisas com ele. Eu não tenho dúvidas de que quero passar o resto de minha vida junto dele. Um dia ele veio ao meu encont... — Algo me bloqueia e eu não ouço mais o que ela fala. A minha atenção está totalmente voltada para o mar azul que me hipnotiza com suas ondas que vão e vêm. Eu me levanto e, sem dizer nada a Rosana, saio em direção à água.

Atravesso a areia completamente inerte e inebriada pela atmosfera que emana do oceano. As ondas tocam meus pés e eu continuo andando sem parar para dentro do mar. Elas vêm mais fortes e mais rápidas ao meu encontro e eu as deixo banharem meu corpo. Lentamente meu cérebro é desconectando com a realidade ao redor e o azul sem fim toma conta de mim.

Sou atingida por uma onda forte e caio na água fria, totalmente desorientada. As oscilações do mar me puxam para o fundo, enquanto eu me debato contra elas e avisto os corais próximos a mim. Novamente elas me empurram para frente e para trás e eu não consigo ver direito qual é a direção da praia.

Tento nadar e emergir, mas o mar me puxa para baixo fortemente e por pouco eu não sou jogada para cima dos corais. Procuro chegar à superfície sem obter resultado, pois estou nadando

em círculos enquanto o mar raivoso está ganhando vantagem lutando contra mim.

Eu não aguento mais prender o ar que há em meus pulmões e abro a boca, bebendo um pouco da água salgada que desce rasgando a minha garganta. Tento outra vez chegar à tona, mas é em vão. O oceano quer me levar com ele para além do infinito. Meu corpo está anestesiando em contato com a água gelada e eu sinto que estou me afogando. O gosto salgado do mar entra em minha boca e em minhas narinas, enquanto as ondas me puxam sem piedade ainda mais para o fundo, desorientando-me totalmente.

Por um momento eu penso que talvez isso seja a porta escapatória da solidão e do desamor que estou sentindo. Viver sem ter Greg ao meu lado não tem mais sentido. A única coisa que eu tenho é o amor que sinto por ele e um coração quebrado em um milhão de pedaços.

Mas é neste momento que mamãe e de vovô vem à minha mente desnorteada e o pavor me invade. Eu me debato mais um pouco, lutando contra a maré e tentando subir. Porém, é inútil, pois estou extremamente cansada.

De repente... tudo escurece... e eu não sinto mais nada.

— Lorena! — A voz angustiante de Rosana brota no fundo de minha mente em choque. — Respire, Lorena. Oh, meu Deus! Vamos, respire. — implora em desespero. Sua voz soa como um eco em meus ouvidos repletos de água.

Sinto impulsionarem meu peito para cima e para baixo e o sal do mar ferve em meus pulmões, queimando a minha garganta e as minhas narinas.

— Lorena, respire, por favor! — Agora eu reconheço perfeitamente a voz da minha amiga soar aflita em meus ouvidos. Aos poucos a escuridão dá lugar à luz fraca do entardecer.

Sou virada de lado por um homem que provavelmente é o salva-vidas e o gosto salgado da água do mar vem com tudo em minha boca. Eu expulso o líquido que há em meus pulmões e sinto a minha boca ardida e meu corpo frio e dolorido.

— Graças a Deus! — diz Rosana colocando a minha cabeça em seu colo.

Ela e o salva-vidas conversam algumas coisas, enquanto eu ainda estou deitada na areia. Algumas pessoas que observam a cena ao redor estão agora se distanciando. Com um pouco de dificuldade eu abro meus olhos totalmente e me sento, ainda muito zozna.

— A senhora deve ir a um hospital — avisa o homem preocupado.

Hospital?! Arregalo os olhos e a cena de minha família chegando ao hospital se forma em minha mente. Eu imagino Thales descontrolado, Greta em choque, pensando que eu podia ter morrido; Humberto com uma expressão espantada e severa no rosto e a Lavínia chorando sobre mim. Balanço a cabeça ligeiramente tentando encontrar a minha sanidade. *Hospital é tudo o que eu não preciso neste momento!*

— Eu não vou a hospital algum! — digo decidida sentindo a cabeça girar devido a tudo que aconteceu.

— É claro que você vai sim a um hospital, Lorena! Você acabou de se afogar e precisa ver um médico, urgente. — Ela segura meu rosto gelado em suas mãos, olhando-me aflita.

— Eu não me afoguei. Eu... Eu fui dar um mergulho, só isso! — exclamo me levantando um pouco cambaleante. Rosana vê que não estou totalmente equilibrada e me segura pelos braços com receio que eu caia.

— Tem certeza de que não precisa ver um médico? — indaga o salva-vidas.

—Estou bem e não preciso de médico! — Reitero e eles me olham estupefatos.

— Eu acho que a senhora deve ir a um hospital. — Aconselha novamente o homem.

— Senhor, muito obrigada por tudo — agradeço ignorando o seu apelo.

— Muito bem... Então, cuide-se, senhora. E, da próxima vez, mais atenção ao se banhar ao mar. — Alerta e sem seguida se despede saindo. — Tenham um bom dia. — O homem se distancia e Rosana me olha com o semblante nada contente.

— Mergulho no mar?! — ela esbraveja. — Agora tentativa de suicídio tem outro nome?

— Eu fui mergulhar sim! — Volto com o meu teatro e começo a caminhar cruzando a praia. Rosana me segue, colada ao meu lado.

— Lorena, você ouviu eu te chamar antes que as ondas te atingissem? — pergunta e eu pisco ligeiramente, pois eu não me recordo de ouvi-la chamando meu nome.

— Sim, eu ouvi. Mas como disse, eu fui mergulhar. — Minto e me sinto um lixo diante da minha melhor amiga.

— Você me ouviu e mesmo assim continuou a entrar no mar? Por quê? — Ela me segue esbravejando, enquanto atravessamos a praia em direção ao carro que está do outro lado da rua.

— Rosana, você nunca sentiu adrenalina? — questiono e ela estreita os olhos.

— Já, mas nunca precisei me afogar para senti-la — ironiza zangada.

— Eu só queria sentir a adrenalina, nada mais. — Dou de ombros.

— Lorena — ela interrompe meus passos e me segura pelos ombros —, que há com você?

— Rosana, eu estou bem. Chega de fazer drama, por favor. Eu tenho que ir para casa. — digo e me sinto mal em agir assim com ela, mas é necessário. — Ah, e ninguém pode saber sobre o que aconteceu hoje. E isso inclui o Thales! — Ela arregala os olhos.

— Você vai esconder esse acidente de sua família? — rosna furiosa.

— Sim, eu vou. E você também não pode dizer nada. Esse dia não aconteceu — respondo, sentindo as entranhas se contraírem dolorosamente.

— Ok... Eu não posso me intrometer mais do que já me intrometi em sua vida. Será do seu jeito — concorda amargurada, me liberando com cautela.

— Rosana, não fique zangada comigo, por favor! — Imploro com o olhar. — Eu a amo como a uma irmã. Eu só quero que esse incidente não cause um caos na minha família, deixando todos preocupados devido a um inocente episódio.

— Inocente episódio? — repete sacudindo a cabeça. — Está bem. Eu não direi nada. Fica tranquila. — Concorda a contragosto. — Você pode dirigir sozinha? — pergunta preocupada.

— Sim, eu posso — respondo e busco seus olhos castanhos. — Ei, está tudo bem comigo. Acredite em mim!

— Lorena, nunca mais faça isso novamente! Você me promete? — diz me fitando aflita.

— Sim, eu prometo. — Asseguro tentando acalmá-la.

— Bem, acho melhor você ir, pois Thales pode ter chegado e vai querer saber o porquê você está com suas roupas molhadas. Espero que você tenha uma boa desculpa para dar ao seu marido! — Lembra-me em tom firme.

— Eu cuido disso — asseguro abrindo a porta do carro.

— Se precisar de algo, me ligue. Ok? — Rosana abre um meio sorriso.

— Sim. Obrigada, Rosana. — Eu a abraço carinhosamente.

— Se cuide, Lorena, e não faça mais nada de estúpido, por favor. — Ela me solta e eu assinto afirmativamente. Entro no carro e ligo a ignição.

— Tchau e obrigada mais uma vez — agradeço e saio em disparada para casa. Enquanto eu faço o trajeto, o meu cérebro organiza uma série de respostas que terei que inventar para as perguntas que irão surgir.

Não foi tão difícil quanto eu pensei. A história que contei a toda a família sobre o episódio das roupas molhadas, com exceção de Thales que ainda não havia chegado do Rio, foi que eu e Rosana nos divertimos à beira da praia e uma deu banho de mar na outra. Dei a desculpa mais esfarrapada do mundo e ninguém desconfiou de nada.

Estou virando *expert* nesse assunto: mentir e enganar as pessoas ao meu redor. A minha vida gira em torno da hipocrisia já tem mais de três meses.

Saio do banho e encontro Thales olhando através da janela. Ele chegou enquanto eu me banhava e está a minha espera. Aperto o laço de meu roupão e permaneço estática, mantendo certa distância.

— Lorena — diz, girando o corpo e me olhando atentamente —, você está bem, meu amor? — Sua voz está aveludada e eu estremeço, pois imagino o que ele queira.

— Oi, Thales. Estou sim. Você fez boa viagem? — Sorrio e escapo de suas garras, saindo até o closet. Para o meu desconforto, ele me segue.

Engulo em seco e fico constrangida em tirar a roupa em sua presença. Para fugir de seu olhar perturbador eu me viro de costas para ele e abro uma gaveta à procura de uma lingerie. Thales se aproxima e acaricia meus ombros, fazendo-me estremecer ao seu toque.

— Estou com muitas saudades suas, Lorena — fala ao meu ouvido e eu fecho os olhos por um momento. — Quero tocá-la, beijá-la, fazer amor com você. — Suas mãos deslizam em meu corpo coberto pela roupa. Com agilidade, ele me gira para frente e vejo seu olhar carregado de tesão.

Thales inclina a minha cabeça para trás e distribui beijos em meu pescoço. Eu enrijeço o corpo e meu estômago começa a se embrulhar. Nunca imaginei que pudesse sentir essa repulsa que sinto quando meu marido me toca. É algo que foge de meu controle, sendo mais forte do que eu.

— Espere! — imploro e o pânico nasce dentro de mim.

— Ah Lorena, você cheira tão bem — declara pressionando sua ereção em meu ventre. Apavorada, eu o empurro para longe e retorno ao quarto. — Lorena, o que há com você? Você está me rejeitando? — pergunta, me seguindo logo atrás. Giro o rosto e encontro a desolação que paira em seus olhos.

— Não é isso, Thales — respondo tentando manter o controle.

— Como não? Você não quer que eu a toque. Você não quer fazer amor comigo, Lorena! — Seu tom é de indignação.

— Estou no meu período, só isso. — Minto, baixando os olhos, fugindo de seu olhar inquisitivo.

— Não, não é só isso. Faz dias que você está estranha, distante. A gente mal conversa — constata o que é evidente. — Você sempre reclamava que eu estava deixando a nossa relação de lado. Mas agora quem está fazendo isso é você!

Thales tem razão! Sou culpada por ter me casado com ele achando que o amava. Sendo que agora eu sei que o sentimento que tenho por ele é de carinho, mas não é amor. O amor é outra coisa. O amor é o que sinto pelo meu cunhado. É um sentimento imenso que transborda por todos os lados, mal cabendo dentro de mim.

Ergo os meus olhos para fitá-lo consternada. Não há nada pior neste mundo que continuar fingindo sentir algo que eu nunca senti. Isso é horrível! É injusto! Sou uma traidora miserável! Não existe ser humano mais repugnante do que eu. Eu mereço tudo que estou passando, pois destruí a vida dos dois irmãos. Talvez, se Greg e eu continuasse com o romance, eu teria destruído a vida da família inteira.

— Eu sinto muito — sussurro com pesar.

— Sente muito pelo que? Por não cumprir com as suas obrigações de esposa ou por estar completamente ausente em minha vida? — esbraveja se aproximando e eu dou um passo para trás.

— Thales, eu tenho trabalhado demais e estou com cólicas e com dor de cabeça — minto dolorosamente tentando escapar outra vez de seu toque. — Eu preciso me trocar. A sua família nos espera para o jantar. — Eu mudo de assunto, mas é em vão porque ele volta a me questionar.

— Dane-se a minha família. Responda, Lorena! — Sua voz torna-se alterada e ele estreita os olhos verdes para mim.

— Eu vou me trocar e encontro você na sala de jantar. — Eu ignoro a sua ira e saio em disparada em direção ao closet novamente. Entro e tranco a porta atrás de mim.

— Lorena, abra essa porta — rosna do outro lado. — Lorena!

— Thales, eu estou me trocando. Por favor, me dê espaço para isso — imploro reprimindo o pranto.

— Lorena, abra essa maldita porta! — Grita ensandecido dando pequenos socos contra o mogno.

Eu me afasto com medo e fico contra a parede do pequeno ambiente. Segundos depois, ouço-o se afastar e sair do quarto batendo a porta com força. Sozinha no pequeno espaço, eu deixo o corpo cair ao chão e o pranto que reprimi na presença de meu marido, emerge com fúria.

Capítulo 13

A dor é minha companheira, assim como o amor. — Lorena

No outro dia, Rosana me convida para almoçar com ela no restaurante do hotel dos Fisher. Embora eu esteja aqui com ela, eu ainda estou pensando que talvez não tenha sido uma boa ideia eu ter aceitado o convite. Afinal, a probabilidade de eu me encontrar com o Greg aqui é premente. Mas, cá estamos nós, acomodadas a uma mesa e escolhendo o menu.

— O que vamos comer? — pergunta interessada. Eu observo o cardápio e realmente não há nada ali que me desperte apetite. Mas como eu não quero deixá-la ainda mais preocupada comigo eu abro um sorriso.

— Eu comerei o mesmo que você. Você escolhe e eu te acompanho — digo deixando o menu sobre a mesa.

— Sério? — Ela me olha surpresa.

— Sim. Eu confio em seu bom gosto. — Sorrio assentindo com a cabeça.

— Lorena, você precisa se alimentar mais. Eu notei que você emagreceu de uns dias para cá. Eulália não está mudando o cardápio na casa dos Fisher, é? — Arqueia uma sobrancelha especulativa.

— Rosana, a Eulália é uma cozinheira de mão cheia. Você sabe disso! Eu é que ando sem fome ultimamente — digo e logo emendo demonstrando entusiasmo. — Mas hoje eu irei acompanhar você. —

Rosana aquiesce e desvia os olhos para o cardápio, escolhendo o nosso prato para o almoço.

— Bem, o que você acha de um filé ao molho madeira e batatas com alecrim? — sugere abrindo um sorriso

— Para mim está ótimo! — Sorrio. Ela coloca o menu sobre a mesa e olha ao redor.

— Você se importa se eu for até o balcão perguntar se o Celso deixou uma mesa reservada para gente ou algo assim? Eu tentei ligar para ele, mas o celular deu na caixa postal. — Ela torce os lábios.

— Pode ficar tranquila — respondo e Rosana se levanta, saindo em direção ao balcão para falar com o gerente. Enquanto ela está ocupada falando com o homem, eu aproveito para observar melhor as pessoas que estão no ambiente. Não há aqui nenhuma que eu conheça, a maioria é hóspede do hotel, executivos e alguns veranistas com sua família.

Giro o rosto para frente e meus olhos não acreditam no que veem. Greg e Louise acabam de chegar e estão se sentando a uma mesa no restaurante. A distância entre nós é razoável e em meio às pessoas, a visibilidade fica um pouco comprometida. Contudo, eu consigo visualizar a silhueta esguia da morena que usa um vestido branco justo até os joelhos.

Greg senta-se de lado para mim e Louise de costas. Meu coração parece querer saltar pela boca e minhas mãos se congelam instantaneamente. Ele está com uma expressão cansada e tem a barba por fazer, mas ele está lindo vestindo um terno preto, camisa branca e sem gravata.

Prontamente, meu cérebro manda um sinal para meu subconsciente entorpecido: *Greg e Louise estão juntos!* Ele se afastou de mim para ficar com a magrela morena. Não acredito nessa hipótese. Meu coração, minha alma e todo o meu ser não

querem acreditar que isso seja verdade. Mas não há outra constatação a fazer que não seja essa.

Quando faço menção de me levantar para sair, os nossos olhos se encontram. Ele fica inerte e sua expressão se torna amargurada. O meu coração bate com tanta intensidade que parece querer sair pela minha boca. Permanecemos por alguns instantes apenas nos fitando intensamente. Tento desesperadamente encontrar em seus olhos cor de mel algum indício de sentimento e, no fundo de sua íris, eu vejo um resquício de dor e amor.

Neste instante, uma saudade enorme toma conta de meu peito ferido. Saudades dele, saudades dos momentos felizes ao seu lado, saudades do sentimento lindo e puro que nasceu e se foi para sempre. Apenas saudades e lembranças, nada mais.

Eu me levanto abruptamente e pego a bolsa de couro sobre a mesa. Giro o corpo e saio restaurante afora. Imersa em minha dor, eu me esqueço completamente de Rosana que ainda está lá dentro.

Enquanto eu caminho apressadamente até o carro, o meu coração parece querer explodir dentro do peito. Pensei que ver Greg e Louise juntos não fosse me abalar tanto. Ledo engano, pois estou sentindo o corpo inteiro tremer como vara verde.

Com as mãos trêmulas, eu procuro pelas chaves dentro da bolsa sem obter sucesso. Preciso dar o fora daqui o mais rápido possível, antes que eu cometa uma loucura. E, quando eu finalmente encontro as chaves, uma voz conhecida ecoa atrás de mim.

— Lorena! — exclama Rosana me fazendo sobressaltar assustada. — Onde você está indo? — Ela se aproxima a passos largos com a bolsa a tira colo.

— Para casa — respondo e volto a andar até o estacionamento.

— Mas e o almoço? O que houve? — indaga interessada enquanto me segue.

Qual a desculpa que darei a minha amiga? Eu não estou suportando mais ter que mentir e fingir para todos que está tudo bem quando não está, todavia não posso dizer a verdade também. Respiro fundo e começo mais um teatro. Afinal, o que é mais uma mentira para quem já inventou muitas?

— Thales me ligou e quer que eu lhe envie alguns documentos urgentes — respondo, e ela franze o cenho.

— E isso não pode ficar para depois do almoço? — questiona ainda sem entender o que realmente está acontecendo.

— Não. Infelizmente são documentos importantes — digo abrindo a porta do carro. — Desculpe Rosana, mas eu preciso ir. — Eu me sinto mal, muito mal. Minha carne treme diante dela.

— Ok! À tarde eu não estarei no escritório. Eu preciso ver uma obra. — Ela avisa enquanto eu me acomodo no banco do motorista.

— Tudo bem. Eu tomo conta de tudo. — Tranquilizo-a abrindo um meio sorriso para disfarçar a tensão.

— Você está bem para ir viajar na segunda comigo? Senão eu irei sozinha — indaga mudando de assunto. *Viagem! Merda! Eu não me recordava disso.*

— Sim, eu irei com você — respondo — A gente se vê. — Dou a partida no motor e deixo o local, mais perdida do que nunca.

A segunda finalmente chega e saímos cedo para a capital. Ora eu guio, ora Rosana que está adorando dirigir o meu carro. Para o meu alívio, ela está alegre, cheia de vida e parece ter esquecido o incidente da praia. Ao contrário de mim, que estou me sentindo cada dia mais sem chão, sem destino e sem esperança.

Os negócios que tínhamos para resolver na cidade foram definidos em menos tempo que eu previa. E, antes da metade da tarde, já estamos sem nada para fazer.

Almoçamos no *shopping* e, outra vez, lembranças doces e torturantes inundam a minha mente e espezinham meu coração. A adrenalina desperta feroz e começa a se espalhar em minhas veias, me consumindo por inteira. Preciso fazer algo para senti-la novamente. Ela é o único indício que tenho, além da dor, que me faz ter a certeza de que um dia eu e Greg fomos felizes.

— Rosana, o que você acha de saltar de paraquedas comigo? — pergunto enquanto saímos do shopping em direção ao estacionamento.

— Paraquedismo? Está falando sério? — ela me olha surpresa.

— E por que não? Você não tem curiosidade? — Sorrio esperançosa.

— Sim, eu tenho, mas... Saltar hoje? — Ela admira-se.

— Sim! Aproveitamos que estamos no Rio e vamos até Saquarema. Eu conheço o instrutor da Lavínia — digo nos aproximando do carro.

— Como você conhece o instrutor da Lavínia? — questiona desconfiada.

— Eu saltei uma vez... com ela. — Omito a verdade. — Vamos? A sensação é fantástica.

— Eu não sei — responde pensativa.

— Quando você terá a chance de saltar de novo? O dia está tão lindo e temos tempo para isso. — Eu a instigo enquanto ela pensa por um momento.

— Eu não saltarei sozinha, não é? — Ela começa a se interessar e eu sorrio.

— Não. Eu salto com um instrutor e você com outro. Tudo muito seguro — afirmo e vejo que os olhos de Rosana brilham com a informação.

— Hum... Ok, se é como você está me dizendo, eu topo. Vamos conhecer a tal adrenalina. — Ela concorda e eu sorrio ansiosa.

Quase uma hora depois estamos no aeródromo. Eu apresento Rosana ao Dimas e, enquanto ela se serve de água no balcão, eu digo ao instrutor que não mencione nada sobre meu salto há poucos meses atrás. Se acaso a minha amiga perguntar algo, é para ele lhe dizer que eu saltei com a Lavínia. Para o meu alívio, ele concorda sem fazer objeções.

Dimas instrui Rosana e eu fico esperando pelo salto de paraquedas mais uma vez. A adrenalina me chama e eu não vejo a hora de estar novamente caindo em queda livre, rasgando o céu azul em busca pela liberdade.

Momentos mais tarde, estamos voltando para casa. Durante o trajeto, eu estou absorta em pensamentos e Rosana, que está acomodada ao banco do motorista, não para de falar sobre o salto de pouco antes.

— Uau! Isso foi fantástico! Eu não acredito que eu pulei de paraquedas — declara radiante.

Lanço um olhar rápido para o relógio no painel e constato que são quase seis horas. Não quero chegar de noite em casa. E, com esse intuito, eu acelero um pouco mais o motor do carro que ganha velocidade na alta estrada.

— Eu sabia que você gostaria — digo, mantendo os olhos no trânsito, porém o pensamento está disperso.

— Se eu gostei? Eu adorei! Foi a coisa mais louca e alucinante que eu fiz até hoje em minha vida. Eu pude sentir a adrenalina, que estava presente por todos os lados. E observar o Rio do alto é sem palavras. É tudo tão lindo e mágico. — Rosana tagarela ainda se sentindo nas nuvens.

Inconscientemente eu aumento a velocidade e me aproximo de um caminhão, que trafega não mais que 70Km/h. Respiro fundo e rapidamente tiro um pouco o pé do acelerador. Dou uma espiada e tento ultrapassá-lo. Contudo a primeira tentativa fracassa, pois outro veículo vem em sentido contrário. E, desapontada, eu volto à minha pista.

— Ei, devagar aí! — Rosana aconselha e volta a falar no mesmo assunto. — Agora eu entendo o porquê Greg é louco por esportes radicais — Ela pronuncia o nome dele e minha mente embaralha. — Não é à toa que ele adora coisas loucas. Isso é demais! Eu tenho que concordar com o Greg que a adrenalina é uma das coisas mais fantásticas desse mundo.

Não vejo mais nada à minha frente a não ser o maldito caminhão e Greg que se misturam em meu cérebro desconexo. Pisco ligeiramente e balanço a cabeça, tentando afastar o homem que amo para longe. Greg não pode mais tomar conta de meu pensamento. Tenho que fazê-lo partir da minha vida, pois ele me expulsou de vez da sua.

Subitamente eu levo o esportivo para o lado esquerdo e percebo que vem ao longe, em sentido contrário, um carro escuro. Acreditando na minha destreza e no potencial do carro, eu acelero o que posso para ultrapassar o caminhão, ficando lado a lado com este. Afundo o pé no acelerador e o carro ganha velocidade. Porém, o outro veículo também está se aproximando rápido demais. O carro preto buzina para mim e pisca os faróis em sinal de alerta, avisando para eu sair da pista e lhe dar passagem. Mas estou encurralada pelo caminhão, que agora também buzina de forma estridente.

Rosana, que está sentada ao meu lado, diz algumas palavras, mas o pânico que me invade é tão grande que eu simplesmente não a ouço. E, tentando desesperadamente sair dessa situação perigosa, eu piso fundo o quanto posso para ganhar mais velocidade que o carro preto.

Olho rapidamente pelo retrovisor e, assim que vejo o caminhão dar o mínimo de espaço para eu cruzar, eu puxo o esportivo para o lado direito. E em uma manobra muito arriscada eu entro novamente em minha pista. O Nissan dança a traseira de um lado para o outro, enquanto o carro preto passa a toda velocidade há poucos centímetros de nós.

— Lorena, pare esse carro agora! — grita Rosana deixando notório o seu desespero.

Sua voz ecoa e desperta meu cérebro entorpecido pelo pavor. Com as mãos geladas e o corpo trêmulo, eu encontro o acostamento e paro o veículo. O caminhão que estava antes na nossa frente, agora passa por nós e abre a buzina mais uma vez.

— Você quer nos matar? — pergunta, respirando com dificuldade. — O que há contigo? Você não viu o outro carro que vinha em sentido contrário? — brada tensa, passando as mãos pelo cabelo.

— Sim, eu vi — respondo ainda em choque com o corpo trêmulo.

— E por que você não o esperou passar? — Ela continua com as suas perguntas, me fitando com desaprovação.

— Eu... Eu achei que... Pensei que... — Nem sei direito o que eu falo, pois minha cabeça lateja aturdida. Rosana respira fundo e me lança um olhar incrédulo. Ela está furiosa e não posso lhe tirar a razão. Afinal, eu me comportei como uma louca e por pouco não nos matei.

— Me dê as chaves do carro! — Exige estendendo a mão em minha direção.

— Rosana, eu pos... — Tento falar, mas ela me interrompe furiosa.

— Me dê as malditas chaves desse carro, Lorena! — diz em tom firme que não admite protestos. Eu tiro as chaves da ignição e as entrego a ela. Rosana abre a porta do esportivo e antes de sair se volta para mim. — Sente-se no banco do carona e coloque o cinto. — Eu me arrasto até o estofado e faço o que a minha amiga sugere. Ela se acomoda no banco do motorista e dá a partida no motor.

O restante do trajeto é feito na presença de um silêncio mórbido. Rosana não troca nem uma palavra comigo até chegar em nossa cidade praiana. Mas isso é compreensível diante da quase tragédia que eu causei. Onde eu estava com a cabeça para agir de um modo tão imaturo? Nunca havia feito nada de arriscado antes em toda a minha vida e agora eu quase cometi um acidente agindo de forma impensada.

Minha cabeça dói só de imaginar o que poderia ter acontecido. Afinal, eu pus a vida da minha melhor amiga em perigo e eu nunca me perdoaria se algo de ruim acontecesse com ela. Nunca!

Chegamos e eu percebo que Rosana está indo em direção ao seu apartamento em vez de ir para minha casa. Com certeza ele irá me dar um sermão. Eu mereço ouvir o seu desabafo. Aliás, eu mereço muito mais que isso!

— Desça! Precisamos conversar — fala estacionando o carro.

Sem contestá-la, eu desço e a sigo. Minutos depois o elevador que dá acesso ao quarto andar logo abre as portas e eu me preparo psicologicamente para reviver a cena de horror pela qual passamos. Rosana abre a porta de seu apartamento e eu atravesso a sala de estar, parando próximo a um sofá. Ela entra, passa a chave na fechadura e deixa a mochila sobre uma poltrona.

— Desde quando você e o Greg têm um caso? — indaga sem rodeios com os olhos fixos em mim.

A pergunta cai sobre mim como um balde de água extremamente gelada. Abro a boca apavorada e minha respiração falha. O chão some abaixo de meus pés e temendo uma possível queda, eu me sento sobre o braço do sofá. Fixo o olhar no tapete persa completamente perdida, enquanto meu coração convulsiona dentro do peito. Não posso fugir mais desse assunto. Chegou a hora de contar-lhe toda a verdade sobre o que tem me torturado nestes últimos meses.

— Não temos mais — sussurro em um fio de voz.

— Desde quando? — exige em tom inquisitivo.

— Um mês talvez... — respondo sem encará-la.

— Por quanto tempo tiveram um caso? — Ela continua com seu interrogatório.

— Não sei... Dois meses ou mais — falo me sentindo horrível e suja.

Vejo pelo canto dos olhos que ela balança a cabeça de um lado para o outro e respira fundo. Rosana está desapontada comigo, eu sei disso e é por esse motivo que eu não tenho coragem para olhá-la nos olhos. A pessoa com quem ela conviveu como irmã durante esses anos se tornou indigna de confiança, de afeto, de cumplicidade.

— Por que no fundo eu sempre soube, mas nunca quis admitir isso? — Faz a pergunta para si mesma e se aproxima. — Lorena, você está estranha neste último mês por que o Greg terminou o romance entre vocês, não é? É por isso que você entrou mar adentro outro dia, quase tirando a sua própria vida? É por isso que você vem fazendo essas coisas loucas, como saltar de paraquedas e correr com seu carro a mais de cento e vinte quilômetros por hora? É por isso, Lorena?

— Sim... — sussurro com um nó na garganta.

— Você está buscando sentir a adrenalina em suas veias para suprir a falta que ele está fazendo em sua vida, não é? — diz o óbvio e eu assinto com a cabeça.

— Talvez. Mas nada nem ninguém substituirá a presença dele — afirmo com voz embargada.

— Lorena — Ela me segura pelos ombros e ergue meu rosto, buscando os meus olhos. —, por que você não me contou antes? Por que não se abriu comigo? Raios! Você não confia em mim? Afinal, somos quase como irmãos!

— Eu não quis preocupá-la. — Rosana me solta e leva a mão a testa caminhando de um lado para o outro na sala.

— Agora eu entendi tudo. Está tudo muito claro como água para mim. Você se casou com o Fisher errado, Lorena. Você ama o Greg e não o Thales. Você nunca amou o seu marido — afirma em alto e bom tom.

Atônita, eu arregalo os olhos e sinto meu coração se contrair dentro do peito. Parece que ele parou de bater por alguns segundos e voltou novamente a bombear sangue, oxigenando o meu cérebro desconexo. Mas que diferença isso tem agora, se eu me casei ou não com o homem errado? Afinal, o homem que ela diz ser o certo para a minha vida não me quer mais.

— Isso não tem mais importância — digo lacônica.

— Como não? Você terá que escolher quem você quer machucar: ou o Greg ou o Thales. Por que é assim que vai ser — declara a verdade para meu pesar.

— Greg já escolheu por mim — falo reprimindo o pranto.

— Ei, me escute. — Rosana se aproxima e me segura outra vez pelos ombros. — Entendo perfeitamente o porquê Greg se afastou de você. É porque ele te ama demais e não quer ver você e nem

Thales sofrer. Ele prefere passar sozinho por toda essa dor do que magoar vocês dois.

— Isso não tem sentido, Rosana! — sussurro totalmente incrédula.

— Eu sei por que Celso me contou — declara e eu prendo a respiração.

— Celso? Ele sabe sobre nós dois? — pergunto perplexa.

— Não! Claro que não sabe. Não se preocupe. Celso me contou que Greg saiu de casa no último mês e que está vivendo no Princesa Isabel. Ele me disse que o primo está feito um morto vivo e que não come e nem dorme direito. — Meu peito dói só em imaginar que ele esteja sofrendo. — Bem, acho que ele não é o único que está assim — ela diz analisando a minha aparência abatida.

— Oh, meu Deus! — exclamo engolindo em seco.

— Lorena, você e Greg agiram errado. Isso é fato. Contudo, ele te ama e você o ama também. Não se culpe. Nós não escolhemos quem amar, o amor nos escolhe. — Afirma e me abraça com ternura. Neste instante eu não contendo mais o choro que emerge rasgando meu peito ferido. — Eu ficarei do seu lado, não importa a escolha que você fizer. Eu só quero vê-la feliz. — Ela afaga o meu cabelo, me dando carinho.

Encontro refúgio que eu tanto preciso em seus braços fraternais, enquanto deixo o corpo e a alma terem um pouco de sossego. A sensação de ter desabafado com a Rosana é como se um fardo de uma tonelada fosse removido de meus ombros. Não que eu esteja aliviada por inteiro, mas ao menos agora eu sei que posso contar com o seu apoio e isso já me deixa um pouco menos culpada.

Capítulo 14

*Depois que você foi embora eu percebi que você era a felicidade que eu tinha em mãos, e perdi. — **Greg***

O sol está se despedindo lá fora e o pouco que ainda resta de sua luz entra através das pequenas janelas do Princesa Isabel, que balança lentamente ao toque das ondas, ancorado no cais.

Acomodado ao sofá, eu levo uma das mãos à mesinha de canto e pego a bolinha de tênis. Miro a cesta de lixo e arremesso a bola que passeia ao redor da borda e cai para dentro, pela décima quarta vez seguida, em mais um de meus arremessos certos. *U2* ecoa no Mini System com melodia chorosa de *With or Without You* deixando a atmosfera ainda mais nostálgica.

Algumas poucas garrafas de vinho, cerveja e água mineral estão espalhadas pelo chão da cabine, a qual tem sido o meu lar há trinta e quatro dias. Não tenho vontade de limpar o ambiente, tampouco de sair para me distrair. Prefiro estar perto do mar e da brisa que ele traz consigo. Parece que ela ajuda a manter o ar que me falta nos pulmões vez ou outra. Contudo, nada ameniza a dor que lateja em meu peito ferido e se expande corroendo as minhas veias.

Na verdade eu não sei o que é pior, se é saber que esse amor que pulsa forte pelo meu corpo e transpira através de meus poros nunca deveria de ter nascido, ou se é constatar que Lorena não é minha, que ela jamais será minha. A lembrança dela na ilha, cabelos ao vento, sorriso doce de menina, olhos azuis hipnotizadores é a única coisa que tenho comigo, além da terrível e avassaladora solidão.

Tenho sobrevivido ligando o piloto automático, dia após dia.. Quando estou no trabalho, eu me esforço o máximo possível para não pensar nela e me concentrar em resolver os negócios. Reuniões, viagens curtas, papéis, papéis e mais papéis. Ainda bem que Celso voltou para cá e está me ajudando, pois sem ele eu estaria ainda mais perdido.

Não tenho tido nenhuma notícia dela e, a última vez que eu a vi, depois de tudo que houve, foi há mais de uma semana, no restaurante do hotel na companhia de Rosana. No momento em que os nossos olhos se encontraram, foi como se o mundo desaparecesse a minha volta e eu só a via.

Percebi que ela está muito abatida e que emagreceu um pouco. Lorena está sofrendo e eu sou o único culpado por isso. Mas eu não tinha outra saída a não ser me afastar de vez. Uma triste saída, mas é a única que me restou.

Respiro fundo e levanto-me. Caminho até o espelho e me deparo com a minha péssima imagem refletida nele. Estou com uma aparência abominável. Olheiras pairam abaixo de meus olhos e tenho a barba por fazer faz três dias. Ignoro o ser que reflete em minha frente, pego uma *Bud* e saio até o convés.

Sento-me sobre o assoalho de madeira polida e observo a noite que chega trazendo consigo algumas estrelas e a lua majestosa que reflete no mar. Enquanto bebo a minha cerveja, meu pensamento se volta para ela mais uma vez. O que Lorena está fazendo neste momento? Está feliz? Está sofrendo? Está com oThales, já que é noite de sábado? Essas e outras perguntas latejam a minha mente, deixando-me profundamente angustiado. Preciso tirá-la da minha cabeça pelo menos por uma noite. Só uma! E, com esse intuito, eu decido sair.

Retorno à cabine, tomo um banho rápido, faço a barba e visto um jeans, camisa polo branca e sapatos. Passo a fragrância de Dior, pego as chaves do carro e saio em direção ao centro da cidade. Um

velho amigo me convidou para uma festa que acontece em um hotel e eu marcarei presença.

A festa está animada e repleta de gente bonita por todos os lados, porém eu estou me sentindo como um peixe fora d'água. Esbarrando-me em algumas pessoas, eu me aproximo do bar e peço uma dose de uísque.

Apoio-me junto ao balcão e observo as pessoas que se divertem ao som da música eletrônica. Não estou nem um pouco animado, pelo contrário, uma sensação de vazio toma conta de mim.

Algumas garotas me lançam olhares convidativos e sorrisos desejosos. Porém, eu as ignoro completamente e permaneço inerte bebendo. O copo logo fica vazio e eu peço uma segunda dose. A necessidade que eu tenho de fugir da realidade é imensa, que eu faço qualquer coisa para suprir a ausência de Lorena em minha vida.

Volto o rosto para frente e, uma garota loira que está de costas para mim, usando um vestido de seda azul-claro, desperta a minha atenção. *Lorena? Ela está aqui?* Pisco os olhos ligeiramente tentando assimilar a silhueta que vejo a certa distância e meu coração dispara de imediato. Ela veio atrás de mim! Lorena soube que estou aqui e veio me tirar de minha solidão. E, sem pensar duas vezes, eu saio em sua direção, esbarrando-me nas pessoas que bloqueiam minha passagem.

— Lorena! — exclamo parando atrás dela.

A garota se vira e para minha frustração não se trata de Lorena e sim de uma desconhecida. Ela se parece muito com a Lorena, até seus olhos são azuis. Porra! O que está acontecendo comigo? Estou tendo alucinações? Completamente frustrado eu passo a mão pelo cabelo enquanto a estranha abre um sorriso.

— Olá! — diz com o olhar cintilante.

— Oi... Desculpe, eu a confundi com outra pessoa — declaro decepcionado e giro o corpo, mas ela me detém segurando de leve

meu braço.

— Eu posso ser a sua Lorena. — Volto o olhar e a encaro.

— Mais uma vez me desculpe. Eu não tive a intenção de... — Ela não deixa eu continuar a frase e me interrompe.

— Me chame de Vivian — fala se apresentando. — E você como se chama?

Estou sendo paquerado por uma sócia da Lorena? Não acredito nisso! Atordoado com a situação, eu bebo mais um gole da minha bebida e pisco os meus olhos na esperança de estar sonhando.

— Qual é seu nome, estranho? — pergunta e parece se divertir comigo.

— Gregory, prazer — respondo confuso diante da situação inusitada que se forma a minha frente.

— Bonito nome para um homem sensual como você — diz flertando deliberadamente comigo. — Você não é daqui, é?

— Eu moro em Londres e estou de passagem aqui — respondo e ela sorri.

— Interessante... Eu também resido fora do país, na Alemanha. E assim como você, eu estou de passagem visitando a família e amigos que moram aqui. — Ela molha a boca em seu gin, enquanto eu dou o último gole no meu uísque. — Essa moça, a Lorena, ela deve ser uma garota de sorte em ter um homem como você.

— Ela não tem mais — digo e em seguida me arrependo de dar informações de minha vida pessoal a uma desconhecida. Tenho que parar de beber, porque só pode ser o efeito do uísque misturado com a cerveja que está falando por mim.

— Então eu tenho que consertar a minha frase, Gregory. — Ela se aproxima um pouco mais. — Essa moça não sabe o que está perdendo. Mas, se você quiser, eu posso ser a sua Lorena por essa

noite. Vamos sair daqui e ir para um lugar mais sossegado — sugere melosamente, enquanto passeia os dedos na gola de minha camisa.

— Senhorita Vivian — eu a trato de modo formal, muito formal e me esquivo dela —, infelizmente eu já estou de saída. Sinto muito.

— Gregory, eu não irei te morder. A não ser que você queira — ela fala e eu fico pasmo diante de tanta vulgaridade.

— Foi um erro enorme eu tê-la confundido com a minha doce e meiga Lorena — afirmo, e a angústia me atinge, pois sei que Lorena não é minha e sim de Thales. — Definitivamente, você não tem nada dela. Talvez um pouco de sua aparência física, mas a essência é o oposto — declaro a verdade e ela me lança um olhar desdenhoso.

— Palavras fortes de um homem apaixonado que acaba de ser trocado por outro — ela ironiza.

— Mais uma vez, desculpe-me e tenha uma boa festa. — Giro o corpo e desapareço no meio da multidão, deixando a estranha frustrada.

Minha cabeça dói como se eu tivesse sido atropelado por um transatlântico. Maldito uísque! Maldita festa! Abro lentamente os olhos e vejo os raios de sol entrar através da pequena janela. É domingo e o dia está muito bonito. Mas ele não combina nada com meu estado de espírito. Decido sair da cama e tomar um banho para aliviar a atmosfera carregada que paira sobre mim.

Faço a minha higiene matinal e depois tomo um banho frio para acordar definitivamente, pois ainda me sinto sonolento. Saio do banheiro, visto uma calça de moletom e uma camiseta e vou até a cozinha a fim de preparar alguma coisa para comer. Não sinto fome, todavia eu faço ovos mexidos para o café da manhã, que se parece mais com almoço devido ao horário. Sou um desastre na cozinha,

não sei fazer quase nada. Esse tempo que estou sozinho eu faço minhas refeições fora, ou quando não tenho vontade de sair, eu preparo alguma coisa rápida ou pré-pronta.

Tenho os olhos fixos no prato de comida a minha frente, enquanto minha mente me remete outra vez para Lorena. Preciso parar de pensar nela vinte e quatro horas por dia e tentar voltar a minha rotina de antes, porém parece que é inútil. Todas as tentativas que eu faço são fracassadas, pois de alguma forma elas me levam sempre para ela. A noite anterior foi uma prova visível disso. Embora eu estivesse sóbrio, eu a confundi com uma estranha. *Será que estou ficando louco?*

Levo uma garfada de comida à boca, quando, passos vindos do convés desperta a minha atenção. Giro a cabeça para observar através das janelas quem chega a essa hora. Pelo modo de caminhar, eu constato de imediato de que se trata do Celso que vem me fazer uma visita surpresa.

— Oi, primo! Que diabos são essas garrafas de bebidas espalhadas por todos os lados? Você está fazendo coleção delas, é? — diz ao entrar.

— Oi, Celso. Servido? — Sorrio apontando para o prato.

— Não, obrigado. Eu já almocei. — Zomba ele com um sorrisinho.

— Desculpe pela bagunça. Eu ainda não tive tempo de limpar a cabine. Senta aí. — Aponto o estofado e ele se acomoda.

— Está tudo bem com você? — Sonda de olhar sugestivo.

— Eu acho que sim, tirando uma dor de cabeça infernal. O resto está... normal — respondo dando uma garfada na refeição insossa.

— Greg, tenho sentido você muito sozinho ultimamente. — Ele constata o óbvio.

— É bom ficar sozinho às vezes para refletir sobre a vida. — Eu filósofo, enquanto os ovos mexidos embrulham em minha boca e descem contra vontade garganta abaixo.

— Você soube que o que aconteceu com a sua cunhada? — pergunta mudando de assunto.

O que aconteceu com Lorena? O ar me falta assim como a razão me abandona. Respiro fundo e empurro o prato de comida para o lado. O meu estômago automaticamente dá um nó assim como o meu cérebro.

— Não. O que houve com ela? — indago preocupado.

— Parece que ela perdeu o controle do carro outro dia. — Ele explica o infortúnio e eu me levanto abruptamente.

— O quê?! — brado em tom alto sentindo o sangue ser drenado de minhas veias. — Lorena se machucou? Aconteceu algo de grave com ela, Celso? Por favor, me diga! — exijo aflito enquanto mil e um pensamentos passam pela minha cabeça.

— Calma! Não aconteceu nada não. — Assegura em tom firme. — Rosana me falou que a Lorena não anda muito bem ultimamente e que ela anda fazendo umas coisas diferentes, malucas — responde explicando a situação.

Ela está sofrendo e eu sou o culpado direto pela sua dor. Meu coração quebrado e amargurado bate aos solavancos dentro do peito, enquanto eu caminho de um lado para o outro tentando controlar a tensão que sinto. Por que ela anda cometendo essas loucuras? Eu pedi para ela que tomasse conta de si mesma e de seu marido. E por que Lorena está se arriscando assim?

— Thales estava com ela? — pergunto interrompendo os passos.

— Não, ela estava com a Rosana. Quando aconteceu o incidente elas estavam voltando da capital onde tinham ido ver alguns projetos — ele explica.

— Você tem certeza de que não aconteceu nada de grave com ela? — questiono temeroso.

— Greg, a Lorena está bem. Relaxa! — Celso me lança um olhar especulativo e eu me arrependo de imediato de ter prolongado a minha preocupação a respeito do assunto. Não quero que ele desconfie de algo entre mim e Lorena.

— Bem, que bom então — Abro um sorriso tenso e mudo de assunto. — Quer um vinho?

— Vinho? Primo, você não acha que está exagerando na bebida? — pergunta seriamente.

— Celso, o vinho não é uma bebida e sim essência de vida — resmungo contrariado, mas, no fundo, sei que ele tem razão. Desisto do vinho e sento-me a sua frente.

— Eu estou um pouco preocupado com você. É a tal mulher proibida que tem te deixado como um morto-vivo? — Indaga em tom divertido, mas mal sabe o que eu tenho vivido.

— Celso, deixe de besteiras. Está tudo bem comigo — declaro consertando a situação.

— Oh, claro que está. Você não só parece como um morto-vivo, mas também como o homem das cavernas. — Sorri me analisando com o olhar.

— Eu já disse que eu estou bem. Não há nada de errado comigo. Não se preocupe — rosno, passando as mãos pelo cabelo.

Como vou dizer ao meu primo que eu tive um caso com minha cunhada e que eu mesmo terminei o romance para não ver nem ela, nem meu irmão e nem minha família sofrer? Como direi a ele que eu preferi passar por esse deserto sozinho ao magoar alguém que amo? Celso não entenderia a situação e infelizmente eu não posso desabafar com ele.

— Primo, para provar a você que eu estou bem, o que você me diz de eu te dar uma surra no kickboxing agora? — Incentivo me levantando e abrindo um sorriso para camuflar o meu sofrimento.

— Agora? — Surpreende-se.

— Sim, agora! — respondo animado. — Bem, caso você não tenha um compromisso.

— Não, agora eu não tenho. Mas à noite eu fiquei de jantar com a Rosana. — Sorri.

— Ótimo. Eu vou pegar algumas coisas e a gente sai logo em seguida, ok? — digo saindo em direção ao quarto.

— Tudo bem. Eu fico aqui te esperando. — Ouço-o concordar empolgado.

A tarde é divertida e frustrante ao mesmo tempo. É Celso que me dá uma surra de luta livre. A minha concentração é um desastre e ele se aproveita para lavar a alma, depois de todos esses anos que eu sempre levei vantagem sobre ele. A companhia de meu primo desvia um pouco os pensamentos sobre a Lorena e eu estou grato a ele por essa façanha.

Além, de me ajudar a manter a mente desprovida de problemas, Celso me dá a notícia de seu noivado com a Rosana. Confesso que fico um pouco surpreso com a novidade. Mas compreendo que quando o amor fala mais alto, não tem força alguma que seja contra.

No outro dia, eu saio de uma reunião com uma forte dor de cabeça e aviso a Judith que não quero ser incomodado o resto da tarde. Entro em minha sala, tomo um analgésico e me afundo na cadeira executiva. Deixo meu corpo cansado recostar imóvel no assento, enquanto a cabeça parece querer se partir ao meio. Só

Deus sabe o que tenho passado esse tempo todo. Nunca pensei em toda minha vida que amar significasse sofrer. O amor é assim? Ama e depois sofre horrores ou fui eu que escolhi que ele fosse assim?

Mesmo sendo avisado que não queria ser incomodado, o telefone toca e Judith me avisa que a Rosana está do lado de fora e deseja falar comigo. Imediatamente meu corpo inteiro entra em alerta. Rosana aqui? O que será que ela quer? Por fim, digo para a minha secretária que ela pode entrar.

Segundos depois, eu ouço uma leve batida na porta e Rosana entra. Ela tem a expressão é séria e muito compenetrada. Eu abro um meio sorriso e a cumprimento, estendendo-lhe a mão.

— Olá Rosana, tudo bem? — digo tentando parecer o mais natural possível.

— Oi Greg, eu estou bem e você? — Ela sorri.

— Tudo em ordem. Por favor, sente-se. — Eu lhe aponto a poltrona em minha frente e ela se senta.

— Desculpe eu vir assim, sem ter avisado. Eu espero não estar te atrapalhando — ela diz cruzando as pernas.

— Tudo bem, você não está me atrapalhando. — Sou sincero. — Você gostaria de algo para beber? Uma água ou um café?

— Não, obrigada — responde e agora é a sua vez de ficar em silêncio por um momento. Rosana me fita e dispara sem rodeios. — Greg, eu vou ser direta. Eu sei de tudo entre você e a Lorena.

A informação dada por ela me pega totalmente desprevenido. Respiro fundo para oxigenar o meu cérebro, pois parece que não só o ar me falta, mas a sanidade também. *Será que Rosana está blefando?*

— Rosana, não é o que você está imaginando... — Eu começo, mas não consigo terminar a frase.

— Pare de teatro, Greg. A própria Lorena confessou tudo depois que eu a questioneei. Mas, eu não estou aqui para julgá-los, pois nós dois sabemos que ela é casada com seu irmão. Eu vim até aqui porque estou preocupada com ela. Acredito que desde o dia em que você a deixou, que ela está sem direção — ela afirma, despejando as palavras em cima de mim.

— Rosana, eu fiz o que deveria ser feito. O que aconteceu entre mim e Lorena foi uma loucura que eu sabiamente soube por um ponto final — digo com dificuldade, enquanto sinto o coração bater aflito em meu peito.

— Greg, você pode fazer cena com toda sua família e com Celso também, mas comigo não há necessidade — diz e seu gênio forte fala mais alto.

— Não estou fazendo teatro, Rosana. Eu estou apenas tentando lhe dizer que o que eu fiz foi o certo para ela e para o Thales. — Afirmo sem saber ao certo se o que estou dizendo é realmente verdade. — Thales jamais suportaria perdê-la. — Como é difícil dizer essas palavras! Respiro fundo e sinto meu corpo estremecer. A falta que tenho de Lorena é tanta que chega a doer.

— E você está suportando a ausência de Lorena em sua vida? — pergunta e eu desvio meu olhar do seu. Meu coração se acelera aflito dentro do peito, enquanto eu reflito sobre a pergunta proferida por Rosana. A vida sem Lorena não tem mais sentido para mim. Eu tenho me arrastado dia após dia, pois a sua ausência está me matando lenta e dolorosamente. Essa é a verdade, porém eu me abstenho em dizê-la.

— Rosana, eu estou vivendo a minha vida do jeito que sempre vivi. Estou curtindo, saindo, indo a festas. Ou seja, voltei a minha vida normal de outrora. O velho e conquistador Greg Fisher está na área novamente — digo tentando convencê-la. Ela me estuda atentamente e um meio sorriso se forma em seus lábios. Com certeza ela não acreditou em uma palavra que eu disse.

— Greg, chega de cenas, por favor! Lorena precisa de você! Mas, antes de lhe contar tudo o que ela tem passado, eu quero que me responda uma única pergunta. — Engulo em seco. *Rosana é Benito Mussolini na versão feminina?*

— Pergunte! — digo por fim.

— Você ama a Lorena? — A pergunta feita por ela faz eu me remexer na cadeira e imediatamente um calor se espalhar em meu corpo. Se eu a amo? Eu sou louco por ela! Acho que amor nem é a palavra certa para expressar o que sinto em meu coração. É tão grande que transborda pelos poros de meu corpo miserável.

— Sim. Eu a amo! Nem faço ideia de qual seja a medida desse amor que para mim não tem fim — respondo com emoção.

— Eu sabia! — ela respira aliviada e eu volto a fitá-la. Sua expressão se torna mais serena e ela continua. — Então, agora, você precisa saber o que ela anda fazendo.

— O que está acontecendo com ela? Não me esconda nada, por favor — digo preocupado com o meu lindo anjo azul.

— Lorena está muito diferente. Não come, tem dormido pouco, perdeu peso... — Rosana começa a narrativa e eu estremeço ao imaginar que Lorena possa estar sofrendo. — No início eu achei que fosse por causa do Thales e a sua obsessão pelos negócios, mas me enganei. Então, eu comecei a perceber que ela tem feito algumas coisas arriscadas. Lorena tem colocado a sua vida em constante perigo depois que você a deixou — declara, enquanto meu coração bate aos solavancos dentro do peito. — Outro dia ela entrou ao mar de roupa e tudo. Não sei o que deu nela, pois eu a chamei e ela não me ouviu. Parecia que estava enfeitiçada ou algo assim. — Ela respira com dificuldade e com certeza a cena horrenda é reprisada em sua mente. — Greg, a Lorena caiu na água e não voltou. Eu achei que ela tinha ido para sempre. Graças a Deus, um salva-vidas ouviu os meus gritos e a socorreu.

— Cristo! — sussurro de olhos estáticos, sentindo cada polegada do meu ser arder impiedosamente.

— Dias depois ela quase nos joga contra outro carro em uma ultrapassagem estúpida. Foi então que eu juntei as peças desse quebra-cabeças e resumi em uma única palavra: adrenalina. E quem é praticamente viciado nisso? — indaga sabendo a resposta.

— Eu! — respondo me sentindo um trapo humano diante dela. — Rosana, eu soube sobre o incidente com o carro. Celso me contou, mas não entrou em detalhes.

— Celso não está a par de tudo — declara a verdade e eu fico um pouco mais tranquilo. — Greg, a Lorena é muito nova, muito inexperiente e por vezes, inocente. Ela sabe muito pouco sobre a vida. A única coisa que ela conhece é o amor que sente por você. Ela te ama muito e está sofrendo demais por que você a deixou. Lorena nunca será feliz com o seu irmão, pois ela não sente amor por ele. Eu até entendo o que você fez, afastando-se dela. Mas você pensou mesmo que agindo assim a Lorena cairia nos braços do marido como num passe de mágica? — dispara as palavras como se fosse uma metralhadora ambulante.

— Você tem razão! — Concordo retomando a consciência. — Eu achei que a Lorena encontraria a felicidade junto de Thales, porém eu me enganei. Rosana, meu irmão não anda bem e eu acredito que você saiba sobre isso. Ele precisa da Lorena ao seu lado.

— Sim, eu sei e eu discordo de você. O que Thales precisa é de ajuda médica especializada e não de uma mulher que finja sentir por ele algo que não sente — ela diz e se levantando. — Greg, eu só peço uma coisa: se você ama mesmo a Lorena e quer ver o bem de todos, eu te aconselho a procurá-la para conversar. Porque eu temo pela segurança da minha amiga. Lorena não é muito boa no quesito “cuidar de si mesma ao ser abandonada pelo homem que ama”. — Ironiza revirando os olhos.

Tento processar o que Rosana acaba de me dizer e sou golpeado novamente pela culpa. Lorena está sofrendo e eu sou o responsável por ter colocado um ponto final em nosso relacionamento proibido. Mas o que eu posso fazer diante de seu casamento ou até mesmo diante de meu irmão frágil e sem controle? Será que não é melhor deixar as coisas como estão?

— Eu não sei se posso fazer isso — digo angustiado.

— Sim, você pode e eu espero que você faça. Eu aconselho isso pelo bem de todos. — Gira o corpo e caminha até a porta. Porém, antes de sair, ela se volta para mim. — Se você a ama como me disse há pouco, você irá atrás dela. Lorena é como uma irmã mais nova para mim, Greg. E eu não quero ver a sua vida jogada no lixo por causa de um amor que ela pensa que não é correspondido. Haja como homem! Até mais! — Ela sai e me deixa imerso em meus pensamentos.

Depois de ligar para Lorena e quase implorar para que ela venha até o barco para conversar comigo, eu deixo a empresa e corro para o Princesa Isabel. Tomo um banho, visto uma calça jeans, camisa polo e passo um pouco da fragrância de Dior para me deixar com ar mais apresentável. Acomodo-me ao sofá e observo no relógio de pulso. Já passou das seis horas e ela ainda não chegou.

A vontade que tenho é de entrar no carro e voar até a casa de meus pais. Mas, infelizmente a vida não é feita de sonhos e sim de realidade. Desolado, eu afundo a cabeça nas mãos, dizendo a mim mesmo que eu a perdi para sempre e que nunca mais terei uma chance de reconquistar o seu amor novamente.

Quando eu penso que as minhas esperanças estão todas perdidas e que ela não virá mais, sou surpreendido por passos vindos do cais. Eu me levanto e, com o coração descompassado, saio em disparada até o convés.

Meus olhos cintilam ao vê-la linda em um vestido branco bordado com pequenas flores. Meu lindo anjo de olhos azuis veio me ver e me tirar dessa agonia que tem sido a minha vida.

— Lorena! — Exclamo apaixonado.

— Oi, Greg — sussurra sem jeito.

Estendo a mão para ajudá-la a subir ao convés e ela aceita de bom grado. O contato de sua pele com a minha desencadeia ondas elétricas que percorrem todo o meu corpo e me deixam extasiado. Ela sorri e seus olhos se voltam para mim repletos de saudade.

— Vamos até a cabine — convido, mostrando-lhe a direção.

Lorena passa em minha frente e eu a sigo logo atrás. Ao entrar no pequeno ambiente, ela observa tudo atentamente, muito interessada, enquanto eu só tenho olhos para ela. Apesar de parecer mais magra e um pouco pálida, ela está linda como sempre. A falta que sinto dela é tanta que o meu maior desejo é puxá-la para meus braços, de onde ela nunca deveria ter saído. Mas, eu me contenho e permaneço esperando a sua reação.

— Então essa é sua casa? — pergunta com os olhos agora fixos em mim.

— Sim. Uma casa flutuante — respondo hipnotizado pela sua beleza angelical. — Você quer algo para beber? Água? Vinho? Café? — Ofereço gentilmente.

— Não, obrigada. Você disse que precisava conversar comigo — diz sendo direta.

— Sim. Por favor, sente-se. — Eu convido apontando para o sofá.

— Eu estou bem de pé. Por que você me chamou até aqui? — pergunta nervosa.

Eu me aproximo e, receosa, ela dá um passo para trás. Ela ainda quer manter distância de mim e eu não sei se posso suportar sua rejeição. Não depois de saber que o mesmo sentimento que eu sinto em meu peito, reside no dela também.

— Como você tem passado? — indago contendo os meus impulsos.

— Eu estou bem. — Ela faz uma pausa, continuando na posição defensiva. — Greg, você me chamou até aqui para saber como eu estou?

— Não foi só por isso. — Respiro fundo e agora é a minha vez de ser direto. — Lorena, o que deu em você para arriscar a sua vida?

— Quem disse a você que eu arrisquei a minha vida? — Ela devolve a minha pergunta com outra.

— E não arriscou? Ou você quer me dizer que se afogar no mar, ou guiar seu carro em alta velocidade, fazendo ultrapassagem perigosa, agora é algo normal? — Esbravejo enfurecido por ela estar se arriscando como uma inconsequente.

— Você falou com a Rosana! — Ela constata comprimindo os lábios. — Rosana sempre exagera em tudo. Entrei no mar para mergulhar. E quanto à ultrapassagem perigosa, bem... isso acontece. Mas eu não estava arriscando a minha vida — ela distorce os fatos.

— Você colocou a sua vida em perigo e a de sua amiga também. Por que diabos você fez isso, Lorena? — Eu me aproximo novamente e ela dá outro passo para trás, ficando quase contra a parede da cabine.

Lorena pisca ligeiramente os olhos e percebo que a sua respiração começa a se tornar irregular, pois o seu peito sobe e desce rapidamente sob o fino tecido da roupa que ela veste. Ela está tensa com a minha proximidade ou é devido as minhas perguntas?

— Eu já disse a você que eu não arrisquei a minha vida, tampouco a de Rosana — reitera continuando com o seu teatro.

Enfurecido momentaneamente por ela agir como uma criança que teima em contar a sua verdade dos fatos aos mais velhos, eu estreito os olhos em sua direção.

— Porra, Lorena! Por que você não diz a maldita verdade, Lorena! — rosno por entredentes.

— Quem precisa dizer a verdade sobre algo aqui é você! — Rebate me enfrentando.

— Sobre o que você está falando? — indago sem entender.

— Parece que você voltou a ser o cunhado conquistador, não? — Ironiza de queixo altivo.

— Você está se referindo a que exatamente? — Lorena comprime os lábios que agora estão trêmulos e me lança um olhar cortante.

— Agora sei o motivo de você ter me expulsado de sua vida. Você e Louise estão juntos. — Dispara com voz ferida.

Ela está com ciúmes! Por que eu não percebi isso antes? É óbvio que Lorena viu a cena no restaurante do hotel quando Louise foi se despedir de mim e tirou conclusões precipitadas. Por um lado eu gostei de saber que está com ciúmes, pelo menos isso denota que ela ainda sente algo por mim.

— Lorena, definitivamente não é o que você está pensando. Louise veio se despedir de mim, pois ela está deixando o Brasil para ir morar na Espanha. Eu e ela não temos mais nada há muito tempo. — Esclareço a situação. — Aliás, eu não tenho mais nada com ela e nem com ninguém. Desde que te conheci que eu só tenho olhos para você! — declaro apaixonado.

— Essa é mais uma de suas mentiras — diz magoada. — Estou farta de tudo isso, Greg. Deixe-me ir embora — rosna fazendo

menção de sair.

— Você não vai embora! — Eu a detenho e a coloco contra a parede.

Estamos tão próximos que sinto seu hálito doce invadir as minhas narinas e bagunçar o meu cérebro já intoxicado de tanto amor e saudade. No fundo de sua íris eu vejo a chama do sentimento acesa, viva e forte. Lorena olha para meus olhos e depois desce lentamente, concentrando-se em minha boca.

A essa altura eu não me importo com mais nada. Somente com ela. Quero ter e amar somente ela e nunca mais deixá-la partir de minha vida novamente. Neste momento, eu decido lutar por Lorena. *Custe o que custar!*

Capítulo 15

Não adianta lutar contra um sentimento que é infinitamente maior que você. — **Lorena**

Não sinto mais o meu corpo, apenas o toque quente e suave das mãos de Greg que me tocam. Ele passeia seus dedos em minha face suavemente, como se quisesse constatar que eu sou real. Fecho os olhos para saborear o seu toque familiar, que eu tanto ansiei durante esse tempo que estivemos afastados.

— Lorena, nunca houve espaço em meu coração para outra mulher desde que eu te conheci — sussurra com os olhos fixos nos meus. — Eu sou louco por você! Eu te amo muito! — declara e meu coração, que antes estava estilhaçado é colado com a força de suas palavras.

Greg segura meu rosto em suas mãos e os meus lábios encontram os seus em um beijo carregado de amor e saudade. Seus lábios macios se movem com os meus e sua língua encontra a minha em uma dança sensual. Eu entrelaço meus dedos em seu cabelo e o puxo para colar o meu corpo ao seu.

A necessidade que tenho dele é imensa que sinto a minha carne queimar de desejo. Os meus seios doem de tanto tesão e minha abertura já está encharcada, pronta para recebê-lo. O que desejamos é nos fundir em um só corpo e matar essa saudade dos dias que estivemos longe um do outro.

— Lorena — Ele apoia a sua testa na minha, respirando ofegante. —, me perdoe por tê-la feito sofrer tanto — diz com voz carregada de sentimento.

— Greg, eu te perdoei no momento em que te vi no cais — sussurro por entre seus lábios quentes, acariciando o seu rosto másculo.

— Nunca mais eu deixarei ninguém nos separar, lindo anjo. Você é minha e só minha para todo o sempre. — Ele me pega no colo e me conduz para o quarto pequeno e aconchegante. Deita-me sobre a cama de casal e volta a me beijar com paixão.

Em um piscar de olhos Greg tira minhas roupas e me deixa somente de calcinha e sutiã. Seus olhos cor de mel cintilam escurecidos de desejo ao admirar o meu corpo seminu. Ele passeia carinhosamente suas mãos sobre minha pele quente, acendendo como brasa o meu sangue que ferve.

Greg se despe da camisa polo, de sua calça jeans e de seus sapatos chutando-os para fora da cama, ficando somente de cueca *boxer*. Ele se debruça sobre mim e cola os nosso corpos. Quanta saudade eu tive em sentir o calor de sua pele, a intensidade de seu olhar, o gosto de seu beijo.

— Você não imagina a falta que senti de você, Lorena. Ficar sem te ver, sem te tocar, sem te beijar ou sem fazer amor contigo é como estar em um deserto sem ter água para beber — diz e sua língua invade a minha boca em beijo intenso e apaixonado.

Sem separar os nossos lábios, ele tira o meu sutiã e me deixa nu da cintura para cima. Sua boca deixa a minha e desce distribuindo beijos e lambidas até encontrar o meu mamilo intumescido. Greg abocanha um dos meus seios enquanto acaricia o outro com a palma de sua mão. Eu serpenteio sobre a cama, gemo e enrosco meus dedos em seu cabelo, querendo mais.

— Ohhh, Greg... Eu preciso de você dentro de mim! — choramingo mordendo o lábio excitada demais.

— Eu logo te darei aquilo que você quer, meu anjo — sussurra por entre meus seios, torturando-me com a sua língua habilidosa.

Suas mãos descem e encontram a borda da minha calcinha de renda. Greg escorrega a lingerie pelas minhas pernas e cai de boca em minha pele, deslizando a sua língua deliciosa em minha panturrilha e depois subindo até as minhas coxas. Eu me deixo levar por este momento doce tão esperado durante esse tempo todo que nós estivemos longe. Não me interessa mais nada e nem ninguém, somente o homem que amo e que me ama também. Quero ser feliz e fazê-lo feliz hoje e para todo o sempre.

Greg abre minhas pernas e se aconchega no meio do meu ventre. Percebo que ele já não usa mais a cueca *boxer*, pois sua ereção é latente em minhas coxas.

— Você é o meu amor! — diz, ao meu ouvido enquanto entra em mim lento e dolorosamente.

Gemo abafado em seu pescoço e seguro firme em seu bíceps enquanto Greg bate e volta, se movimentando dentro de mim. Ele segura os meus quadris e começa a fazer círculos, me deixando doida. Estremeço e me debato ao senti-lo se mover deliciosamente, reivindicando de mim tudo o que eu tenho para lhe dar.

— Que saudade que senti de você, Lorena. Que saudade! — diz saqueando a minha boca em um beijo arrebatador. Greg segura firme meus quadris e me penetra mais rápido e mais fundo.

— Ohhh, Greg! — gemo endoidecida à medida que as suas estocadas se tornam implacáveis.

— Goze, meu anjo! — exige por entre os meus lábios.

A sua voz é comando imediato para o meu corpo entrar em combustão total. Eu me despedaço inteira ao seu redor, gemendo extasiada. Greg dá mais duas investidas e se derrama violentamente dentro de mim. Ele cai com a cabeça enterrada em meu pescoço, me apertando junto de si.

Depois de tomar um banho rápido no pequeno banheiro, eu saio e encontro Greg preparando algo para o jantar. O cheiro delicioso da comida invade minhas narinas, despertando o apetite em mim. A atmosfera carregada de paixão é embalada ao som de *Alex Hepburn, Angelina*. Eu me aproximo e o abraço pelas costas, enquanto ele está concentrando mexendo algo que parece ser um macarrão. O toque de minhas mãos o faz sobressaltar e ele trepida a colher dentro da panela.

— Hummm... O que você está fazendo aí? — pergunto beijando seu ombro.

Ele desliga a chama do fogão e se volta com o olhar aceso, incendiando meu corpo. Greg me suspende do chão e envolve minhas pernas ao redor de sua cintura, cantando feliz um trecho da música que invade o ambiente.

“— On the other side, yeah, yeah, we're all killing time yeah, yeah, When it all leads to Rome yeah, yeah, don't pretend you know what lies, behind those eyes”. — ele gira comigo entrelaçada ao redor de seu corpo e eu sorrio de felicidade. Abro meus braços e me deixo levar por esse momento único e especial. — Você é a minha Angelina, de olhos azuis, pela qual eu estou louco de amor, cego, doido, viciado mais que adrenalina — declara rindo, enquanto dança comigo na cabine do convés.

Abaixo a cabeça e lhe dou um beijo apaixonado, repleto de carinho. Não posso estar mais feliz nos braços do homem que amo e que se diz louco por mim. Como eu gostaria de eternizar esse sonho lindo que estamos vivendo e nunca mais retornar a realidade. Contudo, o nosso momento juntos é interrompido pelo som estridente do meu celular.

Greg me coloca em posição vertical e eu saio rapidamente em direção ao aparelho. Para minha triste constatação, vejo que é Thales que me chama do outro lado.

— É o Thales — digo comprimindo os lábios.

— Atenda a ele, Lorena. Pode ser algo urgente — aconselha tenso, apoiando-se a bancada e cruzando os braços sobre o peito.

Muito contrariada e constrangida diante de sua presença eu atendo a ligação.

— Alô? — falo quase em um sussurro.

— Lorena, meu amor, eu estou chegando daqui trinta minutos — Thales avisa do outro lado. Essa informação me pega totalmente desprevenida e faz meu coração se contorcer angustiado dentro do peito. Greg percebe a minha inquietação e de cenho franzido, me lança um olhar nada contente.

— Agora? — indago atônita.

— Sim, daqui a pouco eu estarei ai para jantar com você — Thales responde e eu entro em pânico. — Vamos passar o fim de semana juntos.

— Que bom... — digo num fio de voz, fechando os olhos dolorosamente.

— Logo estarei em casa. Beijos, eu te amo — ele se despede.

— Beijos... — Eu não consigo dizer mais nada e desligo o aparelho.

Quando volto o olhar para frente, eu encontro Greg com uma expressão escura em seu rosto bonito que agora se contrai.

— O que Thales queria? — ele indaga de olhar estreito.

— Ele está chegando daqui meia hora — respondo, saindo apressadamente até o pequeno quarto e vestindo minha roupa o mais depressa possível.

— O quê?! — Ele me segue surpreso. — Mas hoje é sexta! Ele sempre vem no sábado!

— Você está tão surpreso quanto eu — falo fechando o zíper do meu vestido com os dedos trêmulos.

— Não faltava mais nada! — rosna e sai quarto retornando à pequena sala. Greg senta-se ao sofá e afunda a cabeça em suas mãos.

— Greg — Eu o acompanho calçando minha sandália. —, eu nem sei o que dizer...

— Os seus fins de semana serão sempre dele. Nunca serão meus! — diz respirando fundo ainda sem me fitar.

— Não! — Eu me abaixo e seguro seu rosto entre as mãos, erguendo para encontrar os seus olhos. — Greg, eu darei um jeito nisso. Eu prometo! Eu só preciso de um pouco de tempo.

— Ah, Lorena! — Ele me beija com paixão — Eu quero tanto você só para mim. Não posso nem cogitar a ideia de saber que o Thales a toca, a beija e... — Interrompe a frase e se levanta abruptamente, passando a mão no cabelo. — Ele é seu marido e tem seus diretos, mas eu não suporto isso. Eu não suporto ter que compartilhar você com meu irmão.

— Greg, fique tranquilo quanto a isso. Eu e Thales não temos nada íntimo já faz algum tempo — afirmo me levantando enquanto ele também se levanta com o semblante surpreso. — Eu não escolhi te amar e nem você me escolheu. Não podemos nos culpar mais.

— Isso é tão difícil... — Ele roça os dedos em meu rosto.

— Ah, Greg! — Eu o abraço forte com medo de perdê-lo outra vez e minha garganta se fecha, me deixando momentaneamente sem ar.

— Ah, meu amor, não quero que vá. Quero que fique e que passe a noite comigo — diz em tom suplicante enquanto eu me afasto um pouco para olhá-lo nos olhos. Neles estão refletidos toda a angústia e o medo de nos perder um do outro novamente. Os

sentimentos invadem meu corpo e tomam conta de minha alma. Amor, dor e saudade se misturam neste momento.

— Você não imagina o quanto eu queria ficar aqui com você. Mas eu não posso. Não agora! Você entende, não é? — confesso desolada, acariciando a sua barba por fazer.

— Sim, infelizmente eu entendo — sussurra e aconselha mudando de assunto. — Lorena, eu não quero que o Thales desconfie de você, portanto eu não vou te prender mais por hoje.

— Oh, meu amor. Eu prometo que tudo vai se resolver. Eu te amo tanto — afirmo com carinho.

— Eu também te amo, minha doce Lorena — declara com paixão e cola seus lábios aos meus pela última vez nessa noite. Em seguida, eu deixo o barco tristemente, sem olhar para trás.

Chego em casa com o coração na boca, só pensando em qual Thales eu vou encontrar. Se com o homem compenetrado e calmo, ou se irei me deparar com o Thales sombrio e desequilibrado.

Cruzo o *hall* e a sua silhueta refletida através das luzes da piscina me deixa apreensiva. Lentamente eu me aproximo temendo uma possível reação dele. Thales percebe a minha presença e se vira para me fitar de olhar estreito. Tomado pelo seu descontrole, ele se levanta da cadeira e deixa um copo de bebida a mesa.

— Lorena, onde diabos você estava até agora? — rosna enfurecido.

— Eu estava jantando com a Rosana. — respondo, mentindo como de praxe.

— Quando eu te liguei você estava com ela? — Ele se aproxima e eu gelo.

— Sim, Thales! Eu estava jantando com a minha melhor amiga, por quê? — indago mentindo descaradamente para o meu próprio marido.

Seus olhos cintilam escurecidos e indecifráveis, enquanto ele me estuda atentamente. Receosa, eu dou um passo atrás e tento manter a calma. Todavia, é quase impossível, pois meu corpo treme devido à tensão que se forma entre nós.

— Você tem estado muito ausente, Lorena — constata aquilo que está mais que evidente.

— Eu sei, desculpe, mas nós temos muitos projetos em vista no escrit... — Tento explicar mas ele me interrompe bruscamente.

— Eu acho melhor você desfazer com essa sociedade — esbraveja fora de controle.

— Você enlouqueceu, Thales! — exclamo incrédula.

— Sim! Eu não quero mais que você trabalhe fora — reitera decidido.

Meus olhos estão inertes e minha boca ligeiramente forma um O diante de suas palavras. Eu não estou acreditando no que ele acaba de me dizer. Thales não quer mais que eu trabalhe, é isso?

— Thales, você só pode estar brincando — sussurro e ele dá mais um passo a frente.

— Não, eu estou falando sério. Eu não quero mais que você e Rosana mantenham essa maldita sociedade — repete com uma expressão sombria. — Amanhã mesmo eu espero que você converse com ela, pois na segunda eu negociarei sua parte no escritório.

— Não! Isso nunca acontecerá! — digo em tom firme.

Enfurecido, ele vem ao meu encontro e segura firme meus braços, enquanto me fuzila de olhar semicerrado. A repulsa que sinto ao seu toque é tanta que eu estremeço da cabeça aos pés.

— Lorena, você vai me contrariar? — grunhe como um animal feroz.

— Eu não vou desfazer a sociedade. Nunca! — Eu o enfrento mesmo estando encurralada por ele. — Por favor, me solte! — imploro sentindo meus braços doerem devido ao seu ataque brutal.

— Eu não estou acreditando que você está me desafiando. Será que você se esqueceu de quem salvou sua família de ser esmagada por uma multinacional há quase um ano? — Ele cospe as palavras em minha cara sem piedade.

— Você acha que eu te devo favores, é isso Thales? — indago e não sei o que dói mais se é o meu coração ou os meus braços.

— Se não fosse por mim e pelo meu dinheiro, você e sua família estariam à beira do nada agora — declara sarcástico.

Meu corpo estremece e uma dor profunda nasce dentro de mim. Estou sendo humilhada pelo homem que eu acidentalmente escolhi para me casar e que um dia eu pensei que amasse. Lágrimas brotam em meus olhos, porém eu as engulo fortemente.

— Quero que você e seu dinheiro vão para o inferno! — digo com o coração espezinhado.

— Você não tem dinheiro para adquirir a parte da Rosana. Quero ver quem ganha este jogo. — Sorri sarcasticamente.

— Thales, me solte! Por favor, me deixe! — Noto que meus braços estão ficando vermelhos ao seu toque hostil. Com certeza, amanhã ficarão roxos.

Para a minha salvação, ouço uma voz masculina enérgica ecoar logo atrás de nós.

— Thales, solte já sua esposa! — Giro o rosto e encontro Humberto que vem em meu socorro. Thales me libera e eu me afasto para longe apavorada, enquanto o pai encara duramente o

filho. Humberto se aproxima de olhos estreitos e meu marido de encolhe.

— Thales, a conversa agora é entre mim e você. Desrespeitar e humilhar a sua esposa diante de mim foi a gota d'água. Eu não quero ouvir um protesto seu e você cumprirá com o que irei lhe dizer. Você entendeu? — diz Humberto em tom enérgico. Engulo em seco e Thales me olha de canto. Seus olhos verdes estão arregalados e ele está momentaneamente perdido.

— Pai, eu posso explicar... — Ele tenta falar.

— Não existe explicação para o que eu acabei de ouvir. — Humberto lança um olhar para a mesa e pega o copo de uísque. — Thales, você andou bebendo? Onde estão suas faculdades mentais? Você sabe que não pode misturar bebida alcoólica com os seus medicamentos — brada e em seguida volta para mim. — Lorena, você pode nos deixar sozinhos por um instante? Eu preciso falar com o seu marido — diz em tom mais ameno. Sem pensar duas vezes eu deixo a piscina e vou para o quarto, onde me refugio trancando a porta, com medo de que ele em breve possa subir para o cômodo.

Como dividirei a mesma cama que Thales? Ele está visivelmente fora de controle. A sua sanidade está sendo consumida pela sua doença. Se não fosse Humberto ter chegado eu não sei o que poderia ter acontecido comigo. *Thales teria me batido? Ele teria a coragem de fazer isso?*

Sento-me na cama e fixo os olhos tristemente na aliança grossa de ouro que tenho em meu dedo anelar esquerdo. Que sentido tem essa merda agora para mim? Ela teve sentido algum dia? Desolada, eu afundo a cabeça no travesseiro e o choro desce rasgando meu peito. Eu preciso tomar uma atitude urgente em relação a meu fracassado casamento. Não dá mais para ficar como está. A minha vida precisa ter sentido e eu só encontro o sentido dela ao lado de Greg.

Adormeço em meio ao cansaço e Thales não sobe para o quarto. Onde ele estará dormindo?

No outro dia, pela manhã, Humberto tem uma rápida conversa comigo e me tranquiliza dizendo que a minha sociedade com a Rosana está segura e que eu não preciso me preocupar mais com as ameaças infundadas de meu marido enlouquecido. Diz-me também, que durante a semana ele irá até o Rio pessoalmente para ter uma conversa com o especialista que está cuidando do distúrbio do Thales e, que passará a vigiar o filho para que siga a risca com o tratamento que lhe foi prescrito.

O final de semana é desgastante e eu passo a maior parte do tempo na companhia de Greta ou de Lavínia que veio para se juntar a nós. Tento me esforçar ao máximo para não deixar transparecer a apreensão que eu sinto. Porém nem sempre eu consigo esconder um olhar perdido ou algum gesto tenso.

Thales é outra pessoa. Com a ajuda de seus medicamentos, ele está tão calmo quanto um cordeiro. Não consome bebida de álcool e até brinca algumas vezes com a sua irmã caçula, o que para mim é novidade. Mas eu sei que preciso preparar o terreno para lhe pedir o divórcio. E eu farei isso. Aliás, estou começando a me organizar para dar esse grande passo em minha vida. Quero ganhar a minha liberdade e viver ao lado do homem que meu coração escolheu para mim. Quero viver para sempre ao lado de Greg. É só ele me interessa e nada e nem ninguém irá me impedir de ser feliz.

Capítulo 16

Muitas vezes, o preço que pagamos por amar, é alto demais. —

Greg

Desfiro os últimos golpes no saco de pancadas da academia do hotel e decido parar com o treino. Enquanto removo as bandagens que cobrem minhas mãos, eu aproveito para refletir sobre a decisão que será tomada por Lorena. Uma parte de mim está radiante e a outra está angustiada, porque eu sei que ela precisará de muita coragem e cautela para pedir o divórcio ao Thales. Afinal, no momento de fragilidade que ele se encontra as coisas podem ficar muito tensas. Embora Thales a ame do jeito dele, ele não pode forçá-la a ficar do seu lado agindo por meio de chantagem emocional.

Já está ficando tarde e eu preciso me encontrar com ela no antigo hotel para saber como foi seu final de semana com a presença de meu irmão por perto. Não sei o porquê, mas estou apreensivo. E, geralmente quando me sinto assim, o meu sexto sentido me diz que alguma coisa de ruim aconteceu.

Tomo um banho rápido no banheiro da academia e visto a calça de linho preta e a camisa branca que usei durante o dia na empresa. Infelizmente não disponho de tempo agora para ir até ao Princesa Isabel e trocar de roupa, visto que logo escurece e não quero colocar Lorena em perigo.

Instantes depois eu estaciono o carro em frente á velha construção e saio ansioso. Ao entrar, me deparo com ela que,

sorridente, vem em minha direção. Cheia de saudades ela pula em mim e entrelaça seus braços ao redor de meu pescoço.

— Oi, meu amor! — Exclama, me beijando com paixão. O desejo aflora instantaneamente e eu tento, com dificuldades, conter os meus instintos carnis. Afasto-a com delicadeza e nossos olhos se encontram apaixonados.

— Devagar, meu anjo, não quero tomá-la no chão desse velho hotel outra vez — digo acariciando os seus braços. Percebo que ela faz uma expressão de desconforto ao meu toque e solto com cautela. — O que houve? — pergunto aflito.

— Nada. — Sussurra e sei que esconde algo, pois seus dedos se contorcem em frente ao seu corpo.

— Lorena, tire seu casaco! — falo em tom firme.

— Greg está tudo bem. — Ela tenta me convencer o que é em vão.

— Faça o que eu lhe pedi, por favor! Eu quero ver seus braços — Ela hesita por um momento, porém acaba cedendo. Quando seus braços ficam á mostra meus olhos se estreitam em fúria. Em sua pele há pequenas manchas roxas, formando hematomas que se espalham contornando seu bíceps delicado. — Lorena, foi o Thales que fez isso em sua pele? — indago puto da vida.

— Sim... Foi ele! — responde com uma expressão horrorizada.

Duplamente enraivecido, eu levo as mãos pelo cabelo, enquanto caminho de um lado para o outro. Maldito seja o meu irmão enlouquecido e a bipolaridade sem limites. Esse é o sinal visível de que Lorena corre perigo estando ao lado dele. *Eu preciso fazer algo urgente.*

— Lorena, Thales te machucou! — Alego dolorosamente. — Eu nem sei o que eu faço se ele cruzar na minha frente nos próximos dias. Graças a Deus que ele está no Rio neste momento — rosno contendo os músculos que trepidam em mim.

— Greg, eu estou bem — ela tenta me tranquilizar.

— Quando isso aconteceu? — indago interrompendo os passos.

— Foi no sábado. Depois que eu deixei você no barco — responde comprimindo os lábios, nervosa.

— Meu Deus! — Eu a puxo par aos meus braços e afago o seu cabelo. — Thales está completamente fora de controle. Eu temo muito pela sua segurança, meu amor! Muito!

— Humberto interferiu e me ajudou a controlá-lo. Se não fosse o seu pai ter chegado eu... Eu não sei o que poderia ter acontecido comigo. — Fala num fio de voz enterrando a sua cabeça enterrada em meu peito.

— Não sei o que sou capaz de fazer se algo de ruim vier a lhe acontecer. Só de imaginar minha vida mais uma vez sem você, o meu coração para de bater. — Afirmando, erguendo seu queixo para cima para fitá-la com amor. — Eu te amo tanto que não cabe mais em mim esse sentimento, Lorena. — E, dizendo essas palavras, a minha boca encontra a sua em um beijo apaixonado.

Lorena agarra a minha nuca e eu inclino a cabeça para baixo, unindo meu corpo ao seu. Na medida em que o beijo se torna mais intenso, o desejo de fazer amor com ela cresce profundamente dentro de mim. Todavia, eu me detenho em possuí-la neste lugar quase inóspito novamente.

— Lorena, está ficando tarde — digo interrompendo o beijo.

— Eu queria muito ficar com você, Greg — fala por entre meus lábios.

— Eu também queria muito ficar com você hoje. Mas não podemos nos arriscar tanto, não depois do que Thales fez contigo. Ele está muito imprevisível e totalmente ensandecido. — Acaricio seu rosto.

— Você tem razão! — Ela sorri.

— Tenho uma novidade para lhe contar. Papai me disse que Thales fará uma viagem em breve a Buenos Aires, a negócios, e ficará fora por três dias — digo entusiasmado.

— Ele não me disse nada sobre essa viagem — fala confusa.

— Você sabe que Thales não anda bem e, com certeza, ele sequer se lembrou de lhe falar algo — respondo fazendo uma breve pausa. — Meu amor, eu estive pensando, enquanto Thales estiver fora, nós podíamos passar esses dias na serra, o que você acha?

— Somente eu e você? — pergunta abrindo um novo sorriso.

— Sim, somente nós dois! — Sorrio também.

— Ah, Greg, será um sonho poder ficar mais que apenas algumas poucas horas com você. — Ela me beija rapidamente os lábios. — Se você está me perguntando se eu aceito, a resposta é sim.

— Não consigo mais ficar longe de você, meu anjo. A minha vida só tem sentido ao seu lado. Porém, eu não quero colocá-la em apuros — declaro e volto a abraçá-la forte.

— Muito em breve estará tudo decidido, Greg. Eu pedirei o divórcio ao Thales e nós não precisaremos mais ficar nos escondendo e nem esconder esse amor que sentimos um pelo outro — afirma e eu beijo o topo de sua cabeça.

— Sim! Muito em breve tudo estará resolvido e nós poderemos viver esse amor para sempre. — Concordo com o coração repleto de esperanças.

Mais um dia se passa e eu estou me sentindo cansado. Um banho quente e a minha cama é tudo que eu preciso. Deixo a empresa e saio em direção a minha casa flutuante. Até quando eu

irei viver no Princesa Isabel? Não que eu esteja me queixando de morar em um barco, mas sinto saudades de casa, sobretudo de minha família. Mas eu não posso mais conviver com Thales sob o mesmo teto. Sem condições! Ainda mais agora que eu e Lorena voltamos a nos relacionar outra vez. Precisamos manter a maior discrição entre nós dois para não dar margem á desconfiança de ninguém.

Ao estacionar o carro no cais, eu percebo a presença do Chrysler prata de papai. Quem será que está a minha espera? Humberto eu sei que não é, pois conversamos todos os assuntos que tínhamos para tratar hoje no trabalho.

Saio do carro e me aproximo, curioso. Jaime abre a porta de trás e meus olhos se iluminam ao ver minha querida mãe que vem ao meu encontro.

— Meu filho! — ela exclama, me abraçando com carinho. — Que saudades!

— Oi, mamãe. Eu também estou com saudades. — retribuo o afeto beijando-lhe a testa. — Como você está?

— Eu estou bem, meu querido — responde me fitando com seu olhar maternal.

— Vamos entrar? Não quero que pegue um resfriado ficando aqui no cais. — Recomendo enquanto caminho com ela até o barco.

Greta entra e olha atentamente ao redor da cabine. Essa é a primeira vez que a minha mãe vem me ver depois que eu saí de casa e eu confesso, que estou muito feliz em vê-la. Seus olhos se voltam para mim e, abrindo um leve sorriso, ela se acomoda ao estofado.

— Como você está, mamãe? — Pergunto, sentando-me a sua frente.

— Estou bem na medida do possível. Mas tenho dormido muito e acordado um pouco tonta. Deve ser o efeito dos novos remédios

que o especialista me prescreveu na última consulta. — responde tristemente.

— Mãe, você já comentou isso com o seu médico? — indago preocupado.

— Sim e ele disse que é normal eu me sentir assim nos primeiros quinze dias. — Ela dá de ombros.

— Bem, se esses desconfortos persistirem depois de decorridos quinze dias, você precisa conversar com ele novamente. — Sugiro e ela sorri.

— Não se preocupe, meu querido. Eu quero saber como você está. Eu quase não te vejo mais desde que você saiu de casa. — Queixa-se.

— Eu estou bem, mãe. Não se preocupe. — Eu beijo a sua mão com carinho.

— Greg, você não está em casa. Isso aqui não é sua casa. — Ela suspira fundo. — Greg, filho, volte para casa — implora em tom de súplica. Agora entendi o motivo de sua visita. Greta quer que eu volte a viver sob o mesmo teto que Thales. Isso é impossível! Como eu irei dizer isso a ela, sem magoá-la?

— Mãe, eu não posso voltar. Você sabe o motivo que me impede de retornar a viver junto com nossa família. — Tento explicar a situação.

— Meu filho, eu entendo a sua posição. Mas por favor, não dê importância ao que Thales fala ou faz. Você sabe que ele não anda bem. — diz e implora outra vez — Volte para casa, meu filho. Eu tenho estado tão sozinha. A maioria das vezes é a Lorena quem me faz companhia. — Se a minha mãe soubesse os verdadeiros motivos que me impedem de retornar ao lar, ela não estaria me fazendo esse convite.

— Mãe, eu realmente não posso voltar para casa — digo decidido e ela me lança um novo olhar suplicante.

— Greg, — Ela pega as minhas mãos suavemente. — faça isso por mim, pelo seu pai e pela Lavínia. — Implora e eu me sinto encurralado pela sua candura. — Por favor, meu filho, volte para seu lar!

E agora essa? O que eu respondo a ela? Não posso deixar que a mulher que me criou como filho biológico desde pequeno com todo amor e carinho fique triste por não ter a minha presença em casa. Eu não quero que ela sofra mais do que já está sofrendo devido à sua doença e também à doença de Thales.

Permaneço em silêncio por alguns instantes, refletindo todas as consequências que o meu retorno trará a todos, especialmente ao Thales e a Lorena e constato que não é nada animador. Contudo, o coração se aperta ao ver a minha mãe quase implorando pela minha volta. E, sucumbido diante de seu olhar doce e amoroso, eu acabo cedendo.

— Tudo bem, eu voltarei para casa — declaro por fim.

— Ah, meu filho, você não sabe o quanto me fez feliz — diz me abraçando carinhosamente, enquanto a minha mente dá voltas pensando o quanto isso me custará.

Meu velho *closet* já está praticamente em ordem. As roupas estão em seus devidos lugares, assim como os demais pertences. Observo tudo organizado e balanço a cabeça de um lado para outro sem acreditar que eu voltei para casa. Espero que o meu irmão não me provoque com os seus comentários sem fundamento e muito menos fique todo momento grudado no pé da Lorena. Isso será demais para mim. Definitivamente prefiro o inferno ao vê-lo acariciando-a em minha frente.

Um barulho na porta chama a minha atenção e eu retorno ao quarto. Para minha alegria, vejo Lorena parada próximo à cama. Ela

está linda e usa um vestido de algodão azul, de alças e solto até os joelhos. Seu cabelo loiro está preso em um coque no alto da cabeça e alguns fios lhe caem sobre as têmporas. Abro um sorriso enorme e enlaço ela pela cintura.

— Meu amor, você voltou! — exclama envolvendo seus braços ao redor de meu pescoço.

— Sim, eu fiquei encurrulado por Greta. — Faço uma careta e ela sorri. — Mas eu voltei mesmo foi por sua causa. Não posso mais ficar longe de você, Lorena. Sinto falta de seu cheiro, de seu gosto. — Sussurro, fazendo o contorno de seus lábios com os polegares e ela fecha os olhos.

— Me beije, Greg — sussurra e minha boca encontra a sua de imediato.

O beijo é intenso e possessivo. A minha língua acaricia a sua asperamente enquanto eu deslizo suas costas com as mãos, descendo até o seu quadril, apertando suavemente o seu traseiro. Ela geme em minha boca e eu mordo de leve o seu lábio inferior. Eu a deito sobre a cama e ela me olha assustada.

— Greg, a porta não está trancada. Pode chegar alguém — diz temerosa.

Merda! Eu havia me esquecido disso por completo. Saio em direção à porta e dou uma espiada no corredor. O ambiente está muito calmo e silencioso demais, não se ouve um ruído sequer a não serem as ondas que quebram na praia. Passo a chave na fechadura e quando me viro, me deparo com Lorena em pé, logo atrás de mim.

— Meu anjo, você não precisa ter medo. Não há uma viva alma nesta casa, além de nós e de minha mãe que dorme em seu quarto. — Afirmo colocando-a contra a parede. Ela abre um sorriso e morde minha orelha carinhosamente.

— Você quer fazer amor aqui, é? Colado à parede? — Pergunta baixinho em meu ouvido e eu estremeço de desejo. Ergo seu queixo

e a fito com ardor.

— Humm... Eu gosto de trepar com você de todas as formas, não somente de pé. — Eu desfaço com o seu coque e seu cabelo cai em seus ombros, formando uma cascata loira brilhosa. — Você é tão linda! — exclamo apaixonado e Lorena investe sedenta sobre mim, beijando e lambendo meu pescoço até chegar em minha boca, colando seus lábios aos meus. Beijo sua boca com sofreguidão, sugo sua língua e me embebedo em seu gosto.

Lorena solta pequenos gemidos e eu colo o meu corpo ao seu. Desço uma das mãos até sua coxa deslizo os meus dedos sobre sua pele macia. Quando a minha mão encontra a sua boceta pronta para mim, ela geme e inclina o quadril para frente, pressionando os meus dedos contra a sua abertura.

— Lorena, você está sempre tão molhadinha — sussurro fazendo círculos em sua em seu interior. É lindo vê-la se contorcer de prazer ao meu toque tão íntimo. Sua pele suave como a seda está em chamas e eu não aguento esperar nem mais nem um minuto para estar dentro dela. Eu puxo os meus dedos para fora e ela solta um gemido abafado.

— Oh, Greg... não! — choraminga frustrada.

— Não quero que goze com meus dedos, Lorena, e sim com o meu pau — digo tirando a sua calcinha. Ela sorri de um jeito sacana enquanto eu abro o zíper da minha calça jeans e escorrego as minhas roupas ao chão.

Saqueio os seus lábios e a suspeno no ar e ela entrelaça suas pernas ao redor da minha cintura. Apoio seu corpo contra a parede de concreto e a penetro com urgência Lorena geme alto ao sentir a minha entrada brusca e inconscientemente ela morde meu lábio inferior, me deixando ainda mais alucinado.

Seguro firme suas coxas enquanto que me movimento rápido dentro dela. Meu frenesi aumenta e ela agarra meus ombros para se movimentar junto comigo. Eu mantenho seu traseiro preso em

minhas mãos, enquanto invisto ferozmente, forçando seu quadril para cima e para baixo. Lorena é magra e pequena e é muito fácil para eu segurá-la suspensa do chão.

Ela fecha os olhos e se deixa levar pelo momento. Nosso movimento vai ganhando ritmo e minhas estocadas ficam mais fundas e exigentes. Pressiono seu quadril intenso e fundo e sinto a sua boceta estrangular o meu pau. Ela crava as unhas em meu pescoço e libera deliciosamente seu orgasmo, trepidando em minhas mãos. Empurro mais duas vezes e libero o meu clímax, me derramando dentro dela.

— Oh, Lorena! Lorena! — Seu nome sai em forma de ladainha de meus lábios.

Já passa da meia-noite quando chego da recepção de noivado de Celso e de Rosana. Troco o jeans e camisa por uma sunga, calça de moletom e camiseta e deixo o quarto. Ao cruzar em frente á porta dos aposentos de Lorena e Thales, eu percebo que a luz do ambiente está ligada. Provavelmente Lorena está esperando a Greta pegar no sono para me encontrar conforme havíamos combinado mais cedo.

Chego á área, deixo a calça e a camiseta caírem no chão e mergulho na piscina. A temperatura da água está ótima e eu aproveito para relaxar a musculatura que está tensa. Descarrego toda a ansiedade que me envolve dando rápidas braçadas, contornando a piscina em toda a sua extensão. Volto à tona para respirar e a voz angelical de Lorena ecoa em meus ouvidos, tornando a minha noite mágica.

— Está com calor? — ela indaga em tom baixo. Giro o rosto e vejo-a linda em uma saída de banho lilás.

— Humm, eu acho que o meu corpo acabou de se tornar escaldante — Eu me movimento e chego mais perto, acariciando as suas pernas.

— Você está me provocando, Greg Fisher? — diz em tom divertido.

— Eu? Provocando? Imagina! Sou quase um celibatário. — Devolvo no mesmo tom. Lorena abre um sorriso e deixa cair a sua saída de banho, mostrando lindo o biquíni que usa. Sorri e entra na água, se aproximando de mim que a aguardo ansioso.

— Lorena, não quero correr o risco de alguém nos pegar aqui — digo temeroso.

— Não se preocupe, meu amor. Antes de descer, eu me certifiquei e Greta está dormindo. Além dela, só há nós dois nesta casa — assegura sorridente.

— Então a noite é nossa? — Eu a puxo para perto e apoio seu corpo contra a piscina, na parte rasa.

— Sim, só nossa. — Afirma mordendo de leve a minha orelha, fazendo meu corpo inteiro entrar em chamas.

— Lorena, você está me provocando? — Refaço a mesma pergunta que ela me fez instantes antes.

— Sim, eu estou. O que é que você fará comigo? — Desço uma mão e aperto firme seu traseiro, erguendo sua perna um pouco para cima. Ela sorri e desliza suas unhas em meus bíceps, subindo lentamente, arranhando minha pele que se arrepia ao seu toque.

— Bem, acho que irei puni-la — respondo de olhar ardente.

— Eu irei adorar essa punição. — Sorri desejosa.

— Humm... Que cheiro fabuloso! O que você estava comendo? — pergunto inspirando o aroma doce que exala de sua boca.

— Dois morangos. — Sorri mordendo o lábio e me provocando.

— Eu posso provar? — indago num sorriso malicioso. Ela assente com a cabeça e eu me inclino para frente, roçando meus lábios aos seus. Primeiro eu passo a língua em seu lábio superior e depois no inferior, lentamente. Lorena solta um gemido abafado e, por fim, a minha língua invade sua boca deliciosa.

Ela segura firme a minha nuca e me puxa mais para perto, tornando o beijo intenso e voraz. Eu me encaixo no meio de seu ventre e deslizo minhas mãos em suas coxas, entrelaçando suas pernas ao redor de meu corpo. Conectados um ao outro, nos deixamos levar pelos instintos e pela paixão, nos entregando ao doce momento.

— Ah, meu anjo, eu quero você aqui e agora — declaro por entre seus lábios enquanto afasto a parte de cima de seu biquíni. Deslizo a minha língua em seu pescoço e encontro um de seus seios. Chupo, lambo e mordisco o seu mamilo rosado, deixando-a louca. Acaricio um e depois o outro e ela arfa, enterrando seus dedos em meu cabelo. — Você é tão maravilhosa! — sussurro, afastando a calcinha do biquíni para o lado, deixando livre a sua boceta para mim.

Escorrego a minha sunga para baixo, seguro firme as suas coxas e entro nela. Lorena joga a cabeça para trás enquanto eu me movo rápido, chocando nossos corpos dentro da água que parece aquecida devido à temperatura de nossa pele. Ela entreabre os lábios e eu a beijo sôfrego, faminto, sugando a sua língua.

Deixo sua boca para respirar e mordo de leve seu ombro, empurrando meu pau dentro e fora, em um ritmo alucinado. Ela choraminga alguma coisa incompreensível ao meu ouvido e sinto seu orgasmo iminente.

Minha excitação está no auge e meu gozo vem emergindo dentro de mim, pronto para transbordar. E, gloriosamente, nos despedaçamos arrebatados em um orgasmo que vem feroz, potente, enlouquecido. Ela geme em meu pescoço e arranha minha nuca, enquanto seu corpo convulsiona, estremecido de prazer.

Ofegante, Lorena volta sua cabeça para o lado e seus olhos imediatamente ficam estáticos.

— Greta... — sussurra pálida de horror. Giro o meu rosto, seguindo o olhar de Lorena, e para meu completo pavor, me deparo com minha mãe parada a uma distância razoável. Seus olhos arregalados presenciaram os últimos instantes de nossa cena íntima de amor e meu corpo se petrifica dentro da água.

— Mãe! — Exclamo com voz quase inaudível. Greta pisca os olhos com dificuldade e perde a consciência, desmaiando a beira da piscina.

Não sei descrever o que estou sentindo, só sei que meu romance secreto com a Lorena foi descoberto pela pessoa mais doce e mais frágil de minha família que é a minha pobre mãe doente. Dessa vez eu e Lorena arriscamos demais e pedimos para sermos pegos em flagrante. O que direi a Greta agora? Contar-lhe a verdade e deixá-la definhando até a morte, ou mentir para ela e carregar um novo fardo de culpa em meus ombros? Qualquer que seja a decisão que eu tome neste momento será muito dolorosa.

Suspiro fundo acomodado ao sofá da sala de espera do hospital e afundo a cabeça em minhas mãos, enquanto Lorena termina de falar meu pai ao telefone. Não tive coragem nem de ligar para ele, quanto mais para Thales e Lavínia.

— Greg? — Ela se aproxima e eu ergo a cabeça, encontrando seus olhos aflitos. Vejo em sua expressão que ela se sente tão culpada quanto eu. — Seu pai disse que chega pela manhã. — Ela se senta ao meu lado e pergunta preocupada. — Você acha que a Greta nos viu? — indaga em um sussurro.

— Sim, ela nos viu — respondo num fio de voz.

— E agora, Greg? O que será de nós? O que será de nossas famílias? — diz em tom aflito. Seguro suas mãos e tento tranquilizá-la.

— Tenha calma que darei um jeito nisso — asseguro em tom baixo. Neste momento, o médico de plantão surge a nossa frente e imediatamente eu e Lorena nos levantamos.

— Senhor Gregory Fisher? — ele pergunta, olhando por cima das lentes de seus óculos.

— Sou eu. Diga-me, doutor, como a minha mãe está? — questiono sentindo o coração se comprimir dentro do peito.

— Ela está bem, porém parece um pouco desorientada. A dona Greta me contou que faz tratamento para a depressão há algum tempo. Você sabe me dizer que tipo de remédio ela usa? — pergunta interessado.

— Não, eu não sei. Ela me disse que estava se sentindo um pouco tonta alguns dias atrás e que era devido aos medicamentos — falo tristemente.

— Certamente ela deve ter ingerido alguma dose a mais. — Ele coça o queixo, pensativo.

— Eu posso vê-la, doutor? — indago ansioso.

— Sim, claro. Você e sua esposa podem me acompanhar. — ele diz e eu e Lorena nos entreolhamos, hesitantes. Porém, hoje eu não tenho cabeça para explicar ao médico que Lorena não é minha esposa.

— Greg, eu acho melhor você ir primeiro. — Ela fala baixinho ao meu ouvido.

Concordo com a cabeça e saio com o médico em direção ao quarto. Ele me acompanha até a porta e me deixa sozinho com Greta. Meus olhos repletos de culpa e dor encontram os olhos perdidos de minha amada mãe. Sua pele está pálida e olheiras

pairam abaixo de seus olhos esverdeados. Prontamente o meu coração bate aos solavancos dentro do peito e eu me amaldiçoo mil vezes por vê-la sofrer sobre uma cama de hospital, sabendo que eu fui o responsável por ela estar aqui.

Que espécie de filho eu sou? Minha mãe foi até o barco implorar para que eu voltasse para casa e inconsequentemente eu pus sua vida em risco, assim como a minha e a de Lorena. Eu agi cego de amor. Um amor pecaminoso e incontrolável que devasta meu ser e invade a minha alma, tornando-se maior a cada segundo. *Até onde esse amor que sinto por Lorena pode me levar?* Que outras consequências mais trágicas ele pode desencadear? E, me sentindo um lixo humano eu me aproximo da cama.

— Filho! — Ela sussurra com o semblante abatido.

— Mamãe, como você está? — pergunto, beijando sua mão com carinho.

— Eu acho que não estou nada bem. — Responde confusa.

— O que você sente? — Eu me sento na cadeira ao lado de sua cama.

— Não sei... Minha cabeça está tão desorientada. Eu tive uma alucinação... Só pode ser! — responde num fio de voz.

— Que tipo de alucinação você teve, mãe? — indago sentindo um enorme desconforto, pois sei exatamente o que ela viu.

— Eu... Eu tenho vergonha de lhe dizer. — Ela desvia o olhar, virando o rosto para o lado oposto.

— Mamãe, diga-me. O que você viu? — Ela volta o rosto para frente e fixa seus olhos nos meus. Seu semblante abatido e triste me golpeia violentamente, rasgando o meu peito.

— Greg, eu quero que você me diga se o que eu vi foi um sonho ou... realidade. Por que realmente eu não sei... — Ela começa o relato em tom baixo.

— Se eu puder responder, eu lhe direi. — Asseguro já sabendo o que irei lhe falar.

— Eu me lembro de ter deixado a cama e... não sei... Depois eu me lembro de ter visto você e Lorena... juntos na piscina. — ela diz com dificuldade e chega o momento mais árduo do dia: tomar coragem para mentir para a minha própria mãe. Porém é a única saída para não destruir de vez com a minha frágil família.

— Mãe, com certeza foi um sonho. Porque eu a encontrei caída no *hall* de entrada. — Distorço os fatos e me sinto um miserável que não merece compaixão de ninguém.

— Eu não me lembro de ter descido a escada... — sussurra apavorada. — Meu filho, me perdoe por isso. Por favor! Que horror o que eu acabei de dizer.

— Mamãe — Eu seguro as suas mãos entre as minhas. —, não se desculpe. Você sonhou foi só isso e provavelmente desceu para tomar água. — Continuo com a minha versão dos fatos, fazendo minhas entranhas se contraírem com repulsa de mim mesmo.

— E por que eu não me recordo disso? — pergunta desorientada.

— Porque você caiu e bateu com a cabeça no piso. — Ela leva uma das mãos à cabeça e faz uma careta de dor.

— Sim... Agora eu sinto uma dorzinha enjoada aqui — afirma passando a mão em seu machucado.

— Mãe, os médicos fizeram todos os exames e não há nada de errado com você — asseguro e pelo menos isso me deixa mais tranquilo.

— E seu pai? E Thales? E Lavínia? — pergunta angustiada.

— Não se preocupe. Nós já ligamos para papai e amanhã, quando ele chegar, ele avisará ao Thales e também a Lavínia. — Dou um meio sorriso forçado, tentando tranquilizá-la enquanto ela

suaviza a expressão. — Mãe, eu só quero lhe pedir uma coisa: não comente nada sobre esse sonho com Thales ou alguém lá de casa. Você sabe que ele está um pouco fora de controle e eu não quero me incomodar com ele novamente. Não agora que acabei de retornar para casa.

— Claro, meu filho. Eu não falarei nada, inclusive eu me sinto envergonhada diante de você. Afinal, eu acusei falsamente você e Lorena. Perdoe-me! — ela fala com os olhos cheios de lágrimas.

— Está tudo bem, mamãe. Está tudo bem — digo abraçando-a para esconder a dor que paira em meu rosto. E, com a consciência em chamas, eu peço perdão a Deus por estar mentindo para a minha própria mãe. Mas é o único jeito que eu encontro no momento para salvar a todos nós. Infelizmente, é através da mentira que eu encontro a salvação.

Capítulo 17

O amor é a resposta, não importa a pergunta. – Lorena

Depois de ter permanecido uma noite em observação, Greta já está em casa. O médico havia lhe recomendado que fizesse uma nova consulta ao seu especialista para uma possível troca de medicamentos. A casa está cheia para o fim de semana. Todos estão presentes, inclusive Lavínia que deixou a festa de aniversário de sua melhor amiga para estar ao lado de sua mãe. Todavia, a atmosfera está carregada na família Fisher, ainda mais depois de tudo que aconteceu nos últimos dias. A volta de Greg ao lar, o mal estar de Greta e a minha relação fracassada com Thales.

Só Deus sabe a angústia que eu senti o momento em que a vi parada na área da piscina. Seus olhos arregalados e horrorizados, presenciando a nossa cena íntima de amor. Naquele instante eu pensei que tudo estava perdido. Uma dor violenta misturada com a culpa me atingiu e se espalhou pelo meu corpo, consumindo-me por inteira.

Como podemos ser tão descuidados? E, se fosse meu quase ex-marido ensandecido que tivesse nos flagrado ao invés de sua mãe? O que ele poderia ter feito contra mim ou contra seu próprio irmão? Certamente uma tragédia seria consumada naquele instante. Nós arriscamos a nossa própria vida em nome do amor. Aliás, já estamos fazendo isso há alguns meses.

Sei o quanto foi difícil para Greg ter que mentir para sua própria mãe, para encobrir o nosso romance pecaminoso. Eu mesma havia feito isso quando estive visitando a minha família. Não foi nada fácil para eu omitir para a minha amada mãe o que realmente está se

passando em minha vida. Balanço a cabeça e constato tristemente que tanto eu como Greg, estamos nos tornando excelentes vigaristas. A mentira é nossa aliada, assim como esse amor louco e desenfreado que sentimos um pelo outro.

Solto um ar pesado enquanto deixo a brisa do mar tocar o meu rosto. O dia está bonito e eu aproveito para tentar relaxar um pouco á beira da piscina. Estou acomodada a uma espreguiçadeira lendo o penúltimo capítulo da trilogia O tempo e o Vento. As façanhas de Capitão Rodrigo me distraem a mente por algumas horas. Porém a voz de Thales me desperta da leitura.

— Meu amor! — exclama de aproximando de mim. Os raios do sol me atrapalham e eu não consigo vê-lo nitidamente ao meu lado. E, desconfortável com sua presença repentina, eu ajeito os óculos de sol para fitá-lo por entre as lentes.

— Oi, Thales — digo laconicamente.

— Eu te procurei pela casa toda e você está aqui lendo um livro em vez de dar atenção ao seu marido — resmunga descontente.

— Eu só queria aliviar um pouco o estresse — digo lembrando a quase tragédia — Você já abraçou e conversou com sua mãe?

— Sim, acabei de sair do quarto dela e ela está um pouco abatida ainda. Mas eu não consigo entender como ela não se lembra de ter caído no *hall* — responde acomodando-se a uma espreguiçadeira ao meu lado.

— O importante é que Greg a encontrou e a levou para a emergência logo em seguida — declaro fechando o livro.

— Oh, sim! O filho preferido está de volta ao lar. — ironiza sarcasticamente. Levanto-me e respiro fundo. Não quero ouvir seus próximos comentários a respeito da volta de Greg a sua própria casa. Estou de saco cheio de ter que ouvir o meu marido choramingar como um recém-nascido todos os dias.

— Eu vou tomar um banho de piscina — digo ignorando as suas palavras cheias de raiva. E, quando faço menção de girar o corpo, ele me detém segurando a minha mão.

— Parece que você ficou incomodada de repente. O que há com você, Lorena? — indaga de olhar afiado.

— Não há nada comigo, Thales. Só acho que você deve mudar as suas atitudes para o seu bem e para o bem de sua família. — Eu me liberto de sua posse e o encaro tirando os óculos escuros. — Por favor, tente ser civilizado com os demais de seu sangue em vez de ficar acusando os outros, aja com postura. Sua mãe está com a saúde frágil e não pode se incomodar mais.

— Quer dizer que eu sou o troglodita da casa agora? É por isso que você se esquia de ter sexo comigo? — rosna baixinho.

Quanto tempo mais eu conseguirei inventar desculpas para mantê-lo longe? Quanto tempo? Sei que mais cedo ou mais tarde eu terei que lhe pedir o divórcio. Contudo, ainda não é o momento certo de fazê-lo.

— Eu já disse a você outro dia que eu estou sentindo dor durante o ato sexual — minto descaradamente.

— Você mudou muito desde que nos casamos, Lorena. Antes você não me desafiava e agora você me desafia a todo instante. — Diz e seus olhos se tornam levemente irritados.

— Todos nós mudamos, Thales. A mudança é a lei da vida. — Eu filosofo impaciente.

Ouçõ passos se aproximarem e Greg surge suado e sem camisa. Com certeza ele está vindo da academia onde estava descarregando o estresse no saco de pancadas de kickboxing. Ele me olha especulativamente, enquanto eu me controlo para não demonstrar qualquer tipo de sentimento por ele na presença de Thales.

— Olha quem chegou! A ovelha negra da família retornou ao lar. — Ironiza Thales lançando seu veneno contra o irmão.

— Oi, Thales. É bom revê-lo também. — Devolve Greg no mesmo tom. — Você já foi ver como nossa mãe está? — pergunta mudando de assunto.

— Claro que fui, Greg. Ao contrário de você, eu sou um filho presente. — Ele sorri cinicamente. — Você quer que eu lhe agradeça por ter socorrido a *minha* mãe? Sim, porque ela é minha mãe biológica e sua mãe adotiva — conclui com maldade.

— Não vejo distinção entre essas palavras. É uma pena que você pense tão pequeno assim — declara Greg e Thales solta uma risada maquiavélica.

— Você vê, Lorena, quem é o troglodita aqui de casa? Parece que não sou eu — rosna em irônico.

— Thales, não comece outra discussão com Greg, por favor! — digo estremecendo diante de seu humor que está se alterando consideravelmente outra vez.

— Você está defendendo esse homem das cavernas que vive se exibindo seminu por aí? — diz Thales lançando um olhar desdenhoso para Greg.

— Thales, meu irmão, eu não discutirei contigo. Não mesmo! Porque ao contrário de você, eu prezo a saúde de Greta — responde Greg em tom firme, tentando manter o controle.

— Você acha que eu não me importo com a minha própria mãe? É isso? — Thales grunhe irritado.

— Bem, eu estou de saída... O *troglodita* aqui precisa de um banho. — Greg ironiza e, antes de deixar a área, nossos olhos se cruzam brevemente.

O ar não pode estar mais pesado. Parece que soltaram uma bomba nuclear que encobriu o céu com uma nuvem escura e altamente tóxica. E, sem suportar mais a presença de meu marido, eu me movo e cruzo por ele.

— Aonde você vai, Lorena? — pergunta furioso.

— Vou ver como Greta está — respondo secamente e o deixo sozinho imerso em suas intempéries.

Sinceramente, não sei o que é pior. Se é conviver com a bipolaridade de Thales, ou se é mentir e esconder de todos o que eu sinto por Greg. Cada minuto que eu passo ao lado de meu marido é uma tortura para mim. Estou dormindo quase na beirada da cama para fugir de suas mãos, pois seu toque tem o mesmo efeito que uma chicotada em minha pele. Quase não durmo direito quando ele está em casa. Permaneço sempre em estado de alerta e muito tensa em sua presença, uma vez que nunca sei quando ele está de bom humor. *Até quando suportarei isso?*

A tarde de domingo transcorre animada. Greta, Lavínia e eu estamos olhando álbuns de fotos sentadas à varanda da frente. Várias fotos de toda a família invadem meus olhos em diversas poses. A alegria e vivacidade de Greg e Lavínia estão presentes em todas elas, ao contrário de Thales que na maioria das fotos ou está sério, ou está emburrado.

Será que ele sempre foi assim, introvertido e perturbado ou ele se tornou assim no decorrer do tempo? Depois que ele teve as suas crises eu busquei informações sobre a sua doença e tudo que eu lia me dizia a mesma coisa: que a bipolaridade é um distúrbio que não tem cura. Somente pode ser amenizado com o uso de remédios e terapia com especialistas. Respiro fundo e constato tristemente que eu não o conheço por inteiro e talvez, nunca conheça sua verdadeira essência.

Greta me entrega uma foto na qual Greg está sorrindo enquanto segura a irmã nos braços. Lavínia está vestida de Cinderela e não deve ter mais que dez anos.

— Lavínia sempre foi mais próxima de Greg do que de Thales. Isso se deve ao fato de que Greg sempre fez todas as suas vontades, deixando-a mimada demais. — Sorri Greta.

— Ah, mamãe! Greg é muito mais divertido do que Thales e é mais descolado, mais bonito, mais querido. Que culpa Greg tem se é o preferido da casa e sempre foi melhor que Thales? — pergunta Lavínia sorridente.

— Não me surpreendo em ouvir sua declaração, Lavínia. — diz Thales surgindo na varanda com semblante desapontado. Seus olhos irritados repletos de ciúmes se estreitam para ela, que dá de ombros diante da reação nada amigável de seu irmão do meio. Eu me remexo desconfortável sentada ao banco ao lado de Greta que lança um olhar desaprovador em direção á filha.

— Que bom que você sabe — diz a irmã caçula em tom provocativo.

— Por favor, meus filhos, parem com isso! — Intervém Greta com voz branda. — Coração de mãe e de pai não tem filho preferido. Cada um é único para nós e nós amamos todos de forma igual.

— Não se preocupe em consertar as coisas, mãe. Eu sempre soube disso — declara Thales secamente. Ele abre um sorriso forçado e se volta para Lavínia. — Maninha, eu espero que você esteja pronta para quando Greg partir para Londres. Porque mais cedo ou mais tarde, ele voltará para seu galinheiro, onde é seu lugar. E quanto a mim, esta é a última semana que estarei fora de casa. Depois da minha viagem a Buenos Aires, eu estarei de volta para trabalhar com papai e também com o querido maninho aqui. — Anuncia sarcástico e eu estremeço. *Oh, não! Terei que conviver com Thales vinte e quatro horas por dia?*

— Que maravilha, meu filho! — exclama Greta feliz, enquanto as minhas entranhas se contorcem angustiadas. — Isso quer dizer então que Túlio está de volta à chefia da filial?

— Sim, mamãe. Ele está quase totalmente recuperado. — Sorri ele contente.

— Isso é uma ótima notícia. Eu ligarei para ele agora mesmo — diz Greta deixando o álbum de fotografias sobre o banco e saindo em direção ao interior da casa.

Thales se acomoda no lugar que antes era ocupado por Greta e meu corpo entra em estado de alerta. Para a minha surpresa, ela me envolve os braços pela cintura e beija meus lábios. Eu permaneço inerte ao seu toque inesperado e respiro fundo.

— Assim, eu ficarei mais perto de minha esposa amada — ele fala acariciando meu joelho.

— Hummm... Eu sinto que estou sobrando. — Lavínia faz uma careta e sai nos deixando sozinhos.

Thales acaricia a minha coxa por cima do vestido de algodão e eu estremeço. Para me deixar completa de horror, ele sobe sua mão em direção ao meu decote e seus dedos passeiam a borda da roupa. Completamente atemorizada devido ao seu toque, a minha respiração se acelera assim como o meu coração dentro do peito.

— Pare, Thales! Pode chegar alguém — sussurro, esquivando o rosto para o lado à medida que ele se aproxima para me dar um beijo.

Ignorando o meu apelo, ele desce sua mão até o meu decote e encontra meus seios. Thales começa a acariciá-los sobre o tecido, pressionando a sua mão e meu corpo inteiro se arrepia. Estou petrificada, imóvel e minha carne treme em repulsa.

— Ah Lorena, eu estou com saudades de você — declara baixinho em meu pescoço, onde distribui alguns beijos.

E, tomada pelo pavor, eu salto do banco para longe dele. Não posso ficar nem um segundo mais ao seu lado, tampouco sentir suas mãos sobre mim. Meu estômago embrulha só de imaginar outro toque mais íntimo dele em minha pele.

— O que é isso, Lorena? Você está fugindo de mim? Eu nem sei mais quando foi a última vez que fizemos amor — brada de olhos arregalados.

Meu coração parece querer saltar pela minha boca. Não o odeio, todavia não o amo. Eu tenho piedade dele, de mim e de Greg devido essa situação miserável que o destino nos preparou. Se eu pudesse fazer com que as coisas fossem diferentes, eu faria. No entanto, eu me sinto impotente diante de tudo isso, bem como me sinto suja por não aceitar o seu carinho.

— Sinto muito por não estar bem neste momento. — Dou uma desculpa. — Essa semana eu irei a capital para fazer alguns exames e também para ver dois projetos do escritório. Ficarei fora por três dias. — Thales se levanta e me fita com ar desconfiado. Seus olhos verdes se estreitam em minha direção e eu estremeço outra vez.

— Por que somente agora você me fala sobre isso? Eu pensei que você tivesse ido ao médico dias atrás! — rosna oscilando de humor.

— Infelizmente não deu. Eu ainda sinto dores e também ardência ao urinar. — Viro o rosto para o lado para não encará-lo. Simplesmente eu não aguento mais olhar para ele enquanto o engano de cara limpa.

— Espero que você resolva isso logo. Porque eu sou seu marido e quero o que é meu de direito! — Ele sai em direção ao interior da casa, me deixando ao alento com todas as culpas e os pecados que tenho cometido nestes últimos meses.

No dia seguinte Greg e eu estamos no chalé, na serra. O estilo é rústico tanto dentro como fora, porém a mobília é moderna e o ambiente interno é muito aconchegante. Na sala de estar há uma

lareira para aquecer os dias frios e a cozinha é composta de acessórios de última geração. Tudo é muito bem limpo e organizado.

Em frente á casa, um pequeno lago completa a bela a paisagem, assim como as inúmeras árvores e canteiros de flores de diversos tipos. Eu me sinto como se estivesse em um desses filmes americanos onde a mocinha e o mocinho estão em sua lua de mel próximo às montanhas. É um lugar perfeito para o amor.

O clima está um pouco frio e eu não estou acostumada a baixas temperaturas. Faz dezessete graus, mas para mim, parece que é bem menos. Acomodada ao sofá de couro, eu estou envolta em um cobertor tentando aquecer o meu corpo.

— Está com frio, meu anjo? — Greg pergunta parando em minha frente.

— Sim. Eu não pensei que ainda estivesse tão frio aqui no fim do mês de agosto.

— Humm... Eu já resolvo esse pequeno problema. — Sorri e seus olhos cor de mel tornam-se cheios de segundas intenções.

— Ah é? E como você irá resolver esse problema? — Eu o instigo.

— Com um banho de sais na banheira para nós dois — responde me pegando no colo.

— Ah, Greg! — Dou uma risada divertida. — Você vai me dar um banho? — pergunto, envolvendo os braços ao redor de seu pescoço.

— Sim, eu vou! E depois eu irei cozinhar para você. O que você acha? — Torço os lábios, desconfiada, pois sei de sua falta de habilidade na cozinha.

— Acho melhor eu cozinhar para a gente — sugiro acariciando sua barba por fazer e ele sorri divertido.

— Humm... Ok! Mas agora vamos ao banho — declara caminhando comigo até o banheiro.

A minha frente está uma banheira de mármore repleta de espuma. A fumaça se expande e aquece o pequeno espaço, nos envolvendo em um clima muito romântico e sedutor. Meu corpo já começa a ficar quente e a excitação aumenta consideravelmente. Greg me põe em pé, de costas para o espelho e envolve suas mãos aquecidas em meu cabelo. Ele pega um elástico e prende meus fios com cuidado.

— É bom que seu cabelo esteja preso em um rabo de cavalo, meu bem. Agora, vamos tirar essas roupas — diz sorrindo.

Primeiro ele se livra de meu casaco e, em seguida suas mãos deslizam para dentro de minha blusa, que agilmente ele tira acima da minha cabeça. Seus dedos roçam o meu ombro e vão parar na alça de meu sutiã, despertando ondas de eletricidade pelo meu corpo. Sem desviar os seus olhos intensos dos meus, ele move suavemente suas mãos, desprendendo a minha roupa íntima que cai ao chão. Depois, seus dedos descem abrindo o botão de meu jeans que logo é colocado de canto.

— Agora eu posso dizer que EU sou um homem de sorte, pois eu tenho você — afirma me fitando com o olhar escurecido de tesão.

Greg se inclina para baixo e segura meu rosto em suas mãos. Logo nossos lábios se unem em um beijo apaixonado. Entro em combustão ao sentir sua ereção empurrar em meu ventre e gemo em sua boca. Ele aprofunda o beijo e suga a minha língua com vontade, me deixando pronta e entorpecida. Eu o puxo para mais perto e me esfregando nele, enquanto nossas línguas se torcem uma à outra. Um gemido gutural brota de sua garganta e ele morde suavemente meu lábio.

— Meu anjo, eu quero te banhar — fala por entre meus lábios.

— E eu te quero agora! — Afirmo sem deixar a sua boca.

— E você terá! Mas na banheira — diz e se afasta sorridente.

Greg se despe e a visão de seu corpo másculo e duro faz o meu ventre efervescer. Ele é tão lindo! Suas formas bem definidas, seu tom de pele levemente bronzeado, seu sorriso encantador, seus olhos cor de mel que ardem de desejo por mim. E, pensar que tudo isso é meu me faz sentir extremamente poderosa. Eu o quero e o quero agora. Cada centímetro do meu corpo chama por ele, deseja-o, ama-o de uma forma imensurável.

— EU sou a mulher mais sortuda do mundo, porque você é meu! — Declaro apaixonada.

Ele sorri feliz e escorrega a minha calcinha para baixo. Sua boca desliza em minhas coxas beijando e lambendo a minha pele. Fecho os olhos eu solto um gemido abafado, mordendo o lábio inferior. Ele desce com os lábios até os meus pés e sobe novamente me torturando com sua língua habilidosa.

Quando abro os olhos, ele está nu em minha frente e sua ereção é a primeira coisa que eu vejo. Greg sorri malicioso e me conduz para dentro da banheira com cuidado. Ele se acomoda do lado oposto do meu e eu deslizo para dentro da água morna.

— Humm, a água está deliciosa. — sussurro, roçando minhas pernas as dele, incitando-o.

— Vire-se e se acomode no meio de minhas pernas que eu irei lavar as suas costas — diz sorrindo.

— Isso será muito bom! — digo e faço o que ele me pede, ficando com as costas apoiada em seu tórax. Sinto seu membro pulsar em meu bumbum e me controlo para não avançar sobre ele. Por que Greg está me torturando desse jeito?

— Sua pele é tão macia — diz deslizando seus dedos quentes em meu corpo.

— Ah, Greg! — Choramingo, fechando os olhos e inclinando a cabeça para trás.

Ele sobe seus dedos letamente às minhas costelas até chegar aos meus seios, onde começa a acariciá-los. Meus peitos instantaneamente se incham e minha abertura inflama desesperada por ele. Com a intenção se deixá-lo doido, eu acaricio suas pernas, subindo até suas coxas, indo em direção a sua virilha. Greg ofega pesado em meu pescoço e roça a língua no lóbulo da minha orelha.

— Vire-se para frente, meu anjo, e sente-se em meu colo. — Sua voz soa como comando aos meus ouvidos. Eu giro o meu corpo e encontro seus olhos escurecidos e ardentes. Encaixo as minhas pernas ao redor de seus quadris e sua ereção escova a minha abertura, me deixando doida.

Greg posiciona uma mão em cada lado de minha cabeça e a puxa para me beijar. O beijo é profundo, intenso, selvagem. Eu mordo de leve seu lábio inferior e ele se incendeia sugando a minha língua e descendo pelo meu pescoço distribuindo beijos e lambidas. Seus quadris mexem levemente dentro da água enquanto ele empurra seu membro dentro de mim.

— Fundo e forte, meu anjo! — sussurra e sinto-o me preencher deliciosamente.

Entrelaço meus braços em seu pescoço e a minha boca busca a sua com extrema necessidade. Ele segura firme os meus quadris e os movimenta para cima e para baixo, penetrando-me fundo e exigente. É a melhor sensação do universo senti-lo se mexendo ferozmente dentro de mim, fazendo amor comigo, doando seu corpo para mim, bem como a sua alma.

Arranho suavemente a sua nuca e, alucinado, ele geme em minha boca. Eu o puxo para mais perto e colo meus seios inchados em seu peito másculo, aprofundando o beijo. Ele afunda seus dedos em meu bumbum e aperta-os delicadamente enquanto se move deliciosamente em meu interior.

Nós estamos molhados e escorregadios e se chocando um contra o outro. A cada estocada intensa que Greg desfere em mim,

mais água é despejada da banheira, molhando o piso de mármore. O ar está quente. A água está quente. Nossos corpos estão em chamas e eu sinto meu orgasmo sendo construído no fundo de meu ventre e vir emergindo como magma incandescente.

— Greg, eu te amo! — declaro sabendo que não posso mais viver sem ele. Greg é o ar que eu respiro, a comida que me alimenta e a água que mata a minha sede. A minha vida só tem sentido ao seu lado. Ele é meu mundo e eu sou o dele e isso é o que realmente importa.

— Também te amo, anjo! — afirma pressionando mais forte e mais fundo, acelerando as estocadas. — Isso, Lorena, forte. — fala ofegante, beijando meu pescoço. Eu inclino minha cabeça para trás e deixo o clímax tomar conta de meu corpo. Apaixonado, profundo, irracional. Percorrendo todas minhas células e invadindo a minha alma.

— Greg! — gemo extasiada, enquanto meus espasmos percorrem o meu corpo. Ele empurra firme e rápido e, com as mãos ao redor de minhas costas, ele se enterra em mim, encontrando a sua liberação.

— Ohhh... Lorena! — rosna me apertando contra o seu corpo. Deito minha cabeça em seu peito e deixo repousar em sua pele molhada. Agora somos dois corações que se transforma em um só e esse coração está batendo acelerado e repleto de amor.

— Humm... Até que não está nada mal — diz divertido, após ingerir a primeira garfada de strogonoff de carne que eu acabo de fazer.

— Ah, Greg... Eu me esforcei ao máximo. — Choramingo e ele sorri desarmado.

— Meu amor, eu estou brincando com você. O seu prato está uma delícia! Fazia tempos que eu não saboreava um stroganoff de carne tão bom assim. E eu estou sendo sincero. — Declara e me beija nos lábios rapidamente. — Quer um pouco de vinho?

— Sim, obrigada. — Ele serve a minha taça e a sua com o líquido vermelho.

— Vamos fazer um brinde! — diz abrindo um sorriso e erguendo a taça.

— E brindaremos a que exatamente? — indago curiosa e radiante.

— A nós! Ao nosso amor imensurável e à única mulher que amarei para sempre: VOCÊ! — Seus olhos brilham apaixonados e meu coração se põe em festa.

— Eu também quero brindar a nós, a uma vida inteira de amor que está a nossa frente e ao único homem que amarei pelo resto de minha vida. — Digo alegremente, erguendo a minha taça também.

— E esse homem sortudo tem nome? — Ele arqueia uma sobrancelha.

— Sim! Eu o chamo de “meu amor”, mas seu nome de batismo é Gregory Henrique Fisher — respondo e ele sorri apaixonado.

Brindamos e Greg se reclina sobre a mesa, me fitando com paixão. Ele segura minha mão esquerda e desvia seu olhar para a minha aliança. O sorriso some de seus lábios e, constrangida, eu puxo a mão de sua posse e esfrego a aliança com os dedos. Essa joia não tem nem nunca teve significado algum para mim e hoje ela está estragando o nosso momento romântico e perfeito.

— Desculpe-me. Eu estraguei o nosso lindo momento — diz chateado, passando uma das mãos pelo cabelo.

— Não se desculpe, Greg — respondo fitando-o em uma mistura de amor e piedade. Amor por ele e piedade por Thales. — Se você

quiser, eu guardo a aliança durante esses dias que estivermos juntos.

— E correr o risco de você perdê-la? Não, Lorena. Melhor não — aconselha temeroso.

— Mas ela nunca teve sentido para mim — declaro com sinceridade.

— Não quero que você se arrisque por causa disso — fala acariciando o meu rosto. Eu bebo um gole de vinho para aliviar a tensão e sinto que a bebida chega ao meu estômago e o embrulha de imediato. Uma ânsia sobe até minha garganta e, prevendo que irei vomitar, eu cubro a boca com a mão e saio rapidamente em direção ao banheiro.

— Lorena? — Greg me segue preocupado. Eu me abaixo na frente da privada e coloco para fora toda refeição que acabo de ingerir. — O que há com você? — Ele se aproxima e eu faço sinal com a mão. De cenho franzido, ele cruza os braços e se apoia ao batente da porta.

Eu vomito mais duas vezes e minha boca se torna azeda, horrível, com cheiro de esgoto. Greg me entrega uma toalha, mas eu vou direto para a pia escovar os meus dentes. Depois de ter a minha boca higienizada e o rosto lavado eu giro o corpo para olhá-lo. Sua expressão é assustada e seus olhos cor de mel estão aflitos.

— Foi o vinho... — Sussurro, deixando o banheiro.

— Você está bem mesmo? — pergunta aflito logo atrás de mim.

— Sim, eu estou. Não se preocupe, foi só uma indisposição estomacal. Não é a primeira vez que isso ocorre — respondo me acomodando no sofá. Greg se senta sobre a mesa de centro em minha frente e fixa seu olhar ao meu. Percebo que ele está tenso, mas com o que afinal?

— Como assim essa não é a primeira vez? — indaga interessado.

— Eu tive essa indisposição na festa de aniversário da Lavínia — digo e ele respira fundo. — Greg, eu não estou grávida! — declaro revirando os olhos.

— Bem, eu realmente havia cogitado essa ideia. Mas foi uma idiotice minha. — Sorri e me beija a testa. — Deixe que eu limpo a cozinha, ok? E depois farei um fogo na lareira para a gente. — Ele me envolve com o cobertor e volta para a cozinha.

Minutos depois, nós estamos sentados sobre o tapete persa, em frente à lareira ouvindo *Bon Jovi* e seus clássicos. Greg bebe vinho e eu água mineral. A minha indisposição momentânea foi embora e eu estou feliz e aquecida, aconchegada em seus braços. Não há lugar melhor no mundo para estar que não seja nos braços do homem que eu amo, sentindo seu calor, a sua proteção, o seu amor.

— Como você está? — pergunta próximo ao meu ouvido enquanto afaga o meu cabelo.

— Eu estou bem. A indisposição já passou — digo tranquilizando-o.

— Que bom! — exclama sorrindo. — Eu tenho uma coisa para lhe dar. Eu giro o rosto para olhá-lo e sua expressão está enigmática.

— O que você tem para mim? — Indago ficando de frente para ele. Greg deixa a taça ao chão, endireita o corpo e tira do bolso de sua jaqueta uma pequena caixa de veludo azul.

— Lorena, eu... Eu quero lhe dar o meu talismã — diz se referindo ao conteúdo que há dentro da caixa.

— Talismã?! — digo sem entender.

— Sim. Eu guardei isso por um longo tempo e finalmente eu achei a sua verdadeira dona. — Ele coloca a caixa em minhas mãos e eu fico apreensiva tentando decifrar que talismã é esse a que ele se refere. — Abra!

Respiro fundo e quando abro a caixa... Meus olhos tornam-se estáticos, a minha boca fica seca e meu corpo estremece. Diante de mim está o meu anel de noivado. O anel que eu perdi há quase oito meses em Veneza. Prontamente, a cena do carnaval é reprisada em minha mente como um filme. O francês... O galanteador francês... O príncipe mascarado é o... Greg? *Não pode ser!*

— Veneza! — eu sussurro atônita, sem piscar — Onde você conseguiu isso?

— Encontrei-o no quarto onde eu estava hospedado, depois que você me deixou. — responde com os olhos fixos em mim.

As minhas suspeitas estão certas. Greg é o homem o qual eu me envolvi durante o carnaval veneziano. Ele é o conquistador que cheirava divinamente bem e que me falava frases lindas ao meu ouvido. Como eu não reconheci o seu gosto intoxicante e o modo intenso como ele fez amor comigo naquela noite? Por que ele me escondeu esse fato de mim? Com que propósito ele agiu dessa forma? Essas e outras perguntas martelam a minha mente em choque, sem me dar tréguas.

Sou violentamente golpeada tanto pela desconfiança como também pelo medo. Com a mente embaralhada e o coração angustiado, eu refaço cada cena sem deixar escapar nenhum detalhe. O sorriso familiar, o jeito descontraído e os olhos cor de mel reluzente ressurgem a minha frente, trazendo consigo todas as lembranças vividas na Itália. Eu estava cega até agora ou o quê?

— Você... Você sabia quem eu era! — digo com voz trêmula me levantando abruptamente.

— Não! Claro que não! — assegura convicto se levantando também.

— Greg, você... Você se fez passar por um francês para me conquistar naquela noite? — pergunto incrédula, caminhando de um lado para o outro. Um suor frio brota em minha testa e minhas mãos estão geladas devido à tensão. Paro diante dele e, furiosa, eu cuspo

as palavras da boca. — Esse era seu plano? Você tinha tudo planejado desde o início!

— Não! Lorena, por favor! — Ele se aproxima e segura meus ombros, enquanto eu tento me libertar de suas mãos.

— Não. Deixe-me! — Eu me debato em vão, pois ele me prende em seus braços.

— Meu amor, me escute. Por favor! — Suplica e segura meu rosto, forçando-me a encará-lo. — Lorena, eu NUNCA imaginei que você era noiva de meu irmão. Nunca! Eu não a conhecia e nem sequer a vi por foto até o dia do seu casamento com Thales. Acredite em mim! — Eu paro de me debater e fixo meus olhos aos seus. Greg está falando a verdade? Mas por que ele só me contou essa história agora?

— Quando você descobriu que esse anel me pertencia? Antes ou depois de me seduzir? — indago com voz embargada, controlando as lágrimas para não cair.

— Lorena, você não pode estar pensando que eu a seduzi como um homem sem escrúpulos. — Sua voz soa ferida. *Ele está magoado!*

Esquivo de suas mãos e dou dois passos, aumentando a distância entre nós. Olho novamente para o anel e observo na parte de dentro as iniciais de meu nome e de Thales. Minhas entranhas se contraem dolorosamente e eu não consigo mais segurar o pranto que banha o meu rosto. Na minha frente está o começo de tudo, está a razão pela qual a minha vida mudou drasticamente. Tenho em minhas mãos aquilo que me levou inconscientemente a encontrar o amor em sua plenitude.

— Greg, há uma explicação para isso? Coincidências não existem — digo convicta. Ele se aproxima e passa as mãos pelo cabelo, apreensivo.

— Mas o destino sim! Eu não acreditava em destino antes de te conhecer. Porém agora, eu não posso mais negar que as pessoas estão destinadas umas as outras. E o meu destino é *você*, Lorena! — Declara secando as minhas lágrimas e me olhando apaixonadamente nos olhos.

Sou invadida por um turbilhão de sentimentos que trepidam em meu peito. Amor, frustração, paixão. Tudo isso se faz presente em mim neste momento. Não posso acreditar que o destino tenha desenhado as nossas vidas desse jeito, tão tortuosa e repleta de obstáculos.

— Quando você soube quem eu era? — sussurro ainda abalada.

— Depois da nossa noite no barco. Eu peguei o anel e as lembranças vieram vivas em minha mente. Os olhos azuis profundos, a boca com gosto de fruta silvestre, o cheiro de chocolate meio amargo de seu cabelo, as iniciais de seus nomes... Eu achava que estava ficando louco ou algo assim. Tentei por dias a fio deixar isso para lá e esquecer. Todavia, os indícios foram ficando mais visíveis e eu tive que aceitar dentro de mim que esse anel pertencia a você. — Confessa cheio de emoção. — Eu sempre procurei a minha linda borboleta de olhos azuis que pousou em meu ombro por uma noite e desapareceu no infinito. Mas eu nunca imaginei que ela fosse... você!

— Isso é verdade? — pergunto relutante.

— Sim, é! A mais pura verdade — assegura convicto.

— Destino. — Repito e essa palavra ecoa em minha cabeça, enquanto o peito explode descontrolado de tanto amor.

— Ele nos quer juntos! — diz apaixonado enquanto me fita com intensidade.

— Esse anel não tem mais significado para mim. Nem ele, nem esta aliança —asseguro em tom firme.

— Para mim ele é meu talismã! — Sorri de canto erguendo o meu queixo. Um sorriso melancólico. — Mas o mais importante é que agora eu encontrei a minha linda borboleta azul e a tenho só para mim.

— Oh, Greg! — exclamo e deixo a caixa de veludo cair ao chão.

Neste instante, *Bon Jovi* canta baixinho *Always*, tornando o clima mais quente e romântico. Meus dedos correm para se entrelaçar em seu cabelo, enquanto as nossas bocas se unem apaixonadas e sôfregas uma pela outra.

Greg me envolve pela cintura e me suspende do chão, caminhando comigo novamente em direção á lareira. Ele me deita no tapete persa e se aconchega juntos a mim. Enquanto eu tiro o seu suéter, ele tira a minha blusa. Em questão de segundos, estamos nus, apenas sentindo o calor que emana de nossos corpos.

— Linda! — diz ofegante, contemplando a minha pele iluminada pelas chamas a nossa frente. — Eu quero você todos os dias, todas as horas, todos os minutos e todos os segundos — sussurra beijando o meu pescoço, descendo até meus seios, onde dá o devido carinho a cada um deles. Eu gemo alto e ele continua a me torturar descendo até a minha barriga, onde distribui mais beijos e lambidas.

Sua boca habilidosa chega até o meu clitóris e eu me contorço sobre o tapete. Greg suga com vontade, inserindo a língua dentro de minha abertura úmida, me deixando em delírios, fora de mim.

— Ohh, Greg! — choramingo enquanto ele prende meu ponto sensível entre os dentes.

Ele alterna entre lambidas e mordidinhas em meu clitóris, me deixando louca e faminta como uma fêmea no cio. Para a minha tortura ele insere dois dedos em mim enquanto me suga avidamente. Esse é o ponto culminante para que meu orgasmo se torne iminente.

— Deliciosa! — diz e volta a sua batalha implacável em minha abertura. O clímax emerge enlouquecido e eu me despedaço por todos os lados. Meu corpo treme sentindo os espasmos pós-orgasmo e eu pisco com dificuldade. — Está tudo bem? — pergunta me beijando suavemente os lábios, fazendo-me sentir o meu próprio gosto salgado em sua saliva.

— Sim... — respondo ofegante com as pálpebras pesadas.

— Agora eu quero sentir você, Lorena. — Ela acaricia as minhas coxas e abre as minhas pernas.

Ainda sinto ondas magnéticas de prazer que atravessam o meu corpo, quando, inesperadamente, ele entra em mim. Eu arfo pesado devido a sua investida repentina e entrelaço meus dedos em seu cabelo, puxando-o para perto. Greg segura firme meus quadris, movimentando-os ritmicamente para frente e para trás, enchendo-me por inteira.

— Porra! Nunca cansarei de fazer amor com você, meu anjo — declara ofegante enquanto empurra seu membro implacável dentro de mim. Eu seguro firme em seus bíceps, arranho de leve as suas costas, enquanto ele entra e sai duro.

— Mais rápido, Greg! — exijo sentindo um novo orgasmo começar a se formar em meu corpo. Quero tanto absorver o máximo dele. Extrair tudo e dar ao mesmo tempo, que penso que nunca terei o bastante desse homem.

Ele segura o meu bumbum e o suspende o mínimo do chão. Os movimentos punitivos retornam com fúria e o gozo emerge como um vulcão.

— Goze, Lorena! — sussurra e explodimos juntos atingindo o intenso clímax que nos consome por inteiros. E neste instante eu constato que não preciso de mais nada na vida. *Se eu tenho o Greg, eu tenho tudo!*

Capítulo 18

*Com a mesma intensidade que o colibri bate suas asas, a minha vida se transforma por completo. — **Greg***

Após terminar de arrumar a mesa, eu constato que está tudo perfeito. Embora eu não seja um *chef*, eu fiz ovos mexidos com bacon para o café. Para completar o clima romântico, eu deixo um ramalhete de rosas vermelhas ao lado do prato de Lorena. Nunca havia comparado nada para ela antes, pois tinha receio de que Thales ou alguém soubesse. E também, porque outrora, eu não sabia o nome do sentimento imenso que invade meu peito e cresce dia após dia. Eu não sabia que o que eu sinto por ela é amor. Entretanto, hoje eu tenho a plena certeza que desde o primeiro dia em que a vi vestida de noiva, eu a amei.

Ouçó passos no corredor e Lorena surge vestida em sua delicada camisola de renda. Ela se aproxima e abre um sorriso lindo e doce ao pegar as flores.

— Greg, elas são lindas! Obrigada, meu amor! — Agradece e me beija nos lábios.

— Humm... Que bom que você gostou — digo carinhosamente envolvendo-a pela cintura.

Lorena deixa o ramalhete sobre a mesa e enlaça seus braços ao redor de meu pescoço, me beijando apaixonadamente. Excitado e extremamente feliz, eu a puxo para perto. O beijo se aprofunda e ela geme em minha boca. Suas mãos puxam a minha camiseta para

cima, arranhando de leve meu abdômen, me deixando efervescente de tesão.

— Lorena — falo por entre seus lábios, lutando para me afastar dela. —, você precisa comer. — Ela me ignora e continua a me provocar, se esfregando e contornando com os dedos o cócs de minha calça de moletom. — Meu anjo — Eu me afasto com dificuldade —, não me provoque. Você precisa se alimentar.

— Ah Greg, por que você faz isso? — ela choraminga.

— E o que eu faço? — Cruzo os braços, olhando-a divertido.

— Me provoca e depois foge da raia — resmunga fazendo uma careta.

— Eu estou fugindo da raia?! — Solto uma risada gostosa e ela me dá um tapa em meu bíceps. — O que eu mais desejo é estar dentro de você o dia inteiro. Mas antes você precisa comer para manter a energia — digo, puxando a cadeira para ela se sentar. Lorena se acomoda a mesa e eu também. Eu a sirvo de ovos e bacon, enquanto ela nos serve de café.

— Humm... Está bom! — Sorri, depois de saborear uma porção de ovos com bacon.

— Está vendo como eu não sou um completo desastre na cozinha. — Brinco e provo da comida que realmente está saborosa.

— Você vai ficar com o talismã? — indaga após saborear algumas garfadas de comida.

— Você ficaria chateada se eu ficasse com ele? — pergunto interessado.

— Não, de forma alguma — ela sorri de canto.

— Bem, ele me trouxe até você. Ficarei com ele e o mantereii em local seguro por enquanto. — Seus olhos me estudam atentamente, enquanto faz círculos com o garfo em seu prato de

comida. E, prevendo que uma nova indagação virá, eu me ajeito na cadeira, ansioso.

— Quando a gente se conheceu em Veneza... Você estava lá com alguém? — questiona curiosa. Deixo os talheres ao lado do prato e a fito por um momento. Lorena está querendo saber se eu estava com alguma mulher? Não acredito que ela esteja com ciúmes.

— Eu fui com um amigo de Londres. Um amigo homem, Lorena — respondo e ela arregala os olhos.

— Eu não imaginei que você estivesse acompanhado de alguma garota. — Disfarça torcendo os lábios.

— Sei... — Contenho um sorriso divertido.

— É sério! — Sorri sem jeito. O som estridente do seu celular nos interrompe. Sobressaltada, ela pega o aparelho e seu rosto empalidece ao olhar para a tela.

— É o Thales — sussurra e volta o olhar para mim.

Eu me levanto angustiado e levo as mãos ao cabelo. De que adianta eu ficar furioso se eu sabia que isso podia acontecer? Thales ainda é o marido dela e é normal que ligue para a esposa para saber como ela está.

— Acho melhor você atendê-lo. Eu irei esperar por você no quarto. — rosno e deixo a cozinha, enquanto sinto uma dor absurda dentro do peito.

Chego ao quarto, sento-me à beira da cama e afundo a cabeça nas mãos. Eu tenho ciúme dela. Muito! Demais! Vou fazer o que para controlar isso? Só de imaginar que o meu irmão a toca intimamente, meu estômago embrulha e meu sangue ferve em minhas veias. Tenho me contido em perguntar quando foi a última vez que eles... Não consigo nem imaginar. Não dá!

Levanto-me e saio em direção à janela de vidro. Preciso pegar um ar, pois parece que estou momentaneamente sufocado. Fixo os olhos no lago à minha frente e tento me controlar. Respiro fundo três vezes e deixo o ar puro penetrar em minhas narinas, oxigenando meu cérebro entorpecido pela fúria. Meu coração está aflito e parece se comprimir dentro do peito. *Preciso manter a calma!*

Eu amo Lorena demais. Não quero dividi-la com mais ninguém. Quero torná-la minha esposa, minha mulher, mãe de meus filhos. Sou egoísta por sentir isso? Sou egoísta por não querer dividi-la com o seu próprio... marido? Essa palavra me deixa zozzo, desatinado e fora de mim.

— Greg? — ela fala e sua voz que é canto para meus ouvidos. Lorena chega e me abraça por trás. Eu entrelaço minhas mãos grandes as suas pequenas e delicadas e ficamos calados por alguns instantes.

— Está tudo bem? — indago receoso.

— Sim. Thales queria falar sobre a... nossa casa e saber como foi a... minha consulta — responde e eu solto um ar pesado.

Ainda um pouco incomodado devido à ligação que Thales lhe fez a pouco, eu giro o corpo e fico de frente para ela.

— Lorena, eu sei que Thales ainda é o seu marido, mas eu não quero saber o que ele conversou contigo. Eu... Eu tenho ciúmes de você. Eu a quero só para mim! — declaro e a puxo para meus braços.

— Ah Greg, eu sou somente sua de corpo e alma. Você sabe disso! — sussurra com a cabeça enterrada em meu peito.

— Às vezes eu sinto como se estivesse te perdendo — digo com o coração angustiado.

— Você nunca irá me perder. Não diga besteiras! — Ela ergue a cabeça e me olha com paixão.

— Você tem razão! Eu estou dizendo besteiras mesmo. — Sorrio e saio até a cômoda. Pego uma pequena caixa vermelha e volto para ela que sorri ansiosa.

— Lorena, eu tenho algo para você. Eu não te dei nenhum presente até agora e gostaria que você aceitasse este — digo sorridente.

— Greg, você é meu presente. Eu não preciso de mais nada além de você. — Declara e eu me derreto de paixão.

— Meu anjo, você é que é uma dádiva dos deuses feita somente para mim. A minha vida só tem sentido ao seu lado. — Afirmando, roçando meu polegar e acariciando seu belo rosto. — Quero que você aceite isso. — Eu lhe entrego a caixa e ela pisca rapidamente.

— Greg... Ele é... lindo! — Exclama ao ver o anel de brilhante que acabo de lhe dar.

— Deixe-me fazer isso da maneira correta. — Eu pego a joia, apoio um dos joelhos ao chão e, olhando em seus olhos, eu digo. — Lorena, eu sei que é muito cedo para esse ato, afinal você ainda está casada com Thales. Porém, eu já a considero minha. Meu amor, minha garota, minha namorada. E quero fazer de você, futuramente, minha esposa. — Seguro em sua mão direita e seus olhos se enchem de água. — Lorena, você aceita ser a senhora Gregory Henrique Fisher?

— Sim, sim, sim! Mil vezes sim! — responde abrindo um sorriso que ilumina o seu rosto angelical. Eu coloco o anel em seu dedo anelar e a suspendo do chão, selando o nosso amor com um beijo ardente. — Greg, eu adorei o presente. — Sorri e sua expressão muda para melancólica. — Mas, por enquanto eu não poderei usá-lo na presença dos demais.

Eu a coloco na posição vertical e percebo que ela fica apreensiva, pois olha para as mãos sem saber o que fazer e em seguida volta a olhar para mim. Se eu pudesse arrancar essa maldita aliança de seu dedo eu faria. Só Deus sabe o quanto dói ver a joia

brilhando em sua mão e saber que foi o meu irmão que a fez sua esposa, e não eu. Contudo, eu não quero deixar as coisas mais complicadas do que já estão e contendo a minha frustração.

— Lorena, não se preocupe. Entendo perfeitamente e sei que a situação não é das melhores. Eu odeio admitir isso, mas Thales a ama, do jeito dele, mas te ama. E será muito difícil para ele, bem como para nós. Mas eu não vou perdê-la outra vez. Eu lutarei por você — digo determinado.

— Como eu queria que as coisas fossem diferentes para nós três. Eu desejo tanto que Thales encontre a felicidade. O que eu sinto por ele é um sentimento quase fraterno. — Sua voz está entrecortada e ela reprime as lágrimas que voltam a brotar em seus olhos.

— Ei, eu também desejo isso para todos nós. — Afirmando, segurando seu queixo. — E isso acontecerá. Agora vamos esquecer essa história por um momento e vamos nos concentrar em nós, ok? — Abro um sorriso tentando acalmá-la.

— Sim. Agora eu quero o que você me roubou no café da manhã, senhor Fisher. — ela abre um sorriso repleto de segundas intenções enquanto acaricia meu abdômen.

— Ah, é? E o que foi que eu lhe roubei no café da manhã? — Pergunto com os olhos escurecidos de desejo.

— Isso! — Ela escorrega a mão para dentro de minha calça e invade a minha cueca.

Um gemido inesperado sai de minha boca, quando sinto seu toque em meu pau rígido. Suas mãos movimentam ao redor, pressionando firme, para cima e para baixo. Lorena desce a calça e cueca e se põe de joelhos a minha frente. Minha ereção salta livre e em prontidão para o combate de amor que logo será travado.

Saio das minhas calças e ela desliza sua mão delicada sobre minha extensão. Lorena segura firme o meu pau e o coloca na boca.

Eu gemo ao sentir seus lábios quentes e enrosco meus dedos em seu cabelo. Ela vai e volta, chupando com vontade e faz círculos com a língua na ponta.

— Ah, que boca deliciosa! — Gemo enquanto Lorena investe em mim sem piedade.

Ela suga firme e passeia sua língua ao redor da extremidade. Vai e volta, vai e volta me deixando completamente alucinado.

Repete esses movimentos algumas vezes e eu sinto que não conseguirei segurar o orgasmo por muito tempo.

— Lorena, chega... — digo em vão, pois ela ignora e enterra minha ereção em sua boca. Pressionando os lábios contra o meu pau que lateja forte. Com receio de atingir o clímax muito em breve eu a detenho. — Lorena, pare! Eu não quero gozar em sua boca. — Em seguida eu me abaixo, seguro-a pelos ombros e agilmente a coloco na cama. Eu me livro da minha camiseta e assim o faço com sua camisola, deixando-a somente de calcinha de renda.

— Ohhh, Greg! — exclama endoidecida sentindo a minha língua deslizar em seu pescoço.

Seguro seu rosto em minhas mãos e a beijo apaixonado. As nossas línguas se encontram e se enroscam ansiosas. O beijo é tão intenso que sinto que ambos estamos nos alimentando um do outro. A fome dela se equipara a minha e não tenho dúvidas de que Lorena é tudo para mim, assim como sou para ela.

Deixo sua boca e desço beijando o seu pescoço até encontrar os seus lindos seios. Um gemido abafado sai de sua garganta, quando ela sente minha língua fazer círculos ao redor de seu mamilo enrijecido. Eu beijo, chupo, mordisco, lambo Lorena se contorce na cama.

— Greg, eu quero você! — choraminga serpenteando o corpo embaixo de mim.

Desço meus lábios até a borda de sua calcinha, distribuindo beijos em seu ventre. Enquanto escorrego a peça íntima por entre suas pernas, Lorena arfa e inclina o tronco para cima.

— Vire-se de bruços, Lorena, e apoie seu rosto no travesseiro. — Ela faz o que eu lhe peço e eu envolvo suas pernas com as minhas coxas, mantendo-as presas. Acaricio seu belo traseiro e subo passeando as mãos em seus quadris, em sua costela, até chegar a sua nuca. Abaixo-me e beijo seu pescoço, contornando a linha tênue de sua pele macia.

— Não me torture mais — implora mordendo o lábio.

— Diga-me o que você quer — Instigo em seu ouvido, roçando o meu pau em sua bunda.

— Você dentro de mim. Sempre! — responde ofegante.

— Humm... O seu desejo é uma ordem, meu anjo. Mantenha suas pernas unidas, pois dessa forma será muito mais prazeroso. — Seguro o seu quadril e a penetro. Lorena solta um gemido alto e agarra o travesseiro com força, enquanto eu me delicio saboreando a minha posse em toda a sua plenitude.

Ela empina um pouco o seu traseiro e eu aproveito para me afundar inteiro dentro de sua boceta apertada. Aos poucos os ritmos se intensificam dentro e fora, dentro e fora e ela arfa pesado.

Depois de meter fundo e rápido várias vezes, eu pressinto que ela logo gozará. E, com a intenção de atingir o clímax junto com ela, eu começo a estimular o seu clitóris. Lorena arfa, se contorce enquanto eu massajeio seu ponto sensível.

— Isso, meu amor. Goze! — rosno por entredentes, à medida que o meu orgasmo também me persegue. Ela explode lindamente, trepidando na cama e eu libero o meu gozo, me derramando dentro dela.

A noite chega e saímos para um jantar romântico. Lorena está bela em um vestido floral, solto, pouco acima dos joelhos e blazer devido à noite fresca. Ela parece mais menina do que já é e meus olhos apaixonados estão totalmente voltados para ela. Seu cabelo loiro forma uma cascata banhando seu peito e se estendendo ao redor de suas costas, deixando ela ainda mais linda e desejável. Seus olhos azuis estão atentos em mim que alterno o olhar entre ela e o menu a minha frente.

— O que você gostaria de comer? — pergunto interessado.

— Eu estou com vontade de saborear um filé ao molho madeira e batatas ao molho branco. — Sorri entusiasmada.

— Então eu te acompanharei. — Sorrio de canto. — Agora vamos escolher um bom vinho — digo pegando a carta.

— Eu acho que eu não deveria tomar vinho. — fala cautelosa.

— Por que não? Você sempre gostou de vinhos. — Arqueio uma sobrancelha, surpreso.

— Não sei... Acho melhor eu optar por uma água ou um suco natural — diz e eu fico reflexivo.

Lanço um olhar desconfiado e ela pisca inocentemente. O que está acontecendo com ela? Lorena não pode estar... Não! *Ela não está grávida!* Uma gravidez agora será o fim de tudo. Meu fim, fim de Lorena, fim do nosso amor e fim de minha família. Minha cabeça começa a girar e eu não consigo esconder a preocupação que sinto.

— Lorena, quando foi sua última menstruação? — indago interessado.

— Greg, eu já disse a você que eu não estou grávida — declara revirando os olhos.

— Eu... Eu só estou um pouco preocupado com você. Não tem nada demais em eu querer saber quando foi o seu último período —

afirmo em tom baixo.

— Meu último período foi há quinze dias. Ou seja, não estou esperando um bebê. — Assegura sem me olhar nos olhos. Solto um suspiro aliviado e ergo seu queixo ternamente.

— Desculpe-me outra vez — digo desconfortável.

— Não precisa pedir desculpas. — Ela abre um meio sorriso. — Eu sei que você se preocupa comigo.

— Sempre! Você é minha vida a partir de agora e tudo que diz respeito a você, é de meu interesse. — Acaricio a sua face.

— Não sei mais viver sem você também, Greg. — Ela afaga minha mão enquanto seus olhos cintilam apaixonados.

— Ah, minha menina linda! — Dou-lhe um beijo casto nos lábios. — Bem, eu irei pedir uma taça de vinho para mim e você vai querer o que?

— Um suco de acerola — responde sorrindo. Eu faço sinal e o garçom logo nos atende.

O jantar transcorre tranquilamente. Lorena está saboreando seu prato desejado e eu a acompanho. O clima da noite está muito agradável e o ar que vem do orvalho entra em minhas narinas, refrescando o corpo e a alma. Faz tanto tempo que não sou invadido pela sensação de paz que tenho receio de estar sonhando. Afinal, tanto eu como Lorena temos passado por tantas provações que às vezes eu me esqueço de que a vida também é feita de bons momentos, como esse que estamos vivendo agora.

Giro o rosto e observo que logo abaixo há uma pequena pista de dança, onde alguns casais se movem ao som da música suave. A melodia desperta em mim o desejo de ter a minha amada em meus braços, curtindo um momento romântico.

— Acho que já estou satisfeita. — Ela deixa o guardanapo de boca sobre a mesa.

— Já? Parece que você comeu tão pouco — digo lançando um olhar rápido para o seu prato.

— Eu comi muito sorvete de chocolate hoje de tarde — argumenta.

— Oh, sim! O sorvete de chocolate que eu comprei — Sorrio e bebo o último gole de vinho. — Bem, já que você terminou seu jantar e eu praticamente terminei o meu... Você aceita dançar comigo? — Estendo a mão para ela. Lorena sorri, eu pago a conta e saímos em direção à pista.

Abraçados, nós começamos a nos movimentar no embalo do som romântico de *Djavan, Eu te devoro*. O cheiro inebriante de sua pele entra em meus pulmões deixando-me intoxicado por ela. Tento me controlar, mas é impossível. Instantaneamente eu fico duro.

Lorena sente a minha súbita ereção e ergue os olhos para me fitar intensamente. Ela suas mãos deslizam até a minha nuca e escova a minha pele. Lorena me provoca deliberadamente no meio da pista de dança e eu busco todas as minhas forças para não agarrá-la diante dos demais.

— Humm... Eu gosto dessa música — diz tentando controlar o frenesi. Inclino a cabeça para baixo e afago seu cabelo sedoso.

— Você quer me deixar louco, Lorena? — pergunto ao seu ouvido.

— Por que está dizendo isso, Greg? — responde inocentemente enquanto dançamos apaixonadamente. Por um momento eu me deixo conduzir pela atmosfera mágica que nos envolve e esqueço-me de todos os problemas que temos e dou espaço a felicidade.

Suas unhas continuam a escovar a minha nuca com leves arranhões e eu solto um gemido abafado em seu ouvido. O tesão está transbordando em mim e eu não consigo mais disfarçar a tensão sexual que paira no ar. Os músculos de meu corpo estão

rígidos e eu sinto o meu pau pulsar como um louco dentro da calça jeans.

— Lorena, vamos para o chalé. — Sussurro segurando firme a sua mão.

— Agora?! — exclama surpresa, enquanto atravessamos a pista.

— Sim! Caso contrário eu a agarro em frente de todos! — respondo em tom baixo.

— Mas é tão cedo ainda... — Choraminga contrariada Paro para fitá-la e nossos olhos se encontram excitantes.

— A culpa é sua. Quem mandou você me provocar no meio na pista de dança? — indago puxando-a de encontro o meu peito. — Lorena, sinta o quanto eu te desejo. — Eu colo meu corpo ao seu e beijo seus lábios. Estamos entregues e inebriados ao doce momento, quando, subitamente, uma voz feminina e conhecida nos desperta para o horror.

— Ora, ora. Que surpresa!

Completamente atordoado, eu me afasto de Lorena e meus olhos se deparam com Louise logo a nossa frente. Ela acaba de presenciar a nossa cena amorosa e está furiosa, pois seus olhos verdes perfuram nossos impiedosamente. *Que diabos Louise faz aqui?*

Lanço um olhar rápido para Lorena que está inerte. Seus olhos estão parados e sua respiração está bloqueada, assim como a minha.

— Então, Greg, foi por ela que você me deixou? Pela sua... cunhada... Mulher de seu irmão? — Louise esbraveja enfurecida.

— Nós não devemos satisfação de nossas vidas para você — rosno secamente, enquanto envolvo meu braço ao redor da cintura de Lorena que está gelada de pavor.

— Nunca pensei em toda minha vida que você tivesse a coragem de trair seu próprio irmão. Que tipo de homem é você? — Tomada pela inveja e ciúme, ela destila todo seu veneno sobre mim.

— Um homem apaixonado como você vê — respondo sem receio, louco para esganar essa lambisgoia. Como eu pude me envolver um dia com Louise? Eu devia estar sofrendo crise de abstinência sexual. Não tem outra explicação!

— Não queria admitir, mas no fundo eu suspeitava de vocês. Você mal disfarçou o seu olhar durante a festa de sua irmã. Ou você acha que eu não percebi, Greg, que você e essa daí ficaram a noite toda trocando olhares na frente do Thales. — Louise diz com repulsa.

Agora está tudo perdido. Louise irá jogar toda a merda no ventilador e a culpa será minha, que não consegui disfarçar o que sinto. Deus, eu preciso de um milagre neste momento.

— Louise... — Tento falar, mas ela me interrompe enfurecida.

— Eu tenho nojo de você e dessa... — Ela lança um olhar mortal para Lorena que está apavorada ao meu lado. — Vocês se merecem! — grunhe e faz menção de girar o corpo

— Louise, espere — Lorena se pronuncia.

— Era só o que faltava agora. A amante defender o cafajeste do cunhado traidor. Você quer explicar o que, hein Lorena? — Louise cospe as palavras impiedosamente de queixo altivo, enquanto um sorriso cínico se forma em seus lábios.

— Eu sei que você não gosta de mim. — Começa Lorena em tom baixo, porém tenso. — Mas, por favor, não conte a ninguém o que você viu essa noite. Eu estou me divorciando de Thales... Eu te imploro, Louise.

— Então você se divorciará do Thales para ficar com Greg? — Louise ri sarcasticamente. — Eu adoraria saber como Greta e

Humberto reagirão diante de tudo isso. E principalmente, como Thales reagirá sendo trocado pelo irmão safado e conquistador.

Por mais que eu queira esganá-la e mandá-la par ao inferno, eu não posso deixar de concordar com a desgraçada. Louise tem razão! Minha família nunca aprovará o nosso amor. E, quanto ao Thales? Bem, ele me odiará para o resto de sua vida.

— Por favor, Louise. Não conte nada. — Implora Lorena com voz embargada.

— Não se preocupe, Lorena. Não será através de mim que os seus familiares saberão dessa sujeira toda. Eu estou embarcando para a Espanha daqui quatro dias. — Ela retesa o corpo — Eu só peço a Deus que tenha piedade de vocês, porque com certeza, Thales não terá — declara com frieza e desaparece ladeira abaixo.

Como a vida nos prega peças. Nunca cogitei encontrar Louise. Muito pelo contrário, eu tinha quase certeza de que ninguém nos encontraria aqui. Contudo, eu estava enganado. Louise nos flagrou em um momento muito íntimo e agora a única coisa que me resta, é confiar em sua palavra de que manterá o segredo guardado com ela. E eu posso confiar em uma mulher que está se sentindo trocada por outra? Mas, no momento não há outra saída, a não ser confiar em sua palavra duvidosa.

Desligo o telefone e balanço a cabeça, completamente exausto. Deixo o aparelho sobre a mesa da copa e vou até o quarto, onde encontro Lorena deitada sob o edredom.

— Oi, meu anjo! — Eu me acomodo ao seu lado e envolvo a manta quente ao redor de nossos corpos. Ela sorri melancolicamente e apoia a cabeça em meu peito.

— Você conseguiu falar com Louise? — indaga preocupada.

— Sim. Acabei de falar com ela — respondo acariciando o seu cabelo.

— O que ela disse, Greg? — Lorena ergue a cabeça para me fitar.

— Ela assegurou que não dirá nada a ninguém e que está embarcando para Milão na segunda-feira. — Asseguro sem saber ao certo se ela manterá a sua palavra. — Lorena, nós não precisamos nos preocupar com Louise. Eu sei que ela não fará nada para comprometer sua imagem de modelo. Ainda mais agora, que ela tem uma carreira internacional pela frente — falo, beijando o topo de sua cabeça.

— Assim espero. Porque nós já temos problemas demais para resolver — diz Lorena receosa.

— Sim, eu sei. Mas nós precisamos ser fortes — declaro e mudo de assunto. — Nós partiremos amanhã para casa.

— Mas a gente não iria voltar somente no sábado? — pergunta com voz frustrada.

— Sim, porém houve alguns contratemplos. Humberto me ligou à tarde e precisa de mim amanhã na empresa. Eu não quis falar nada para você antes, porque eu não queria estragar nosso momento. — Ela torce os lábios, desgostosa.

— Terei que falar com Thales sobre o divórcio — diz estremeçando o corpo.

Fecho os olhos momentaneamente e respiro fundo. Sei que esse dia tem que chegar e não será nada fácil para nenhum de nós três. Não quero que meu irmão sofra com a sua ausência, bem como não desejo que nem a minha família nem a dela padeça devido a essa situação. E, com o coração carregado de culpa, amor e dor eu resolvo desabafar.

— Lorena, você não faz ideia do quanto eu tento não me culpar mais por amá-la tanto. — A minha declaração faz com que ela se

sente na cama e me fite de forma interrogativa. — Eu tenho travado uma luta interna comigo mesmo faz muito tempo — digo, apoiando as costas com um travesseiro.

— Greg... — Eu levo suavemente meus dedos em sua boca, interrompendo-a.

— Deixe-me falar, por favor. Eu preciso colocar para fora tudo que tenho sentido durante esse tempo todo. — Sua expressão se torna preocupada, porém ela se mantém atenta e nada fala. — Muitas vezes eu me senti um filho da mãe, um nada, o mais miserável de todos os homens, porque me culpei e ainda me culpo pelo fato de ser completamente louco por você. Sei o quanto Thales te ama e isso é tão difícil para mim. Ele é meu irmão e nada vai mudar esse fato. Nunca! — afirmo angustiado.

— Eu sei — sussurra e olha para baixo com os olhos cheio d'água.

— Nós sabemos que as coisas ficarão complicadas. Thales não aceitará o divórcio. Temos que ser fortes para enfrentar a todos, principalmente a fúria dele e sua bipolaridade — digo sabendo o que nos espera.

— Greg, eu decidi ser forte desde o dia que eu percebi que você era a única pessoa por quem eu vivo e respiro na vida. Nada irá nos separar. Vamos lutar juntos, meu amor — declara com amor, enquanto as lágrimas molham seu rosto.

— Ah, Lorena! — Suspiro apaixonado e a puxo para meus braços, limpando suas lágrimas com meu polegar. — Tenho tanto medo de perdê-la que só em cogitar essa ideia meu coração para de bater.

— Você não irá me perder. Nós nunca vamos nos perder um do outro. — Afirma emocionada se aconchegando junto a mim.

Permanecemos calados por um bom tempo. Afinal para que servem as palavras diante do mar de emoções que nos invade?

Ficamos apenas sentindo nosso amor imenso que cresce a cada dia e se espalha por todas as células do nosso corpo, invadindo a nossa alma e nos consumindo por inteiro. Se amar Lorena for pecado, que Deus me perdoe por isso.

Capítulo 19

*Shakespeare está certo quando diz: "O destino é o que embaralha as cartas, mas nós somos os que jogamos". — **Greg***

Insuportável! Essa é a palavra certa para usar em relação à presença do Thales, tanto em casa quanto na empresa. Nunca cogitei a ideia de ser tão difícil conviver com alguém em toda minha vida. Desde que ele retornou para casa que não faz outra coisa que não seja estar grudado em Lorena feito um carrapato.

Já faz sete dias que voltamos de nossa viagem na serra e ela ainda não conseguiu falar em divórcio com ele. Parece que meu irmão pressente quando Lorena vai tocar no assunto e sempre sai com uma chantagem. Ou ele está com dor de cabeça, ou não está bem, ou está muito cansado. Pelo menos, eu sei que Thales não a tocou intimamente, pois ela me garantiu.

Lorena e eu temos nos visto tão pouco, e quando nos vemos, tem que ser escondido e rápido. Parecemos foras da lei, sempre cuidando para não deixar rastros de nosso amor. Estamos nos esquivando um do outro com uma dificuldade extrema que chega a doer.

Respiro fundo e olho de canto para ver se ela vem ao meu encontro clandestino e veloz como faz todas as noites. Para meu alívio ouço passos e ela surge na área da piscina. Eu a pego pela mão e a levo para o quiosque.

— Lorena, eu pensei que você não viria mais. — Beijo-a com tanta intensidade, que a deixo momentaneamente sem ar.

— Greg, eu não posso demorar. Eu só tenho cinco minutos. Dei uma desculpa ao Thales que viria na cozinha beber água. Logo ele notará a minha falta — declara me fitando aflita.

— Eu sinto tanta saudade de você, meu anjo, que não consigo mais dormir sem ter você ao meu lado — afirmo, abraçando-a forte contra meu peito. Ela envolve seus braços ao redor da minha cintura e respira fundo — Quando você falará com Thales sobre o divórcio?

— Amanhã — responde e eu me afasto buscando seus olhos azuis.

— É a melhor coisa a fazer. Por nós três. Você sabe, não é? — indago e ela assente com a cabeça.

— Sim, eu sei... Não será fácil, Greg. Mas eu tomei essa decisão e de amanhã não passa. Eu não aguento mais ficar longe de você. Sinto sua falta vinte e quatro horas por dia. — Seu tom de voz é choroso.

— Oh, meu anjo! — Seguro seu rosto em minhas mãos. — Eu também sinto o mesmo. Os dias se tornam cinzas e sem brilho sem ter você ao meu lado. Eu te amo tanto!

— Eu também te amo! — Ela sorri e eu dou-lhe outro beijo carregado de amor.

O beijo se aprofunda e ela entrelaça seus braços ao redor de meu pescoço, enquanto eu a puxo contra meu corpo. Lorena geme em minha boca ao sentir minha ereção pressionar seu ventre. A paixão me domina e o desejo de fazer amor com ela se manifesta ferozmente. Contudo, a consciência fala mais alto e me afasto ofegante.

— Anjo, não quero te colocar em apuros. — Lanço um olhar rápido em direção ao interior da casa que está silencioso e volto para ela. — Escute, assim que você pedir o divórcio ao Thales, eu anunciarei a minha partida para Londres.

— Você vai deixar a sua família? — Ela me olha surpresa.

— Lorena, eu já falei sobre isso outro dia com papai. Eu não descartei a ideia de retornar a Londres. Humberto sabe sobre essa hipótese já faz algum tempo. E você virá comigo! — falo convicto.

— Como vou deixar o país assim de uma hora para outra? — indaga nervosa.

— Não se preocupe quanto a isso. Antes de tudo, você deve se concentrar em pedir o divórcio ao Thales e tentar a qualquer custo que seja amigável. O resto deixe comigo que eu tenho tudo planejado. — Sorrio. — Confia em mim?

— Sim, eu confio — responde abrindo um sorriso.

— Eu não quero que você vá agora, mas é preciso — digo com o coração partido. — Eu te amo! Nunca se esqueça disso.

— Sempre irei me lembrar. — Sussurra e eu lhe dou o último beijo antes que ela saia e desapareça no interior da casa.

Não dormi nada a noite passada. Meus pensamentos só me remetem a decisão que Lorena tomará hoje. Nada me acalma. O dia está passando lento e torturante e nenhum sinal dela. Tenho me controlado para não lhe ligar, uma vez que não quero deixá-la ainda mais tensa do que já está.

Volto à concentração por um instante para os papéis em minha mesa. Tenho alguns contratos que precisam ser entregues ainda hoje para papai dar o aval e eu não quero ir para casa sem antes fazer isso.

Cerca de trinta minutos depois, eu termino o que eu tenho para fazer e deixo os contratos para Judith entregar a Humberto. Desloco-me até a garagem e ouço um bipe de meu celular. Ao olhar a tela me deparo com a seguinte mensagem de *WhatsApp* de Lorena:

"Amor, eu estou indo agora até a casa em construção para falar com Thales. Depois eu te ligo. Te amo. Beijos de sua Lorena".

Entro no carro e saio até ela. Meu coração se agita angustiado em meu peito e parece bater aos solavancos. Algo dentro de mim diz que Thales não reagirá bem diante do pedido de separação. Só de imaginar ele agindo de forma hostil contra Lorena, meus músculos se contorcem enfurecidos.

Estaciono e avisto o carro dela e o de Thales. Não sei o que eu faço, se desço e vou averiguar a situação, ou se espero para falar com Lorena assim que ele sair. Nervoso, eu esmurro o volante com vontade e praguejo baixinho. Sinto que algo de ruim pode acontecer, afinal Thales não está sob controle. Seu humor está oscilando muito, o que me desperta uma preocupação. Mais que depressa eu deixo o carro e caminho até a porta de entrada.

Entro e o ambiente está silencioso. Apenas há o som das ondas do mar que quebram na praia. Dou alguns passos, adentro mais um pouco e ouço vozes vindas da escada que dá acesso ao andar de cima. De imediato reconheço a voz grave e descontrolada de meu irmão e a voz doce e tensa de minha amada. Eles discutem.

— Divórcio, Lorena?! Nunca! Eu não lhe darei o divórcio! — brada Thales.

— A gente não temos mais uma vida juntos faz algum tempo. Nós não devíamos de ter se casado tão apressadamente — diz Lorena.

Dou mais dois passos e fico imóvel atrás da parede do *hall*, próximo à escada. Sei que o que estou fazendo não é certo, pois nunca fui de ouvir atrás das portas. Mas eu preciso saber o teor do assunto. Afinal, eu sou o maior interessado nesse desfecho.

— Lorena, por que diz isso? Agora que eu estou em casa, você vem com essa ideia sem fundamento de querer se separar de mim! Você sabe que eu sou louco por você. Eu te amo, meu amor! — afirma ele com voz embargada.

— Thales, infelizmente esse é o ponto: eu não te amo. O que eu sinto por você é carinho... afeto de... irmão! — argumenta ela.

— Você... Você não me ama? — Ele está indignado. — Isso é mentira, Lorena!

— Thales, ouça-me. Eu quero ser feliz e quero que você também seja feliz. Porém, não há como mantermos mais esse casamento. Eu quero o divórcio, Thales! — ela fala determinada. Há um torturante silêncio enquanto eu tento controlar a minha respiração pesada para não ser descoberto.

— Lorena, você... tem outro homem? Você tem um amante! É isso? — grita ele, descontrolado.

— Thales, solte-me! Eu não tenho ninguém. Apenas quero viver em paz. Solte-me — ela implora. *Deus! Ele a está machucando!* E eu nem sequer posso espiar para verificar a situação, quanto mais aparecer. Sinto o sangue ferver em minhas veias e se espalhar em fúria pelo meu corpo.

— Você tem outro homem sim. Diga! Quem é seu amante? Aquele que te come enquanto eu estou viajando. Diga o nome desse filho da puta! — ele exige em tom alto.

— Eu não tenho ninguém. Por favor, você está me machucando! — ela implora outra vez e eu entro em estado de cólera contida.

— Você me traiu, Lorena? Responda! — ele grunhe enquanto a sua voz se torna agitada cada vez mais.

— Não, Thales. Por favor, eu só quero o divórcio. Aceite isso, por nós — implora ela baixinho e eu posso sentir o pânico em seu timbre de voz.

— Dar o divórcio a você para que você viva com seu amante? Isso nunca! — rosna ele, totalmente enlouquecido.

— Thales, você está me machucando! — ela choraminga com voz aflita.

— Nunca pensei que eu tivesse me casado com uma... vadia. É isso que você é, Lorena: uma puta! — ele declara e eu ouço um barulho como de um tapa ecoar. Em seguida outro barulho mais forte se segue.

Como um foguete eu saio de trás da parede que me bloqueia e, para meu completo horror, vejo Lorena rolar um lance de escada. Tudo é muito rápido e eu não raciocino mais. Uma dor absurda de perda e revolta toma conta de mim neste instante. Meu coração para, minha mente está bloqueada e minha vida se foi. Lorena cai desacordada aos meus pés, enquanto Thales está inerte no alto da escada, completamente perdido.

Minha cabeça lateja tanto que parece que meus olhos vão saltar de meu crânio e rolar pela antessala do hospital. Mas nada se compara a dor que eu sinto em meu peito angustiado. A vontade que eu tive de esganar o meu próprio irmão foi tão grande, que nem sei como não o fiz. Só de lembrar a cena horrenda de Lorena caída ao chão, inconsciente, depois de ter levado um bofetada do próprio marido enlouquecido, meu coração se contrai fortemente dentro do peito.

Já faz mais de trinta minutos que o doutor Amauri Vargas, médico de confiança de meu pai, atendeu a ela. Contudo, nada de eu ter notícias suas. Como está o meu anjo? O meu amor? *Senhor Deus, não me deixe ficar sem ela!* Não suportaria isso. Prefiro a morte que viver sem ter Lorena ao meu lado. Esse pensamento repentino corrói as minhas vísceras sem piedade, deixando-me dormente.

A voz de Rosana, que está acomodada ao meu lado, na sala de espera, me desperta de minha angústia.

— Greg, eu ainda estou chocada com tudo isso. Nunca pensei que seu irmão fosse capaz de... Meu Deus! Você acha que ele a empurrou? — indaga em tom baixo.

— Tudo aconteceu muito rápido, Rosana. Eu só ouvi o barulho e quando dei por mim, Lorena estava desmaiada aos meus pés — respondo no mesmo tom.

— Meu Deus! E onde está Thales agora? — questiona preocupada.

— Está com Celso, em casa. Eu pedi a ele que avisasse os meus pais sobre o acontecido e que chamasse um analista de emergência para ver o Thales. Uma vez que o médico que é responsável pelo seu caso não é daqui — digo passando a mão pelo cabelo. — Você ligou para a dona Isis? — indago me referindo à mãe de Lorena.

— Sim, eu liguei. Ela e Heitor chegam amanhã — responde.

— Obrigado. Você é uma irmã mesmo para a Lorena. Eu fico muito agradecido pela sua generosidade e carinho — digo com sinceridade.

— Não me agradeça, Greg. A gente não agradece aos sentimentos. — Sorri preocupada.

— E onde está esse maldito médico, Rosana? Espero que nada de mais grave tenha acontecido a ela, senão... Eu não sei o que sou capaz de fazer contra meu irmão — rosno impaciente.

— Acalme-se, Greg. Notícias ruins correm rápido. Lorena ficará bem. Não se preocupe. — Ela tenta me tranquilizar, mas é impossível.

— Lorena e eu partiremos para Londres depois do divórcio — anuncio e ela me olha surpresa. Há um silêncio momentâneo entre nós. Ela se ajeita no estofado tentando assimilar a minha

declaração. Sei que será difícil para ela também, afinal Rosana e Lorena se conhecem desde a infância.

— Eu imaginei que isso fosse acontecer... Só não sei se estou preparada para ficar longe de minha maninha do coração. Você pensou em Isis e em Heitor? Ela é a única coisa que eles têm! — diz e meu coração volta a se apertar.

— Sim. Eu pensei em todos. Antes de partir, eu quero conversar com todos da família. Da minha família e da dela também. Sei que não será nada fácil, Rosana, todavia eu e a Lorena não podemos mais permanecer no Brasil. Não depois do que eu presenciei hoje — declaro aflito.

— Se prepare para receber chumbo em vez flores — diz sabendo o que me aguarda.

— Eu estou preparado. Nada me impedirá de ficar junto de Lorena. Nada nem ninguém! — afirmo convicto.

Neste instante o doutor Vargas surge a nossa frente. E, aflitos, eu e a Rosana nos levantamos instantaneamente.

— Doutor Vargas, como ela está? — indago ansioso.

— Senhor Fisher, a sua esposa está bem, ela... — Ele começa e eu o interrompo.

— Ela não é minha esposa, doutor — eu o corrijo por entredentes.

— Oh, desculpe-me. É que o sobrenome é o mesmo — explica-se sem jeito.

— Sim, somos da mesma família. Mas diga-me, como Lorena está? — pergunto cada vez mais preocupado.

— A dona Lorena está bem. Fizemos todos os exames e não há nada de grave com ela. Ela teve sorte, pois no estado em que se

encontra... Sabe uma queda dessas para uma gestante pode ser fatal — o médico fala em tom calmo.

— Gestante?! — pergunta Rosana de olhos arregalados.

— Doutor, o senhor tem certeza que está falando de Lorena Fisher? — indago incrédulo com a boca ligeiramente seca.

— Sim, senhor Fisher. — Ele folheia o prontuário. — Lorena Gouveia Fisher. Essa mesma. Ela está grávida. — O médico sorri e o chão some abaixo de meus pés. Rosana me olha boquiaberta enquanto eu me controlo para não cair em frente ao médico. Senhor Deus! *Lorena está grávida!* Minhas pernas estremecem e o sangue é drenado de minhas veias. Busco ar nos pulmões para oxigenar meu cérebro, mas é impossível, pois estou em choque.

— Doutor, o senhor tem certeza? — pergunta Rosana tão incrédula quanto eu.

— Sim, plenamente. Ela deve estar no início da gestação. Talvez cinco semanas, por aí. Recomendo que vocês a levem em seguida a um obstetra para ela começar com o pré-natal — aconselha o doutor Vargas sorrindo.

O médico continua falando e eu não ouço direito suas palavras. Minha cabeça gira com a mesma velocidade de um cata-vento. O coração bate descompassado e um turbilhão de emoções me invade, se espalhando por todo o meu ser. O que eu farei agora? O que nós faremos de agora em diante? Essas e outras perguntas martelam meu subconsciente anestesiado. Levo as mãos trêmulas ao cabelo e, retomando a minha consciência, eu me aproximo do médico.

— Doutor, nós podemos conversar um minuto? A sós? — indago em um sussurro.

— Sim, claro. Por aqui. — Ele me mostra a direção e antes de sair, eu olho para Rosana.

— Eu estarei na varanda, Greg — ela fala pálida.

Aceno com a cabeça e acompanho o médico até sua sala. Minhas pernas praticamente se arrastam estremecidas corredor adentro, enquanto o doutor Vargas me lança um olhar especulativo.

— Pois não, senhor Fisher. O que você gostaria de conversar? — pergunta, fechando a porta atrás de si.

— Quem mais sabe sobre essa gravidez da minha... cunhada? — indago receoso.

— Por enquanto, eu, o senhor e sua amiga. Mas logo eu direi ao casal — responde deixando o prontuário sobre a mesa.

— O senhor não pode fazer isso — eu me antecipo e ele franze o cenho.

— Como não? — indaga me olhando estupefato.

— Doutor, o caso é um pouco complicado. — Começo cautelosamente, pois terei que contar parcela da verdade ao médico, sem expor a mim e a Lorena. — Ninguém pode saber, por enquanto, sobre a gravidez de minha cunhada.

— Senhor Fisher, a dona Lorena precisa saber que está grávida. Ela tem que se cuidar a partir de agora — fala preocupado.

— Sim, eu sei. Para ela o senhor pode contar. O senhor não pode falar é para os demais. Isso inclui o marido dela, ou seja, o meu irmão — aconselho engolindo em seco.

— E por que o pai da criança não pode saber? — Ele me olha confuso, coçando o queixo. Solto um ar pesado e entrego a verdade sobre Thales.

— Porque o meu irmão é estéril, doutor. — Seus olhos se arregalam e ele pigarreja. — Agora acho que o senhor entende onde eu quero chegar, não é? — pergunto, sentindo uma enorme dor no peito.

Sei bem o que ele está pensando a respeito de Lorena e isso me deixa arrasado. Porém, não posso nos comprometer mais do que já estamos comprometidos. Ainda mais agora, que tem um ser inocente no meio disso tudo.

— Sim, eu entendo. Não se preocupe, eu não quero me envolver em problemas familiares — assegura. — Mas eu terei que contar a ela, senhor Fisher. O resto... Bem, o resto fica para ser resolvido na sua família — diz por fim.

— Obrigado, doutor — agradeço apertando a sua mão.

— De nada — agradece monossilábico.

— Eu posso vê-la? — pergunto angustiado.

— Eu mandarei uma enfermeira lhe avisar a hora que o senhor poderá vê-la — responde pegando o prontuário sobre a mesa.

— Ok... Eu estarei na antessala — informo e deixo o ambiente em direção à varanda.

Lorena está grávida! Eu estava desconfiado sobre isso, mas ela me disse há quase dez dias, durante a nossa viagem, que havia ficado menstruada. Como ela pode agora estar grávida?

Minha mente está a mil. Estou zozzo e muito confuso. Ainda não me recuperei do choque recente que levei do destino. Eu serei pai! Essa palavra me assusta e ao mesmo tempo me desperta algo grandioso dentro do peito. Um amor desconhecido por alguém que nem tem forma ainda. Um bebê! *O meu filho!*

Eu caminho até a varanda do hospital, onde encontro com Rosana contemplando a noite escura. Ela pressente a minha presença e gira o rosto para me olhar.

— Grávida... — sussurra ela sem piscar. — Jesus! Greg, de quem é essa criança? Sua ou de Thales?

Eu me aproximo e me debruço sobre a bancada. A minha vida mudou drasticamente depois de saber sobre a existência dessa criança. Estou tão perdido que nem sei o que responder a Rosana. Como serão as coisas de agora em diante?

— Essa criança é minha, Rosana — respondo com convicção.

— Como você tem tanta certeza disso? Mas e o Thales... Ai, meu Deus! — geme, apavorada.

— Eu tenho certeza que esse filho é meu, porque Lorena e Thales não tem mais nada íntimo um com o outro há tempo. E também porque meu irmão é... estéril — digo contando-lhe a verdade.

— Thales é estéril! Desde quando? — pergunta perplexa.

— Desde sempre — respondo prostrado.

— E a Lorena sabe que Thales não pode ser pai? — pergunta de olhos arregalados.

— Não. Somente eu e papai sabemos sobre esse assunto pessoal de meu irmão. Quando Thales soube, há oito anos, ele pediu segredo aos demais — falo enquanto Rosana balança a cabeça, apavorada.

— E agora, Greg? Como vai ser? — questiona me fitando em busca de respostas.

— Não sei, Rosana. A única coisa que eu posso afirmar é que ninguém vai tirar nem a Lorena e nem essa criança de mim. Os dois são meus! — asseguro em tom firme. E a ideia de ser pai faz meu coração bater forte, cheio de vida, de amor e de esperanças.

O meu lindo anjo de olhos azuis dorme um sono profundo. Apesar de estar um pouco pálida, ela está linda, como sempre.

Sento-me a cadeira ao lado de sua cama e acaricio sua mão, enquanto contemplo sua beleza. Ainda estou tentando assimilar a novidade que recebi há pouco. Nunca cogitei a ideia de ser pai. Mas ter uma criança gerada pela mulher que eu amo incondicionalmente, me desperta uma alegria sem medidas. Eu já amo esse bebê sem mesmo conhecê-lo.

Um dia a vida muda para todos e ela está mudando para mim. Mudando de um jeito muito rápido e angustiante. Fortes emoções são a sobremesa que eu como todos os dias ao lado de Lorena. Minhas entranhas tremem só de imaginar como faremos para assumir tudo isso diante dos demais. E, se não bastasse assumir o nosso relacionamento, agora temos que também assumir um filho, que segundo a concepção de minha família tradicional, poderá ser considerado um bastado.

Lorena se mexe e abre os olhos lentamente.

— Oi, meu anjo. Como se sente? — Eu me levanto e beijo sua testa com ternura.

— Greg... — sussurra de olhos entreabertos.

— Sim, estou aqui. Não sai de perto de você. Como você está? — pergunto acariciando o seu rosto.

— Eu me sinto tonta... estranha. Minha cabeça dói um pouco. Como eu vim parar aqui? — indaga confusa.

— Eu a trouxe. — Ela arregala os lindos olhos.

— Então... você presenciou a cena? — sussurra com dificuldade.

— Não somente a cena, Lorena. Eu ouvi uma parte da discussão de vocês — respondo respirando fundo. — Thales te bateu antes de você rolar escada abaixo, não foi? Eu preciso saber se ele bateu em você e foi o responsável pela sua queda.

Ela pisca os olhos ligeiramente e comprime os lábios, nervosa. Sua mão aperta a minha, enquanto ela se controla para não chorar.

Não queria vê-la passar por toda essa tribulação. Sinto-me momentaneamente impotente diante da vida, pois queria tanto resolver tudo logo de uma vez.

— Greg, isso não tem mais importância... — fala com o olhar perdido.

— Como não? Ele bateu em você e depois... Lorena, você escorregou ou Thales a empurrou da escada? — brado em tom baixo.

— Não foi culpa dele — murmura e desvia o olhar do meu, fixando no lençol que cobre parcialmente seu corpo.

— Ei, meu anjo — falo com carinho, erguendo seu queixo. — Eu preciso saber a verdade.

— Foi tudo muito rápido... Thales está fora de controle outra vez. Ele me deu um tapa sim... Mas depois, sem querer, ele me sacudi pelos braços e eu escorreguei escada abaixo — diz tentando salvar a pele do miserável do meu irmão.

Respiro fundo e começo a caminhar de um lado para o outro. Estou furioso. Irado. A vontade que tenho é de socar Thales, batendo forte nele assim como faço com o saco de pancadas quando estou estressado. Deus! Ele bateu nela e foi o responsável pela sua queda. Eu quero matá-lo!

— Lorena, eu.... Eu nem sei o que eu farei quando Thales cruzar em minha frente — esbravejo em tom baixo. — Dessa vez, ele não escapa de levar umas bofetadas.

— Greg, não faça isso, por favor. Eu não quero ter que travar um divórcio litigioso com ele — implora aflita.

— Você tem razão. Eu só estou um pouco furioso — concordo, aproximando-me da cama. — Ah, Lorena... Você podia ter... Eu não quero nem pensar nisso. Minha vida não teria sentido sem você — declaro, beijando-lhe a testa com ternura.

— Eu sei, pois eu sinto o mesmo. — Ela abre um meio sorriso.

O médico ainda não lhe contou sobre sua gravidez e fico em dúvida se falo ou não. Honestamente, estou receoso em tocar neste assunto tão delicado. Afinal, não queria ser eu a dar essa notícia a ela. Mas eu devo lhe contar agora que tenho oportunidade, porque depois que as nossas famílias estiverem presentes, será impossível.

— Meu anjo, você conversou com o doutor Vargas? — sondo.

— Não. Eu não o vi ainda. Por quê? — Acomodo-me a cadeira ao seu lado e tomo coragem para dizer-lhe a verdade.

— Lorena, não foi somente a sua vida que Thales colocou em risco. — Faço uma pausa e ela me olha confusa. — Ele colocou em risco a vida de nosso bebê, que você carrega em seu ventre.

Seus olhos azuis ficam estáticos e sua respiração se torna irregular. Lorena desliza lentamente suas mãos trêmulas sobre a barriga e fixa o olhar em sua barriga. Não sei o que foi mais difícil, se foi receber essa notícia ou se foi dá-la a ela.

— Não pode ser... — diz num fio de voz.

— Sim... Você está grávida, de um lindo filho meu — afirmo emocionado. Ela me olha apavorada enquanto o sangue é drenado de seu rosto.

— Eu... estou esperando um filho? Meu Deus! — Leva a mão à boca e o pranto começa a molhar o seu rosto. — Greg, esse filho é seu!

— Sim, ele é meu. *Nosso!* — constato, limpando as suas lágrimas com o polegar. — Ei, não fique assim. Tudo será resolvido. Eu prometo! — digo tentando tranquilizá-la.

— Esse filho é seu, Greg. Eu... eu nunca mais tive nada com Thales — ela se justifica aflita.

— Lorena, eu sei disso. Não estou questionando a minha paternidade, de forma alguma. Eu confio em você. E, além do mais, Thales não pode ter filhos — confesso.

— O quê?! — Admira-se e seu queixo cai.

— Meu anjo, eu sei que são muitas informações de uma só vez para você assimilar. Mas eu preciso que me escute, daqui a pouco alguém entra e você tem que manter a calma. Você precisa estar bem por você e pelo nosso filho — aconselho preocupado.

— Nosso filho... — repete colocando a mão trêmula sobre o abdômen.

— Sim. Nosso bebê — digo, inclinando-me e beijando sua barriga sobre o fino tecido.

— Oh, Greg! — exclama emocionada e me puxa para um beijo carregado de saudade e amor. Temeroso, eu não deixo que o beijo se prolongue e me afasto, pegando o seu rosto em minhas mãos.

— Não conte nada a ninguém. Nada! Ok? — sugiro e ela assente com a cabeça.

— Eu não posso esconder a minha barriga por muito tempo — observa receosa.

— Sim, eu sei. Mas, por enquanto, devemos manter segredo. Pelo menos, até seu divórcio com Thales sair. Entendeu? — argumento.

— Sim, meu amor. Eu entendi. — Sorri melancólica.

— Ah, Lorena eu te amo tanto. E também já amo o nosso filho — afirmo, beijando sua mão com carinho.

Um barulho na porta faz com que eu me afaste dela de imediato. É o doutor Vargas que chega até o quarto para dar a notícia de sua gestação. Nós nos entreolhamos e Lorena gesticula

com a cabeça sinalizando que fará tudo conforme eu havia lhe aconselhado.

Eu saio e a deixo com o médico. Enquanto ele lhe explica todos os passos que ela deve seguir de agora em diante, eu aproveito para tomar um ar na sacada do hospital. Não me sinto nada tranquilo, pois o meu coração está dividido ao meio. Uma parte dele está radiante, realizado; contudo, a outra está repleta de preocupação.

Capítulo 20

Tudo tem um início, um meio e um fim. E o meu fim havia chegado. — Lorena

Após Greg sair, eu ouço atentamente a tudo que o doutor Vargas me diz como se tivesse recebendo a notícia pela primeira vez. Pergunto interessada, tiro as dúvidas básicas, pois eu não sei muita coisa sobre gestação. O doutor é muito gentil e me explica o necessário, mas recomenda que procure um obstetra para acompanhar a minha gravidez. Eu asseguro que farei o que ele me aconselha o mais breve possível e ele deixa o quarto.

Pelo cálculo que eu fiz, segundo as informações que o médico me passou, eu estou de pouco mais de um mês de gestação. As lembranças de minha reconciliação com Greg, no barco, vêm vívidas e fortes em minha mente. Não tenho dúvidas de que engravidei naquela noite. Afinal, depois que o nosso romance acabou, eu não dei importância para mais nada. Não comia, não dormia e rastejava no trabalho. Sequer me lembrei de fazer o anticoncepcivo injetável que fazia todo mês.

Mas algo está me deixando ainda mais confusa: eu havia ficado menstruada no último mês. O fluxo foi pouco, mas veio. Como pode isso? Não perguntei ao médico porque estou com vergonha e também porque acho que isso é irrelevante. Preciso falar com a Rosana sobre isso. Só posso confiar nela nesse momento delicado, além de Greg.

Agora não é somente de mim que eu tenho que cuidar, pois outra vida está sendo gerada em meu ventre. Uma criança está

chegando. O meu filho está vindo. A ideia repentina de ser mãe me enche o peito de milhares de sentimentos confusos. Alegria e amor se misturam com angústia e culpa. Um filho meu e do Greg é o que eu mais desejo ter na vida, mas não assim, desse jeito. Afinal, nossas vidas estão um caos. Eu recém pedi o divórcio ao Thales, que enlouquecido, se negou a me deixar livre. E ainda há o fato de nossas famílias estarem envolvidas nisso tudo. *Como eu encararei a reação de todos?*

Para me tranquilizar um pouco, Rosana e minha mãe estão presentes agora no quarto, me enchendo de carinho e de palavras doces.

— Minha menina linda, que susto que você nos deu — fala mamãe, afagando minha mão com ternura.

— Agora está tudo bem, mãe. — Sorrio tranquilizando-a.

— Rosana — Minha mãe olha para minha melhor amiga —, muito obrigada por ter cuidado dela quando eu estava ausente. Só Deus sabe o quanto eu me preocupei com a minha filha.

— Não me agradeça, Isis. A Lorena ficará bem. — Assegura Rosana.

— Mamãe, por que Heitor não veio com você? — pergunto sentindo a falta de meu amado avô.

— Seu avô tem estado um pouco indisposto. A pressão alta anda lhe tirando o sossego. — Responde me fitando com olhar terno. — Mas minha filha, como você foi cair assim da escada? — questiona preocupada.

— Eu escorreguei — explico concisa.

— Mas como isso aconteceu? O piso estava molhado ou algo assim? — Rosana me lança um olhar preocupado e eu tento manter o controle. Não quero preocupar ainda mais a minha mãe contando-lhe a verdade.

— Não, mamãe, o piso não estava escorregadio. Eu... Eu me desequilibrei e acabei caindo — respondo dando a minha versão dos fatos. Há um breve silêncio, enquanto Dona Isis me olha com ar especulativo.

— Hum... Entendi — ela balança a cabeça afirmativamente. — E onde Thales está? Desde que cheguei eu não o vi. — minha mãe pergunta, desconfiada.

— Isis, você ficará por quantos dias aqui? —indaga Rosana, desviando o foco da pergunta inquisitiva de minha mãe.

— Infelizmente eu não posso ficar mais que dois dias, pois deixei o meu pai rabugento sozinho com a enfermeira que contratei. Ele não obedece à moça. Sabe quando chega o peso da idade, as coisas se tornam complicadas. Ele só obedece a mim. — Dona Isis sorri e seus olhos se voltam interrogativos a me contemplar.

— Você pode ficar em meu apartamento se quiser. — Oferece a minha amiga gentilmente.

— Ah, obrigada querida. Eu aceitarei sim — diz minha mãe sorrindo

— Bem, eu tenho que cuidar do escritório. — Rosana dá uma desculpa para deixar eu e minha mãe a sós. — Depois eu volto. Até mais. — Ela se despede dando beijinhos carinhosos e nós e sai.

A atmosfera se torna densa. Sinto que minha mãe está desconfiada de algo. Mas como direi a ela que meu próprio marido me bateu e que, devido a isso, eu rolei escada abaixo. Por mais que tenha sido um ato involuntário de Thales, minha mãe não acreditará em mim e colocará toda a culpa nele. E ainda tem a notícia da minha gravidez que pegou a mim e a Greg de surpresa. Minha mãe aceitará um neto ilegítimo?

A culpa é tanta que eu não aguento mais guardar essa história toda somente comigo. O desejo de contar-lhe parte da verdade transborda de dentro para fora, todavia não posso falar nada a ela,

não agora. Esse não é o momento certo para lhe dar esse golpe do destino. Mas quanto ao meu divórcio minha mãe precisa saber que eu não suportarei mais esse casamento fracassado, que só me trouxe desilusão e desamor.

— Lorena, o que está acontecendo entre você e o Thales? Diga-me a verdade — pergunta quebrando o silêncio.

— Mãe, eu pedi o divórcio a ele — respondo indo direto ao ponto.

— Por que isso não me surpreende? — diz se acomodando a cadeira próxima à cama. — Ah, minha filha. Eu sabia que isso aconteceria mais cedo ou mais tarde.

— Como assim, mãe? — Pergunto perplexa.

— Vocês dois são muito diferentes e não é só isso. Veja bem o que irei dizer agora, filha. Seu casamento foi apressado, sua vida mudou radicalmente, mas não pense você que esse foi o fator determinante para que você e Thales não continuassem mais juntos — fala sendo muito sincera. — O fato é que você nunca o amou. Ou eu estou enganada?

— Você está certa — respondo num fio de voz.

— Eu sempre vi isso e seu avô também. Porém, a gente não queria interferir em sua vida. Mas acredite que o meu coração nunca ficou em paz depois que você se casou, filha. Pelo contrário, eu tenho estado sempre aflita. E tirei a prova disso quando você foi nos visitar a alguns meses atrás. Você e Thales já não estavam bem naquela época. Eu percebi, mas não cabia a eu interferir. — Constata tristemente. — Lorena, seja sincera com sua mãe. Você está apaixonada por outro homem, não é?

A sua pergunta tem o efeito de um furacão sobre mim, deixando-me momentaneamente devastada. Sinto o sangue ser drenado de minhas veias, dando lugar a uma onda elétrica de mil

watts de potência. Minha mãe sabe de alguma coisa. Com certeza dona Isis sabe de algo sim.

— Por que pergunta isso, mãe? — indago temerosa.

— Ah, minha menina, você se esqueceu da conversa que tivemos por telefone poucos dias antes de você ir nos visitar? E até mesmo da conversa que eu e você tivemos na varanda do sítio? — indaga e um breve silêncio se forma, enquanto eu permaneço calada, sem condições para respondê-la. — Você havia me dito que sabia o que era o amor, porque você estava amando. E se você não ama o seu marido, você ama outra pessoa. Quem é o seu amor, Lorena? — reitera a pergunta.

Nunca cogitei que teria essa conversa com minha mãe e nunca cogitei que pudesse ser tão angustiante tocar nesse assunto. Mas, eu sinto uma necessidade enorme de me abrir com ela. Afinal, ela é minha mãe, é uma das pessoas que eu amo e a que mais admiro no mundo. Ela precisa entender a minha escolha.

— Mãe, você tem razão sobre tudo que disse. Meu casamento com Thales fracassou. A nossa relação já não é mais a mesma faz tempo. E, sim, existe outra pessoa em minha vida... no meu coração — afirmo emocionada. — Eu amo outro homem. Amo muito! Nem sei ao certo a medida que tem esse amor que eu sinto. Só sei que ele não cabe em mim.

— E o seu amor é correspondido? — pergunta interessada.

— Sim, com a mesma intensidade — falo com a voz entrecortada e com os olhos marejados.

— E quem é esse homem, Lorena? — exige me fitando com o semblante sério.

E agora, meu Deus? Estou preparada para contar-lhe a verdade sobre mim e Greg? Minha mãe está preparada para ouvir isso? Ergo os olhos limpando as lágrimas que molham meu rosto, enquanto

vejo a aflição nascer em sua face. Será que minha mãe sabe quem é o homem por quem me apaixonei perdidamente?

— Gregory Henrique Fisher — declaro quase em um sussurro.

Dona Isis se levanta e começa a caminhar de um lado para o outro. Ela está nervosa diante de minha confissão e não é para menos. Acredito que minha mãe nunca esperou que sua única filha fosse capaz de trair o marido com o irmão dele. A única coisa que espero é que ela não esteja pensando que eu sou... uma vagabunda. Isso me mataria de desgosto e de culpa.

— Você e o seu... cunhado têm um caso? — Indaga me fitando incrédula.

— Greg e eu nos amamos, mãe, e não escolhemos isso. Simplesmente aconteceu. — Explico sentindo um nó em minha garganta.

— Filha, eu... Eu não sei se estou preparada para receber isso. Como os Fisher olharão para vocês dois de agora em diante? Como Thales reagirá perante esse fato? — indaga aflita e volta a ficar ao meu lado — Lorena, você traiu o seu marido com o... irmão dele!

— Mãe, eu sei que agi errado e... — Minha voz some e meu corpo começa a tremer em pavor.

— Filha, não estou aqui para julgá-la. Não pense assim. Eu só estou muito preocupada com você, pois essa sua declaração me pegou de surpresa. Nunca imaginei que você e Greg se amassem em segredo. — Ela me abraça e eu não aguento mais segurar o pranto que desce incontrolável. — Eu tenho muitas perguntas para lhe fazer, mas teremos tempo para isso.

— Mãe, perdoe-me... Perdoe-me por não ser uma filha exemplar. Por favor. — imploro angustiada, pensando em todos os que serão atingidos direta ou indiretamente nessa história.

— Minha menina, não peça perdão. Não há necessidade. Vamos resolver essa situação da melhor maneira possível — assegura

afagando meus cabelos com carinho.

— Mãe, ninguém mais sabe sobre nós dois. Eu não quero que ninguém mais saiba por enquanto, pois eu pretendo me divorciar amigavelmente de Thales — digo receosa e ela assente com a cabeça.

— Ninguém saberá sobre isso, minha filha. Porém, depois que você sair daqui, eu irei conversar com o Greg pessoalmente. Quero saber o que ele pensa e quais são os planos dele ou de vocês — diz me fitando com amor.

— Nós queremos ficar juntos e formar uma família feliz — declaro lembrando que já temos uma família completa.

— Tudo o que eu sempre quis foi vê-la feliz. E não se preocupe minha filha, eu prometo a você que estarei sempre ao seu lado. Agora fique calma — diz tentando me tranquilizar.

Se minha mãe reagiu assim ao saber de meu amor por Greg, como ela reagirá ao saber que espero um filho dele? A dor da culpa me invade novamente, percorrendo cada parte de meu corpo miserável. Deus, eu preciso de força, de coragem, de energia para enfrentar esse acaso do destino. Porque agora eu não estou mais sozinha, eu tenho uma criança inocente crescendo em meu ventre.

O quarto de hospital mais parece uma floricultura. Recebo flores de Rosana, de mamãe, de Greta e Humberto e também de Thales, que foram enviadas por Jaime, assim como vários ramalhetes de rosas de todas as cores de Greg. A essência perfumada que exala das flores inebriam o ambiente, deixando o ar doce e leve. Nesses dois dias que estou no hospital eu sou muito mimada por todos, mas principalmente por Greg, que quando pode se fazia presente ao meu lado. Embora ele se mantenha neutro diante dos demais, eu posso ver a chama do amor acesa em seus olhos.

É tarde de sábado e eu deixo o hospital ainda hoje, segundo relatos do doutor Vargas, que está aguardando os resultados dos últimos exames. Para mim, isso é uma mistura de alívio e apreensão, pois sei que terei que enfrentar muita coisa lá fora: divórcio, família, sociedade. Sinto-me como se estivesse prestes a ser julgada por um crime bárbaro. Como se o amor estivesse sendo comparado a uma conduta reprovável diante dos demais.

Após um banho quente, eu me seco e visto o roupão que Rosana havia me trazido, junto com a valise de mantimentos pessoais. Envolver a toalha ao cabelo e, ao sair do banheiro, me deparo com a presença inusitada de Thales que está a minha espera. Ele parece estar abatido, contudo não há resquícios de emoção em seu rosto.

— Oi, Lorena. Eu vim saber como você está. — fala em tom morno.

— Eu estou bem. Saio hoje do hospital. — Digo, tentando parecer calma, mas estou com o corpo trêmulo.

— Que bom! Então hoje mesmo você estará em casa. Mamãe e papai estão muito preocupados com você — diz se movendo para perto. A sua proximidade súbita faz meu coração se acelerar, em estado de alerta. Eu me distancio um pouco e caminho para longe dele.

— Eu voltarei para casa para pegar as minhas coisas. — digo convicta.

— Você ainda está cogitando em se divorciar de mim? — pergunta estreitando os olhos em fúria.

— Não é pensamento, Thales. É uma certeza. — Afirmo envolvendo os braços ao redor de meu corpo, com a finalidade de proteger o meu bebê de algum ataque impulsivo dele.

— Lorena — Ele se move e eu gelo. —, meu amor, me perdoe pelo que eu te fiz. Nós podemos consertar tudo isso e sermos

felizes. Eu amo tanto você. Não me deixe assim, por favor! — Subitamente seu tom de voz se torna aflito e ele suplica me fitando.

— Thales, não vamos dificultar ainda mais as coisas. Nosso casamento fracassou faz tempo. Aceite isso, pelo nosso bem. — Tento convencê-lo, mas é em vão.

— Eu não aceitarei isso nunca, Lorena! — Seu tom de voz muda assim como sua expressão, que se torna sombria. *Oh, Deus! Ele está tendo mais um de seus ataques de bipolaridade!* Thales me segura pelos ombros e me fulmina com o olhar. — Você nunca vai se livrar de mim. Nunca! Outro homem não irá ficar com aquilo que me pertence de direito. Se você não pode ser minha, não será de mais ninguém! — diz em tom ameaçador.

— Thales, por favor... Deixe-me! — suplico tomada pelo medo.

— Você é minha, Lorena. Só minha e de mais ninguém — declara enlouquecido, sacudindo-me pelos ombros. — Se acha que você e seu amante vão sair ilesos dessa safadeza, você está muito enganada!

Ouço um barulho na porta e o doutor Vargas entra com o olhar especulativo. Busco ar nos pulmões, enquanto Thales me solta de imediato, totalmente descontrolado. Ele se afasta um pouco e sorri, tentando disfarçar a situação tensa que nos envolve. Meu coração bate descompassado e, apavorada, eu me afasto para longe dele pela segunda vez consecutiva.

— Está tudo bem aqui, dona Lorena? — pergunta o médico analisando a situação.

— Sim, doutor — respondo com dificuldade.

— Está tudo bem, senhor Fisher? — o doutor Vargas lança um olhar desconfiado para Thales.

— Sim, está tudo ótimo, doutor. Minha esposa irá ter alta hoje? — indaga o meu marido em tom frio.

— Dona Lorena já pode ir para casa, sim — responde o médico olhando rapidamente para o prontuário que traz em suas mãos.

— Que notícia maravilhosa! — Exclama Thales em irônico caminhando até mim. — Meu amor, eu terei que ir para empresa, mas o Jaime está ai fora à sua espera. — Sorri sarcasticamente e me beija nos lábios. A sensação que tenho não pode ser mais abominável. É de completa repulsa misturada com um pânico enorme. — Nos vemos em casa. Eu te amo, Lorena. — ele declara e deixa o quarto.

Meu Deus! O que será de mim e de meu filho de agora em diante? Como enfrentarei a loucura de Thales? Ele deixou bem claro que não me dará o divórcio. A única saída que tenho é pegar minhas coisas e sair de casa o mais depressa possível. E eu farei isso hoje mesmo.

Cerca de uma hora mais tarde, eu e mamãe chegamos à casa dos Fisher. Greta dorme em seu quarto, sedada pelos remédios, Humberto está no escritório e Greg na academia, praticando Kickboxing. Segundo relatos da Eulália, que veio ao nosso encontro, a mãe de Thales ficou muito nervosa ao saber sobre nosso possível divórcio e se recolheu para o quarto se queixando de dor de cabeça. Coitada de Greta. Ela é mais uma das vítimas indiretas desse caos.

Como eu preciso falar com alguém da família sobre a minha decisão de sair de casa, eu recomendo a minha mãe que fique me esperando na sala de estar enquanto eu converso com Humberto. Por mais que eu saiba que a conversa será difícil, eu estou determinada a ir embora. Sei que as coisas não serão mais as mesmas, mas Humberto tem que entender e aceitar o fato de que meu casamento com seu filho do meio está acabado.

Na verdade, não sei como eu aguentei essa situação desgastante até agora. Como pude viver em um casamento de

mentira por mais de dez meses? Como pude manter uma vida dupla todo esse tempo? Compartilhando da mesma cama com um homem que nunca amei. Vivendo de mentiras e mais mentiras para acobertar um amor proibido pelo meu cunhado, que agora, junto com meu filho, são as pessoas mais importantes da minha vida. *Como pude viver essa farsa esse tempo todo?* Mas uma coisa eu tenho certeza: isso tem que ter um fim. Mesmo que algumas pessoas saiam magoadas, eu preciso ter coragem para suportar o que o destino me reserva.

— Com licença. — dou uma batidinha de leve na porta e entro. Humberto está acomodado atrás da escrivaninha concentrado em alguns papéis, porém ao ouvir a minha voz, ele ergue seu olhar sereno para me fitar.

— Lorena, querida. Como você está? — pergunta preocupado, vindo até mim e me abraçando brevemente. — Desculpe-me por não ter ido ao hospital, pois eu estava viajando, resolvendo alguns problemas de última hora.

— Estou bem, não se preocupe. — Sorrio.

— Sente-se, por favor. Você está um pouco pálida — diz, enquanto eu me acomodo a poltrona e ele em outra, de frente para mim. — Eu liguei a pouco para o doutor Vargas e ele me disse que você está bem e fora de perigo, graças a Deus.

— Sim, eu fui atendida logo e os exames não acusaram nada de grave. — *Só uma gravidez inesperada.* Engulo em seco. — Humberto, eu acho que você já deve saber sobre... o divórcio. Eu quero me separar de Thales — declaro sem rodeios enquanto o semblante de meu sogro se torna triste.

— Sim, eu soube — fala prostrado.

— Eu queria poder conversar com você e também com a Greta, mas ela está dormindo e, no estado em que ela se encontra, é melhor que ela fique de fora dessa conversa — digo sabendo que minha sogra não suportará mais esse choque.

— Greta ficou muito abalada quando soube, assim como eu — Humberto diz me fitando com ar especulativo. — Lorena minha filha, sei que você e Thales não estão se entendendo muito bem. Mas isso é motivo para você tomar uma decisão tão importante como essa? Acho que o divórcio é algo muito impulsivo. Você e Thales deveriam pensar melhor e reconstruir o casamento de vocês. — Aconselha em vão.

— Humberto, eu estou ciente do que eu quero para mim e o melhor para nós dois será Thales aceitar o divórcio. Eu quero ser feliz e desejo isso para ele também. — Esclareço, com dor no coração, pois entendo a preocupação dele com o filho do meio. — O nosso casamento acabou. Eu não sou feliz ao lado dele e... não há mais amor de minha parte. — Eu o poupo da verdade, pois nunca amei meu marido.

— Você está certa sobre isso? — indaga preocupado.

— Sim, estou plenamente certa do que eu quero para mim — respondo determinada.

— Lorena, eu sei que meu filho anda um pouco descontrolado nos últimos meses. A depressão voltou, a pressão nos negócios está deixando-o muito tenso e por certas vezes, irritado também. Mas eu sei que ele te ama e eu fico triste com a sua decisão, querida. Todavia, se você afirma que não sente mais nada por ele, eu devo concordar que o melhor caminho para vocês é a separação. Afinal, ninguém é obrigado a manter um casamento se não há mais amor — conclui com voz embargada.

— Obrigada por me entender, Humberto. Eu quero um divórcio consensual, mas pelo jeito Thales não quer o mesmo — afirmo receosa.

— Eu terei uma conversa com ele e tentarei o possível para que isso aconteça de forma amigável — asseguro ligeiramente abalado.

— Obrigada mais uma vez. — Dou um sorriso nervoso e me levanto. — Bem, eu vou pegar as minhas coisas.

— Querida, você não precisa ir embora daqui. — Diz levantando-se. — A casa é enorme e temos mais quartos vagos. Você pode ocupar um deles sem problemas, até sair o divórcio.

— Eu agradeço a sua oferta, mas eu não posso ficar mais. Eu ficarei no apartamento de Rosana por enquanto. — Falo determinada.

— Lorena, você tem certeza que é necessário tudo isso? — Ele demonstra preocupação.

— Sim. Infelizmente não há volta. Eu acredito que o melhor para nós dois seja cada um viver a sua vida de agora em diante — respondo convicta, pois quero o melhor para todos.

Seus olhos castanhos se angustiam e ele balança a cabeça nada contente. Eu queria tanto poder evitar esse sofrimento a quem eu amo e estimo como Humberto, Greta, minha mãe e todos os demais envolvidos. Ele é um chefe exemplar de família. É um bom pai e sempre teve tudo sob controle, pelo menos até agora.

— Você está mesmo decidida. — Constata consternado.

— Sim, eu estou — digo mais determinada do que nunca.

— Bem, eu não quero interferir mais na sua decisão, uma vez que já está tomada. — Ele se aproxima e me dá um abraço. — Eu desejo que tanto você como Thales encontrem a sua felicidade. Desejo tudo de bom a você, Lorena, pois a tenho como a uma filha.

— Obrigada, Humberto — agradeço com carinho.

— Eu tenho um jogo de pôquer agora. — Ele lança um olhar rápido para o relógio de pulso. — Porém, mais tarde eu estou de volta. Se você precisar de qualquer coisa, mas qualquer mesmo, não hesite em me chamar. — Sorri.

Abro um sorriso em forma de agradecimento e saímos do escritório. Para minha surpresa, eu encontro Greg que vem da academia. Ele veste uma calça de moletom, regata e tem uma

toalha ao redor do pescoço. Ao vê-lo, o meu coração bate descompassado dentro de peito de tanto amor. Nada dissemos um para o outro devido à presença de Humberto a nossa frente. Apenas nos fitamos com paixão e intensidade, nos amando em segredo mais uma vez.

Como eu queria poder abraçá-lo e me refugiar junto a ele, me prender em seus braços para sempre e nunca mais deixá-lo. O desejo de tocá-lo é trancafiado dentro de mim, me deixando angustiada e perdida. Greg disfarça a situação e se move rumo à copa, enquanto nossos olhares apaixonados se encontram pela última vez antes que eu desapareça escada acima.

Depois de quase uma hora eu termino de arrumar as minhas coisas. São três malas grandes no total, contudo não levo todos os pertences comigo. Deixo a maior parte das joias e sapatos caros, afinal não preciso mais desse status de esposa rica. Quero apenas o necessário para refazer a minha vida. Na verdade, eu estou levando a maioria das coisas que eu adquiri com meu dinheiro e deixando as demais, que ganhei de presente de Thales. O que desejo para mim é uma vida nova ao lado do homem que eu amo e de meu filho que está por vir.

Saio do closet e meu corpo se petrifica ao me deparar com a presença do meu marido, acomodado á poltrona. Ele tem um revólver na mão direita e um copo de bebida na outra. Alguns frascos de medicamento controlado estão sobre a mesa ao seu lado. *Thales ingeriu remédios e está bebendo?* O chão some abaixo de meus pés, eu não respiro mais e o pânico me cerca. Seus olhos derramam ódio e desprezo em minha direção, enquanto ele bebe um gole do uísque calmamente. Deus, ajude-me! Esse é o fim de minha vida e a de meu filho?

O pavor toma conta de mim e se espalha em minhas veias rapidamente, percorrendo todas as células de meu ser. Não consigo me mexer do lugar e nem sinto minhas pernas. As forças me deixaram e se foram para longe. A sensação é semelhante ao meu

afofamento, só que mil vezes pior. Outrora eu estava fora de mim e queria partir para a eternidade, mas agora... Agora o que eu mais temo é que algo de terrível possa acontecer a mim e a meu bebê indefeso.

— Você vai viajar, meu amor? — indaga em tom calmo, enquanto coloca a arma em seu colo. Respiro fundo e tento tirar coragem, só não sei de onde, pois tremo por inteira. — Responda-me, Lorena! Perdeu a fala por quê?

— Não... Eu... não vou... viajar — sussurro, apavorada.

— Então por que você fez as malas? — Continua com seu questionário maquiavélico. Ele acaricia a arma que tem em suas mãos, como se ele tivesse acariciando algo muito precioso.

— Eu... Eu vou fazer uma doação. — Tenho que inventar uma história e persuadi-lo a ficar calmo. Terei que apelar para o teatro mais uma vez. Apenas me falta um pouco mais de coragem diante do inferno que se forma à minha frente. — Meu amor, por que você não deixa essa arma e... vamos descer para o jantar — sugiro esperançosa.

Há um silêncio mortal enquanto ele me olha atentamente sem nada dizer. Nervosa, entrelaço meus dedos em frente ao corpo e só então percebo que estou usando o anel que Greg havia me dado em nossa viagem. Será que Thales viu a joia? Muito disfarçadamente eu tiro o anel e o escondo no bolso da calça jeans.

— Você ainda quer se divorciar de mim, meu amor? — indaga em tom aveludado. Senhor Deus, há dois Thales e nenhum deles está sob controle.

— Não... meu amor. — Respiro fundo, buscando forças — Eu queria conversar com você sobre isso... Mas você precisa vir comigo para a sala. Está quase na hora do jantar.

Ele dá uma risada sarcástica e torna a atmosfera típica de um filme de horror. Eu estremeço ainda mais quando ele se levanta e

me fita sem emoção. Seus olhos estão gélidos e a arma está em punho, porém sem me mirar. Suas mãos tremem e ele pisca ligeiramente, parecendo um pouco desorientado.

— Minha esposa... A mulher com quem me casei e achei que fosse fiel a mim. Mas ela não é! Nunca foi! — Ele começa seu discurso carregado de veneno e dor. — Eu me casei com uma aproveitadora, uma mulher fria que me nega a dar aquilo que é meu de direito. E sabe por quê? Porque essa mesma mulher acha melhor ter um amante e ficar trepando com ele, ao invés de fazer amor comigo, que sou seu marido. — Declara endoidecido, enquanto seus olhos flamejam ódio em minha direção. — Como se chama o filho da puta que te come, hein Lorena?

Queria sentir raiva dele e odiá-lo, mas o único sentimento que Thales me desperta agora é o de piedade. Por mais que quisesse conversar com ele, tentar dissuadi-lo a ficar calmo, eu sei que não importa o que eu fale nesta hora, nada irá trazer a sua sanidade de volta. Sua doença misturada à cólera que sente por mim e por meu... amante, o consomem por inteiro.

— Não vai me responder? O rato comeu a sua língua? — rosna entredentes.

— Thales, eu já lhe disse que não há outro homem em minha vida. — Reitero a mentira com a finalidade de acalmá-lo, mas é em inútil.

— O que faltou a você nesta casa? Eu sempre lhe dei tudo. Uma vida de luxo! Cobri você de ouro dos pés à cabeça. Aceitei quando quis trabalhar fora, até dei o meu dinheiro para você se associar com a sua amiguinha. Comprei um carro importado para você e me diz, para que tudo isso? Se você me apunhalava pelas costas, trepando com outro — grunhe, e suas mãos voltam a tremer à medida que sua respiração se torna irregular.

— Thales, vamos conversar... Você precisa se acalmar. — Minha voz sai arrastada e baixa, enquanto a minha consciência se mantém

em pânico e totalmente em alerta.

— Eu te amo, Lorena! Sempre fui um marido zeloso. Desde o início! Mas você não soube dar o valor que eu merecia. Você desdenhou de meu amor e se entregou para o primeiro canalha que cruzou o teu caminho. Você não merece o meu amor. Nunca mereceu! — Ele bebe outro gole de uísque.

O que mais me dói é que em partes Thales tem razão. Eu não mereço o amor dele, por mais que seja um amor louco, doentio e possessivo. Afinal, eu o traí sorrateiramente com o seu próprio irmão. Embora, eu queira acreditar que meu marido irá me poupar de sua vingança, ele não fará. Seus olhos verdes me dizem que o que ele quer é me retaliar e talvez ele até consiga atingir seu objetivo.

— Você tem razão, Thales. Eu não mereço o seu amor. — Afirmo com pesar. Seus olhos se arregalam e ele treme os lábios. — Mas há tempo ainda para nós. Eu e você podemos ser felizes, basta você deixar. Vamos seguir a nossa vida e...

— Seguir a vida?! — Ele me interrompe abruptamente. — E você ainda acha que existe vida para você depois de tudo que fez?

— Thales, eu não tenho um amante. Você tem comprovação de que eu tenha outro homem? — indago baixinho sentindo a coragem brotar lentamente dentro de mim.

— E precisa de comprovação diante de tudo que você fez nesses últimos meses? Se negando a ter relações sexuais comigo. Fugindo de meu toque, fugindo de mim! Você pensa que engana a quem, Lorena? — Grita fora de controle.

— Thales... vamos conversar... por favor! — imploro outra vez sem obter sucesso.

— Você acha que eu deixaria você ficar com o desgraçado de seu amante assim... de graça? — Seus olhos estão arregalados e enlouquecidos, enquanto ele balança a mão com a arma e a mira

novamente para mim. — Sabe o que você e ele merecem? A morte!
— Declara embevecido de raiva. — Diga o nome dele! Qual é o nome do miserável que te come?

E agora? Esse é o meu fim? O fim de minha vida e a vida de meu bebê inocente? Envolver meus braços ao redor de minha barriga, querendo proteger o meu filho contra a ira de meu marido. Como se isso fosse possível diante de um revólver carregado apontado em minha direção. E, então é assim que a minha história que nem começou se acaba? A minha vida sendo ceifada pelas mãos de meu marido esquizofrênico? Somente um milagre divino para me salvar de uma desgraça.

— Solte essa arma, Thales. — A voz baixa de Greg ecoa atrás de mim. O meu amor, o meu tudo acaba de chegar para me salvar ou talvez, se juntar a mim em uma tragédia.

Giro o rosto lentamente para olhá-lo e o encontro parado a pouca distância de mim. Seus olhos estão estáticos e seu rosto se contorce perante a cena de horror que presencia. Vejo que sua mandíbula se contrai fortemente e ele respira com muita dificuldade, porém, não deixa transparecer a tensão que sente.

— Ora, ora, se não é o maninho perfeito que veio se juntar à farra! — Exclama Thales, abrindo um sorriso maquiavélico. — Você veio defender a puta da minha esposa?

— Thales, abaixe essa arma antes que alguém saia ferido — diz Greg com voz firme se aproximando cautelosamente e parando próximo.

— Não dê mais nenhum passo, seu verme! — Thales grita, apontando a arma agora em nossa direção. — Greg, você é outra maldita pedra no meu sapato. O filhinho perfeito do papai e da mamãe, o irmãozinho predileto da Lavínia e o cunhadinho que está sempre disposto a salvar a vida da vagabunda da minha mulher. — Fala com sarcasmo, jogando o copo de bebida fortemente contra a

parede do quarto. O copo se estilhaça em vários pedaços e eu solto um grito abafado.

— Thales... — Greg rosna e dá um passo à frente, mas a voz estridente de seu irmão o detém.

— Eu já disse, Gregory, nem mais um passo ou eu acabo com vocês dois antes da hora — diz Thales completamente fora de si.

Seus olhos ferozes se estreitam para nós e ele endireita a arma mais uma vez, mirando a nossa frente. Lampejos de um amor secreto povoam por um momento a minha mente desfocada pelo medo. Um amor que talvez eu não tenha a chance de viver em sua plenitude.

— Quem de vocês dois eu devo matar primeiro? — pergunta e mira a arma para mim. — Você, Lorena? A esposa traidora? Que trepa com o amante e nega o corpo para o próprio marido? Ou... — Mira agora o revólver para o irmão. — você, Greg, que é um filho da puta que me puxa o meu tapete pelas costas, se passando de bom moço para nossa família?

— Abaixе esse revólver, Thales, e vamos conversar como adultos. — Aconselha Greg, enquanto suas mãos se fecham em punho ao lado do seu corpo. Percebo que ele contém ao máximo a fúria que brota dentro de si.

— Uni... — Thales começa com a brincadeira macabra apontando a arma para mim. — Duni... — Direciona para Greg. — Tê... — Aponta para mim novamente. — O escolhido... — Mira no irmão outra vez. — foi... — Dá um sorriso diabólico e finaliza com expressão sombria. — você! — Aponta a arma em minha direção e pisca os olhos rapidamente, com as mãos trêmulas.

O som estridente do celular de Thales desperta em seu bolso e ele perde o foco por um momento. Greg aproveita sua distração e investe contra ele, lutando corpo a corpo, ambos com as mãos na arma. Uma náusea horrenda embrulha meu estômago, atingindo cada parte de meu corpo. Os dois lutam ferozmente, em minha

frente, enquanto sinto a vida sendo sugada de dentro de mim impiedosamente.

A luta se torna mais acirrada quando eles caem no chão e começam a rolar de um lado para o outro. A arma agora está entre eles. Thales empenha toda força que tem contra o irmão, tentando feri-lo, à medida que Greg tenta desesperadamente tirar o revólver de sua posse. Eu assisto a tudo petrificada. Não consigo me mover nem sequer respirar. O pânico que sinto é imensurável que atravessa a minha alma e vai além do infinito.

A cena que presencio me remete a Caim e Abel. Acontecerá com Greg e com Thales o mesmo que aconteceu com os irmãos bíblicos, onde um invejava o outro? Terá Greg o mesmo destino de Abel, morrendo pelas mãos de seu próprio irmão? Esse pensamento horrendo me desperta uma dor absurda no peito. Minha cabeça quer explodir e meus olhos estão nublados. Quase não consigo mais distinguir o que acontece a minha frente.

De repente, ouço um estampido de um tiro que acerta o espelho da cômoda, estilhando-o em diversos pedaços. Um grito abafado e aterrorizado sai de minha boca, mas eu não consigo falar. Perdi a voz momentaneamente presenciando o filme de terror que desencadeia abaixo de meus olhos.

Com força e habilidade de lutador, Greg desfere um soco no rosto do irmão que fica desacordado no chão. O sangue vermelho sai de seu nariz com rapidez e molha a sua boca, escorrendo pelo queixo. Greg se levanta e desmunicia a arma que contém duas balas, além da que está cravada na parede de concreto. Minha cabeça gira e falta oxigênio em meu cérebro. Um zumbido ecoa em meus ouvidos e eu sinto que estou aos poucos perdendo a consciência, pois não tenho mais forças para continuar de pé. Meus olhos se fecham lentamente e eu caio no chão, desmaiada.

Minhas pálpebras estão pesadas e eu tenho dificuldades para abrir os meus olhos. Ouço vozes ao meu redor, mas elas entram em minha cabeça como se viessem de muito distante. Como se fossem um eco vindo do além. Sinto mãos me tocarem e aos poucos a minha consciência é retomada. Abro os olhos lentamente e vejo mamãe e Rosana. Elas têm uma expressão angustiada no rosto e seus olhos estão sobre mim.

— Minha filha, como se sente? — pergunta minha mãe preocupada.

— Greg... Thales... — murmuro aflita.

— Lorena, está tudo bem, na medida do possível. O que mais interessa agora é saber como você está. — Intervém Rosana em tom firme.

Observo ao redor e percebo que estou acomodada a uma poltrona no escritório do Humberto. Como eu vim parar aqui? Onde está Greg? O que aconteceu com Thales? Essas e outras perguntas jorram em minha mente ainda anestesiada pelo medo.

— O que houve com eles? O que aconteceu... com Greg? Com Thales? Thales sangrava...e... — gaguejo piscando ligeiramente, apavorada ao me recordar da cena.

— Querida, você precisa ir ao hospital. Você desmaiou! — fala minha mãe acariciando o meu rosto.

— Sim, dona Isis. Vamos tirar Lorena daqui imediatamente e vamos para o hospital no meu carro. — Adianta-se Rosana.

— Por que é que ninguém me responde? — indago com voz trêmula e com os olhos cheios d'água.

Vozes vindas do corredor chamam a minha atenção. Humberto fala com Greg e o teor da conversa não é nada bom, pois a sua voz está alta e muito enérgica. Eu ouço o assunto atenta, enquanto Rosana sai para pegar as minhas coisas e mamãe se acomoda ao meu lado, afagando o meu cabelo docemente.

— Que diabos aconteceu com nossa família, Greg? Você precisava quebrar o nariz de seu irmão? — esbraveja Humberto.

— Pai, eu não tive escolha! Thales apontava uma arma para mim e para a Lorena. Um maldito revólver carregado. Porra, pai, o senhor queria que eu fizesse o que? Eu evitei uma desgraça! — Explica Greg com voz embargada.

— Você sabe que seu irmão é frágil, tem problemas de saúde e que está em tratamento. Você sabia sobre o descontrole dele! Você não pensou no restante da família? Em sua mãe que está arrasada e só sabe chorar? Graças a Deus que pelo menos a Eulália faz companhia a ela agora, no quarto — diz Humberto explicando a situação. — O que você queria, Greg? Tirar a vida de seu irmão? — Ele acusa Greg por entre linhas.

— Pai, você ouviu o que eu acabei de dizer? Thales tinha um revólver, pai. Revólver este que você esqueceu no cofre, lembra? — Greg tenta mais uma vez lhe mostrar a veracidade dos fatos, mas Humberto está momentaneamente cego e se recusa ver a verdade.

Levo a mão à boca apavorada, enquanto minha mãe me olha angustiada. Eu não acredito no que estou ouvindo. Humberto está acusando Greg de tentar tirar a vida do Thales? Senhor! Mas foi o meu marido doente e possuído pelo ódio que apontava uma arma para mim e depois para o próprio irmão e não o contrário. O que está havendo com Humberto? Ele não costuma agir assim!

— Essa arma está novamente no cofre. Eu já troquei a senha e desta vez, somente eu tenho o segredo. — Assegura o pai em tom firme. — Agora eu levarei o seu irmão para a capital de helicóptero. Eu já avisei ao médico dele sobre o ocorrido, além, claro, de ter avisado a outro médico cirurgião sobre o nariz quebrado — diz fazendo uma breve pausa. — Pense bem, Greg, no que você fez com o seu irmão. Agora além da depressão, Thales está com uma fratura. É isso é culpa sua! Mas eu não tenho tempo para falar sobre esse assunto agora. Quando eu voltar de viagem, nós teremos uma

conversa muito séria. Eu tenho tantos pepinos para resolver que não sei se eu não entro em parafusos! — conclui duramente.

Levanto-me, ainda meio zozona, e vou até a porta do escritório. Mamãe me segue e me envolve pela cintura, enquanto eu avisto Humberto deixando a casa e Greg, que está imóvel, com o semblante arrasado. Meu coração se aperta ao vê-lo sofrer, pois sei que ele fez o que foi preciso naquele momento delicado. As palavras duras de Humberto, que outrora lhe chamava somente de filho, feriram-no profundamente e a tristeza é visível em seu rosto. E tudo o que aconteceu foi por minha causa. Eu estou destruindo uma família inteira!

Os nossos olhares se encontram apaixonados e permanecemos por alguns segundos apenas nos fitando repletos de culpa e amor. Esse amor que se expande a cada segundo, que toma conta do corpo e da alma, que nos faz ir além de nossos limites, gerando angústia e dor. Porém, para evitar maior aborrecimento em sua família, Greg gira o corpo e desaparece na escada sem nada dizer.

É certo destruir uma família inteira por causa de um sentimento? Deixar vítimas inocentes pagarem por um capricho? Eu não posso mais permitir que outra desgraça maior aconteça. Não posso deixar que pessoas inocentes se tornem vítimas de meus sentimentos. E a culpa volta a me assolar, com todas as suas forças, impregnando em meus tecidos.

Mais tarde, depois de voltar do hospital e de fazer novamente alguns exames, eu estou acomodada no sofá da sala de estar no apartamento de Rosana, enquanto mamãe está se despedindo de vovô ao telefone. Ela avisou ao responsável pela escola que ficará fora até quarta-feira. Minha mãe ainda está preocupada comigo e achou melhor ficar por mais alguns dias ao meu lado.

O dia de hoje foi tão aterrorizante que a única coisa que eu quero é deitar a cabeça no travesseiro e chorar liberando a dor que me corrói por dentro. Mas, antes eu preciso conversar com minha mãe. Afinal, ela precisa saber que terá um neto.

Rosana sai para se encontrar com Celso e marcar a data de seu casamento e nos deixa a sós. É chegado o momento de contar a dona Isis sobre minha gravidez. Cansei de esconder o que está mais que evidente, pois foi muito difícil disfarçar no hospital que não existe algo mais importante acontecendo comigo. O círculo está se fechando e eu tenho que fazer o que é correto para não ferir mais ninguém.

— Filha, você está melhor? — pergunta ela amavelmente, se acomodando ao meu lado.

— Eu irei ficar bem, mamãe — respondo fitando-a com carinho.

— Lorena, eu não sei o que seria de mim se algo de grave acontecesse com você — diz e seus olhos se enchem de água. — Filha, seu marido tentou te matar e ainda tentou tirar a vida do próprio irmão. Thales soube sobre você e Greg? Foi por causa disso que ele ficou fora de controle?

— Não, mãe. Ninguém da família sabe sobre nós. Thales desconfia de que eu tenha um amante. Mas ele não sabe que o meu amante é seu próprio irmão — declaro, mortificada pela vergonha e pelo remorso.

— Seu quase ex-marido está totalmente pirado, minha filha. Eu temo tanto pela sua segurança. O que acontecerá a partir de agora? — indaga aflita.

— Eu já sei o que fazer — respondo, abaixando a cabeça e olhando com pesar para a aliança que brilha em meu dedo. Tomada por uma repulsa enorme, eu tiro a joia do dedo e dou a minha mãe. — Isso não tem mais sentido. Nunca teve! Fique com ela. Faça uma pulseira, uma corrente, ou até mesmo, doe para uma instituição de

caridade. Eu só não quero mais carregar isso comigo. Não quero mais nenhuma lembrança desse casamento fracassado e sem amor.

— Você tem razão. Uma doação seria o mais correto a fazer. — Sorri melancólica. — Vou vendê-la e doar o dinheiro para algum hospital ou entidade que ajude crianças desabrigadas e órfãs, o que você acha?

— Eu apoio. Obrigada, mamãe — agradeço com carinho.

— De nada, meu anjo. — Ela acaricia meu rosto e eu tomo coragem para lhe contar sobre o bebê.

— Mãe, eu preciso lhe contar algo muito importante. — Começo, com cautela.

— É sobre a sua gravidez? — Como minha mãe sabe? Rosana? Greg? Doutor Vargas? Quem contou sobre minha gravidez a ela? *Meu Deus! E agora?*

— Como você soube? — Minha voz sai num sussurro.

— Ah, minha querida, os sinais do corpo denotam. Sua mãe aqui é bem experiente sobre esse assunto. Ou você esqueceu que eu tive que esconder a minha gravidez para meus pais? Você sabe de toda a história. Aliás, a *sua* história — responde fazendo-me recordar do passado.

— Oh, mamãe. — Sussurro, abraçando-a e o pranto emerge com toda a força.

— Meu amor, não chore. Isso não faz bem nem para você e tampouco para o bebê. — Comenta com ternura, enquanto afaga meu cabelo. — Essa criança é de Greg, não é?

— Sim... — afirmo entre soluços.

— Thales sabe sobre essa criança? — Indaga preocupada.

— Não, mãe. Ele não sabe de nada — respondo com dor no coração.

— Como assim, filha? — Ela ergue meu rosto para cima para me fitar.

— Mamãe, ninguém da família Fisher sabe sobre mim e Greg e tampouco sobre essa criança. — Afirmo, voltando a me aconchegar em seus braços que são meu refúgio. — E eu não deixarei que ninguém saiba sobre a existência desse bebê.

— Lorena, como você e Greg irão esconder essa criança de todos? — pergunta enquanto me envolve em seus braços.

Neste momento um buraco é aberto em meu coração, partindo-o ao meio e tornando-o sem vida. Amor, família, felicidade; tudo isso terá que ser sacrificado para o bem de todos.

— Mãe, Greg não participará disso — respondo com o peito dilacerado.

Começo o relato e explico tudo a minha amada mãe. É muito difícil, mas, ela, ainda um pouco contrariada, acaba concordando comigo. Afinal, neste momento delicado em que eu e Greg nos encontramos essa é a melhor atitude a ser tomada. Embora eu saiba que ela custará muito cara ao meu coração, eu tenho que ter a coragem para pô-la em prática. Nenhum inocente deve pagar pelos meus erros. Eu sou a única responsável por eles e ninguém mais.

Nessa noite eu chorei muito e dormi agarrada ao anel que Greg havia me dado. A joia e o meu filho são as únicas coisas que eu tenho dele, além do amor imensurável que arde em meu peito.

Capítulo 21

*Quando você se vê na pessoa amada, esta passa ser a sua vida, o seu bem mais precioso. — **Greg***

Ainda não acredito que meu pai, o homem o qual eu me espelhei a vida toda, o homem pelo qual eu tenho o maior respeito e admiração, está me acusando indiretamente de ter tentado contra a vida de meu próprio irmão. Meu Deus, o que está havendo com ele? Como Humberto pode pensar isso a meu respeito? Será que ele não viu as evidências escancaradas sobre o comportamento hostil do Thales?

Só em me lembrar do que pudesse ter acontecido com Lorena se eu não tivesse chegado, o meu coração para de bater. Ela não estaria mais aqui! E talvez, nem eu, ou meu irmão fora de controle. Fiz o que foi preciso fazer. Mas, confesso que quando vi Thales de arma em punho, com os olhos faiscando ódio e ira, eu tive piedade dele, de Lorena e de mim. Senti o peso da culpa em minhas costas, consumindo minhas entranhas como chamas de fogo. A sensação foi horrível. Não podia mais fingir que eu não era o responsável parcialmente pela loucura repentina dele. Afinal, eu lhe tirei aquilo que ele tinha de mais valioso na vida, ou seja, a sua esposa.

O filme de horror é reprisado em minha mente com detalhes vívidos e marcantes. O rosto lindo de Lorena coberto pelo pânico e algo que não sai de minha cabeça, bem como a expressão ensandecida de Thales. Mas o que eu podia fazer diante daquele cenário macabro, onde a mulher que eu amo e o meu filho, que ela carrega em seu ventre, corriam perigo? Meu instinto foi de protegê-los contra a fúria de meu irmão. E eu faria tudo novamente. Eu

levaria um tiro se fosse necessário para salvar a vida de Lorena e de meu filho.

Tenho que falar com ela, porém antes, eu preciso conversar com Humberto. Aliás, o tom de sua voz soou como uma intimação aos meus ouvidos. Com certeza ele colocará a culpa de todo esse caos sobre mim. Tudo bem, eu posso aguentar o peso dessa acusação. Afinal, fui eu que conquistei a mulher de meu irmão e não o contrário. Eu a tirei dele mesmo antes de ele se casar com ela, em Veneza. Sou o maior responsável neste caso e tenho que arcar com as consequências.

Dou uma batida leve na porta do escritório, onde Humberto passou trancado quase a tarde inteira e entro.

— Com licença — digo em tom baixo.

— Olá, Greg. Sente-se. — Eu me acomodo a poltrona à sua frente, enquanto ele termina de assinar alguns papéis e os guarda na valise.

— Como está Thales? — pergunto interessado.

— Está bem... Mesmo estando com o nariz quebrado — responde secamente.

— Pai, eu sei o que você está sentindo e entendo perfeitamente a situação — afirmo aflito.

— Greg, eu refleti muito sobre o que houve entre você e seu irmão e quero lhe pedir desculpas... em partes. Eu estava um pouco descontrolado diante de tudo que aconteceu. Não lhe dou toda a razão, porém não lhe tiro ela também. Mas se coloque em meu lugar. Eu tenho um coração, Greg. E neste momento ele está despedaçado — diz com semblante prostrado.

— Eu te entendo, pai. Meu coração está estilhaçado como o seu. Mas eu quero que você compreenda que eu não tive escolha. Thales estava totalmente enlouquecido. Foi muito difícil para eu agir

com brutalidade contra ele. Acredite! — declaro com o peito dolorido. Meu pai respira fundo e me fita sério.

— Essa desavença entre vocês já chegou ao nível máximo de tolerância. Nossa família não é mais a mesma faz tempo. Sua mãe está arrasada com tudo que houve, tomando remédios e mais remédios para suportar a dor de saber que um filho quase matou o outro. Você é mais forte que Thales e diante da fragilidade emocional em que ele se encontra, é muito fácil derrubá-lo com um golpe — diz duramente, enquanto uma blindagem cobre os olhos do meu velho pai e o impede de ver a verdade dos fatos. Decepção, essa é a palavra certa para ser usada diante dessa situação.

— Pai, Thales iria ferir a Lorena. Se eu não tivesse chegado a tempo, nós teríamos um luto ou talvez dois na família — rosno mostrando-lhe a veracidade dos fatos.

— Pelo visto, nós teríamos um luto de qualquer jeito — devolve no mesmo tom. — Seu irmão está doente e assim que se recuperar da cirurgia, ele irá ficar internado em uma clínica para tratar da sua doença. Thales ficará internado por mais de quinze dias. E, se não bastasse isso tudo, ele terá que enfrentar um divórcio. Eu não sei se você sabe, mas a Lorena pediu a separação a ele. Por isso ele ficou revoltado.

— Revoltado? — repito, indignado. — Thales ficou foi completamente fora de si. Ele perdeu o controle, Humberto, apontando uma arma carregada para a própria esposa.

— É... Às vezes agimos por impulso e não medimos as consequências. Ainda mais no estado em que seu irmão se encontra. — Eu não acredito que ouvi isso de meu pai! *Ele continua cego diante da verdade?*

— Você está dizendo que a atitude de Thales é... parcialmente aceitável? — Cuspo as palavras, levantando-me abruptamente. — Ele podia ter nos matado. Nada justifica o ato cometido por ele. Nada!

— Filho — Ele me chama de filho depois de dias —, entendo a sua revolta.

— Eu não estou revoltado. Eu estou é emputecido com essa barbárie toda. — Há um silêncio momentâneo no ambiente. Meu pai me olha cautelosamente e muda de assunto.

— Greg, você sabe algo sobre uma possível traição de sua cunhada? — Não me faltava mais nada! Será que Humberto desconfia de algo? De mim? Obsevo em seu semblante que não há nada que denote a sua desconfiança, todavia todo cuidado é pouco.

— Não, eu não sei de nada. Por que essa pergunta? — Minto com a maior cara de pau.

— Seu irmão não falava em outra coisa durante o trajeto até o hospital. Parecia que ele sabia de algo concreto. — ele coça o queixo pensativo.

— E Thales ao menos disse nomes? — indago receoso.

— Não, não disse. Você desconfia da Lorena? — pergunta interessado.

— De forma alguma. — Minto de cara na maior cara de pau.

— Bem, você vê a situação delicada em que se encontra a vida de seu irmão. Muito em breve ele será internado em uma clínica para tratar de sua doença, está com o nariz quebrado, o casamento desfeito... Infelizmente, toda essa confusão me fez tomar uma decisão muito séria, bem como constatar o que é evidente. — Ele se endireita na cadeira executiva e me olha direto nos olhos. — Filho, pelo bem seu e de Thales, você precisa voltar o quanto antes para a Inglaterra. Não dá mais para vocês dividirem o mesmo teto.

— Você não precisa dizer isso, pai. Eu iria tocar nesse assunto com você — declaro diante da voz áspera de meu pai. — Eu estou embarcando para Londres em breve.

— Bem, pelo menos você tem discernimento do que é certo a fazer neste momento complicado que estamos passando. — Fala e muda de assunto outra vez. — Greg, eu tive uma conversa com seu tio Liam hoje pela manhã. Nós falamos sobre negócios.

— Negócios?! — Exclamo atônito, pois as bombas não param de cair sobre a minha cabeça.

— Sabe, filho, a nossa vida de agora em diante não será mais a mesma. A sua mãe está cuidando do Thales no hospital e antes de eu voltar para casa, ela comentou que não quer mais viver aqui. Greta quer voltar a morar na capital — diz e eu arregalo os olhos.

— Mas por que isso agora? — pergunto aturdido.

— Depois de tudo que aconteceu entre você e seu irmão. As brigas e discussões constantes e a quase tragédia de dois dias atrás, tudo isso deixou a sua mãe sem vontade de viver aqui. Você sabe o quanto eu tenho me esforçado para fazer com que a sua mãe esteja bem, e por esta razão, nós estamos voltando para a capital em trinta dias — anuncia e, nervoso, eu passo uma das mãos ao cabelo.

— Pai, mas o que Liam tem a ver com isso? Eu não estou entendendo — digo fitando-o seriamente.

— Greg, eu estou vendendo a minha parte na rede de hotéis em Londres para você e seu tio materno — responde sem fazer rodeios e meu queixo cai perante seu anúncio repentino. *Meu pai não me quer mais perto da família, é isso?*

Com muita dificuldade, eu contenho a onda de emoções emaranhadas que toma conta de mim neste momento. Meu próprio pai está me expulsando do seio familiar como se eu fosse um intruso e não seu filho. Realmente, eu não conheço mais o homem que me criou. Em vez de Humberto ter me procurado primeiro para tratar sobre esse assunto, ele ligou para o Liam que está do outro lado do oceano. Agora está mais que evidente que meu pai não confia mais em mim como outrora e que não me quer mais por perto.

— Mas por quê? — Eu o encaro, incrédulo. Ele respira fundo e apoia os braços sobre a mesa.

— Veja bem, Greg, a minha família está desmoronando e eu não posso ficar de braços cruzados. Meu dever é estar mais presente do que ausente, por isso eu terei que me desfazer da minha parte na sociedade com você e Liam. Eu preciso dar mais atenção a minha família — afirma e eu assinto com a cabeça.

— E quem ficará na administração da empresa daqui? — indago curioso.

— Eu falarei com Celso em breve. Ele é um rapaz muito competente e confiável, por mais que não seja formado na área ou não ele esteja cem por cento focado no mundo dos negócios, ele é o único em quem eu confio para assumir a liderança da empresa. E além de tudo, Celso é membro da família — fala se levantando.

— Você fez uma boa escolha. Celso é muito competente mesmo. Mas e o que o Liam lhe disse? — questiono me levantando também.

— Ele aceitou e comentou que vocês têm uma boa reserva em euros. Porém, o Liam ficou de falar contigo para lhe comunicar sobre a oferta. Seu tio te ligou? — pergunta enquanto pega a valise de cima da mesa.

— Ainda não — respondo pensativo. — Nós ficaremos apertados financeiramente. Essa sua proposta repentina nos pegou desprevenidos. Mas eu não posso deixar de concordar com você, pai. A família deve vir em primeiro lugar e o que eu mais quero é vê-los felizes, você, mamãe, Lavínia e Thales — digo com sinceridade, porém estou despedaçado por dentro.

Humberto abre um meio sorriso e vem até mim. Sua expressão está cansada e pairam olheiras escuras abaixo de seus olhos castanhos. Ele me abraça e sinto um nó em minha garganta. Contudo, meu pai tomou a decisão certa, que é ficar ao lado de

meus entes amados. Afinal, o que minha família mais precisa neste momento é de amor e atenção.

— Bem, eu vou tomar um banho e viajar para ver como está seu irmão. Amanhã eu estarei de volta. Até mais, filho. — Ele se despede, dando um tapinha camarada em minhas costas.

Neste instante eu percebo que as únicas pessoas que eu tenho na vida são Lorena e meu filho que está por vir. Eles são o meu alicerce a partir de agora e são as únicas pessoas pelas quais devo amar e lutar.

A saudade é tanta que eu não aguento esperar nem mais um minuto para ver Lorena. Quero beijá-la, abraçá-la, protegê-la de tudo e de todos. Desde o acontecido com Thales que eu não a vi mais e necessito saber como ela está.

Havia ligado para ela mais cedo e fiquei preocupado, pois a minha amada me pareceu um pouco estranha ao telefone, mas acredito que seja devido aos últimos acontecimentos. Afinal, as nossas vidas estão mudando drasticamente e não é à toa que ela esteja se sentindo perdida e temerosa.

Tomo um banho rápido e visto uma calça jeans e camiseta. Pego as chaves do carro e saio às pressas. Instantes depois, estou em frente à porta do apartamento de Rosana. Aperto o botão da campainha e não demora muito para que Lorena apareça linda com o cabelo preso a uma trança de lado. Mas ela está pálida e paira em seu rosto angelical uma expressão desolada.

— Oi, meu amor — digo louco de saudade abraçando-a. Ela não se deixa abraçar e se esquiva. Há algo de errado com ela e meu coração se aperta de imediato.

— Oi, Greg — fala com voz morna. E, desviando seus olhos dos meus, ela fecha a porta e se distancia.

— Eu estava morrendo de saudades de você. — Afirmo com paixão, enquanto os meus olhos buscando os seus sem sucesso. — O que houve? Lorena se move para o centro da sala de estar e me lança um olhar neutro. Seus dedos cruzados em frente ao corpo denotam que ela está nervosa. Percebo que ela não está usando a aliança e nem o anel que eu lhe dei.

— Nós precisamos conversar sobre o ocorrido — responde me fitando de forma ilegível.

— Ah, Lorena! — Eu me movo até ela e, transbordando de amor, seguro seu rosto em minhas mãos. — Não sei o que seria de mim se algo de ruim tivesse acontecido a você e a nosso filho. Meu coração quase parou de bater quando eu te vi sendo ameaçada por uma arma. Senti a minha vida se esvaindo diante de meus olhos e isso foi o fim para mim. Você e meu filho são minha vida a partir de agora. — Apaixonado, eu beijo seus lábios, mas percebo que ela se esforça para não retribuir o meu carinho e recua para longe outra vez.

O que está acontecendo? *Lorena está me rejeitando?* Por quê? Meu Deus! Ela não me quer mais? É isso? Lorena mantém o olhar ilegível e neutro sobre mim e não há resquício nele de emoção. A garota que vejo a minha frente é outra Lorena. Uma mulher fria, distante. Cadê o anjo de olhos azuis pelo qual eu me apaixonei perdidamente? A garota que antes transpirava vida deu espaço a uma... estranha.

— Como está Thales? — indaga mudando de assunto.

— O homem que quase tirou a sua vida está bem. Tem o nariz quebrado, mas acredito que esteja se sentindo melhor do que eu neste momento — respondo amargurado. Um silêncio torturante se forma à medida que a atmosfera se torna densa entre nós. Ela

mantém seu olhar distante assim como seu coração que parece que abandonou seu corpo.

— Eu liguei para Humberto mais cedo. Ele me disse que a sua família vai voltar para a capital — diz quase num sussurro.

— Sim, parece que eles vão voltar a viver lá. E eu e você vamos para Londres. — declaro observando a sua reação. — Lorena, eu deixo tudo por você! Absolutamente tudo! Jogo tudo para o alto: família, empresa, dinheiro.

— Greg, eu estou embarcando amanhã para o sítio de minha família. E daqui a uma semana eu estarei no Canadá — fala desviando seus olhos dos meus.

— Que porra sem fundamento é essa?— indago atônito, enquanto a respiração me falta. — Você... Você só pode estar brincando comigo. Eu, você e nosso filho vamos para o Reino Unido. Eu não vou deixá-la aqui a mercê das loucuras do Thales. Isso nunca! Ele está totalmente fora de controle e eu não deixarei você e nem tampouco meu filho correrem algum risco estando próximo a ele. Vocês vêm comigo para a Inglaterra o mais breve possível — declaro decidido.

— Greg, não existe mais filho algum — diz com voz embargada e meu cérebro para momentaneamente. Eu fixo os olhos aos seus e não acredito no que acabo de ouvir. Meu filho... Minha criança... não existe mais?

— Não... — sussurro apavorado, sentindo o coração bater soa solavancos dentro do peito.

— Eu tive um aborto espontâneo depois do incidente em sua casa. De madrugada — declara com pesar enquanto um vazio imensurável toma conta de mim.

O destino me reservou uma peça, é isso, uma brincadeira de muito mau gosto. Meu estômago se contorce, minhas entranhas se

tornam gelo, à medida que eu vejo tudo se desmoronar diante de mim. Vida, alegria, esperança, amor. Nada disso existe mais.

— Isso não é verdade! — Eu volto a encará-la e seus olhos estão opacos, sem brilho. — Diga-me que isso não é verdade. Diga-me, Lorena! — exijo nervoso.

— Sim... é! — responde e parece demonstrar firmeza nas palavras.

— Não! Não... Isso é mentira... Por que está fazendo isso comigo?— Eu me movo até ela e ela dá dois passos para trás, mantendo a distância entre nós. Apavorado, eu interrompo os passos e um enorme pavor me invade. Um pavor gigantesco e tão doloroso quanto à cena de horror que presenciei em minha casa outro dia.

— Greg, nós não temos mais pelo que lutar. Acabou! — diz sem sentimento.

— Lorena... — sussurro me apoiando ao encosto do sofá, pois sinto como se tivesse levado aquele tiro que estilhaçou o espelho do quarto. *Eu sou o espelho que está estilhaçado em um milhão de pedaços.* — O que você está me dizendo?

— Nós... Eu e você... Acabou... Para sempre — responde friamente.

Um abismo negro se abre a minha frente. Meus olhos estão turvos e minha cabeça quer explodir assim como meu peito. Vejo meu mundo acabado, destruído. Minha mente se nega a acreditar que Lorena esteja falando a verdade. O meu coração se nega a aceitar isso.

— Você não me ama mais? — indago em um fio de voz.

— Não dificulte as coisas, Greg — fala nervosa e seus lábios começam a tremer levemente.

— Responda-me, Lorena. — Eu caminho até ela e a seguro pelos ombros. — Diga que não me ama e que tudo que vivemos um com o outro foi mentira. Quero ouvir isso de você!

— Fique longe de mim! — brada se libertando de meu toque e caminha se distanciando pela terceira vez.

— Não acredito no que você diz! — exclamo com o peito ferido. Eu a encaro e busco algum resquício de mentira em seus olhos, mas nada encontro. *Meu Deus! Ela está falando a verdade!*

— Se eu fosse você eu acreditaria, porque é a mais pura verdade. — Seus olhos azuis estão gélidos assim como ela. — Eu não o amo mais. Esqueça-me! Para sempre! — conclui com voz cortante.

— Você está protegendo quem? Thales ou minha família? — Pergunto, dando um passo á frente.

— Não se aproxime ou eu grito por socorro — fala recuando outra vez.

— Isso é um teatro. Nunca aceitarei isso nunca! — Declaro convicto enquanto ela cruza por mim e escancara a porta. Eu giro o corpo para fitá-la e seu rosto está pálido seus lábios estão trêmulos.

— Vá embora, Greg. Agora! — diz sem me olhar nos olhos.

Neste instante uma espada me corta ao meio, deixando-me em pedaços. Eu me arrasto até ela e antes de sair, paro diante da porta aberta. Viro o rosto para fitá-la pela última vez e em seus olhos nada vejo. Eles estão como estiveram desde o momento que cheguei: sem vida, frios, distantes. Lorena está falando a verdade. Ela não me ama mais. Algo mudou dentro dela e, por mais que eu queira acreditar no que eu vejo, meu coração se recusa a aceitar o óbvio.

Abaixo a cabeça e me arrasto rumo ao elevador. Poucos minutos depois estou sentado ao banco do motorista do meu carro, com os olhos perdidos contemplando o precipício negro a minha frente. Subitamente lembro-me do pesadelo que tive com Lorena, meses

atrás, onde ela estava sendo tragada por um enorme buraco negro. E o pesadelo se tornou real. A escuridão a levou de mim. Sem piedade a tirou de minha vida, mas não de meu coração. Eu não tenho mais filho, não tenho mais amor, não tenho mais vida. Nada! Nada! Nada! É isso que eu tenho. Estou sozinho daqui para frente.

Enfurecido eu desfiro socos contra o volante várias vezes e esbravejo contra tudo e contra todos. As lágrimas descem molhando meu rosto, enquanto eu luto desesperadamente para aceitar a realidade. A dor é absurda. Ela está impregnada em cada parte de meu corpo e se espalha em minhas veias, consumindo as minhas células de uma forma letal.

Giro a chave na ignição e saio sem destino. Neste momento o som desperta automaticamente e *Jason Walker* canta *Cry*, chorando junto comigo, compartilhando de minha dor. A escuridão da noite me invade e eu não vejo mais nada a minha frente a não ser o deserto que toma conta de mim.

Chego a um bar, compro uma garrafa de um uísque qualquer, não importa. O que eu quero é afogar essa dor que está me matando. Estaciono o carro a beira da praia e caminho até a areia. Minhas pernas não aguentam o peso de meu corpo e eu caio de joelhos no chão.

A garrafa de bebida treme em minha mão e eu não tenho mais consciência de nada. Lorena me abandonou. Ela rejeitou o meu amor, mesmo sabendo o quanto eu sou louco por ela. Mesmo assim, ela não quis mais os meus sentimentos. Eu tinha tudo e agora não tenho nada. Talvez, eu nunca tivesse tido nada. Talvez a minha vida até aqui foi vivida de um sonho. Sonho este que somente eu vivi.

As ondas do mar vêm e molham as minhas pernas sob a calça jeans. Elas estão frias assim como a minha vida. Mas além de fria a minha vida está vazia, oca, sem sentido. O medo corrói meu corpo, atravessa a minha alma e se expande ao redor. Como irei seguir em frente? Não sei se quero seguir em frente. Esse homem que está

aqui agora, despedaçado, ele é metade da metade do que eu era. Nunca mais serei o mesmo. Nunca mais!

Em meu peito há uma enorme cratera que jamais será fechada. Gregory Henrique Fisher acaba de morrer no dia de hoje com o peito estilhaçado por um amor louco e sem medidas. Um amor que nunca deveria ter nascido.

— Greg? Greg? — A voz de Celso parado diante da escrivaninha da minha sala me tira de meus pensamentos dolorosos. — É verdade que você vai voltar para Londres?

— Sim, já estou com a passagem comparada — respondo prostrado. Ele se acomoda a poltrona diante de mim, me estudando com o olhar especulativo.

— O que aconteceu com você, primo? Parece que foi atingido por um tornado. Quantos dias faz que você está assim?

— Minha vida acabou, Celso — declaro com os olhos fixos nos papéis sobre a mesa.

— Se você está dizendo isso por causa do incidente com Thales, eu acho melhor você... — Ele tenta falar, mas é interrompido por mim.

— Não! O que houve com Thales foi apenas um sinal do que viria depois. As coisas estão fora de controle e não há mais como consertá-las. É o pior de tudo é que eu sou o maior responsável por todo esse caos que atinge a minha família neste momento — declaro sufocado abaixando os olhos.

— Greg, que diabos você está falando? Você foi o herói que salvou a sua própria vida, além da vida de Lorena e a de seu irmão — diz e eu volto a fitá-lo. — Se não fosse pela sua coragem e

determinação, eu acredito que uma tragédia teria acontecido. Afinal, por que é que Thales apontou uma arma carregada para a Lorena?

Solto um ar pesado e reclino o corpo para frente. Não dá mais para manter trancado dentro de mim toda essa história que tem sorvido o meu espírito, bem como o meu corpo durante esse tempo. Sinto que preciso desabafar com alguém e a única pessoa que eu confio e tenho como um irmão é Celso, mesmo sabendo que talvez ele seja mais um a me abandonar.

— Primo, eu preciso conversar com você. — Começo calmamente preparando o terreno.

— Pode me falar, Greg. Eu estou a ouvidos — responde me olhando atentamente.

— Celso, a única razão pela qual quase aconteceu uma tragédia em minha família, foi por que Thales está desconfiado a respeito da fidelidade de Lorena — digo cauteloso.

— Lorena? E ela está tendo um caso extraconjugal é isso? — indaga estupefato.

— Sim, ela... teve. Hoje não tem mais — respondo com dificuldade.

— Greg, você está me dizendo que Lorena, aquela menina tímida e doce que eu conheço traiu o marido? — Ele arregala os olhos e inclina o tronco para frente. — Porra! Eu estou muito surpreso com sua declaração. Thales sabe quem é o amante? Ou alguém sabe? — Respiro fundo e passo uma das mãos ao cabelo. E mais uma vez estou me sentindo um lixo humano. O resto do resto. Um nada.

— A Lorena tinha um caso... comigo — afirmo com um nós na garganta.

Neste instante um torturante silêncio se forma. Ouço a respiração de Celso se tornar pesada, assim como a atmosfera que

paira entre nós. Abaixo os olhos, pois não tenho coragem de continuar encarando meu melhor amigo depois do que eu lhe disse.

— Agora está tudo explicado para mim — diz se levantando abruptamente e parando em minha frente, com o olhar severo. — Sua fossa de alguns meses atrás, por causa da tal garota proibida e a qual você estava apaixonado, era pela Lorena. Meu Deus! Greg, como você pôde fazer isso com o seu irmão? Como você e a Lorena tiveram a coragem de trair o Thales? — esbraveja alterado, o que para mim é uma grande surpresa, afinal nunca havia visto meu primo se alterar antes em minha vida. Celso sempre foi muito pacato e divertido.

— Sim, você está certo. Somos dois traidores miseráveis — sussurro, completamente desolado. Afinal, o que é mais uma pessoa me virando as costas. Uma vez que não tenho mais Lorena nem minha família, perder meu melhor amigo não significa nada, perto do que a vida já me tirou. — Celso, você pode falar tudo que tem a me dizer. Não se preocupe, eu aguento. Eu não tenho mais nada a perder.

— Você acha que eu vou te condenar por isso? — Ergo o olhar para fitá-lo mais uma vez e encontro a sua expressão aflita, porém cheia de compaixão. — O que você e Lorena fizeram foi errado sim. Foi muito errado. Mas quem sou eu para julgá-los? Poxa primo, a gente não escolhe quem amar, não. Eu já lhe disse isso uma vez. — Ele se senta de novo na poltrona. — Greg, com tantas mulheres no mundo e você foi se apaixonar justamente pela esposa de seu irmão! Cara, eu estou chocado, mas não irei crucificá-lo.

— Então, você não vai me crucificar e nem virar as costas para mim? — indago incrédulo.

— Greg, você achou mesmo que eu fosse capaz de virar as costas para você? Até parece que você não me conhece. Como eu disse: não foi certo o que vocês fizeram, mas aconteceu. — Respira fundo balançando a cabeça. — Mas e por que vocês terminaram, afinal?

— Lorena terminou comigo depois do incidente com Thales — respondo com o peito estilhaçado.

— Eu entendo. Lorena quer poupar a sua família de ser destruída — argumenta defendendo a sua ideia.

— Ela quer poupar a minha família, mas ela destruiu com meu coração. Você acha isso digno? Celso, eu sou um nada agora. Não tenho mais pelo que lutar, ou pelo que viver — confesso exasperado.

— Que situação! Alguém mais sabe sobre vocês? Humberto ou Greta? — pergunta e eu me sinto na obrigação de dizer toda a verdade a ele.

— Ninguém mais sabe, além de você e de Rosana — respondo e Celso arregala os olhos.

— Rosana sabia sobre vocês? — pergunta perplexo. — Por que ela não me contou nada?

— Por favor, Celso, não fique zangado com a sua noiva por causa disso. Rosana só estava protegendo sua melhor amiga. Você mesmo sabe que elas têm um carinho fraternal uma pela outra — falo, tentando não causar um desentendimento desnecessário entre eles.

— Ok, eu não vou criar uma desavença com Rosana por causa disso, afinal chega de desavenças na família Fisher. — Ele respira fundo. — Greg, erga a sua cabeça e esqueça o que aconteceu. Esqueça a Lorena para o seu próprio bem — aconselha com o olhar terno.

— Eu nunca irei esquecê-la. Eu amarei a Lorena para o resto de minha vida. Prefiro ficar sozinho para sempre ao dividir a vida com outra pessoa que não seja ela. — Afirmo e saio em direção ao armário.

— É por isso que você está voltando para a Inglaterra? Você está fugindo dela? — pergunta, virando-se na cadeira, enquanto eu

pego uma caixa de papel e começo a guardar os meus objetos pessoais.

— Não. Eu estou voltando para Londres porque eu não tenho mais nada aqui no Brasil. Nem família, nem amor... Nada! — admito arrumando as coisas dentro da caixa.

— Você está sendo muito injusto consigo próprio. Não tenha autopiedade, Greg. Isso não combina com você — diz fazendo a sua análise.

— Não é autopiedade, isso se chama de realidade nua e crua. — Faço pausa e viro-me para olhá-lo. — Celso, agora eu percebo que eu nunca deveria ter voltado ao Brasil. Lorena foi a minha salvação e também a minha completa perdição. Eu estou fodido! Para sempre!

— Não diga isso, Greg! — rebate diante de minha autocrítica. — Eu estou do seu lado e você pode contar comigo para o que der e vier. — Ele oferece a sua ajuda.

— Obrigado, Celso. — Agradeço e volto a colocar os objetos na caixa.

— O que você fará a partir de agora? — questiona e eu respiro fundo.

— Têm muitas coisas envolvidas nisso. Coisas importantes que você não faz ideia, porém eu não posso dizê-las ainda a você. Mas a Lorena está enganada se ela pensa que eu acreditei em tudo que ela me disse. Talvez ela esteja tentando proteger a todos nós de uma desgraça iminente. Pois bem, eu retornarei à Inglaterra e deixarei a poeira baixar, mas depois eu vou achá-la. Eu irei atrás dela esteja ela onde estiver — digo com convicção.

Hoje, dia dezanove de setembro, é meu aniversário e eu o estou comemorando enquanto arrumo as minhas bagagens para viagem. Ao som de *In the End, Linkin Park*, eu termino de fechar o zíper da última mala. Todas as minhas coisas já estão prontas para pegar o voo amanhã de volta ao Reino Unido.

Deixo as malas a um canto e sento-me à beira da cama, fixando os olhos em meu talismã que tenho na palma de minha mão. Não sei direito o que fazer com ele, se o levo comigo, se o enterro nos fundos da casa, se o jogo no mar. Não sei. Afinal, de que adianta levar comigo algo que não faz mais sentido? Uma joia que no início era considerada como um amuleto para mim, hoje se torna um peso em minha vida.

Cada dia eu me convengo mais que eu nunca deveria ter voltado ao Brasil, assim como nunca deveria ter ido àquele carnaval em Veneza. Talvez se eu não tivesse encontrado Lorena a minha vida teria sido diferente. Eu estaria vivendo a rotina de Dom Juan em Londres, conquistando uma mulher por noite, e continuaria sem me prender a ninguém. Nunca teria descoberto o verdadeiro significado do amor.

A única coisa que ainda tenho comigo é a dor da perda. Essa sim, me faz companhia cada segundo do dia, devastando com o que resta de meu corpo aniquilado. A que ponto eu cheguei à minha existência. Destruí com a minha vida, com a vida de minha família, destruí com todos a minha volta. Perdi aquilo que eu tinha de mais sublime que era Lorena e meu filho. Agora pouco importa como seguirei o meu caminho, pois o que tinha sentido se foi para não voltar mais.

Fecho a mão, apertando firme o anel dela. A sua única lembrança desde sempre. *Dolorosa lembrança*. O pouco que resta intacto de meu coração se contrai numa angústia sem fim. Corro o risco de nunca mais vê-la e de todo esse amor se perder no vácuo do tempo. Para sempre. Restando-me somente lembranças de uma época feliz ao seu lado.

— Greg? — A voz doce de minha irmã caçula entrando no quarto me traz de volta à realidade. Eu guardo o anel no bolso da bermuda jeans para evitar um futuro questionamento de sua parte. Ela sorri e tem em suas mãos um presente para mim. — Feliz aniversário. — Parabeniza me abraçando com carinho.

— Obrigado, minha pequena. — Eu agradeço beijando-lhe o rosto.

— Eu comprei isso para você. — Ela me entrega o pacote que contém um DVD de um de meus cantores preferidos.

— Humm... O Rei do Rock. — Sorrio.

— Ah, eu sei que você gosta de Elvis. — diz e zomba me dando um cotovelada suave. — Trinta e dois aninhos, hein maninho.

— É... estou ficando velho. — Faço uma careta.

— Velho e encalhado. — Brinca sorrindo e lança um olhar para as malas. Seu sorriso desaparece do rosto e ela me fita melancolicamente. — Você vai embora mesmo?

— Sim, eu vou. — Beijo sua testa e sentamos à beira da cama.

— Greg, você não pode partir assim e me deixar aqui... sozinha — choraminga tristonha.

— Lavínia, não seja dramática. Você não está sozinha. Tem mamãe, papai e Thales para te fazerem companhia — digo e é a sua vez de fazer uma careta.

— Qual é, maninho? Você não vê que nenhum deles me dá atenção aqui nesta casa. Seu Humberto passa mais tempo viajando e cuidando das empresas do que com a família. E quando está em casa, ele sai para jogar pôquer com seus amigos. A mamãe vive dopada de remédios e só passa dormindo. E Thales... Bem, esse finge que eu não existo. — Queixa-se, olhando fixo para os dedos enrolados em seu colo.

— Ei, chorona — Pego em seu queixo e ergo seu rosto para fitá-la com ternura. —, eles precisam de você e você precisa deles.

— E você não precisa de nós, Greg? — Pergunta e meu peito se contrai, pois sei que estou sendo excluído do seio familiar pelo meu próprio pai.

— É triste eu dizer isso, mas eu não tenho mais uma família de verdade. A única que não me virou as costas foi você — desabafo com pesar.

— Eu nunca faria isso. Depois que eu soube o que Thales fez contra você e Lorena, eu fiquei com medo dele. Nosso irmão não está nada bem, Greg. Thales está completamente louco! — exclama apavorada.

— Não, ele não está nada bem — afirmo, afagando seu cabelo.

— Greg, eu posso ir com você para Londres? — indaga com olhar cintilante.

— Lavínia, você tem sua vida aqui no Brasil e nem terminou sua faculdade. Lembre-se do que eu acabei de lhe dizer: os nossos pais precisam de você e por mais doido que seja o nosso irmão, ele também precisa de sua alegria — argumento e ela solta um ar pesado.

— Mas e depois que eu terminar a faculdade, eu posso fazer um curso na Inglaterra? — Sugere esperançosa.

— Claro que pode. Têm muitos cursos de especialização que você pode fazer lá. — Ela sorri animada.

— Ah, obrigada, Greg! — exclama pulando alegre em meu pescoço como de costume. — Você é o melhor irmão do mundo. Eu tenho ainda dois anos de faculdade pela frente e começarei a contar os dias desde agora. Londres, ai vou eu! — Sorri eufórica. Eu solto uma risada ao vê-la se sacudir de felicidade. — Venha comigo! — convida se levantando.

— E para onde a senhorita quer me levar? — indago em tom divertido. Ao menos Lavínia com seu jeito extrovertido me traz um pouco de tranquilidade.

— Tem um bolo de aniversário esperando por você na copa. — Sorri me puxando pela mão.

— Lavínia, você sempre surpreendendo seu irmão mais velho. Obrigada por mais essa surpresa carinhosa. — Agradeço emocionado enquanto deixamos o quarto.

— Não tem festa, nem mamãe, nem papai e muito menos Thales. Mas tem a mim, Eulália e Jaime que estão te esperando ansiosos para cortar o bolo. — Descemos de braços dados até à cozinha onde Jaime e Eulália nos esperam com algumas guloseimas além do delicioso bolo de brigadeiro.

E assim eu passo meu último dia no Brasil: festejando o meu aniversário na companhia de minha irmã caçula e dos serviçais, pois Humberto e Greta estão cuidando de Thales. Embora eu me esforce ao máximo para aparentar entusiasmo, eu estou quebrado por dentro e minha cabeça só pensa em Lorena, que havia partido para o sítio de sua família no dia anterior.

O dia amanhece e eu me levanto cansado. Não dormi nada. A angústia e a ansiedade tomam conta de mim, me deixando desorientado. Não tem mais como fugir. Agora o que me resta é encarar a dura e amarga veracidade dos fatos e rezar para que o tempo passe rápido, levando junto consigo as memórias e o todo o resto.

Não tive coragem de falar com Lorena. Tentei fazer isso quatro vezes à noite passada, porém eu desligava antes mesmo de completar a chamada. Talvez fosse melhor assim. Sem despedidas, sem mais mágoas, sem mais lembranças. Quero tanto acreditar que

o que está acontecendo comigo é um pesadelo. Como eu desejo que fosse isso ao invés da fria realidade que eu vejo diante de meus olhos.

Celso e Lavínia me levam até o aeroporto. Humberto e Greta também se fazem presentes para me dizer adeus. Eu não tive tempo de me despedir pessoalmente de Thales. Tentei ligar para falar com ele, mas ele não quis falar comigo. Eu não estou chateado, afinal o clima ainda está pesado entre nós.

Despedidas nunca foi o meu forte, acredito que ninguém deva gostar de dizer adeus. Contudo, abraço a todos muito emocionado e deixo o saguão, rumo à área de embarque. Lavínia e Greta ficam chorosas, enquanto Humberto e Celso me acenam afetuosamente. É a última vez que os vejo, antes de desaparecer no corredor.

Minutos depois, estou cruzando o céu azul e sobrevoando a cidade. Olho pela janela do avião e avisto a baía e alguns barcos ancorados. Coloco meu *iPod* e seleciono um som agitado, mas não sei por que, a maldita música trava e o aparelho automaticamente toca a melodia seguinte. A voz de Elvis ecoa em meus ouvidos. A música *Always on my mind* me leva mais uma vez para Lorena e para a bela e mágica tarde de paraquedismo. A dor no peito volta a se fazer presente, assim como as lembranças dolorosas.

O seu sorriso lindo e meigo e seus olhos azuis profundos da cor do mar surgem diante de mim. Parece loucura, mas eu não escuto mais a música, que está temporariamente bloqueada em meus ouvidos. O que eu ouço é o som de sua risada que mais parece o canto de um anjo ecoando em meu cérebro anestesiado. O riso doce e descontraído de Lorena fica impregnado em minha mente, torturando-me e transformando a minha partida ainda mais crucial.

Viro o rosto para a janela e deixo as lágrimas molharem meu rosto. A sensação de perda é imensurável, só que agora além de ser visível ela é negra. Está por todos os lados, me partindo ao meio, arrebatando as minhas veias e percorrendo o meu sangue até chegar ao meu fragmentado coração. Ela se aloja nele e faz morada.

A dor e o amor são as únicas coisas que eu tenho que me faz perceber que um dia Lorena existiu em minha vida.

Capítulo 22

E no fim, o único vencedor é o amor. — Lorena

Faz quase cinco meses que Greg deixou o Brasil e a falta que sinto dele é algo que não tem fim, juntamente com a dor de perdê-lo. A sensação é semelhante à morte, só que mil vezes pior. Não tem um dia, uma hora, um minuto sequer que eu não pense nele. Tenho sonhado com ele e em meus sonhos ouço-o dizendo palavras lindas e apaixonadas como outrora. É algo tão real, tão vívido. Contudo, quando acordo, a frustração me atinge em cheio, deixando-me perdida e é então que eu choro noite sim, noite não.

Nunca mais tive notícias dele. É até melhor assim. Com certeza Greg deve estar vivendo a sua vida e talvez até tenha encontrado outra pessoa. Esse pensamento me traz uma tristeza imensa. Mesmo sabendo que eu fui a culpada por perdê-lo, meu coração não aceita que Greg possa amar outra mulher. Nunca aceitará.

Soube por Rosana que os Fisher estão morando na capital há mais de três meses. Eles haviam se mudado mesmo antes do casamento dela com Celso. Casamento este que eu não pude comparecer, pois receava me encontrar com alguém da família de Greg. Afinal, para o conhecimento de todos, eu estou vivendo em Montreal com a madrinha Ester e não no sítio de minha família.

Rosana comprou a minha parte no escritório, mas ela ainda mantém um acordo comigo às escondidas. Frequentemente a minha amiga vem até o sítio e me traz um projeto ou outro. Nunca deixei de trabalhar. O trabalho é algo que me distrai de pensar no meu único amor e nos momentos felizes que passamos juntos.

Celso e Rosana compararam a casa que era para ser minha e de Thales. O dinheiro da venda tanto da casa, bem como da parte da sociedade do escritório, foi dividido em partes iguais quando saiu nosso divórcio. Na verdade, eu não queria ficar com nada, mas Humberto não aceitou e então eu acabei fazendo uma poupança com o generoso montante, pois precisarei da quantia depois que o meu bebê nascer.

Minha gravidez não tem sido nada fácil. Tenho estado regularmente no consultório da doutora Edith Lopes, minha obstetra, que me alertou sobre a possibilidade de minha menina nascer prematura. Mamãe e vovô estão preocupados e eu também, pois o meu bebê é tudo que eu tenho agora em minha vida. É a única lembrança real de que um dia eu vivi um grande amor.

O sol está se pondo atrás das colinas e o vento fresco começa a soprar de leve, balançando as folhas das árvores. Estou sentada no sofá da varanda e o pensamento está perdido ao longe, misturado em doces e amargas memórias.

— Filha — Mamãe se aproxima com um prato de bolo e um copo com suco de laranja e se acomoda ao meu lado. —, você precisa se alimentar melhor. Lembre-se do que a sua médica lhe recomendou.

— Obrigada, mãe. — Agradeço, enquanto ela coloca o prato de bolo de chocolate em meu colo. Ultimamente eu tenho me alimentado contra a minha vontade, pois não sinto fome.

— Está tudo bem, Lorena? — questiona percebendo a minha apatia.

— Não irei mentir para você, mãe. — Desvio o olhar para o prato de bolo, tentando controlar as lágrimas para não cair — Eu não suporto mais a ausência do Greg. A vida anda sem sentido... Eu sei que o que eu fiz foi imperdoável. Ele nunca irá me perdoar por isso e eu o amo tanto que parece que o peito vai explodir.

— Oh, minha filha. — Ela me abraça com carinho, enquanto as lágrimas me banham o rosto. — Não fique assim, pois não faz bem para você e nem para o bebê. — Avisa preocupada. — Minha filha, eu te avisei sobre as consequências de sua escolha. No fundo, eu sabia que você iria sofrer, mesmo entendendo as suas razões.

— Eu não tive escolha, mãe. Prefiro me sacrificar ao ver uma família inteira prejudicada por minha causa — digo limpando as lágrimas. — Você imaginou o que poderia ter acontecido comigo, com Greg ou até mesmo com Thales? Mãe, eu evitei uma tragédia e assumi sozinha todos os riscos. Eu salvei uma família e sacrifiquei a minha vida e isso não tem volta. Agora o que me resta é criar minha filhinha com amor e tentar seguir adiante. Somente eu e ela, do mesmo jeito que você me criou.

— Filha, você sabe como foi difícil para eu te criar sozinha. Eu sempre fiz o papel de sua mãe e de seu pai. Ah Lorena, esse não é o futuro que eu sonhei para você — desabafa com pesar.

— Eu sei, mas foi o que eu escolhi. Mãe, eu não mereço a piedade, tampouco o perdão de ninguém. Sou uma traidora que carrega em seu ventre um filho gerado no pecado. Às vezes eu acho que eu mereço toda essa dor e solidão que tenho vivido — afirmo sentindo uma profunda dor em meu peito.

— Não se deprecie assim, minha filha. A vida tem um jeito estranho de mostrar as coisas para gente, mas muitas vezes somos nós que escolhemos sofrer. — Sorri ternamente. — Venha, vamos entrar que eu vou preparar um *spaghetti* com molho branco e frango grelhado para o jantar. Seu avô nos espera. — Ela me beija a testa e, abraçadas, deixamos a varanda.

Dez meses depois...

— Vem com a dinda, meu amor — diz Rosana, ao pegar Angelina em seus braços. Ela a beija com carinho enquanto a minha linda menininha de olhos azuis tenta puxar os brincos que a minha amiga usa. — Como ela está linda e grande, Lorena. Nem parece um bebê que nasceu prematuro e já tem nove meses. — Sorri e volta a brincar com a pequena.

— Sim, ela está bem grande e esperta. — Sorrio orgulhosa.

— Angelina é um bebê muito diferente dos demais que eu conheço. Ela é calma, muito alegre e transpira vida e esperança. Tem os seus olhos, porém o sorriso é do... — Ela interrompe a frase e me olha por um momento. E, percebendo o meu desconforto ela muda de assunto — Eu trouxe um projeto novo para você e vim buscar o que você me avisou que está pronto.

— Oh, sim. Eu já volto. — Saio em direção ao meu escritório improvisado em um dos quartos de hóspedes, pego o projeto e retorno à sala. — Está aqui. Eu acho que ficou muito bom. — Eu lhe entrego a pasta de documentos.

— Obrigada. Ah, eu trouxe a sua comissão. — Ela deixa um envelope sobre a mesa de centro e volta à atenção para Angelina que está pronunciando sons ilegíveis em seu colo.

— Oi, Rosana. — Cumprimenta mamãe chegando ao ambiente. — Tudo bem com você e com Celso? Como passaram o Natal?

— Oi, Dona Isis. Sim, estamos muito bem. Passamos o Natal na companhia de minha família e também da família de Celso. — Ela sorri e olha para a minha filhinha. — Estou fascinada com a Angelina, pois cada vez que venho aqui ela está mais linda e encantadora.

— Ela se parece muito com a mãe quando tinha essa idade. Lorena era bem assim, só que o cabelo era mais claro do que os de Angelina. — A minha pequena começa a fazer manha e minha se antecipa. — Deixe-me levar a minha neta para comer a sua papinha de banana. — Mamãe sai com Angelina nos braços e eu e Rosana

nos sentamos no sofá. Percebo que ela me olha impaciente. Rosana tem algo a me dizer, eu sinto isso.

— Você tem notícias de Thales? Como está a família Fisher? — pergunto quebrando o silêncio.

— Eles estão bem. Greta está muito bem e até parou com os medicamentos e Thales está namorando uma filha de um industrial. Para você ver, Lorena, Thales não anulou a vida dele por sua causa, pelo contrário, ele se refez rapidinho depois de tudo que aconteceu — diz em tom sério me encarando.

— Você está me criticando, Rosana? — indago sentindo um desconforto por ela remexer o passado.

— Não, eu não estou. Eu estou falando somente aquilo que é evidente e sempre foi. Você sabe que eu sempre fui contra essa sua ideia suicida de mentir para Greg e deixá-lo partir para a Inglaterra. — Ela pronuncia o nome dele e meu coração para por um instante. — Lorena, eu não posso aceitar mais que você continue escondendo de Greg que ele tem uma filha — diz, soltando o verbo como de costume. — Ela é filha dele. Pelo amor de Deus! Greg tem o direito de saber que é pai e a Angelina tem o direito de ter um pai presente. Ou você quer para a sua filha o mesmo destino que você teve? — esbraveja e se levanta abruptamente caminhando até a janela, onde, inquieta, se detém em observar o dia lá fora.

As suas palavras entram em minha mente e bagunçam o meu cérebro, me deixando com remorso e me trazendo lembranças de todos os tipos. Rosana tem razão em me crucificar. Não posso deixar a minha pequenina pagar por algo que ela não deve. Sou eu quem deve pagar. Embora eu pense que já tenha pagado boa parte de tudo que eu devo perante Deus e o Diabo.

— Não sei o porquê você está me dizendo isso, pois você sempre soube a minha posição, desde o início, e me apoiou diante de minha decisão. Por que agora você está dizendo essas coisas e

trazendo memórias que eu já enterrei? — Eu me levanto e ela se vira para me fitar.

— Lorena, como você mente mal. Diga para mim que você enterrou seu amor pelo Greg. Vamos, quero ouvir isso de sua boca. — Exige, cruzando os braços sobre o busto.

A sua pergunta é como um punhal entrando em minha carne e remexendo as feridas que nunca cicatrizam, fazendo doer ainda mais. Levo uma das mãos à testa e busco ar nos pulmões, tentando controlar o emaranhado de sentimentos que se forma dentro de mim.

— Isso não importa mais. Greg de-deve estar... Ele deve t-ter... — Gaguejo atordoada, pois só de imaginar que ele tenha feito a vida ao lado de alguém, meu coração se comprime, aflito.

— Greg não tem ninguém, Lorena! Aliás, ele não tem mais família, ou você se esqueceu disso também? Somente a Lavínia mantém contato mais frequente com ele, por que o restante... O restante quase que o ignora. — Suas palavras me ferem brutalmente. A família de Greg praticamente virou as costas para ele, mesmo sabendo que na época ele fez o que tinha que ser feito. Greg salvou a mim, ao Thales e a si próprio de uma tragédia e somente a sua irmã caçula reconheceu e apoiou seu ato heroico. — Agora me responda o que eu lhe perguntei e não fuja novamente de minha resposta — diz impaciente.

— Eu nunca deixei de amá-lo. Greg sempre foi e será o meu único e verdadeiro amor. — Minha voz sai embargada e eu controlo as emoções que afloram em meu peito. — Você acha que é fácil eu olhar para Angelina todos os dias? É como se eu estivesse vendo o sorriso dele nos lábios dela. É um pedaço que eu tenho dele... Aliás, é o único que me sobrou — afirmo enquanto as lágrimas descem e eu tento limpá-las sem sucesso. — Não deixei de pensar nele nenhum dia, pelo contrário, cada dia eu penso mais e mais e mais. É desolador olhar para os lados e... perceber que a pessoa que você ama tanto, não está mais ali. Mas o pior de tudo é olhar para meu

reflexo no espelho e saber que... eu fui a culpada por isso. — Balanço a cabeça de um lado para o outro e percebo que Rosana está inerte, apenas me fitando com os olhos cheios de água. — Infelizmente, Greg nunca irá me perdoar, Rosana. Nunca! Eu o feri demais! — Ela vem até mim e me segura pelos ombros.

— Não diga isso! Você precisa conversar com Greg, afinal já se passou mais de um ano desde que ele foi embora. Thales está refazendo a vida e está melhor. Você não deve ficar se culpando mais pelo ocorrido. Não se autoflagele, Lorena, por favor! Diga para mim que você está disposta em falar com Greg. Diga! — suplica me fitando.

— Rosana... Eu não sei se posso. — Seco as lágrimas e ela me solta cautelosamente.

— Você estaria disposta a falar com ele? — pergunta esperançosa.

— Talvez... Um dia eu tomo coragem e ligo para ele — respondo para tentar.com o assunto.

— E se você tivesse a chance de fazer isso logo. Tipo... amanhã? — Ela insiste. Pisco os olhos sem entender aonde Rosana quer chegar com essa pergunta. É claro que eu não irei ligar para Greg assim... abruptamente. Preciso tirar forças para fazer isso e se fizer, não sei quando acontecerá.

— Rosana, eu pensarei sobre isso. Juro a você que pensarei — respondo e ela volta a insistir.

— Amanhã? — Sugere sorrindo.

— Não, eu preciso de mais tempo — digo pensativa.

— Ah, quer saber eu não sou boa com essas coisas de suspenses e teatros. Eu sou daquelas pessoas que gosta de dizer as coisas sem rodeios. — declara respirando o ar dos pulmões. — Greg está aqui.

Greg está no Brasil?! Estremeço enquanto meu coração salta, batendo descompassado em meu peito. Emoções antigas se fazem presente e me invadem á medida que cresce a minha ansiedade, transbordando de dentro para fora. Greg voltou para o Brasil! Mas por quê?

— Greg está no Brasil? Meu Deus! — sussurro, engolindo em seco.

— Bem, especificamente... aqui, na cidade, em um hotel com Celso — declara sorrindo e o ar me falta.

— O quê?! — Pergunto em um sussurro, me sentando novamente ao sofá da sala de estar para não cair. Não sinto mais as minhas pernas e minhas mãos se tornam geladas como o Polo Norte. Preciso de ar, de água, de luz. Subitamente, me vem à mente que ele já possa estar sabendo da existência de Angelina. Senhor! Será que Rosana já lhe disse sobre a sua filha?

— Rosana, o Greg sabe... sobre a Angelina? — indago aflita.

— Não! Lorena, pelo amor de Deus, até parece que você não me conhece. Cabe a vocês resolverem isso e não a mim. — Responde sentando-se à minha frente. — Então, posso dizer a ele que você irá recebê-lo amanhã? Que tal às duas horas da tarde. — Sugere animada.

Completamente imersa em diversas emoções, eu me levanto outra vez e começo a caminhar de um lado para o outro. Não sei se estou preparada para vê-lo novamente. Meu coração diz que sim, mas a minha cabeça está confusa demais.

Merda! Rosana tem razão! Thales já está refazendo a vida dele enquanto eu ainda estou me punindo pelo ocorrido. Talvez eu deva falar com Greg logo. Todavia uma pergunta paira em minha mente: Greg me perdoaria? Embora ele não me perdoe, ele tem direito de saber sobre sua filha.

— Ok, você pode dizer a ele que eu o receberei amanhã, no horário que você propôs — respondo por fim e sinto a ansiedade emergir dentro de mim.

— Lorena, o que você está fazendo é o correto. — Sorri aliviada e olha no relógio de pulso — Bem, eu preciso ir, pois eu e Celso temos que voltar ainda hoje para casa.

— Rosana, você tinha tudo planejado, não? — Pergunto desconfiada enquanto a acompanho até a porta.

— Nem tudo, maninha, nem tudo. — Ela me abraça. — Eu estarei torcendo para que tudo dê certo entre vocês, pelo bem de uma família, que é isso que você, Greg e a minha pequenina merecem ter. Se cuide e dê um abraço em Heitor e em Isis por mim e um beijo bem carinhoso para a minha amada afilhada.

— Obrigada, Rosana. Você é como uma irmã para mim. — Sorrio agradecida. — Eu espero que ao menos Greg aceite a Angelina como sua filha, porque eu não estou esperando que ele me perdoe pelo que eu fiz.

— Lorena, eu ficarei torcendo para que vocês se entendam. Greg é um homem íntegro e muito generoso — declara sorrindo. — A gente se vê em breve. — Dá dois beijinhos em meu rosto e sai me deixando imersa em pensamentos.

O dia chega e com ele a ansiedade que me consome por inteira. A tensão que me envolve é tanta que eu não dormi quase nada a noite passada. Relembrei cada momento que compartilhei junto com Greg e os sentimentos vieram intensos, profundos, apaixonados. A insônia se fez presente e eu aproveitei para refletir sobre como contar-lhe a verdade sem machucá-lo ainda mais. Eu não sei se ele entenderá as razões pelas quais eu agi daquela forma, tampouco se irá me perdoar. Porém ele precisa saber da existência da Angelina.

Relato o fato para mamãe e para Heitor e ambos ficam felizes, mas ao mesmo tempo temerosos, assim como eu. Mamãe me diz que essa foi a melhor atitude que eu tomei, pois como Rosana mesmo havia me falado no dia anterior, eu não posso mais me procrastinar esse assunto.

Com o intuito de nos deixar conversar com privacidade, mamãe está na varanda dos fundos com o vovô cuidando da minha pequena, enquanto eu espero por Greg, inquieta, caminhando de um lado para o outro na sala.

Para dar um pouco de ânimo, eu optei por usar um vestido leve de seda floral até a altura dos joelhos. Fiz uma maquiagem rápida com a intenção de disfarçar a minha palidez e as olheiras que pairam abaixo de meus olhos. Afinal, eu quero demonstrar a ele que eu estou bem na medida do possível.

Subitamente eu ouço o conhecido ronco do motor do carro e meu coração vem parar em minha boca. É Greg que chega. Instantes depois uma leve batidinha na porta da frente ecoa em meus ouvidos, fazendo aflorar todas as minhas emoções. *Ele está aqui!*

Com as pernas trêmulas eu caminho até a entrada e abro a porta. Minha respiração se torna irregular e sinto meu corpo inteiro convulsionar, quando me deparo com ele diante de mim. Greg está lindo usando calça jeans e camisa polo verde escura. Alguns fios de seus cabelos castanhos lhe caem sobre a testa e os olhos cor de mel estão fixos nos meus. Permanecemos por um breve momento apenas nos fitando com saudade sem nada dizer. Vejo em seus olhos a mesma chama de desejo e amor que outrora existia. Viva, forte, pulsante. E neste instante, nasce em meu peito um fio de esperanças de tê-lo de volta.

— Olá! Eu... posso entrar? — pergunta quebrando o silêncio.

— Si-Sim, por favor — gaguejo tomada pela emoção, abrindo passagem para que ele entre. O seu cheiro costumeiro invade as

minhas narinas, bagunçando o meu cérebro e despertando mil sensações adormecidas. — Por favor, sente-se. — Eu lhe aponto o sofá e ele se acomoda em uma poltrona, enquanto eu me sento a outra a sua frente. Greg mantém o seu olhar em mim e percebo que ele está um pouco nervoso. — Você gostaria de um café, um suco ou uma água? — Pergunto, entrelaçando meus dedos no colo, pois a tensão que sinto é imensa e se mistura com amor e saudade.

— Não, obrigado — responde me fitando e um silêncio se forma entre nós. Eu nem acredito que estou vendo-o em minha frente. Parece um sonho e não uma realidade. — Lorena, eu achei que você estivesse morando em Montreal — declara e eu gelo. Oh, meu Deus! Eu havia me esquecido desse pequeno detalhe de meu plano mirabolante de fuga teatral. E Agora? Como eu me sairei dessa?

— Eu não estou — digo engolindo em seco.

— Eu estou vendo. — Ele me olha especulativamente. — Eu te procurei no Canadá. Não falei com a sua madrinha porque eu não a achei em casa. Ester estava viajando em um congresso em Nova York. Lorena, eu fiquei por quatro dias vigiando a casa dela para ver se eu te encontrava. Foi muito frustrante saber que você não estava lá e sim aqui, no Brasil.

— Greg, eu tenho que te explicar muita coisa — sussurro, angustiada.

— Sim, eu acho que você tem. — concorda sucinto me fitando.

Eu me levanto e me distancio para fugir de seus olhos sobre mim. Chegou a hora de lhe dizer toda a verdade. Chega de falsidades e de dissimulações. Eu não tenho mais o que perder e nem tenho mais motivos para me esconder. Rosana tem razão, eu preciso acabar com essa rede de mentiras logo de uma vez.

— Greg, eu fui a culpada por tudo que houve. — Começo, ainda sem olhá-lo. — Eu não deveria ter me casado com o seu irmão se eu não sabia ao certo o que eu sentia por ele. Nunca foi a minha intenção enganar ao Thales e tampouco mentir para você. Mas, eu

não tive escolha. Ou eu fazia o que era certo naquela época, ou algo trágico aconteceria em sua família ou na minha. — E quando me viro para fitá-lo, eu o encontro de pé, próximo a mim.

— Você não foi a única culpada, Lorena. Eu tive mais culpa que você. Porque eu cobicei algo que não era meu. Eu quis algo que não me pertencia. *Eu quis você!* — declara cheio de emoção.

— Sim, mas isso é passado — digo dando um passo para o lado, fugindo de seu olhar abrasador. O calor que emana de sua pele está me deixando aos poucos fora de órbita. — Mas hoje com certeza você refez a sua vida em Londres — sussurro com dor no peito.

— Como eu irei refazer a minha vida se quando eu fui embora eu a deixei aqui no Brasil? — Ele se aproxima novamente e me deixa encurralada perto da parede de concreto.

— Greg, perdoe-me... — falo em um fio de voz com a respiração descompassada.

— Lorena, você tem ideia do quanto eu sofri esse tempo todo, sozinho em Londres? Eu apenas assistia meus dias passarem um após o outro. Não tenho perspectiva, não tenho mais pelo que lutar. Nem família, nem amor, nem... filho algum. Minha vida está vazia sem você. — Afirma com os olhos fixos nos meus. — Eu não deixei de pensar em você nem um dia sequer e, quando eu dormia, eu sonhava contigo. Todas as noites.

Sinto o sangue bombear freneticamente em direção ao meu coração que parece que vai explodir de tanto amor e saudade. Ele sofreu assim como eu e sentiu a minha falta tanto quanto eu senti a dele. Mas será que isso é o bastante para que Greg me perdoe? Será que o nosso amor é o bastante para um ato tão nobre como o perdão?

— Greg, por favor, perdoe-me pelo que eu te fiz. Eu sofri tanto quanto você. acredite! A minha vida sem você foi o mesmo que padecer no purgatório. Apenas duas razões me mantiveram viva até

hoje e uma delas é... o amor que sinto por você — declaro com o peito explodindo de tanto sentimento.

— Mas, a última vez que nos vimos você disse que não me amava mais e que me queria fora de sua vida. — Ele está magoado comigo e isso me fere por dentro.

— Sim, eu disse. Greg, eu falei muitas coisas que não são verdadeiras e eu fiz isso pensando em protegê-lo e em preservar as nossas vidas: a minha, a sua, a de Thales e a de Greta. Enfim, eu fiz isso pensando em todos os envolvidos direta ou indiretamente na história. Porém, o amor que sinto por você não tem fim. Nunca terá! — afirmo convicta.

Greg se aproxima e seus olhos repletos de sentimento fitam os meus. E, muito lentamente, a sua mão roça o meu rosto fazendo-me estremecer o corpo inteiro. O toque dele em minha pele é algo surreal, é como se ele estivesse me tocando pela primeira vez. Entorpecida de amor, eu fecho os olhos para saboreá-lo em mim. Estou temporariamente desconectada com a realidade ao redor, que nada mais importa para mim a não ser ele.

— Ah, meu anjo. Meu lindo anjo de olhos azuis da cor do mar. Eu te amo tanto! — declara passeando as suas mãos em minha face, como se quisesse constatar que sou real.

E segurando meu rosto em suas mãos, Greg me beija com intensidade. O beijo é carregado de amor e saudade reprimidos ao longo desse tempo que estivemos separados. Entrelaço meus braços ao redor de seu pescoço e ele me puxa pela cintura, unindo meu corpo ao seu. Como sonhei com esse momento, com esse beijo, com o nosso reencontro. Eu esperei tanto para estar em seus braços outra vez que agora chega a doer em mim.

Meu cérebro manda um alerta ao meu subconsciente anestesiado pela paixão e eu me afasto com cautela. Eu ainda não contei toda a verdade para ele e falta a parte mais importante dessa história toda. Greg precisa saber sobre a Angelina.

— Greg, ainda falta eu lhe dizer uma coisa, a mais importante de todas — digo ofegante.

— O que é, Lorena? — pergunta beijando os meus lábios rapidamente.

— Espere aqui. Eu já volto. — Sorrio para ele que assente com a cabeça.

Eu saio em direção á varanda e explico rapidamente a situação à mamãe e ao vovô. Seguro a minha pequenina nos braços e retorno à sala. Quando Greg me vê com a Angelina, ele fica estático e seus olhos se arregalam.

— Greg, essa é a razão mais importante que me manteve viva até hoje, além do amor que eu sinto por você. Eu quero que você conheça Angelina, nossa filha — digo esperando a sua reação.

— O quê?! — sussurra incrédulo, enquanto seus olhos se enchem de água.

Capítulo 23

Anjos realmente existem! — **Greg**

Como Lorena teve a coragem de mentir para mim? Embora eu tenha duvidado de sua palavra, mesmo assim ela não tinha o direito de me esconder essa criança. Um turbilhão de emoções invade meu peito. Amor, raiva, saudade e dor se misturam em meu coração. O chão trepida abaixo de meus pés e meu corpo inteiro convulsiona diante do pequeno ser de lindos e profundos olhos azuis, que me olha e sorri. *Um anjo nascido de outro anjo!*

Sofri tanto esse tempo todo pensando na linda família que o destino havia me negado e agora ela resurge como um presente de Deus na minha vida, que estava oca e sem sentido. Eu tenho uma filha, uma linda bonequinha de pele branca como a mãe e cabelos cor de mel. O ar se foi e eu não respiro direito. Apoio-me na cômoda para não cair ao chão enquanto um suor frio brota em minha testa.

— Lorena... Como... — sussurro, ofegante, completamente incrédulo. — Como você... pode escondê-la de mim? — Por fim, eu não aguento o peso de meu corpo e sento-me no sofá. Estou tonto e minha visão começa a ficar embaçada devido às lágrimas que surgem em meus olhos.

— Greg, eu sei que o que eu fiz é imperdoável — fala com voz embargada. — Não sei se algum dia você me perdoará, mas pelo menos... aceite a Angelina como sua filha. Ela precisa de um pai. Eu não tive um carinho de pai em minha vida. Nem mesmo sei quem

ele é. — Seus olhos se enchem de água e ela treme os lábios contendo a emoção. — Eu não quero que a minha pequenina... que a *nossa* filha tenha o mesmo destino que eu tive. — *Santo Deus! Nossa filha?!*

— Eu... preciso de ar. — falo com dificuldade, sufocado, com o peito explodindo.

— Você está bem? — pergunta se aproximando com o pequeno anjo que me olha com os dedinhos na boca.

É uma bonequinha linda, uma dádiva divina que sorri para mim e parece que sabe quem eu sou. A pequenina sabe que eu sou seu pai. *Eu sou pai de Angelina. E, como um flashback, a noite que tivemos depois de nossa reconciliação, no Princesa Isabel, é reprisada em minha mente. Pisco tentando encontrar a minha consciência perdida e o mundo gira ao meu redor. Por que Lorena colocou o nome de Angelina no bebê? Será que ela ficou grávida na noite que nos reconciliamos? Engulo em seco e o que eu mais desejo neste momento é ter a minha filha em meus braços. A minha linda menininha de olhos da cor do céu.*

— Eu posso... Posso pegá-la? — indago ansioso.

— Sim, pode. — Ela dá dois passos e o anjinho é colocado em meus braços.

A sensação que sinto é indescritível. Nada no mundo se compara a esse momento. Nunca senti algo assim. É algo que transcende o amor. E, as lágrimas que até agora estavam presas, descem molhando meu rosto. Angelina segura meu polegar com a sua mãozinha delicada e sons indecifráveis saem de sua boca. Ela continua sorrindo alegremente, enquanto eu tento secar as lágrimas com a outra mão.

— Oi Angelina, eu sou seu... papai — declaro, tomado pela forte emoção.

Lorena se senta sobre a mesa de centro a minha frente e lágrimas lhe banham a face. Ela está tão emocionada quanto eu. Um lindo e torturante silêncio paira no ar e eu não sei exatamente o que dizer ou até mesmo o que pensar. Como eu posso negar-lhe o perdão? Lorena me feriu muito! Mas, agora, estando aqui diante dela e de minha filhinha, é como o sonho tivesse se tornado real e, tudo aquilo que eu pedi a Deus durante esse tempo que tivemos separados, é dado a mim em dobro.

— Angelina gostou de você. — Ela esboça um sorriso melancólico, secando as lágrimas com a palma das mãos. — Greg, eu te machuquei profundamente. Eu nunca me perdoarei por isso, pois eu sofri tanto quanto você ou até pior. Eu tive uma gravidez muito difícil e a Angelina nasceu prematura — diz e um nó se forma em minha garganta. Ela passou por tudo isso sem a minha presença! — Mas eu tive as minhas razões e, na época, não havia saída para a gente. Eu sinto muito!

— Lorena, você agiu errado e eu também agi. Não sei qual de nós dois perdeu mais ou ganhou mais nessa história. — Afirmando, enquanto Angelina põe o meu dedo polegar em sua boca, sugando como se ele fosse uma chupeta. Meus olhos brilham de amor apreciando a cena.

— Se você não me perdoar eu entenderei — fala respirando com dificuldade. — Mas, por favor, eu te peço, não dê as costas para a Angelina. — Ergo meu rosto e nossos olhos se encontram, apaixonados e aflitos.

— Eu nunca farei isso. — Afirmando convicto. — Lorena, eu acho que a Angelina está com fome — falo sentindo as sucções em meu dedo aumentar consideravelmente.

— Oh, eu vou levá-la para a minha mãe dar-lhe a papinha de maçã — diz levantando-se. Porém, antes de Angelina ir para os braços de sua mãe, eu lhe beijo a testa com amor. Eu coloco a minha filhinha no colo de Lorena que abre um sorriso meigo.

Ela sai até a varanda e instantes depois retorna. Com o olhar aflito e ansioso, Lorena se acomoda a poltrona á minha frente, mordendo o lábio inferior apreensiva, enquanto eu passo as mãos pelo cabelo e busco ar nos pulmões. As fortes emoções que acabo de presenciar mexeram imensuravelmente comigo, deixando-me inquieto e preocupado.

— Você comentou que teve uma gestação complicada. O que aconteceu exatamente? — pergunto com o coração aflito.

— Bem, eu quase perdi de verdade a nossa filha por duas vezes. Ela nasceu com sete meses e de cesariana — responde e eu prendo a respiração.

— E por que você quase perdeu a nossa filha? — Continuo as minhas indagações enquanto Lorena pensa por um momento.

— Tristeza por não tê-lo comigo — diz abaixando os olhos.

Meu coração se comprime dentro do peito só de imaginar os momentos difíceis pelos quais ela passou sem eu estar ao seu lado. Ambos sofremos, abdicamos tanta coisa e sacrificamos as nossas vidas assim como o nosso amor em nome de terceiros. Pouparamos vidas alheias e não pensamos na nossa própria felicidade. Um ano e meio perdido, assolado pela desolação e pela dor.

— É torturante demais esperar por uma resposta sua — fala rompendo o silêncio. — Não precisa me perdoar, Greg, somente aceite a Angelina. — Eu me levanto e, cautelosamente, me aproximo dela. Nunca estive tão nervoso e emocionado em toda a minha vida. Com as mãos um pouco trêmulas, eu a seguro pelos ombros e a coloco de pé.

— Lorena — Eu começo tentando controlar os sentimentos, mas é impossível, pois eu tremo por inteiro. —, não precisa mais pedir para eu te perdoar, pois eu já te perdoei quando eu cruzei por aquela porta. Eu não sei mais viver longe de você e de Angelina também — declaro com amor.

— Greg, você está me perdendo? — indaga como se não acreditasse no que acaba de ouvir.

— Sim, porém eu só tenho um pedido a fazer — digo com sinceridade.

— Sim. O que você quiser! — exclama com os olhos brilhantes.

— Nunca mais deixe nada nem ninguém nos separar. Porque eu não irei aguentar viver sem você e sem a nossa filha. Eu prefiro a morte se isso acontecer. — As lágrimas descem outra vez pela sua face, enquanto seus olhos estão presos aos meus, repletos de amor e saudade.

— Eu prometo a você que não deixarei que isso aconteça novamente, pois a minha vida só tem sentido se eu estiver ao seu lado e com a nossa filha. Eu nunca deixei de te amar, Greg. Eu te amo para sempre! — afirma apaixonada.

— Eu também te amo, meu anjo! — exclamo puxando-a de encontro a mim e a beijando com volúpia. Lorena envolve seus braços ao redor de meu pescoço e entrelaça seus dedos em meu cabelo. O beijo se aprofunda e ela geme em minha boca. — Lorena, — Eu me afasto com dificuldade, buscando o ar nos pulmões. —, vamos nos controlar. Sua mãe ou o seu avô podem chegar aqui e eu não quero causar uma má impressão.

— Sim, você tem razão. — concorda ofegante.

— Eu quero que passe a noite comigo no hotel. Não aguento mais ficar longe de você. Porém, antes disso, eu preciso falar com sua família e também eu quero ter a minha filhinha mais uma vez em meus braços. — Sorrio, cheio de felicidade.

Minutos depois, eu explico toda história à dona Isis e ao seu Heitor. Relato a eles tudo o que aconteceu entre mim e Lorena desde o início, pois eu quero formar uma família com ela e a nossa pequena Angelina, que permanece em meus braços o tempo todo. A família de Lorena compreende a situação e concorda que o melhor

para nós dois é ficarmos juntos, não importando as possíveis consequências que ainda podem advir. Segundo o avô dela, o amor sempre vence no final. E seu Heitor tem razão!

À noite eu levo Lorena para um jantar romântico regado a vinho e boa comida. Comprei-lhe um ramallete de rosas vermelhas porque eu sei que ela gosta de flores e, também, porque eu quero que ela se sinta amada, como ela é realmente.

Jantamos no restaurante do hotel como um casal apaixonado, nos fitando profundamente e trocando juras de amor através do olhar. Lorena está usando o anel que eu lhe dei, em nossa viagem na serra, o que me deixa extremamente feliz e realizado. Confesso que tenho que me controlar ao máximo para não correr com o jantar, pois o desejo de fazer amor com a minha amada aumenta a cada segundo.

Quero pedi-la em casamento de uma forma apaixonada e que fique guardada para sempre em nossa memória. Preparei-lhe uma surpresa com a ajuda de Rosana e de Celso, que me auxiliaram por telefone. Aliás, a ideia da decoração foi sugerida por Rosana, que está muito feliz com a nossa reconciliação.

Após o jantar eu levo Lorena para o quarto de hotel com a finalidade de mostrar-lhe o que eu havia planejado com tanto zelo. Ansioso para saber qual será a sua reação diante da surpresa, eu abro a porta e os olhos de minha amada brilham como luzes incandescentes, iluminando seu rosto.

O som está ligado e a canção de *Caetano Veloso, Você é linda*, ecoa baixinho no ambiente que está repleto por flores e por algumas velas aromatizantes, deixando a atmosfera sensual e romântica. Ao chão, em frente à cama, há um coração feito com rosas e dentro dele está escrito com pétalas vermelhas a seguinte frase:

"Você aceita se casar comigo?"

Emocionada, ela leva a mão à boca enquanto seus olhos se mantêm estáticos diante da linda cena que vê. Ela respira fundo e se vira para me fitar com amor.

— E então, meu anjo, você aceita o meu pedido? — pergunto inquieto, tomado de sentimento.

— Sim! Sim! Sim! — responde pulando em meus braços e me beijando com doçura.

Neste instante, eu me esqueço de toda a dor pela qual passamos e a tomo em meus braços. Sem separar as nossas bocas nem um segundo, eu a deito sobre os lençóis. Com urgência nos despimos um ao outro. Lorena tira a minha camisa, enquanto eu tiro o seu vestido.

Estamos nus sobre a cama. Somos agora fogo e desejo que ardem consumidos pelo amor e pela paixão sem medidas. Nunca pensei que pudesse sentir tanto a falta do seu cheiro, do seu gosto, da sensação de vida que ela exala pelos poros.

— Lorena, você não tem ideia da saudade que eu senti de você! — declaro, mordendo sua orelha, descendo até seu pescoço onde distribuo beijos carinhosos.

— Greg, eu pensava em você vinte e quatro horas por dia — sussurra me puxando para colar com urgência seus lábios aos meus. Eu derramo neste beijo todo o sofrimento e dor que senti ao longo desse tempo em que estivemos separados.

— Lorena, você não está fazendo uso de algum anticoncepcional, não é? — Ela pisca e balança a cabeça negativamente. — Bem, então eu terei que usar um preservativo. Afinal, não queremos ter outro bebê. Não agora. — Sorrio, abro o criado mudo e pego um pacote de camisinhas. Rasgo a embalagem e deslizo-o sobre minha ereção.

Volto para ela sôfrego, acariciando seus seios, levando-os à boca e sugando com vontade. Faço círculos com a língua e mordico-os de leve, me deliciando em sua pele branca e sedosa. Lorena arqueia o corpo para cima e joga a cabeça para trás, soltando gemidos de prazer. Desço beijando sua barriga e logo mais abaixo o seu ventre.

— Greg, eu quero senti-lo! — choraminga serpenteando sobre a cama.

— Eu também estou louco para estar dentro de você, anjo — respondo, beijando as suas coxas, torturando-a um pouco mais.

Deslizo os lábios em sua pele macia e delicada e encontro seus olhos carregados de paixão. Aperto-a com vontade contra meu corpo e deslizo minha mão em sua boceta quente. Massageio seu clitóris duro e sinto a sua abertura encharcada, pronta para mim.

— Ohhh, Greg! Eu quero você e não os seus dedos — protesta chorosa.

— Humm... Como é bom sentir a sua bocetinha pronta para mim. Só para mim! — digo abrindo as suas pernas e me aconchegando entre elas. E, com os olhos presos aos meus, eu entro nela.

Lorena arfa e entrelaça suas mãos em meu cabelo, saboreando a plenitude que nos envolve. Ela começa a se mover junto comigo num ritmo quente e doce. Para frente e para trás. Cronologicamente. Eu a puxo pelos quadris, permanecendo imóvel por alguns segundos, preenchendo-a, e então volto a movimentar-me outra vez. Ela geme alto e arranha inconscientemente as minhas costelas, me deixando cada vez mais louco.

— Ahhh, Greg! Não irei aguentar por muito tempo — avisa e sinto sua boceta começar a comprimir o meu pau pouco a pouco.

O azul de seus olhos parecem mais profundo e cintilante que o habitual. E, hipnotizado pelo seu olhar azulado eu volto a beijar-lhe

com amor, enroscando nossas línguas. Eu começo a me mover mais rápido e implacável em seu interior enquanto saboreio os seus lábios de mel

— Goze, para mim, anjo — exijo ofegante em seu ouvido.

Lorena explode lindamente, gemendo apaixonada, trepidando em meus braços e agarrando o lençol. Dou mais três estocadas e me derramo intensamente dentro dela. O orgasmo vem violento e as emoções transbordam dentro de mim, em uma felicidade nunca antes imaginada.

Depois que fizemos amor pela terceira vez, Lorena me explica o que a fez tomar a drástica e impensada atitude há um ano e meio atrás. Eu escuto tudo atentamente e no fim o único sentimento que eu tenho mais uma vez é o de piedade, por mim, por ela e por Thales, que na época, estava doente e totalmente fora de controle.

Contudo, ele se recuperou em menos tempo do que eu, pois o meu irmão dispõe daquilo que eu não tenho, que é a nossa família ao seu lado. Diante dos fatos, eu constato que Thales não amava Lorena tanto quanto dizia. Ou talvez o sentimento que ele possuía em relação a ela era o de posse e não de amor. Bem, agora nada disso mais importa, porque o que realmente faz sentido é que eu tenho a minha família junto a mim, que são Lorena e Angelina.

O ar do campo é algo refrescante, e junto com o aroma de café que a dona Isis acaba de passar, se torna ainda mais agradável. Estamos ainda todos sentados ao redor da mesa da sala de jantar e Angelina brinca com meus dedos, emitindo sons em sua língua de bebê. A felicidade que paira ao redor é contagiante. Nunca pensei em minha vida que eu voltaria a me sentir tão vivo como estou agora, ao lado de meus dois anjos amados.

Peço a Dona Isis que segure a minha pequena por um momento, pois eu tenho uma declaração, que desta vez, não pegará somente a minha amada de surpresa, mas também aos demais presentes. Limpo a garganta e me levanto, ficando na extremidade da mesa.

— Pessoal, eu gostaria de fazer um pedido. — Eu tiro uma pequena caixa de veludo vermelho do bolso e os olhos de Lorena, assim como os de Isis e de Heitor brilham encantados. — Com a permissão de dona Isis e de seu Heitor, eu quero pedir a mão em casamento da única mulher que eu amarei, protegerei, confiarei e respeitarei para o resto de minha vida, que é a minha amada Lorena. — A boca de Lorena forma um O e seus olhos se enchem d' água, assim como os olhos de sua mãe e de seu avô.

— Isso é a coisa mais linda que eu ouvi em toda minha vida — fala seu Heitor, abrindo um largo sorriso.

— Greg, que ato mais lindo e digno. Vocês têm a nossa permissão com certeza, não é pai? — pergunta dona Isis lançando um olhar rápido para o pai, que puxa um lenço do bolso da calça para enxugar uma lágrima que cai.

— Oh, mas é claro. A união de vocês já é abençoada por Deus. E Ele já lhes deu o maior presente que se pode dar a um casal que se ama. Deus lhes deu a nossa pequena Angelina — afirma seu Heitor comovido enquanto olha para a minha menininha que sorri com os dedinhos na boca.

— Oh, meu amor, é claro que eu aceito — responde Lorena contendo a forte emoção que a invade.

Com o peito explodindo de felicidade, eu coloco a aliança de ouro em seu dedo anelar direito, ao lado do anel que lhe dei. Agora as coisas estão em seus devidos lugares e muito em breve a farei minha esposa de verdade. A emoção é tão forte que ambos nos olhamos com amor e nos beijamos castamente, devido à presença

de sua mãe e de seu avô. Eles dão uma salva de palmas e Angelina solta uns gritinhos animando ainda mais o dia que está perfeito.

— Dona Isis e seu Heitor eu agradeço sua confiança. E vocês podem ter certeza de que eu farei a Lorena a mulher mais feliz do mundo. — Sorrio, abraçando-a junto a mim. — Ah, e nós lhes daremos mais uns três netos e bisnetos.

— Mais três?! — Surpreende-se Lorena, inclinando o rosto para cima para encontrar meus olhos sorridentes.

— Oh, eu já me sinto feliz se tiver saúde o suficiente para conhecer a metade de meus bisnetos — afirma Heitor, que ultimamente tem estado com a pressão alta fora de controle, mesmo tomando medicamentos.

— E você terá, papai. — Sorri dona Isis, afagando a mão de seu pai com carinho.

— Bem, como eu não posso esperar mais tempo para oficializar a nossa união, eu já marquei a data do nosso casamento — digo e todos me olham mais do que surpresos.

— Sério, Greg? — Lorena arregala os olhos, admirada.

— Sim, meu anjo. E a surpresa maior é que ele acontecerá à beira da praia. Daqui dez dias. — Sorrio animado.

— Oh, meu Deus! — Lorena exclama, levando a mão à boca.

— Que romântico! Parabéns pela escolha e pela surpresa também, Greg. Só não sei se a Lorena terá tempo para ver o vestido — diz dona Isis receosa.

— Oh, não se preocupe em relação a isso. Rosana já está providenciando tudo. Afinal, ela e Celso serão nossas testemunhas, juntamente com o tio Túlio e acredito que também a Lavínia. Eu conversarei com ela e vou contar-lhe toda a verdade, pois nós não temos mais o porquê nos esconder e tampouco esconder a Angelina — falo determinado e volto à atenção para Lorena. — Nós

escondemos demais a nossa felicidade e abdicamos de nosso amor pelos outros no passado. Hoje o que eu mais quero é ser feliz ao seu lado e ao lado de nossa filha. Não importa o que os demais pensem a respeito. — Dou-lhe um beijo amoroso na testa e ouço Angelina resmungar, pedindo colo.

— Vem com a mamãe, meu amor. — Lorena a pega nos braços e se volta para mim. — Greg, como sempre, você nunca se cansa de me fazer surpresas.

— Nunca me cansarei! E farei isso também com o nosso pequeno anjo. Eu irei paparicar as duas a vida inteira e os outros três que estão por vir também. — Abro um sorriso divertido e ela me insulta mostrando a língua.

— Humm, vai deixá-los mal acostumados — fala seu Heitor em tom divertido.

Soltamos uma risada gostosa e nos dirigimos até á varanda. Passamos o resto da tarde embaixo das árvores comendo bolo de coco e tomando suco de acerola. Aproveitamos o tempo para planejar o aniversário de vinte e quatro anos de Lorena juntamente com o *Reveillon*, pois ela aniversaria no último dia do ano.

Neste instante eu percebo que não é preciso muito da vida para ser feliz, pois basta somente eu estar rodeado de pessoas as quais eu amo e que me amem também. Isso é o que realmente importa. E eu sou grato a Deus por ter me dado essa linda e abençoada família.

O grande dia chega e está lindo e ensolarado, porém quente. Observo o mar quebrar na areia e aspiro á brisa que sopra tentando me manter calmo, pois estou muito ansioso aguardando pela chegada da minha noiva.

O espaço que é reservado na praia exclusivamente para o nosso casamento está coberto por um toldo e a decoração, que ficou a cargo de Rosana e de um pessoal que contratei, está maravilhosa. No altar, onde o juiz de paz em breve nos tornará marido e mulher, há um arco de flores de todos os tipos e cores. E, logo mais à frente, há um corredor que está enfeitado também com flores e laços de fitas vermelhas nas extremidades de algumas cadeiras, que agora estão tomadas pelos poucos convidados que comparecem à cerimônia.

A única a representar a minha família é Lavínia que está alegremente acomodada ao lado de dona Isis. Ela paparica a minha pequenina que está no colo da avó e está linda em seu vestido de renda cor de rosa e com uma tiara branca que tem uma flor enfeitando a sua cabecinha. A minha irmã caçula ficou muito surpresa quando eu lhe contei toda a história, mas ao contrário do que eu pensei, ela não me deu as costas. Lavínia veio ao meu casamento escondida de Humberto, de Greta e também de Thales, que segundo relatos dela, ficou muito revoltado quando soube da notícia.

Confesso que eu podia estar plenamente feliz se os demais de meu sangue estivessem marcando presença neste dia tão importante na minha vida. Mas, eu sei que o nosso amor teve o seu preço e tanto eu como a Lorena estamos pagando um valor muito alto por ele. Mas, com certeza, ele vale cada momento difícil, cada lágrima caída, cada abdicação feita.

Como medida de precaução, eu pedi à Lavínia que guardasse segredo sobre a existência de Angelina, uma vez que logo depois de nosso casamento nós nos mudamos definitivamente para Londres. Pois eu ainda receio algum tipo de retaliação de meu irmão contra a minha linda família e neste momento todo o cuidado é pouco.

Logo a minha frente, além de dona Isis e de Lavínia, estão Rosana, Celso, tio Túlio, Eulália, Jaime e Judith que também se faz presente. Todos vestem roupas bem casuais e despojadas, inclusive

eu, que estou de calça e camisa de algodão bege. Optamos pelo estilo típico praiano e os convidados nos seguem. A recepção após as solenidades acontece ao redor da piscina, na casa de Celso e de Rosana, a qual era para ser de Thales e de Lorena.

Inquieto, eu lanço um olhar para o relógio de pulso e observo que Lorena está atrasada. Mas afinal, que graça tem um casamento se a noiva não se atrasar um pouco, não é?

Espero mais alguns minutos e, como em um sonho, ela surge linda, iluminada em um vestido longo de renda branca, sem mangas. Uma coroa de flores silvestres que está presa a um delicado véu enfeita a sua cabeça, deixando seu cabelo loiro ondulado lhe caírem sobre o busto. Lorena toma a minha visão e a minha mente por completo. Seus olhos azuis da cor do mar resplandecem como duas safiras e seu rosto angelical denota toda a emoção que ela sente neste momento.

Ela abre um sorriso doce e meu coração se transforma em uma bola de fogo, prestes a explodir de felicidade. Sonhei tanto com esse dia que pisco os olhos várias vezes para assimilar que ele é real. Enfim, Lorena será minha esposa, como era para ser desde o Carnaval de Veneza. *Ela será minha para sempre!*

Com os olhos presos aos meus, ela caminha lentamente em minha direção, acompanhada por seu Heitor ao som da marcha nupcial, *All I ask of you*, de *Barbara Streisand*. As minhas pernas estremeçam e minha respiração se torna irregular quando seu avô segura a mão dela e a coloca sobre a minha. Trocamos um sorriso apaixonado e nos viramos para o juiz de paz que nos espera.

O momento único de nossas vidas havia chegado e, enquanto o juiz dá início à cerimônia, o meu mundo que outrora estava sem sentido e sem esperança alguma, agora é invadido por fortes emoções, se tornando mais vivo e mais colorido. Ela me fita com o olhar radiante e neste momento eu sei que o que eu ganho é muito mais do que realmente pedi a Deus.

Com a aliança em minha mão, eu me viro para olhá-la nos olhos e dizer-lhe os meus votos de casamento. Passei horas meditando a fim de buscar as palavras certas para esse dia tão especial e finalmente chegou a hora de dizê-los.

— Minha amada Lorena — Começo segurando a sua mão delicada. —, eu prometo amar-lhe, respeitar-lhe, proteger-lhe e confiar-lhe todos os dias de minha vida. Prometo ser teu esposo, amigo, confidente e estar sempre ao seu lado para compartilhar de bons e maus momentos. Bem como ampará-la quando for preciso, nunca deixando que nada lhe falte. Prometo jamais deixar que nem nada e nem ninguém nos distancie um do outro. E, sobretudo, eu entrego o meu amor, o meu único e verdadeiro amor somente a você, para sempre. —Eu coloco a aliança em seu dedo anelar e a torno minha esposa. Lorena abre um sorriso doce que faz meu coração dar um salto mortal de felicidade.

— Meu amado Greg — Agora chegou a sua vez de fazer os votos. —, eu prometo amar-lhe, respeitar-lhe e confiar-lhe cada dia de minha vida. Prometo ser para você uma esposa dedicada, amorosa, compreensiva e estar junto a ti na alegria e na tristeza. Também prometo que nada e nem ninguém irá nos separar, pois o meu coração foi, é e sempre será unicamente seu. Assim, eu prometo lhe entregar o meu singelo, verdadeiro e exclusivo amor para sempre. Para o resto de nossas vidas. — Ela coloca a aliança em meu dedo anelar e meu coração explode de amor.

Fitamo-nos por um breve momento e um milhão de sentimentos nos invade, se espalhando ao redor de nós. Inclino minha cabeça para baixo e lhe dou um beijo casto, porém repleto de amor e carinho. A nossa cena romântica é seguida de uma sonora e calorosa salva de palmas. A emoção se faz presente, pois as mulheres estão chorosas enquanto os homens abrem um largo sorriso de satisfação.

A ansiedade toma conta de mim e eu só penso na noite de núpcias. Não vejo a hora de ter Lorena junto ao meu corpo, beijá-la

por inteira e de fazer amor com a minha amada esposa, assim como curtir a minha filha linda, que logo após a cerimônia, vem para os meus braços. Sorrio para Lorena e ela me devolve o sorriso, enquanto atravessamos a areia em direção a festa que nos espera.

A comemoração transcorre divertida e, apesar de ser uma recepção para poucas pessoas, os que se fazem presentes animam a noite esbanjando alegria e nos desejando felicidades. Contudo, a festa não se prolonga por muito tempo e mesmo antes da meia-noite, eu e a Lorena já estamos no nosso quarto de hotel, tendo a nossa filhinha conosco.

A minha pequena está enjoadinha e não quis sair de perto de sua mãe, o que torna a nossa noite de núpcias atípica, todavia emocionante. Angelina dorme como um anjinho em um berço que trouxemos especialmente para ela. Dou uma última olhada para a minha princesinha e volto até a minha rainha, que me espera na cama em sua camisola rendada.

Com os olhos fixos aos seus, eu escorrego lentamente para cima dela, beijando-lhe os pés e subindo até suas belas coxas. Ela morde o lábio e joga a cabeça para trás, saboreando os meus beijos que agora se concentram em seu ventre.

— Eu já lhe disse que você estava linda vestida de noiva? — Sussurro por entre sua pélvis.

— Sim. Você já disse isso mais de uma vez. — Ela ofega pesado.

— E você está linda com essa camisola de renda também. Pena que terei que tirá-la de você, minha Borboleta Azul. — Declaro baixinho, escorregando as alças da roupa para baixo. Ela fica somente de calcinha rosa e meus olhos cintilam apaixonados.

Beijo os seus seios inchados, mordendo-os de leve, ora um, ora outro. Depois de dar o devido carinho a eles, eu e desço com os lábios beijando-lhe novamente a sua barriga. Afasto a sua calcinha e observo uma fina linha desenhada em seu ventre.

— É da nossa Angelina — declara enquanto eu acaricio a cicatriz quase imperceptível em sua barriga.

Sorrio e distribuo beijos sobre a linha em sua pele. E, só de imaginar que algum dia algo de ruim que possa vir a acontecer com ela ou com a nossa menininha, o meu coração dá um solavanco angustiado em meu peito. Fecho os olhos por um breve momento e afasto o pensamento inquietante para longe. Afinal, nós estamos juntos agora e é isso o que realmente importa.

— Por que escolheu o nome da nossa filha de Angelina? — Pergunto curioso acariciando as suas costas.

— Porque sei que fiquei grávida na noite que fizemos amor no barco. E lembrei-me do título da música de Alex Hepburn. — Sorri docemente, acariciando meu cabelo.

— Eu gostei do nome — afirmo e escorrego sua calcinha por suas pernas. Eu livro de minha cueca e pego um preservativo de cima da cômoda. — Você precisa começar a se prevenir — Aviso, enquanto deslizo o preservativo sobre minha ereção.

— Sim, eu farei isso. — Concordo se contorcendo excitada.

Afasto as suas pernas e me aninho no meio delas. Lorena me puxa pelo cabelo e une as nossas bocas sedentas uma pela outra. O beijo é profundo e carregado de amor e de paixão. E, sem desgrudar a minha boca da sua, elevo uma de suas pernas, segurando firme em sua coxa e a penetro lentamente.

— Eu te amo, Greg! — ela sussurra e as lágrimas brotam em seus olhos.

— Eu também te amo! — digo ao seu ouvido enquanto beijo e mordisco seu pescoço, investindo implacável em seu interior. Lorena

começa a se mover junto comigo, aumentando o ritmo das minhas investidas.

Após meter fundo e rápido várias vezes, a sua boceta começa a apertar o meu pau e pressinto que seu orgasmo se aproxima. Ela crava as unhas nas minhas costas e explode, estremeando o corpo de prazer. Empurro mais duas vezes e chego ao clímax, apertando-a contra mim. Abraçamo-nos e beijamos-nos entregues, livres, vivos.

— Greg, até quando a nossa Angelina será segredo para o resto de sua família? — pergunta ainda ofegante, acomodada em meus braços.

— Eu acredito que para sempre, uma vez que Lavínia prometeu não dizer nada a ninguém. E também não devemos nos preocupar com isso. Em breve partiremos definitivamente para Londres para, talvez, nunca mais retornar ao Brasil — digo determinado a cumprir a minha palavra.

Lorena acomoda a cabeça em meu peito e nossas respirações se estabilizam aos poucos. Enquanto eu beijo seu cabelo e afago seu rosto com carinho, ela acaricia meu tórax. O roteiro de nossa lua de mel me vem á mente e me deixa ansioso. A minha linda e amada Borboleta Azul não faz ideia do que eu planejei com tanto amor e dedicação. E isso será surpresa para ela.

A felicidade invade meu corpo e faz morada em minha alma e, neste momento, eu penso que eu sou o homem mais sortudo do mundo. Contos de fadas existem e eu estou vivendo um, porém o meu é real.

Epílogo

E tudo termina onde começou. — Lorena

Fecho os olhos e respiro fundo para sentir o ar veneziano invadir as minhas narinas. Estou acomodada á gôndola que desliza suave sobre a Lagoa de Veneza e aconchegada aos braços de meu amado marido. Olho ao redor e aprecio a linda paisagem. As casas típicas com suas sacadas floridas á beira da Lagoa dá um charme a mais a bela e antiga cidade rodeada por água.

A lua de mel está sendo perfeita e atípica. Tivemos que trazer a nossa pequena Angelina e também Lavínia, que veio junto para cuidar dela enquanto nós aproveitamos para passear um pouco. Eu não posso estar mais feliz e realizada. Nunca pensei em toda a minha vida que pudesse viver essa felicidade em sua plenitude, ao lado de minha família que eu amo tanto.

Amanhã temos o carnaval veneziano para ir. Os preparativos já estão de vento em poupa ao redor de toda a cidade me despertando do sonho para a realidade ao lado de meu príncipe que foi nomeado rei e esposo mascarado. A expectativa cresce dentro de mim e se expande ao redor. Não vejo a hora de estar curtindo o carnaval junto de Greg, vestida com tradicionais roupas coloridas que se remetem á época medieval e, usando belíssimas máscaras confeccionadas á mão.

— Você está feliz? — indaga Greg me trazendo a realidade.

— Eu sou a pessoa mais feliz que existe neste mundo. Não só hoje como sempre. — Sorrio beijando-lhe rapidamente os lábios. — E você está feliz?

— Felicidade é o meu nome quando estou ao seu lado e ao lado de nossa princesinha. — Greg fala em Angelina e eu rapidamente olho para o relógio de pulso verificando o horário. Já faz quase meia hora que ligamos para a Lavínia e eu estou ansiosa para estar com a minha filha em meus braços e dar-lhe a papinha de fim de tarde.

— Greg, eu acho que devemos voltar para o hotel, pois eu preciso dar de comer a Angelina — falo e ele assente com a cabeça, concordando.

— Sim, meu anjo. Eu já avisei ao gondoleiro para parar no próximo ponto. Em breve estaremos no hotel. Eu também estou com saudades da nossa pequena. — Ele me beija na testa.

Nosso passeio acaba e retornamos ao hotel onde encontramos Lavínia brincando com a Angelina no colo. Ela segura um ursinho não mão e a minha filhinha dá pequenos gritinhos de alegria ao ver o brinquedo de pelúcia.

— Lorena, eu acho que a Angelina está com fome, porque ela não para de chupar o meu dedo e também acho que logo ela terá mais dentinhos. Veja! — Ela mostra o dedo polegar e eu percebo que há leves marquinhas vermelhas nele. — Isso é o resultado das mordidinhas dela. — Lavínia beija a bochecha da minha pequena que logo vem para o meu colo, entrelaçando os dedinhos em meu cabelo.

— Que notícia boa Lavínia! A minha princesinha terá mais dentinhos para morder os dedos da titia, né meu amor? — diz Greg, beijando a testa de Angelina.

— Lavínia, obrigada por cuidar de nossa filha. — Agradeço sorrindo e saio até a mesa de centro para pegar a sua papinha de banana.

— De nada, Lorena. Eu adoro ficar com ela. Angel é um bebê muito amado. — Sorri e, entusiasmada, muda de assunto. — Bem, eu tenho um encontro agora. Vou tomar um banho e me arrumar.

— Espera aí, mocinha. Quero saber quem é esse rapaz! — Greg exige, antes que a irmã caçula deixe a sala.

— Ah Greg, pelo amor de Deus! — Ela revira os olhos. — Ele é inglês, se chama Daniel Clarckson, tem vinte e seis anos, é filho de um empresário de Londres, é gato, lindo, alto, olhos verdes e cabelo castanho. O que mais você quer saber?

Eu contendo um sorriso diante da espontaneidade de Lavínia enquanto percebo que meu marido franze o cenho nada contente. Tentando não deixar a minha querida cunhada sem saída eu intervenho na situação.

— Greg, deixa a Lavínia se divertir um pouco, afinal ela passou quase a tarde toda cuidando da nossa filha. Não há nada demais nisso! — aconselho e ele faz uma careta.

— Bem, desde que você não volte muito tarde e que o seu pretendente seja apresentado a mim... Está tudo bem! — diz ele em tom sério.

— Credo, Greg! Eu tenho vinte e dois anos! — Ela o repreende e abre um sorriso, animada. — Amanhã nós combinamos de almoçar juntos, então eu irei apresentá-lo a vocês. — Lavínia beija o rosto de seu irmão e em seguida o meu, e sai saltitante em direção ao seu quarto.

— Lorena, você está vendo isso? — Greg pergunta com uma expressão desgostosa, sentando-se ao meu lado e brincando com as mãozinhas de Angelina.

— Meu amor, Lavínia é bonita, jovem e cheia de vida. Ela é uma mulher agora e não é mais uma garotinha — argumento enquanto dou papinha para Angelina.

— Triste constatação — resmungo e me beija nos lábios rapidamente.

No dia seguinte almoçamos com o pretende de Lavínia no restaurante do hotel. Daniel parece ser uma pessoa muito séria e responsável. É formado em Administração e ajuda o pai a manter os negócios da família. Eu estou muito feliz pela Lavínia e percebo que realmente o moço está interessado nela, porque entre uma frase e outra, eles trocam olhares afetuosos o que denota a afinidade entre ambos. Quem no início fica desconfiado é meu marido. Porém aos poucos a desconfiança dá espaço á simpatia e sem demora, ele e o Daniel estão falando sobre negócios e sobre a cidade londrina, que agora é minha casa.

A noite chega e deixamos Angelina na companhia de Lavínia e de Daniel, que ficou muito animado por passar algumas horas como *baby sitter*. Todavia, antes de sair o Greg reza um sermão a eles, recomendando como cuidar de um bebê. Os dois ouvem a tudo muito interessados e garantem que a minha princesa está segura em sua companhia. Avisamos a eles que não demoraremos e que em torno de duas horas mais tarde estamos de volta. Animados, eu e Greg saímos e deixamos Angelina na companhia de Lavínia e Daniel.

Tanto eu como Greg, optamos por usar vestes da época medieval e máscaras decoradas com pequenas pedras azuis que cobrem parcialmente o nosso rosto, até á altura do nariz. Porém, o que diferencia a minha máscara da sua é que a dele é preta e a minha é dourada e tem uma asa de borboleta em uma das extremidades.

Estamos em um dos muitos salões onde acontecem as festividades e as pessoas estão todas trajadas segundo manda a tradição e usando máscaras para cobrir seus rostos. O ambiente está lotado e Greg e eu permanecemos apreciando o evento e bebendo champanhe para comemorar a nossa primeira noite de carnaval ao som de uma banda, que alterna músicas típicas da época medieval com músicas da atualidade.

— Minha linda Borboleta Azul está agora como uma verdadeira princesa — diz me beijando nos lábios e me envolvendo na cintura. — Linda! Linda! Linda! — Repete como uma ladainha por entre meus lábios. — Eu te amo!

— Ah, eu também te amo! Você é o meu príncipe encantando e é lindo de dar inveja. — Sorrio.

— Eu tenho uma surpresa para você. Venha comigo. — Greg segura em minha mão e me conduz até outra extremidade do salão.

Meu coração dispara alegre em meu peito quando vejo Rosana e Celso diante de mim. Eles retiram as máscaras que encobrem parcialmente seus rostos para fazerem uma careta divertida em nossa direção. Ambos estão trajados com vestes medievais e nos acompanham em seus modelos típicos.

— Oh, meu Deus! Que surpresa mais linda! — digo abraçando os dois com carinho e lançando um olhar rápido para meu marido — Você conseguiu esconder direitinho isso de mim, não é Greg?

— Humm... Eu e a Lavínia na verdade — ele confessa em tom divertido e se volta para os nossos amigos — O que vocês estão achando da festa?

— Jesus Cristo! Que roupa mais quente e pesada. Eu pareço estar pesando uns cem quilos mais ou menos — resmunga Celso em tom divertido.

— Celso, pare de choramingar! — ralha Rosana revirando os olhos e volta o olhar para mim e Greg. — Como está a Angelina? Estou morrendo de saudades de minha afilhada.

— Ela está ótima. Lavínia ficou com ela no hotel na companhia de um namoradinho inglês que encontrou no carnaval — responde Greg, torcendo os lábios ao falar do rapaz.

— Ah, o carnaval veneziano e as suas paixões. — Sorri Rosana, abraçando Celso pela cintura enquanto lança um olhar sugestivo para mim e para meu marido, que automaticamente me beija a testa

com amor e me abraça apertado. — Nós temos uma novidade para dar a vocês — diz Rosana contente.

— Ah, é? E que novidade é essa? — pergunto curiosa.

— Nós estamos grávidos! — os dois dizem juntos e em coro.

— Oh, mas que maravilha! — exclamo emocionada abraçando a minha melhor amiga e segurando as lágrimas para não cair. — Eu estou tão feliz! Parabéns a vocês! — Sorrio e dou um breve abraço em Celso que está sorri alegremente.

— Isso é fantástico! — diz Greg abraçando os amigos. — Meus parabéns! Agora sim vocês saberão o verdadeiro significado da palavra vida. Não há nada no mundo que se compare ao amor de um casal. Contudo, o amor de um pai e de uma mãe por seu filho é algo sem explicação. Eu que o diga que já estou sentindo falta da minha pequena.

— Verdade. A palavra vida tem mais sentido quando nos tornamos pais. — Sorrio emocionada. — E a Angelina é o nosso tesouro maior.

— Ela e os nossos futuros outros três filhos, não é meu anjo? — indaga Greg arqueando uma sobrancelha em minha direção, contendo um sorriso.

— Credo! Fala sério vocês vão querer mais três filhos? — Admira-se Celso de olhos arregalados. — Eu estou até agora com as pernas tremendo porque serei pai de um.

— Não deem importância para a conversa de meu marido inexperiente — fala Rosana fazendo uma careta para ele. — Vocês acreditam que Celso desmaiou quando eu lhe mostrei o exame de gravidez? — indaga e nós soltamos uma risada.

— Ah, meu bem. Eu não estava preparado para ouvir o seu anúncio. E isso é relevante — explica-se Celso constrangido.

— Bem, vamos curtir a noite que daqui a pouco eu e a Lorena temos que voltar para o hotel para ficar com a nossa princesinha — fala Greg observando o horário no relógio de pulso. — Ah, por falar nisso, eu vou ligar para a Lavínia para saber como estão as coisas por lá. Eu já volto. — Ele me beija nos lábios e sai em direção à área externa para fazer a ligação.

— Já é a segunda vez que ele liga em menos de trinta minutos. — Sorrio.

— Está vendo Celso? Vai se preparando porque não basta ser pai, tem que participar — diz Rosana abrindo um novo sorriso.

Greg volta cerca de cinco minutos depois e comenta que está tudo sob controle com nosso pequeno anjo que está dormindo, enquanto a Lavínia e o Daniel estão apreciando o carnaval da sacada do nosso quarto no hotel.

Permanecemos até a meia-noite nos divertindo muito na companhia de Celso e de Rosana que haviam chegado à Veneza no dia de hoje e ficarão apenas três dias na Itália. Celso tem compromissos na empresa, o que os impede de prolongar a sua estadia. Greg aproveita para perguntar ao seu primo como estão todos de sua família, pois desde que a Lavínia chegou ele temia perguntar algo a ela e se manteve calado. Celso relata que Thales havia marcado casamento com a filha do tal industrial para muito em breve. Eu fico muito feliz assim como Greg, pois o que nós mais desejamos é que todos sigam suas vidas e se realizem ao lado daqueles que amam.

Ao voltar para o hotel eu reflito o quanto a vida é repleta de surpresas, ou talvez ela não seja a única responsável pelo que acontece conosco e, sim ela esteja aliada ao destino, que também tem a sua parte em nossa trajetória.

Deito-me à cama e junto comigo estão os meus dois tesouros mais valiosos que existe no mundo: a minha Angelina e meu Greg. E, neste instante eu tenho certeza de que eu faria tudo outra vez, se

eu não tivesse uma segunda opção. *Afinal, existe explicação para um sentimento tão grandioso e puro como o amor?*

Capítulo Extra

Quem ama não trai! — **Thales**

Que ousadia! Se não bastasse Lorena e Greg terem me apunhalado pelas costas, eles enviaram um convite de casamento aos meus pais! Ainda bem que pedi ao papai e a mamãe para não comparecer à cerimônia. Mas, Lavínia foi! A minha irmã caçula bateu o pé e decidiu participar do evento. Eu não me surpreendo, pois sei que o irmão preferido dela sempre foi o calhorda do Greg.

Agora eles devem estar em Veneza, curtindo a lua de mel na companhia da filha bastarda e de minha irmã traidora. Os três me traíram! Embora eu tenha dado tudo a Lorena, mesmo assim ela preferiu trepar com o safado do meu irmão conquistador. Eu deveria ter me vingado quando tive oportunidade, mas não consegui.

Se Greg e Lorena pensam que eu os perdorei, eles estão muito enganados. Não existe perdão para o que eles fizeram comigo. Mais cedo ou mais tarde, a gente vai se reencontrar. E, quando isso acontecer, eu não os pouparei da minha retaliação.

Olho para a foto de Lorena que tenho em minhas mãos e fecho os olhos por um momento. Não posso negar que não está doendo. Dói sim! E muito! Eu a amava tanto, mas tanto, que faria qualquer coisa por ela. Mas Lorena não deu valor ao meu amor e me traiu sorratamente com o meu irmão. *Será que ela um dia me amou?* Acaricio a imagem e lágrimas brotam em meus olhos. Sei que nunca mais amarei ninguém na minha vida. Nunca mais haverá outra mulher em meu coração!

Estou prestes a me casar com a Rebeca, minha noiva, mas é um casamento de interesses, uma vez que o pai dela tem muito dinheiro e prestígio. Sendo assim, nada melhor do que unir o útil ao agradável. Rebeca está apaixonada por mim, mas não é para menos, sempre lhe dou flores, joias e a paparico, dizendo que a amo e fazendo-a acreditar nas minhas palavras.

— Thales! — diz minha meu pai entrando no escritório. Rapidamente eu escondo a foto de Lorena dentro da valise e passo a chave. — Você está trancafiado nesta sala já tem mais de duas horas! O que você faz aqui?

— Eu tinha algumas coisas urgentes da empresa por fazer. — Minto abrindo um sorriso, pois não quero que meu pai desconfie de que eu estava olhando para a fotografia de Lorena esse tempo todo.

— Você verá a sua noiva hoje? — pergunta interessado, parando próxima a mesa.

— Sim. Eu verei a Rebeca mais tarde — digo me levantando e pegando a valise.

— Thales, eu desejo muito que esse seu segundo casamento dê certo. Afinal, a garota é filha de um grande amigo meu — fala meu pai em tom sério.

— E dará, papai. E dará! — asseguro engolindo em seco e saindo de traz da escrivaninha. Eu cruzo por ele e guardo a valise no cofre.

— Venha! Vamos jantar que a comida está na mesa — convida e saímos juntos do escritório em direção à sala de jantar.

Ao me aproximar, eu ouço minha mãe conversar ao telefone. Pelo tom de sua voz amável, ela está falando com a Lavínia. O sangue ferve em minhas veias e eu não controlo as minhas palavras.

— Mamãe, você está falando com a minha irmã? — indago em tom baixo sentindo a fúria me dominar.

Minha mãe me lança um olhar surpreso e meu pai um olhar severo. Calo-me e sento-me a mesa, enquanto mamãe termina a sua conversa ao telefone. Coloco o guardanapo de boca ao colo e me sirvo de um pouco de linguado. Papai acomoda-se na extremidade da mesa e se serve também. O silêncio é sepulcral e está me deixando tenso.

Mamãe desliga o telefone e senta-se de frente para mim. O que será que ela e Lavínia conversaram? Será que a minha irmã lhe contou alguma novidade? Sem suportar mais as indagações que permeiam a minha mente, eu resolvo abrir a minha boca.

— O que a Lavínia queria? — pergunto tentando parecer casual.

— Ela só estava me relatando o seu passeio — responde minha mãe dando uma garfada em sua comida.

— E como estão as coisas por lá, Greta? — indaga meu pai interessado.

— Estão bem, pelo que a nossa filha me informou. — Eles conversam descontraídos como se eu não estivesse presente.

— Quando Lavínia retorna? Ela disse alguma coisa para você? — questiono bebendo um gole de vinho.

— A sua irmã chega em dez dias — diz minha mãe abrindo um sorriso.

— E por que a senhora está animada, mamãe? Lavínia vai ficar mais de vinte dias na companhia daqueles... — Eu tento continuar a frase, mas meu pai me interrompe em tom duro.

— Thales, eu já disse a você para esquecer de vez o que aconteceu e se concentrar em sua vida! — Ele me lança um olhar energético.

— Eu sei papai, mas é que os dois me traíram e vai ficar por isso mesmo? — digo indignado enquanto vejo Humberto respirar fundo e colocar o garfo e a faca sobre a mesa.

— Meu filho, você não vê o que eu e sua mãe passamos por sua causa? — pergunta meu pai me fitando duramente. — Nós abdicamos do restante de nossa família somente para ficarmos do seu lado! — declara a veracidade dos fatos e eu me remexo desconfortável na cadeira.

— Sim, eu sei — digo controlando os nervos que estão à flor da pele. — Mas eu não quero saber de nada que envolva os dois traidores. Nada! — rosno incomodado.

— Meu filho, eu estava apenas falando com a sua irmã — fala mamãe me fitando com candura.

— O que a Lavínia te contou, Greta? — indaga meu pai, voltando a comer a sua comida.

— Ela está feliz. — Sorri minha mãe. — Nossa filha arrumou um namoradinho em Londres. Acredito que logo Lavínia se muda para lá, para morar com Greg, Lorena e Angelina — declara e eu explodo.

— Angelina?! — esbravejo puto de raiva, me levantando. — A neta bastarda que Greg lhe deu, mãe? Isso é o fim!

— Thales, sente-se e volte a comer o seu jantar — ordena meu pai.

— Para mim esse jantar já deu! — digo por entredentes e deixo a sala de jantar, bufando enfurecido.

— Humberto, será que Thales nunca perdoará Greg e Lorena? — minha mãe fala e eu me detenho a escutar. Interrompo os passos e permaneço imóvel ouvindo a conversa atrás da parede de concreto.

— Eu não sei, Greta. A única coisa que sei é que eu já os perdoei e que desejo muito conhecer a minha neta — responde meu pai em tom baixo e eu enrijeço os músculos. *Afinal, meu pai está do meu lado ou do lado dos traidores?*

— Ah, Humberto! É o que eu mais desejo — fala minha mãe com voz suave. — Lavínia disse que ela é um anjo e tem os olhos azuis como os de Lorena, mas que o sorriso é do Greg. — Cerro os punhos do lado do corpo e fecho os olhos contendo a raiva que emerge com fúria. *Criança miserável!* O que mais me dói é saber que eu nunca poderia ter dado um filho a Lorena. Nunca!

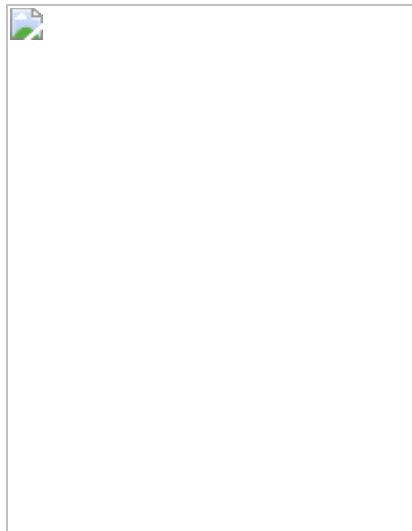
— Deve ser um anjinho, Greta. Estou ansioso por conhecê-la. Acho que amanhã eu ligarei para Lavínia e pedirei para falar com Greg. Tenho certeza de que ele não se oporá a isso — conclui meu pai e posso apostar que ele tem um sorriso enorme nos lábios. Humberto está bobo porque é avô, o que me deixa ainda mais perdido.

Arrasado diante da conversa que acabo de ouvir, eu subo para o quarto e tranco a porta. Tomo o meu remédio para controlar a ansiedade e troco minha calça e camisa pela camiseta e calção de dormir. Deito-me na cama e a dor por não ter mais Lorena ao meu lado volta a se fazer presente. *Será que eu nunca a esquecerei?* Fecho meus olhos e adormeço em meio aos pensamentos. Dolorosos pensamentos.

FIM

A autora

NINA MÜLLER



Nina Müller é capricorniana, formada em Letras e Direito, com especialização em Língua Inglesa. Gaúcha de nascimento, ela começou a escrever nas horas vagas em janeiro desse ano. Atualmente divide seu tempo entre a prática advocatícia e a escrita de romances eróticos. A paixão por livros começou desde a pré-adolescência, escrevendo alguns poemas e narrativas curtas. *O Enigma da Borboleta Azul* é seu romance de estreia na literatura erótica.

Contato

Entre em contato com a autora em suas redes sociais:

[Facebook](#) | [FanPage](#) | [Twitter](#) | [Instagram](#)

Gostou do livro? Compartilhe seu comentário nas redes sociais e na **Amazon** indicando-o para futuros leitores. Obrigada!

Table of Contents

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)